



**UNICAMP**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**ISABEL HELENA VIEIRA CORDATO DE NORONHA**

**TACTEANDO O INDIZÍVEL**

**CAMPINAS  
2018**

**ISABEL HELENA VIEIRA CORDATO DE NORONHA**

**TACTEANDO O INDIZÍVEL**

**Tese apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Doutora em Antropologia Social.**

**Orientador: Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz**

**ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE  
À VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA PELA ALUNA  
ISABEL HELENA VIEIRA CORDATO DE NORONHA  
E ORIENTADA PELO  
PROFESSOR DOUTOR OMAR RIBEIRO THOMAZ**

**Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s):** CAPES, 12432-13-0

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

N789t Noronha, Isabel Helena Vieira Cordato de, 1964-  
Tacteando o Indizível / Isabel Helena Vieira Cordato de Noronha. –  
Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Omar Ribeiro Thomaz.  
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas.

1. Camilo, Sousa, 1953-. 2. Identidade social. 3. Memória. 4. Movimentos  
de libertação nacional - Moçambique. 5. Psicanálise e antropologia. 6.  
Moçambique - História. I. Thomaz, Omar Ribeiro, 1965-. II. Universidade  
Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** Touching the Unspeakable

**Palavras-chave em inglês:**

Social identity

Memory

National liberation movements - Mozambique

Psychoanalysis and Anthropology

Mozambique - History

**Área de concentração:** Antropologia Social

**Titulação:** Doutora em Antropologia Social

**Banca examinadora:**

Omar Ribeiro Thomaz [Orientador]

Susana Soares Branco Durão

Leila Maria Gonçalves Leite Hernandez

Jacques-Marie Francois Depelchin

Marta Denise da Rosa Jardim

**Data de defesa:** 09-02-2018

**Programa de Pós-Graduação:** Antropologia Social

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Tese de Doutorado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada a 09/02/2018, considerou a candidata Isabel Helena Vieira Cordato de Noronha, aprovada.

Professor Doutor Omar Ribeiro Thomaz (Orientador – DA-UNICAMP)

Professora Doutora Suzana Soares Branco Durão (DA-UNICAMP)

Professora Doutora Leila Maria Gonçalves Leite Hernandez (DH-USP)

Professor Doutor Jacques-Marie François Depelchin (DH-UEFS)

Professora Doutora Marta Denise da Rosa Jardim (DHA-UNIFESP)

**A Ata de Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida académica da aluna.**

**Ao Camilo**

**À Lara**

**Ao Paulo**

A todos os *barqueiros* - de rio, de mar, de terra e de ar - que nos ajudaram a cruzar as muitas fronteiras físicas, psicológicas, políticas, económicas, burocráticas, académicas, criativas, com que nos deparamos ao longo dos quatro anos e as muitas dezenas de milhares de quilómetros que fizeram o nosso percurso de vida ao longo da construção desta tese,

a todos quantos nos acolheram, nos acarinharam, nos aceitaram na nossa diversidade e nos ajudaram a integrarmo-nos no seu mundo, a todos os que nos levaram com eles em viagens insuspeitas, partilhando com alegria cada descoberta, partilhando com generosidade cada dificuldade,

**Khanimambo**  
**Bem hajam**  
**Deo Borem Khorum**

A todos os que, como nós, Tacteiam o Indizível,  
que este trabalho sirva para ajudá-los a inventar  
a linguagem e a forma com que se hão-de dizer,  
nos seus próprios termos,  
ao seu próprio ritmo.

*“Indeed, there is in any exchange a disjunctive moment in which the object is neither given nor received and the participants are not yet givers nor receivers. There is always the risk of default and an ensuing rupture of relationship. And there are moments, the most dramatic of all, when the participants are trapped in a between that they cannot even define-in which there is no crossing. They are caught ...”*

***Vincent Crapanzano.***

## RESUMO

**Como te construístes a ti mesmo, à medida que construías o teu país?** foi a grande questão que serviu como ponto de partida para este trabalho sobre a trajectória de Camilo de Sousa, intelectual, combatente pela Independência de Moçambique e cineasta moçambicano. Uma trajectória que, apesar de condensar experiências colectivas moçambicanas e revelar processos históricos e sociais mais amplos, é aqui tomada numa perspectiva singular, através do uso de uma metodologia experimental que procura trazer o testemunho oral, evitando ao máximo subsumir o ponto de vista do sujeito à perspectiva da pesquisadora. Tal metodologia dialógica, que usa as ferramentas da Antropologia, da psicanálise e da construção fílmica, para abrir algum caminho que permita trazer essa narrativa da esfera privada para a pública, busca penetrar por camadas, num movimento de constante aprofundamento, escrita, edição, reescrita, reedição, a complexa teia de preocupações sociais, culturais, ideológicas, éticas e emocionais, de que é feito o percurso de vida deste personagem, desde os últimos anos do colonialismo até ao final da Luta Armada de Libertação, que culminaria com a Independência de Moçambique. O resultado final é uma auto-etnografia que, *Tacteando a quatro mãos o Indizível*, revela uma história de vida singular, bem como uma experiência sui-generis produzida na interacção e na relação intersubjectiva de dois cineastas que, para reconstruir discursiva e imagéticamente a história de vida de um deles, precisam de desconstruir subjectivamente os mecanismos do silenciamento político, da marginalização social e do apagamento cultural a que foram sujeitos.

**Palavras-chave:** Camilo, Sousa, 1953; Identidade Social; Memória; Movimentos de libertação nacional; Psicanálise e Antropologia; Moçambique-História.



## ABSTRACT

**How did you shape yourself while you built your country?** This became the key question that triggered this work on the trajectory of Camilo de Sousa, an intellectual, a freedom fighter for the Mozambique Independence and a Mozambican filmmaker. A trajectory that, despite condensing Mozambican collective experiences and revealing broader historical and social processes, is taken here in a singular perspective. This occurs through the use of an experimental methodology that seeks to bring oral testimony in dialogue with historical documents, avoiding to subsume the point of view of the subject to the researcher's perspective. Such dialogic methodology, which uses the tools of Anthropology, psychoanalysis and filmic construction, aims to open up paths that allow this narrative to be brought from the private to the public sphere. This approach allowed to probe into multiple layers, in a movement of constant deepening, writing, editing, rewriting, re-editing, enacting the complex web of social, cultural, ideological, ethical and emotional aspects that shaped the life trajectory of this key personality, from the last years of colonialism until the end of the national Liberation Struggle, which would culminate in the independence of Mozambique. This project resulted, at the end, in an self-ethnography with, *Touching the Unspeakable at Four Hands*. This project reveals a unique life story, as well as a sui generis experience produced through the interaction and intersubjective relationship of two filmmakers. Together, in order to reconstruct discursively and imagetically the life history of one of filmmakers, they needed to deconstruct subjectively the mechanisms of political silencing, social marginalization and cultural erasing to which they have been subjected.

**Key-words: Camilo, Sousa, 1953; Social Identity; Memory; National liberation movements; Psychoanalysis and Anthropology; Mozambique-History.**

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	12
Capítulo 1	
<b>ENTRE: A Fronteira Como Lugar Constituinte</b>	35
<b>1. O Observador silencioso: Escutando Mundos</b>	35
No Mundo de Milidansa: O Nome da Mãe	37
Na Mafalala: Entre dois mundos	46
Na Cidade: as primeiras lições de Geografia Colonial	52
O Mundo de Omar: Nome do Pai	54
<b>2. O Observador em Movimento :</b>	
Um Imaginário Sem fronteiras	56
O Cinema em sua casa	59
Escola-não-escola	61
Dois passos atrás: de Volta à Fronteira de Milidansa	63
Na fronteira deslizante de Milidansa: a Catembe	66
A Casa da tia Olga	73
Capítulo 2	
<b>AJUSTANDO O FOCO</b>	83
<b>1. Despertando entre 3 mundos</b>	84
<b>2. Ajustando o Foco</b>	87
<b>3. O observador em Movimento</b>	91
Transitando ENTRE fronteiras	91
Porrada Maningue!	96
Branços-não-branços	98
<b>4. O Observador “Desperto”:</b>	
Um outro olhar sobre a fronteira de Milidansa	100
“O Fotógrafo de quem se fala”	105
O Observador “desperto”	106
Capítulo 3	
<b>CRUZANDO FRONTEIRAS</b>	110
<b>1. Lourenço Marques - Lisboa, 1969</b>	112
<b>2. Lisboa - Paris, 1969</b>	115
<b>3. Paris- Holanda, 1969</b>	117
<b>4. Tenente Valadim - ( Tanzania), 1971</b>	119
<b>5. De Volta a Lourenço Marques</b>	121
<b>6. Lourenço Marques – Lisboa – França - Bélgica, 1972</b>	123
<b>7. Bruxelas - Frelimo, 1973</b>	130

Capítulo 4	
<b>ENTRE: As Novas Fronteiras do Homem Novo</b>	134
<b>1. Bruxelas – Argel - Dar-es-Salaam, 1973</b>	134
ARGEL	134
Escritórios da FRELIMO	
DAR-es-SALAAM	135
Instituto Moçambicano	
BAGAMOYO	139
Escola Secundária	
<b>2. Dar-es-Salaam - Nachingwea, 1973</b>	141
NACHINGWEA, Centro de treino	142
Pelotão Mamba	146
Treino de recruta	146
Treino de guerrilha	149
Treino político-militar	151
Narração do sofrimento	153
Capítulo 5.	
<b>CRUZANDO A ÚLTIMA FRONTEIRA, ANTEVENDO NOVAS GEOGRAFIAS</b>	162
<b>1. Nachingwea- Cabo Delgado, 1974</b>	162
Newala-Rio Rovuma	163
A TRAVESSIA DO ROVUMA	164
Base Beira - Base Central- Zonas Libertadas	167
Capítulo 6.	
<b>NO LIMBO DA HISTÓRIA</b>	176
<b>1. Cabo Delgado, 1974</b>	179
OMAR NAMBIRIAU, 1º de Agosto, 1974	179
Ataque ao quartel	
QUARTEL de NANGOLOLO, Agosto, 1974	182
Abandono do quartel	
QUARTEL DE MUEDA, Agosto, 1974	187
Conversações locais	
Base Central- Nachingwea- Base Central	191
Novos “ quadros” para o “ avanço”	
Mueda- Mocímboa da Praia, Agosto, 1974	194
Mocímboa da Praia-PEMBA, Setembro, 1974	194
Capítulo 7.	
<b>No feminino, em jeito de Conclusão</b>	
1. O Frasco de <i>Pickes</i> ou “As Mães do Império”	196
2. Um Homem e uma Mulher na fronteira	201

## INTRODUÇÃO

### QUADRO PERDIDO, QUADRO PARTIDO, QUADRO REENQUADRADO

Uma das infinitas histórias do Cinema Moçambicano<sup>1</sup>

*“E vem-nos à memória uma frase batida:  
Hoje é o primeiro dia do resto da tua vida...”*

**Sérgio Godinho**

*Nesse final de manhã, não tinha nenhum motivo para continuar a acreditar que cada dia era um novo início: esse dia particular tinha muito mais cara de fim, de beco sem saída, de encruzilhada sem sinal à vista. Só caminhava em passos largos, porque os passos curtos eram naquela época o primeiro sinal de improdutividade, juntamente com o olhar observador, facilmente confundido com o olhar perdido, sem direcção; ou o olhar choroso, sinal inequívoco de sofrimento, sentimento desenquadrado num país onde todos eram felizes porque construíam a cada dia o seu futuro. Por isso caminhava com os olhos postos no horizonte, para além dos carros poucos que circulavam também apressadamente pela Julius Nyerere<sup>2</sup>, os condutores com medo de serem vistos fora do trabalho antes da hora de cerrar o ponto: rastros na memória de uma Operação Produção que ninguém sabia se tinha já terminado.*

*Estávamos em 1984 e eu acabara de dizer não pela segunda vez<sup>3</sup>. A primeira fora dois anos antes, quando no final da 11ª classe recusara a bolsa para ir estudar História na Checoslováquia<sup>4</sup>. Queria estudar Psicologia, ciência considerada burguesa<sup>5</sup>. Sabia o que me esperava: colocação no curso de Formação de Professores, primeira e silenciosa repreensão. Aceitei: ensinaria os meus alunos a ler livros de todo o tipo, escrever o que lhes fosse na alma - uma janela com alguma centelha de liberdade ao fundo - pensei. Dois anos depois, a notícia de que teria de ir dar aulas de inglês, que eu mal sabia falar.*

*O inevitável segundo não: “um Quadro perdido” era o que dizia o olhar do director da Faculdade de Educação<sup>6</sup>, quando fechou o meu processo e me abriu a porta do gabinete: “quanto tempo levará o meu processo a chegar ao Ministério da Defesa e eu ser chamada*

1 Crónica publicada em 2010 por Isabel Noronha no jornal independente moçambicano “O País”, a coluna 2 Avenida Julius Nyerere, em Maputo

3 Recusar uma tarefa indicada pelo Estado ou pelo Partido, equivalia a ser classificado de “renitente”. A “renitência” de um estudante em relação à tarefa de prosseguir os estudos na área que lhe fosse designada pelo Estado, tinha uma gama de castigos que iam do enquadramento forçado no curso de formação de professores, ao impedimento de estudar e adjudicação a um posto de trabalho subalterno durante o período que decidido pelo Ministério da Educação e por último, a chamada para o exército em tempo de guerra.

4 Na então Checoslováquia

5 No Moçambique revolucionário saído da independência foram abolidos os cursos de ciências sociais porque supostamente ninguém teria problemas sociais. Na gíria da época “problemas sociais” significava tudo o que ferisse a moral revolucionária como problemas conjugais, divórcio “amantismo”, “corrupção sexual”, e deviam ser resolvidos com apoio das estruturas da Frelimo no local de residência ou se fossem graves ou houvesse “reincidência”, podiam dar direito ao envio para o Campo de Reeducação.

6 Em 1991 foi criada na Universidade Eduardo Mondlane a Faculdade de Educação, que formava Professores para o ensino secundário, dos níveis de 7ª a 9ª classes e de 10ª e 11ª classes. No meu caso frequentei o 2º nível, de formação de professores de Português e Inglês para as 10ª e 11ª classes.

*para a tropa?”, perguntava-me enquanto descia a rua em passo de estudante que regressa a casa sem tempo a perder, tentando esquecer que agora tinha todo o tempo do mundo mas não tinha com que o ocupar; que não tinha mais horários mas não o podia mostrar; que a partir desse dia era improdutiva pois não teria cartão de estudante para apresentar nas múltiplas rusgas de cada nova Operação ainda por inventar; que tentando não o ser, levava toda a semana anterior procurando trabalho como escriba na revista Tempo<sup>7</sup>, no jornal Notícias e até como locutora na Rádio Moçambique. Todos me tinham dito que eu era de facto um potencial Quadro, mas que não podiam dar emprego a uma “fugista”<sup>8</sup> da Educação. Embrenhada nesses pensamentos quase não reconheci a voz cantante que, vinda de um grupo que conversava à porta de um prédio, numa atitude descontraída bastante suspeita, me chamava. “Não têm ar de improditivos, mas só podem ser, senão o que estariam fazendo à porta do prédio a esta hora? “acabara eu de pensar, passando sem olhar para eles. Estaquei e olhei para o grupo heterogéneo. Reconheci o Camilo que sorrindo me apresentou os seus colegas : “Este é o Piri-Piri, que quando chegou aqui era Pimenta<sup>9</sup>, mas já foi nacionalizado; este é o doutor Silveira<sup>10</sup>, que descobrimos por detrás da capa de Licínio; este é o Patraquim<sup>11</sup>, mais conhecido por Patraca, hás-de sozinha perceber porquê... Riram todos bem alto, um riso sonoro, que não pretendia de forma alguma passar despercebido. “Estamos a escrever o roteiro do primeiro filme de ficção moçambicano<sup>12</sup>”, disse o doutor Silveira, sem sombra de modéstia. “Mas para onde vai a menina a esta hora, não devia estar na escola?” – a temida pergunta, surgindo inevitável da boca do Patraca, o único de entre eles que envergava balalaica<sup>13</sup>. “Na verdade, para lado nenhum...” foi tudo quanto consegui dizer, sentindo que o chão do passeio começava a ficar agulado, que o mundo estava prestes a desabar porque eu não conseguia mais controlar as lágrimas reaccionárias que teimavam em soltar-se dos meus olhos. “Não devias estar a dar aulas? - perguntou o Camilo, que me conheceu dois anos antes, quando eu tentava enquadrar dentro de mim a decisão de ser professora. Não tive outro remédio senão contar que no final daquela rua acabava o meu caminho, que a partir desse dia era um quadro errante num País onde cada um tinha o seu lugar, que estava condenada a nunca mais poder acender a luz à noite na casa emprestada onde vivia para não ser descoberta pela Operação Pente-Fino<sup>14</sup>. Vi-o trocar um olhar com o Pedro e pensei que era com outra pessoa que ele falava quando disse: “Se quiseres trabalhar*

---

7 A revista Tempo era a principal revista semanal moçambicana, na altura eu considerava que ela tinha uma linha editorial muito interessante, além de notícias publicava crónicas, comentários de opinião e tinha uma página cultural bastante diversificada e cuidada. Mía Couto, foi durante vários anos o seu diretor.

8 Palavra usada durante o pós-independência socialista para ostracizar quem supostamente “fugia” (“fugista” é aquele que foge) às ordens do Estado, passando a ter, conseqüentemente, o seu direito ao trabalho suspenso.

9 A piada refere-se ao facto de Pedro Pimenta, então diretor adjunto do Instituto nacional de Cinema, ter vindo para Moçambique na altura da Independência para participar da Revolução Moçambicana.

10 Doutor Silveira, foi o alcunha dada a Licínio pela montadora francesa Cristiana Altan, que veio participar do projeto de formação do Instituto Nacional de Cinema.

11 Luís Carlos Patraquim, jornalista, escritor e poeta moçambicano; na altura escrevia semanalmente o texto do “Kuxa- Kanema”, o jornal de atualidades do Instituto Nacional de Cinema, textos de documentários e roteirista do filme “ O Tempo dos Leopardos”.

12 Licínio aqui referia-se ao filme “O Tempo dos Leopardos”, uma co-produção Jugoslávia-Moçambique sobre a Luta de Libertação Nacional, realizado por Zdravco Velimirovitch e Camilo de Sousa, em 1985. Há diferentes opiniões, que consideram ser “Mueda, Memória e Massacre “, realizado por Ruy Guerra, filmado em 1979, um filme de ficção, sendo portanto este o primeiro filme de ficção moçambicano.

13 Espécie de túnica de algodão curta e abotoada à frente, considerada um traje formal mais ligeiro que o fato e mais apropriado às condições climáticas moçambicanas; muito usado pelos funcionários do estado e do partido no tempo de revolução.

14 A Operação Pente-Fino foi o momento final da Operação Produção, em que os militares faziam buscas casa a casa para encontrar os “improdutivos” que tinham escapado das malhas da fase inicial dessa Operação, que abordava os cidadãos na rua pedindo o cartão de trabalho e os encaminhava directamente para o Campo de Reeducação se não o possuísem.

*em cinema aparece na segunda feira no INC<sup>15</sup>, vamos ver o que é possível fazer para contornar a situação”. O Patraca riu sonoramente ao olhar para minha expressão, onde se misturava incredulidade, alívio, desconfiança e medo de um mundo que me surgia desenquadrado de tudo o que me parecia possível neste País acontecer: um mundo onde, estranhamente, a liberdade de escolher em que trabalhar, parecia ainda existir... O Patraca quebrou a minha indecisão com uma forte palmada nas costas, que nada condizia com a sua balalaica: “Não fica mais triste, miúda, hoje é o primeiro dia do resto da tua vida...”. Não dormi todo o fim de semana, debatendo-me entre o sentimento aprendido ao longo dos últimos dez anos de desconfiança do diferente, de suspeita do desenquadrado, de medo do desconhecido e a grata sensação de que talvez o destino me tivesse aberto uma insuspeita porta para um mundo onde ainda era possível as pessoas serem quem eram: no domingo já não conseguia impedir-me de voltar a sonhar um futuro em que eu poderia ser de novo eu mesma.*

*Segunda feira, às 7.00 eu já estava sentada nas cadeiras vermelhas do átrio do I.N.C, onde ecoava, à chegada de cada funcionário, o som da máquina de picar o ponto, que se perdia depois num dos vários corredores que dali partiam, imaginava eu para onde. Observava com especial curiosidade os que subiam directamente a escada, ou se perdiam por uma porta à direita, sem picar o ponto. Ainda parei à beira da escada que o Camilo me convidava a subir, dizendo a medo: “Não é melhor picares o ponto? Senão vais ser descontado...” Ele sorriu: “Isso é para os burocratas, nós os cineastas marcamos o ponto de outra maneira, com trabalho a qualquer hora... mas quem não o cumprir é expulso imediatamente e não é pela Direcção, é por nós mesmos!” foi avisando. Subi a larga escadaria de pedra com a sensação de estar a entrar num outro mundo... ou a regressar ao mundo em que tinha crescido e de que ainda tinha alguma memória, antes de passar a fazer parte de uma geração que se fizera silenciosa. “De facto, é um Quadro de que nós precisamos, temos pouca gente com 11ª classe e estamos agora a lutar para conseguir alguns bacharéis...” reflectia em voz alta o director Matola, enquanto lia o pedido de admissão que a Fátima Albuquerque, no exíguo espaço da salinha de produção do Kuxa-Kanema<sup>16</sup>, batera para mim na máquina de escrever, enquanto iam entrando e saindo com a ordem de filmagem da semana inúmeras figuras com quem, não imaginava ainda, partilharia nos anos seguintes pedaços incandescentes de vida num país em guerra: Ismael Vuvo, o “Plaquinha”<sup>17</sup> com o seu sorriso tímido, as mãos esguias onde a guerra já plantara temores permanentes e a voz trémula que não conseguia disfarçar a permanente ansiedade; o Jacinto Bai-Bai<sup>18</sup> – Jacky, para as mais íntimas - o sempre alegre galã; o Juca Vicente<sup>19</sup> lendo o jornal em voz alta no seu mui português linguajar; o Gabriel Mondlane - Mugabe<sup>20</sup>, para os mais políticos - sorriso largo e riso fácil escondido atrás de*

---

15 O Instituto Nacional de Cinema, criado em 1976, era a instituição do Estado responsável pela produção, distribuição e exibição de filmes em todo o território nacional. Estava subordinado ao Ministério da Informação, embora tivesse financeiramente um carácter semi-autónomo.

16 Jornal cinematográfico de atualidades, em 16 milímetros, que semanalmente era projetado em todas as salas de cinema do país.

17 “Placar” na gíria militar da Frelimo, significava atirar-se para o chão em situação de ataque. Vuvo tinha ganho esse nome quando realizara o documentário “O Comboio da Vida”, em que permanecera durante três semanas com a sua equipa dentro de um comboio que ia da Beira para Machipanda levando mantimentos de base para as populações e refazendo à passagem a linha férrea danificada. Comboio que ao longo do percurso sofreu vários ataques.

18 Operador de câmara do Kuxa-kanema.

19 Operador de câmara do Kuxa-kanema, que tinha feito estágio em Portugal, de onde voltara com o seu português muito “afinado” em termos de sotaque e vocabulário.

20 Durante as primeiras eleições zimbaweanas, Gabriel Mondlane, técnico de som do INC, apoiava o candidato Roberto Mugabe, que foi eleito primeiro presidente daquele país. A alcunha faz referência às suas características de líder político.

*uns grandes óculos fumados; o Funcho<sup>21</sup> e a sua silenciosa observação crítica; o Victor Marrão<sup>22</sup>, contando histórias sempre no feminino na sua inimitável pronúncia de Kambalatsise<sup>23</sup>; o Isac Sodas<sup>24</sup> e a sempre repetida história de “Martana<sup>25</sup>”; o Valente Dimandé<sup>26</sup> com as suas elucubrações sobre possíveis espões camuflados no nosso seio. “Não se ofenda com o que eu vou dizer, mas a única saída que eu estou a ver é juntar a este pedido um atestado da psiquiatria dizendo que não está em condições mentais de continuar os estudos... só para nós nos defendermos quando a Educação vier atrás de si...” Dias depois, apresentava ao chefe dos recursos humanos, o atestado que compreensivamente a psicóloga argentina do Hospital Central aceitara passar-me, declarando sem precisar de mentir, que eu sofria de uma síndrome de ansiedade, que facilmente diagnosticara na dificuldade de expressar por palavras a urgência de não perder a possibilidade que milagrosamente se abria, de me tornar quadro de mim mesma. “Assim já será fácil de te reenquadrar, ninguém virá atrás de um quadro partido...” disse o chefe dos recursos humanos, dando-me assim as boas vindas a esse mundo de novos enquadramentos por descobrir.*

*Isabel Noronha  
Jornal “O País”, Moçambique, 2010*

Descobrir enquadramentos possíveis para as nossas vidas num mundo atravessado por uma avalanche de eventos históricos, todos eles *críticos* e *de singular importância*, foi talvez a mais difícil tarefa que podia caber à minha geração. Mas entre todos eles, a Independência de Moçambique, foi sem dúvida o *evento crítico* “por excelência”, no sentido em que instituiu uma nova modalidade de acção histórica que não estava inscrita no inventário da situação (DAS, 1995) em que vivêramos a nossa infância, o final do período colonial português. Repentinamente situados numa condição histórica em que a Nação Independente, com todo o peso simbólico, descia sobre o indivíduo, encontrámo-nos temporariamente destituídos, enquanto sujeitos, de nossas posições sociais anteriores, ocupando um entre-lugar indefinido no qual não era possível categorizarmo-nos plenamente (TURNER, 1974). Tudo o que já éramos, fruto de uma vivência específica na família, na casa onde nascêramos, na escola primária onde estudáramos, nas ruas da cidade onde habitávamos, estava agora em suspensão. A nova ordem política desenhava um abismo entre um presente em que era suposto sermos sujeitos com consciência plena da situação colonial que vivenciáramos e o real dessa vivência, que mal acabara de acabar e em meio à qual, os contornos do grande conflito social e cultural que a colonização significava eram para uns invisíveis, para outros se desenhavam tenuemente, para outros ainda eram escancaradamente visíveis, dependendo do contexto social e cultural em que estivéssemos emersos, da diversidade de estratégias que os nossos pais e cada um de nós ia encontrando para enfrentar ou contornar as *fronteiras* sociais, raciais

---

21 João Costa, conhecido fotógrafo moçambicano, na altura diretor de Fotografia e realizador do Kuxa-kanema e vários documentários do INC.

22 Na altura Assistente de Câmara do INC, trabalhando no Kuxa-kanema.

23 Distrito remoto da província de Tete, no Nordeste de Moçambique.

24 O mais antigo assistente de câmara de Moçambique, tendo trabalhado na época colonial com Courinha Ramos e trabalhando então no Kuxa-kanema.

25 Diminutivo de Marta, em xi-ronga, língua bantu do sul de Moçambique.

26 Técnico de Som do INC, também afeto ao Kuxa-Kanema.

e culturais com que se deparava; e, sobretudo, da nossa capacidade individual de observar, de questionar, de interpretar os factos que vivenciávamos, quase sempre sem enunciar perguntas.

Nessa busca crescemos, cada um de nós sendo a cada momento partido em pedaços para caber no grande edifício-nação em construção e procurando as mais contorcidas formas de não deixar para trás muitos pedaços da parte de si mesmo que ainda não estava “à procura da nação” antes da Independência e que por isso tinha, a partir de então, que se tornar clandestina. Esta condição social, marcada pela submissão, silêncio e isolamento, em que éramos considerados como tábula rasa e em que estávamos permanentemente à prova em relação à nova posição social a ser politicamente assumida, tornava-se para nós um estado equivalente a *habitar permanentemente na fronteira*, fosse pela suspensão de grande parte dos nossos direitos e liberdades, fosse porque qualquer tentativa de se enquadrar sem deixar para trás aquilo que considerava a sua cultura, era lida como um desafio à “cultura imposta pela FRELIMO a todos os cidadãos, como condição de integração no projecto de moçambicanidade oficial que, enquanto projecto vencedor, hegemónico” (CABAÇO, 2007), silenciava todos os demais. A aceitação sem questionamento de todas as tarefas para as quais o Estado decidisse indicar-nos, a plena integração nas estruturas de ensino ou de trabalho e o sucesso nessas tarefas que nos fossem confiadas, passou a ter o valor de um rito de passagem através do qual nos seriam concedidos direitos de acesso a determinados postos de trabalho, esferas de poder ou *status*. A vigilância permanente dos nossos comportamentos e atitudes, passíveis de punição com o envio para os “campos de reeducação”, evitava supostamente a afirmação de outras identidades moçambicanas assentes em outros pressupostos que não os da construção do Homem Novo. Emersos nesse presente a que tínhamos constantemente de nos adaptar, em angústia e autovigilância permanente e cortados do passado pela gigantesca cirurgia que essa revolução tinha operado no tecido social moçambicano, não tínhamos grande interesse nas histórias contadas pelos mais velhos, fossem eles os nossos familiares que representavam o “passado colonial”, fossem os combatentes que haviam chegado, cujas histórias contadas geralmente sob a forma de mito, nos pareciam caricatas, pouco credíveis e cheias de indizíveis que aprendíamos a não tentar elucidar. Não nos apercebemos pois, do quanto essa transição violenta e esse habitar da “fronteira” que vivenciávamos, era ele mesmo constituinte da alteridade que cada um de nós, à sua maneira sentia estar a construir para si mesmo e cuja constituição já antes tinha sido, pelas gerações anteriores à nossa, ensaiada numa série de mini-transições: os ensaios, testes, provações (...) (CRAPANZANO, 2004).

Só agora, à distância temporal de mais de 40 anos, à distância espacial de dois oceanos e informada pelas teorias desta Antropologia com que comecei recentemente a dialogar, neste espaço mais livre, aberto, de alguma forma seguro e contentor que constitui um programa de doutoramento, consigo perceber que, a cada um dos muitos milhões de moçambicanos com quem partilho a história da construção de um país, correspondeu anteriormente uma forma específica de experimentar, “ensaiar” ou “testar”, “provar”, afirmar, transformar ou hibridizar a sua forma culturalmente constituída de ser e estar no cenário colonial. E começar a olhar as suas trajectórias como constructos singulares, em que Identidade e Alteridade são dois pólos de uma dinâmica que vai atravessando a vida de cada, num movimento pendular no qual o sujeito em situação colonial (que não se vê apenas, sempre, nem exclusivamente como colonizado) vai traçando, contingentemente, a sua estratégia de como lidar com os conflitos sociais que vivencia. Nesta perspectiva, afastando-me da forma dicotómica como os estudos sociais nos habituaram a olhar a sociedade (LEACH, 1984), pedirei aqui licença para suspender neste trabalho as classificações grupais coloniais geralmente utilizadas, para estudar Moçambique e tomar o actor social com que escolhi trabalhar, numa perspectiva relacional (STRATERN, 1987), buscando entender a sua forma peculiar e “experimental” de



olhar, de perceber, de estar no seu mundo (que inclui, mas não é apenas, o colonial) à sua maneira, de testá-lo, de questioná-lo, de aceitá-lo parcialmente, de rejeitar o que lhe é possível, de tentar adaptar-se, de assimilar, de encontrar e construir espaços à margem, de subverter as normas de separação, de cruzar as *fronteiras* tidas como estanques, de ensaiar no movimento quotidiano outros caminhos, de experimentar outras formas de ser. Em suma, de se relacionar, nos seus próprios termos com o mundo colonial. Acredito que é nesta dinâmica relacional que reside a génese do seu projecto pessoal de moçambicanidade, que começa por se dar culturalmente e só mais tarde assume contornos políticos.

Penso ser, no caso da história social moçambicana, particularmente importante adoptar esta perspectiva, uma vez que não foi esta moçambicanidade multifacetada, “experimental”, eminentemente cultural e que “tensionava” as categoriais identitárias coloniais que foi valorizada aquando da Independência de Moçambique, mas a moçambicanidade como identidade política, cunhada no projecto político da FRELIMO, movimento que se afirmou a partir da sua vitória no campo de batalha, ao derrotar o exército português após 10 anos de guerrilha.

Esta visão é apontada por diferentes historiadores e cientistas sociais: “a FRELIMO lidou com a construção do projecto nacional de forma a impor uma visão hegemónica do projecto de Independência como protagonizado exclusivamente por este partido, legitimando-se como único representante do Povo”, afirma a historiadora moçambicana Paula Meneses (2012). Já o antropólogo moçambicano José Luís Cabaço explica na sua obra *Moçambique: Identidades, colonialismo e libertação* que a concepção defendida pela FRELIMO era de uma unidade que englobasse todos os moçambicanos sem discriminação, consubstanciada na unidade ideológica do movimento; mas, que tal unidade “forjar-se-ia na participação na libertação nacional e no comportamento quotidiano, conquistar-se-ia pela comunhão dos sofrimentos vividos, pela convergência dos propósitos de luta, pelo estabelecimento de “relações de tipo novo” que deviam ultrapassar tanto a experiência colonial como a tradicional” (CABAÇO, 2007). Não se tratava pois, de uma visão de “unidade nacional” plural e inclusiva, mas de uma unidade que supunha a *assimilação* à cultura política da FRELIMO enquanto movimento de guerrilha. A adesão a essa nova cultura “demarcava, pelo comportamento e pelas ideias, o espaço de revolução nacional (“a nossa zona”) do espaço colonial (“a zona do inimigo”), fazendo identificar a moçambicanidade com um “segundo nascimento”, impregnando-a portanto de uma noção radical de ruptura (CABAÇO, 2007). Assim, a concepção do “dualismo inerente à situação colonial” (BALANDIER, 1963) e a ideia de que natureza antitética desse dualismo se traduz na impossibilidade de soluções reformistas (MEMI, 1967), deu origem a uma bipolarização ideológica que, encontrava a sua justificação num contexto de guerra de libertação nacional, “após a Independência continuou a ser usada para a imposição de um modelo de Estado moçambicano que transcendesse as múltiplas ligações políticas e as várias lealdades presentes (...), desafiando radicalmente o reconhecimento e a integração do pluralismo de posições e a diversidade sociocultural no projecto da Nação moçambicana” (MENESES, 2012).

Acredito que foi esta mesma estratégia que, durante a guerra de libertação, permitiu à FRELIMO afirmar a sua importância na estrutura social que dialecticamente se ia modificando, à medida que a luta de libertação se estendia a regiões cada vez maiores do território de Moçambique, aquela que possibilitou à FRELIMO apresentar-se, uma vez vencida a guerra de libertação, como única forma de organização social possível. E que pode talvez ajudar a explicar porque “a FRELIMO nunca se conseguiu afastar da ideia de oposição agonística a qualquer outra força que não se enquadre no seu projecto político, tomando-a sempre, numa lógica militar, como “o inimigo” com o qual é impossível qualquer

pacto”(MENESES, 2012). Tal estratégia, consubstanciou-se naquilo que Cabaço define como “uma estratégia de criação de uma *identidade nacional normal*, resultante de um projecto identitário que define explicita ou implicitamente essa *normalidade essencial* a partir de políticas de identidade que buscam legitimá-lo através de releituras das tradições existentes ou inventadas organizadas num sistema simbólico em torno de uma narrativa fundante que, no caso dos países emergentes, se torna muitas vezes a narrativa fundante da Nação, traduzindo-se a nível da comunidade, numa relação de *poder* que implica classificação, hierarquização e uma *identificação* que engloba ou exclui” (CABAÇO, 2007). Pela assunção desta política identitária e pela operacionalização da estratégia acima descrita, foram sendo excluídos do projecto identitário nacional, ao longo da história da FRELIMO, todos os sujeitos que não aceitassem o projecto político ou a cultura ideologicamente cunhada, primeiro por este movimento de libertação, depois pelo Partido único em que ele se transformou após ter conquistado a Independência de Moçambique. O espectro desta exclusão era bem largo, abrangendo pólos culturais diametralmente opostos, que iam desde os camponeses cuja cosmogonia que não dialogava com o projecto de modernidade proposto pela FRELIMO, aos líderes tradicionais que não aceitavam apresentar-se como “sujeitos indeterminados” e pretendiam ver afirmada uma cultura autóctone; dos “assimilados” à cultura portuguesa que recusavam a “morte social”, aos habitantes suburbanos que experimentavam já as suas próprias formas de hibridização cultural e não viam necessidade de “renascer” para se reintegrarem à estrutura social; das diversas comunidades religiosas e minorias raciais que deixaram de se poder afirmar plenamente, aos intelectuais e artistas que, cientes de serem portadores, eles mesmos, de uma cultura ou de um projecto de moçambicanidade, não aceitavam ser “tábulas rasas” sobre as quais seria inscrita a proposta de “Homem Novo”.

Penso ser possível afirmar que o projecto de “moçambicanidade”, defendido pela FRELIMO, assenta numa estratégia de exclusão de todos os demais actores culturais, sociais e políticos presentes no cenário político no período de transição para a Independência, operacionalizada da seguinte forma: 1) A invenção de uma “cultura moçambicana” de cariz ideológico, ligada ao seu projecto político; 2) A validação apenas das alteridades políticas como indicadoras da “moçambicanidade” em detrimento das alteridades culturais, fossem elas as vinculadas às culturas autóctones, fossem elas formas híbridas resultantes do contacto destas culturas com os projectos de modernidade exógenos, incluindo a modernidade proposta pelo colonialismo; 3) A vinculação de qualquer alteridade política à adesão ao projecto político da FRELIMO; 4) A manutenção, operacionalização e extensão da categoria colonial de *assimilados* a todos os indivíduos escolarizados no tempo colonial que, colocados numa situação de liminaridade, passaram a ser “olhados com desconfiança pelo novo poder formado na luta armada, passaram a configurar uma categoria que se tornou problemática até aos dias actuais” (THOMAZ, 2006); 5) A sobrevalorização da participação na Luta Armada de Libertação Nacional (ter estado em Nachingwea, ter feito treino de guerrilha, ter vivido nas “zonas libertadas”, ter estado na frente militar) como forma de “pioneirismo”<sup>27</sup>, que dava àqueles que tinham participado neste processo as credenciais de “Homem Novo” (MATEUS, 2006). Tal estratégia de inclusão “preferencial” no projecto de moçambicanidade a partir de uma *identificação* com a “moçambicanidade” política da FRELIMO cunhada na luta armada, justificou tanto a totalização do poder deste movimento como a formação de uma classe dirigente exclusivamente constituída por “antigos combatentes”, que rapidamente se

---

27 “A preferência dada ao combatente, a alguém que esteve na luta de libertação, não é tanto porque tenha participado da luta, mas porque tendo vivido essa experiência ele ou ela apreenderam certos princípios e valores, como por exemplo a luta contra o racismo, a luta contra a exploração, a situação da mulher, e outros (...)” (SOUTO, 2012)

transformaria numa nova elite, colocada agora em posição agonística em relação a todos os demais que não tinham passado por esta experiência e que, para serem integrados no projecto de Nação, tinham de demonstrar ter superado a sua “velha cultura reaccionária”, “renascendo” como tábulas rasas, sem passado histórico nem cultural. As demais estratégias identitárias de busca da moçambicanidade por outros caminhos políticos ou por caminhos não-políticos de afirmação social e cultural, não foram apenas rasuradas, mas passaram a ser motivo de estigmatização ao serem tomadas, numa lógica militar, como escolhas de se posicionar “no campo do inimigo”, num xadrez político dicotomizado que era o avesso do xadrez colonial, com menos *nuanças* ainda do que este. Assim se instituiu a linha divisória entre os revolucionários e todos os “outros da revolução”. O quanto estes últimos tinham realmente conseguido compreender do significado político dos seus posicionamentos, quase sempre pragmáticos, dentro do panorama relativamente estreito de opções de mobilidade social, nunca foi tomado em conta. A forma como esse suposto dever de posicionamento político dialogava (ou não) com as aspirações sociais ou com a cultura específica de cada um, menos ainda.

Esta lógica, que no fundo reproduzia, do lado avesso, a estrutura dualista da dominação colonial, também ela “confinou ou absorveu na lógica bipolar os “espaços intersticiais” (BHABHA,1992) que já se esboçavam no cenário cultural e político urbano nas décadas anteriores à luta de libertação. Embora reconhecendo que, por exemplo, “a literatura, pela denúncia das irregularidades, das humilhações e das brutalidades da ocupação, alimentou na imaginação dos nacionalistas urbanos a utopia de um amanhã de liberdade que se anunciava”, esta forma de afirmação da identidade nacional foi relegada para o grande e genérico grupo da “proto-nação” que, pelo seu carácter heterogéneo, a fragilidade do consenso que representava e pela sua volubilidade e falta de consciência ideológica alternativa, se considera que “nada tinha a ver com uma nação autêntica” (ZIGLIER, 1985). Na sua obra, Cabaço analisa a dinâmica tensa e “conflitiva”, no contexto de um movimento de libertação em que predomina a estratégia da revolta rural sobre o protesto urbano, das relações entre as lideranças tradicionais herdeiras de um protonacionalismo e o projecto de “modernidade” dos jovens guerrilheiros que visava, no plano da confrontação cultural “cortar o cordão umbilical” com a sociedade colonial e à luz do qual, tudo o que tinha a ver com o passado de dominação devia ser questionado e combatido, incluindo o poder dos colaboradores que tinham assegurado a ligação dos ocupantes com as populações rurais e que, por conseguinte, se tornavam igualmente alvos da luta ideológica, opondo neste conflito, o protonacionalismo e a ideia de nação. Ao afirmar que: “A luta armada é um acto cultural, sem dúvida, mas a relação dialéctica que se instaura com as culturas ditas tradicionais não se conclui na síntese desejada, bem sim em representações “em processo” que no povo se vão formando do modelo proposto (ou de outros), Cabaço reconhece que “a FRELIMO subestimou o facto de que “a construção da unidade nacional” se fazia em estreita interacção, sempre conflitual, com *identidades já existentes*, as quais, na resistência cultural ao colonialismo, tinham desenvolvido mecanismos de defesa e iniciado processos de adequação dos seus valores e de seus sistemas simbólicos ao diálogo com a “modernidade” (...). Reconhece também que “condicionado pela bipolaridade da guerra, o movimento de libertação viu os potenciais “espaços intersticiais” (BHABHA, 2001) que se esboçavam no fim da ocupação estrangeira, uma “contaminação” colonial e não uma janela que se abria sobre a apropriação de formas de “modernidade” (CABAÇO, 2007). Mas não chega a debruçar-se sobre a relação, igualmente tensa, entre este movimento e os protonacionalistas intelectuais que o precederam, que haviam sido presos políticos, que depois destas prisões haviam emigrado e apoiado a criação da FRELIMO, que serviam de suporte no exterior à movimentação clandestina de jovens para a frente de combate, que continuaram as suas formas de protesto urbano. Nem, com os intelectuais que integraram o movimento e que,

supostamente preencheram completamente o critério de “construção de uma nova dimensão da identidade cultural através de uma auto-identificação com o território libertado” e pela “convicção revolucionária de que a cultura se transformava com a transformação da sociedade”. A título de exemplo, na literatura e nos estudos da história social de Moçambique, o centro de treino de Nachingwea, que este autor refere como o “laboratório experimental” onde se ensinou a experiência alternativa que deveria (...) criar valores e comportamentos que demarcassem, de forma clara, “a nossa zona”, da “zona do inimigo”, permanece um mistério impenetrável para o comum dos moçambicanos e sobre ele pesa uma espécie de “pacto de silêncio” por parte dos combatentes que por lá passaram, incluindo este pequeno grupo de “quadros” intelectuais que integraram a guerra de libertação no terreno.

Neste cenário de captura autoritária da História, e “controle da narrativa” sobre o período histórico que vai da Luta de Libertação até à actualidade (MENESES,2012), em que a FRELIMO promove e visibiliza as narrativas dos antigos combatentes que, quase sem excepção, corroboram a sua versão da História, as vozes daqueles que foram construindo intelectualmente discursos e narrativas sobre o seu próprio projecto de país, que reivindicam as suas versões políticas e culturais da história, que se debruçam e reflectem sobre este período histórico prenhe de conflitos silenciados, ganham particular relevância, já que estes cidadãos, apesar de terem visibilidade na cena política e cultural moçambicana, não tomam geralmente parte dos estudos sociais como sujeitos sociais e produtores dessa história, sobre cujo pensamento e acção importa reflectir. **Visibilizar as suas memórias individuais, as suas versões da história e a forma como a sua construção como sujeitos articula de forma dinâmica o nível pessoal e o nível sociopolítico da sua identidade moçambicana, é o primeiro dos objectivos desta tese.**

*Como nos tornarmos nós mesmos enquanto construímos o nosso país?* foi a grande questão que atravessou a vida de cada um de nós. E ela resume um denso e longo conflito, transversal aos marcos históricos geralmente aceites (a que aqui chamarei “Tempo Colonial”, “Pós-independência socialista” e “Período Capitalista”), com tantas nuances quantas a maneiras que cada um tem de levar a sua vida, de existir numa dada situação, de se tornar pessoa, em cada contexto histórico, em cada situação social. Por isso a tomei como questão de partida, buscando neste exercício e percurso reflexivo longo e decantado que constitui a escrita de uma tese, trilhar uma parte daquilo que sei à partida ser um processo longo e complexo de compreensão do que vivemos, que certamente continuará muito para além deste trabalho.

## TACTEANDO O INDIZÍVEL:

*For the most part these moments that defy articulation rest on a paradox: at every crossing there is always a moment in which one is neither on one side nor on the other, neither what one was nor what will be; for so long as they are discriminated, the contiguous never really touch. One is in suspension- hovering timeless in between*

**Vincent Crapanzano**

### **1. O SUJEITO DE PESQUISA**

A escolha de Camilo de Sousa como interlocutor nesta pesquisa teve algumas razões objectivas e outras, assumidamente subjectivas. Objectivamente, prende-se com o facto de ele ser, por um lado, dos mais jovens combatentes que participou da Luta Armada de Libertação; por outro um intelectual oriundo de uma conhecida família de nacionalistas moçambicanos<sup>28</sup> tendo crescido no bairro da Mafalala, que é tido como berço do nacionalismo em Moçambique. Para além do interesse histórico-social que tal trajectória desperta, esta escolha foi determinada pela necessidade de trazer para o campo académico, as vozes que a estratégia de captura da narrativa através de um pacto de silêncio, tenta apagar e invisibilizar. Neste sentido, Camilo de Sousa é um personagem que importa escutar, já que é um dos poucos antigos combatentes intelectuais que aparece consistentemente na cena pública moçambicana, seja através dos filmes que faz, seja através dos *media*, defendendo posições próprias, assumindo posições críticas em relação ao Poder político instituído pela FRELIMO, não aceitando fazer parte e demarcando-se da elite que o seu grupo de combatentes passou a constituir e de quem o Estado moçambicano passou a estar refém. Neste sentido, ele é tido no cenário intelectual moçambicano como um exemplo de resistência e rara consistência.

Desde que eu conhecesse Camilo em 1982, que sabia que havia um conflito entre ele e a Frelimo, formação política que ele integrara em 1973, com 20 anos, em plena Luta de Libertação Nacional. Sabia por ele e pelas posições críticas que publicamente tomava, de alguns dos contornos desse conflito que lavravam por vezes silenciosamente no nosso quotidiano. Sabia que outros mais profundos certamente haveria e que provavelmente nunca me seriam revelados. Mas tudo isso não impediu que fosse tomada completamente de surpresa pelos acontecimentos que se deram em Outubro de 2012, que nos empurraram, irremediavelmente, para a travessia da fronteira final que assinalavam:

Estávamos sentados à mesa antes do almoço, quando o meu telefone tocou. Era, um jornalista nosso amigo, que o Camilo formara em Pemba, na época em que trabalhara como Secretário do Trabalho Ideológico do Partido e com quem mantivera laços de profunda amizade. A voz dele tremia, ao perguntar-me o que acontecera com Camilo. Quando lhe respondi que não acontecera nada e lhe perguntei se queria falar com ele, pediu-me um tempo para “desmontar uma coisa”. Só depois percebi que isso significava retirar da pauta do noticiário das 12.30,

---

28 Camilo de Sousa é filho de Wanda de Sousa, irmã mais velha Noémia de Sousa, conhecida nacionalista e primeira grande poetisa moçambicana, presa pela PIDE em 1949.

em cadeia nacional, a notícia da morte de Camilo de Sousa, o conhecido cineasta moçambicano. Mas era já tarde: a notícia já circulava nas redes sociais e a começar pela Lara, nossa filha, que tinha recebido a notícia em Lisboa onde se encontrava a estudar, um sem número de amigos me ligaram ao longo do resto do dia, para dar condolências e saber os pormenores daquela morte inesperada. Enquanto ia atendendo os telefonemas explicando que se tratava de uma falsa notícia, eu tentava juntar os fios dessa nebulosa meada: as chamadas insistentes para o telemóvel do Camilo às 2 horas da manhã, nos dias anteriores, de um suposto amigo, dizendo que “o coronel” queria falar com ele; a sempre resposta irritada do Camilo, que a essas horas não falava com ninguém, que não queria sequer saber quem era a tal figura; o seu desassossego visível ao longo do resto da noite; a minha desassossegada insistência nos dias seguintes para que ele se abstinhasse de circular em lugares públicos.

O conjunto de acontecimentos ameaçadores que culminaram neste “Anúncio de Morte”, tinham começado após numa entrevista a Camilo, publicada num jornal local, a propósito do falecimento de João Mendes, um dos mais antigos e importantes nacionalistas moçambicanos e um destacado escritor e poeta, acerca de quem Francisco Noa, prefaciando o seu livro *Ser* (MENDES,2007), escreve: “Mais do que contemporâneo dos grandes inspiradores da consciência nacionalista em Moçambique, João Mendes foi seguramente o grande mentor dessa gloriosa geração onde pontificam Noémia, Craveirinha, Ricardo Rangel, Rui Knopfli, João Fonseca Amaral e Rui Guerra” (NOA,2007). Na referida entrevista, que o sensacionalismo jornalístico intitulara: *Frelimo não considera nacionalista quem não matou!*, Camilo de Sousa mostrara-se indignado com a injustiça que considerava ser a falta de reconhecimento pelo Estado moçambicano e o partido Frelimo do papel que este militante, intelectual e escritor <sup>29</sup> tivera na génese do Movimento de Libertação Nacional, afirmando: “*Ele foi um homem pacífico, mas lutou. No passado, poucos, como João Mendes, lutaram pelo conjunto. A razão da sua ideologia, expressa há meio século, era o bem-estar do povo. No entanto, como não pegou em armas, para eles João não foi nacionalista.*”

Este episódio de “apagamento da História” de mais um dos actores fundamentais da Independência de Moçambique, passou na altura por se tratar de mais um acto de racismo (o não reconhecimento de João Mendes pelo Partido Frelimo pelo facto de ele ser “branco” e por esse motivo, actualmente considerado “não-originário”) num contexto actual em que “o pertencimento a um determinado grupo definido em função da raça interpela o jogo social mais amplo – posição social, cultura, língua, estatuto, ocupação profissional, local de residência, origem – e converge rumo à afirmação da autoctonia”, definindo actualmente “os que são ou não membros plenos do corpo nacional” (THOMAZ,2012). Mas os acontecimentos acima relatados, que o pronunciamento público de Camilo desencadeou, permitem pensar que ela pode ser lida na chave da “acção agonística em relação a qualquer oposição política” (MENESES, 2012), que ditou o desaparecimento físico, o afastamento, a exclusão, o silenciamento de figuras nacionalistas dos movimentos anteriores à génese da FRELIMO, bem como dos intelectuais e artistas que contribuíram para a tomada de consciência anticolonial e nacional e ainda, aqueles que durante o processo de Luta de Libertação e o pós-Independência mostraram de alguma forma discordar tanto das políticas como da narrativa identitária da FRELIMO. João Mendes<sup>30</sup> faz parte do primeiro destes

---

29 Camilo conhecia João Mendes desde a infância, como companheiro de luta de sua tia Noémia de Sousa.

30 João Mendes possuía uma visão própria do processo de Libertação em África e da dinâmica dos movimentos de libertação, de que nunca prescindiu. O seu primeiro “embate” com a Frelimo dá-se quando escreve, nos últimos anos da guerra de libertação, o seu livro “*La Revolución en Afrique: problèmes et perspectives*” (1971), que publica numa edição do autor e que, segundo António Sopa, “acabou por

grupos, Camilo de Sousa do segundo. Entre estas duas gerações, situa-se a de Noémia de Sousa<sup>31</sup>.

Dias depois da polémica entrevista que despoletou a série de telefonemas nocturnos, um “quadro” sénior da Frelimo com quem Camilo de Sousa tinha tido um grave diferendo aquando da sua chegada a Dar-es-Salam para integrar o movimento de guerrilha em 1973, fez-se presente à homenagem organizada por uma Associação cultural moçambicana e o Instituto Camões, para a qual Camilo e Francisco Noa tinham sido convidados como oradores. Tal “quadro”, apresentou-se trajado com um sobretudo comprido, cachecol e óculos escuros, apesar do muito calor naquela tarde de verão Maputense. Chamou Camilo à parte e disse que precisava de falar com ele “lá fora”. E, aquilo que parecia ser uma “advertência”, pois começara por dizer que Camilo não podia falar de coisas internas do Partido nos jornais, em pouco tempo se transformou numa violenta discussão destes dois personagens bem conhecidos da cena política e cultural moçambicana, em plena Avenida Julius Nyerere, às 18 horas, na presença do moderador do debate a ter lugar e inúmeros convidados e transeuntes. Perante a reafirmação constante de Camilo do seu direito de dizer o que quisesse onde quisesse e o adensar do “público” daquele espectáculo não programado, o personagem acabou se retirando, enraivecido. Poucos dias depois, coincidentemente ou não dá-se o episódio do anúncio da morte de Camilo de Sousa.

Acredito que o episódio acima narrado, pode ser incluído no longo rol de “intervenções que dão continuidade à distinção entre os “bons” moçambicanos, os que se envolveram na luta armada, e os seus inimigos, aqueles que “traíram a causa nacional, seja num primeiro momento por se terem aliado ao regime colonial, seja por, posteriormente, terem criticado e desafiado o projecto político nacional avançado pela Frelimo”. E que ajuda a clarificar em que medida “A definição de traição, ao reflectir posições políticas e sociais cujo conteúdo se altera com o tempo, desafia a lógica moral que subjaz ao binómio estabelecido entre revolucionário e reaccionário, amigo e inimigo, vítima e responsável” (MENESES,2012). A sequência de eventos que o antecederam e se lhe seguiram, confirmam que as estratégias de acção utilizadas neste “apagamento do inimigo” começam por visar um apagamento a nível discursivo, impondo o silêncio, seguindo-se um “apagamento simbólico” e podendo chegar a um “apagamento físico”, se as estratégias anteriores não surtirem o *silêncio* desejado.

---

desmontar um novo conjunto de mitos que se iam criando, ao serviço das novas elites africanas”. “*Donde para onde* é uma outra obra poética, onde ele sugere “Tópicos para o estudo do movimento de libertação nacional moçambicano”, João Mendes não só se afirma como nacionalista de primeira hora, como reafirma um dever de memória: “temos sido várias vezes e por várias pessoas, lembrados ser um dever, incitados à publicação das memórias. Temos consciência de dispormos de conhecimento para, participando no conjunto plural, contribuir para a determinação, o mais nitidamente possível, da realidade do processo da luta de libertação nacional do nosso país. Sentimos como obrigação de militante, participante activo do nosso Movimento de Libertação Nacional, desde a década 40, tentar contribuir para o mais completo conhecimento da realidade do nosso processo de libertação desde a criação de colónia a país independente e, sempre ainda, em luta pela libertação total” (MENDES, 2004). Mais recentemente, tomaria de novo posições incómodas a esta elite, no seu livro *SER* (MENDES, 2007): “(...) sabem e não se importam/ que os excessos do seu luxo/ se alimentam da fome, sede e doença/ de milhões de pessoas” (...) “eles/ os autocratas e plutocratas/ enformando democracia/ privatizando liberdade/ nos aprisionam em campo minado/ e nos impõem/ o mais ignóbil direito humano: o de explorar/ e nos interdita/ o mais humano direito: o de viver”.

31 Embora tivesse sido tardiamente - só em 1994, quando ela voltou por sua iniciativa a Moçambique para participar da primeira eleição geral democrática- reconhecida como “A mãe da poesia moçambicana” pela Associação Moçambicana de Escritores, também Noémia de Sousa foi “apagada” da História como atora do processo político nacionalista.

Tal como João Mendes, Noémia e tantos outros nacionalistas, Camilo de Sousa nunca pactuou com esta política de silenciamento. E tal como estes, foi sendo gradualmente colocado numa situação de liminaridade em relação à estrutura da FRELIMO como movimento. Mas mesmo desta posição, nunca deixou de exercer o seu direito de narrar a história do seu país, de escolher que aspectos do passado são lembrados, de apontar o que se esqueceu ou foi propositadamente silenciado, de denunciar como as relações de poder presentes nas políticas da História e da Memória reflectem decisões e agendas do presente. E é provavelmente isto que explica porque até Setembro de 2016, altura em que terminou a sua última estadia em Moçambique, o estatuto de Antigo Combatente solicitado há anos ainda não lhe havia sido concedido. E porque dois meses antes, no funeral de Machado da Graça<sup>32</sup>, Camilo veria o seu banimento, até então sentido na falta de trabalho e acesso a financiamentos para a sua actividade de cineasta, verbalizado por um dirigente do Partido.

Acredito pois, que a sua trajectória, reflecte o processo de devir Moçambique: como ele se tornou o país que o habita. Ela será apresentada ao longo desta tese na perspectiva da história de um personagem num tempo histórico determinado. Através dela, procurarei trazer a dimensão interdisciplinar que está contida na memória deste personagem, privilegiando a dimensão da experiência humana e social de um artista, guerrilheiro, político, no seu tempo, em que ele é simultaneamente um agente inovador e de mudança e fruto do seu tempo e do contexto histórico do final do colonialismo e da luta pela Independência. Um processo cultural de uma enorme densidade, social e politicamente de uma enorme complexidade, que reflecte a dinâmica do estado-nação se construindo em simultâneo com a decomposição e uma certa autodestruição do que do passado ainda está presente na zona de “fronteira” entre o “tempo colonial” e a “Independência” de um país. Um processo que permite observar a descida do estado-nação que está ainda sendo ensaiado nas “zonas libertadas”, sobre o indivíduo que está, ele mesmo, em luta por se tornar cidadão do país que está a construir, o que faz com que em certos momentos possa vivê-lo com liberdade subjectiva, noutros momentos se comprometa, em outros ainda comece a senti-lo como asfixiante. A forma como Camilo narra este processo, mostrando-nos claramente a violência com que a identidade política criada pela Frelimo desceu sobre os sujeitos singulares e como silenciou as identidades reais de todas as pessoas, impossibilitando que elas se pudessem dizer moçambicanas nos seus próprios termos, inclusive as pessoas que, como ele, estavam dentro da própria Frelimo.

Esta tese, é pois um experimento de certa forma inacabado, uma versão prévia e ainda incompleta do que poderá vir a ser uma biografia social de Camilo de Sousa, um personagem em conflito permanente com o sistema que ele mesmo ajudou a criar, numa dinâmica em que se pode entender a forma como o espaço e a liberdade de questionar individualmente os ditames dos vários poderes que se foram sucedendo e que, apesar de defenderem ao longo do tempo políticas diametralmente opostas, foi sendo cada vez mais exíguo, até determinar o seu banimento, procurando ditar o seu fracasso social. Bem como as estratégias de resistência que este personagem foi empregando, incluindo a sua participação, como sujeito de pesquisa desta tese, para resistir a esta anulação. Busco assim, através desta auto-etnografia, estabelecer um quadro coeso e coerente que ilustre a relação de um intelectual moçambicano com um poder autoritário, indo além da excepcionalidade do personagem para buscar os elementos que lhe possam ser comuns aos seus colegas de profissão, de classe social (se a tomarmos numa perspectiva sociológica) de geração de transição história (se a tomarmos num prisma

---

32 João Machado da Graça, falecido em Julho de 2016 em Maputo, foi um jornalista moçambicano conhecido pela sua verticalidade ética e política e pelas duras críticas que semanalmente tecia ao governo da Frelimo na sua coluna “A Talhe de foice” no jornal independente “Savana”.



histórico) ou de geração subjectiva que viveu um momento particular, se a tomarmos num prisma antropológico em que cada geração representa uma atitude vital particular dentro a qual se experimenta a ideia de existência de uma maneira particular de estar na vida. Todos esses prismas estão aqui patentes na história singular narrada por Camilo que procura, mais que tudo, como muitos de nós, ainda hoje, Tactear o Indizível da nossa própria identidade, para entendermos como nos podemos dizer a nós mesmos, sem sermos traidores dessa Grande Nação que nós mesmos construímos, enquanto nos construíamos a nós mesmos.

## 2. CONFIGURAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA E OPÇÕES METODOLÓGICAS

A decisão de trabalhar com esta biografia tem também a ver com a forma a trajectória deste personagem e o meu campo de pesquisa se foram embrincando, dada a minha relação específica com este interlocutor. Em primeiro lugar, o meu prolongado contacto com a sua visível necessidade de narrar a sua história, que fui ouvindo, durante mais de três décadas de vida em comum, ser esporadicamente contada na esfera privada, a única em que ela se permitia ganhar expressão. Conhecia portanto já, inúmeras das narrativas fantásticas que acordavam sempre que um grupo de pessoas que viveu intensamente essa época, se juntava, geralmente na comensalidade. Ouvi repetidamente afirmar e reafirmar noções outras de cultura, espaço, tempo e lugar, participei da sua discussão e vi-as ser repensadas. Participei de diversos inícios de recolha dessa história pelos filhos e amigos de Camilo, todas elas interrompidas por falta de tempo ou pela dificuldade dele de abordar ou aprofundar algumas questões. E como psicanalista que sou, fui-me dando conta da sua grande necessidade de relatar de uma forma mais consistente essa história, de encontrar uma escuta que lhe oferecesse a confiança necessária para aprofundá-la sem o violentar, respeitando o que ele quisesse manter em sigilo e o seu *timing* de narração; de deixar a sua história escrita e registada e simultaneamente da sua dificuldade de a escrever ele mesmo. Fui vendo esta necessidade agudizar-se à medida que o tempo ia passando e que o seu conflito político com a Frelimo ia ganhando contornos de incompatibilidade. Percebendo que ela ganhava um carácter de urgência quando Camilo regressou ao Brasil, vindo de Maputo, depois do episódio do “banimento”, gravemente doente.

Esta situação concreta de doença grave e prolongada, em que o meu tempo de trabalho teve de ser dividido com o tempo de cuidado à sua pessoa, somada à nossa situação de exílio, fez com que, paradoxalmente, se configurasse um espaço único e privilegiado para a recolha oral, de depoimentos, histórias narradas na primeira pessoa, onde se tornam patentes posicionamentos políticos, visões e leituras da história social, questionamentos ideológicos e existenciais, dúvidas e angústias, ressentimentos e dores, fome e desespero, entrega e desilusão. Assim, decidi através deste conjunto de memórias deste artista gráfico, fotógrafo, limpador de casas de banho, *cireur*, motorista de *tram*, guerrilheiro, comissário político, cineasta, procurar resgatar o sentido plural da Independência de Moçambique como um conjunto de “eventos de singular importância” (DAS,1975) de que todos os moçambicanos, cada um à sua maneira, fosse posicionando-se de forma engajada, em contracorrente ou à margem do programa político da FRELIMO, participou activamente.

Percebi então, que esta história, escutada em sua singularidade, apontava a real constituição dos nível identitário pessoal, familiar, grupal, étnico, racial, social deste sujeito e a maneira como ele foi construindo a sua alteridade como moçambicano numa situação colonial e como,

ao longo do seu percurso no movimento de libertação, a sua arraigada noção individual de alteridade foi posta à prova pela aprendizagem e interiorização de uma identidade colectiva politicamente construída e vinculada ao projecto de Nação da Frelimo. Pude então reflectir, sobre como foi esta mesma dinâmica que, após conquistada a Independência nacional, possibilitou a continuidade e reprodução de um silenciamento de todas as formas de moçambicanidade que não estejam ligadas ao projecto da FRELIMO, que actualmente não é mais um projecto político, mas o projecto económico de uma minoria. E que, se conseguisse encontrar uma forma metodológica de trazer para a escrita o diálogo que ao longo da pesquisa tive com este interlocutor, ele por si só revelaria o peso deste silêncio omnipresente, que impede que se tornem públicas narrativas diversas, tomadas por *indizíveis*.

Propus-me assim, utilizar uma *metodologia experimental* que desse conta, por um lado do desejo de narrar do meu interlocutor, por outro da vulnerabilidade que a quebra desse “silêncio” generalizado e a exposição das suas narrativas, poderia implicar. Tal metodologia consistia em: 1) recolha e gravação, em regime de confiança incondicional, das suas narrativas, em momentos agendados pré-acordados ou em momentos em que ele manifestasse vontade de contar; 2) transcrição integral destas narrativas e seu envio ao meu interlocutor; 3) leitura e selecção, por parte dele, do que eu poderia usar; 4) retorno aos temas que ele mesmo ou eu considerássemos interessante aprofundar; 5) novas gravações e transcrições; 6) nova reescrita ou acréscimo daquilo que ele considerassem pertinente... e assim sucessivamente, até que se configurasse um conjunto de narrativas que nos satisfizesse aos dois.

Busquei desta forma construir um texto entre a oralidade e a escrita, que situasse e legitimasse o discurso do meu interlocutor, a partir de falas que se referem a uma época determinada, em diferentes estilos, linguagens, referenciais conceptuais e posicionamentos políticos que dessem conta, por si mesmos, da forma como este personagem se situa no espaço de produção cultural moçambicana e como lida com as condicionantes sociopolíticas da sua situação neste espaço. Do ponto de vista temático, optei por seguir um método biográfico, começando por focar a sua constituição como sujeito cultural para, em seguida, tentar entender o efeito do “atravessamento” da sua vida por uma vivência política omnipresente, “dominando todas as dimensões das suas vidas” (CALDEIRA, 2000). Dado tratar-se de um sujeito já com 64 anos, com uma história densa e não dispondo nesta tese do espaço e tempo de pesquisa necessário para tratar toda a sua extensa biografia, escolhi um recorte temporal de duas décadas entre a sua infância (na década de 50) e o início da sua idade adulta (na década de 70), que historicamente corresponde ao final do período colonial e da Luta Armada de Libertação Nacional, em que Camilo participou.

E foi nessa busca que comecei a mergulhar, profunda e prolongadamente, na memória do sujeito com quem estava partilhando um quotidiano de exílio que nos fazia sentir profundamente desenraizados e numa situação-limite que desenhava um cenário subjectivo no qual, a escuta e reconstrução da sua narrativa (para ele testemunho inadiável), poderiam constituir – imaginei eu - um espaço ENTRE, com um valor também terapêutico.

E comecei então a habitar com ele esse espaço, no diálogo, no silêncio, nos sonhos, na escrita, na revisão do texto. Ao procurar partilhar a sua visão, o seu olhar, entender o seu questionamento, o seu modo de reflexão, a sua interpretação sobre o que foi cada experiência para extrair dela novos significados, aprendi primeiro a apreendê-lo, para depois procurar compreendê-lo. Ao criar no nosso quotidiano espaços onde fosse possível escutar e registar a narrativa, dialogá-la, procurar destriçar nesse diálogo diferenças de pontos de vista e confrontá-las, tive literalmente de tornar exótico aquilo que me era familiar, em meio ao já difícil exercício de frequência profunda (ROSALDO, 2000) que o morar na mesma casa,

partilhar relações mundanas e contingentes mais estreitas do que o normal numa situação de exílio, pressupunha. Considerar uma “residência extensa” o nosso quotidiano, abrindo espaço no nosso convívio íntimo, incondicionalmente, em qualquer circunstância, momento do dia ou de trabalho, para a escuta, a interlocução efectiva, a procura de dar sentido às memórias que se iam quotidianamente apresentando, foi um grande desafio. O contacto directo e prolongado com um Outro tão próximo a quem tinha de estranhar, da mesma forma que procurava estranhar-me a mim mesma, foi um processo bastante sofrido. Mas busquei por este caminho, aproximar-me da visão do papel do antropólogo contemporâneo, afastando-me de descrições holísticas, interrogando-me sobre a minha própria capacidade de conhecer esse “outro”. Observar sistematicamente os personagens e as situações que Camilo narrava, perceber os constrangimentos e os deslumbramentos que o habitavam, permitiu que eu me afastasse de uma visão superficial e consensualmente partilhada, construída com base da necessidade de consenso que sempre existe na convivência conjugal, para nos olharmos agora como diversos, provenientes de meios sociais e culturais radicalmente distintos que nunca déramos realmente a conhecer um ao outro.

E, finalmente, conseguir relativizar o meu ponto de vista sobre essa sociedade e por outro lado perceber a coerência da visão do meu personagem, mostrou-me claramente “a impossibilidade de o antropólogo dizer o que os outros são (TAUSSIG, 1987): não há aqui um “outro” estudado, há um companheiro de muitas décadas e colega de profissão com quem partilhei experiências de vida, mas de quem desconhecia até iniciarmos este trabalho, muitas das vivências anteriores e inúmeros pontos de vista que neste trabalho descobri radicalmente diversos. Este exercício de revisitação, de um ponto de vista diferenciado, das suas experiências, desfazendo e refazendo as suas dobras, que necessariamente continha, permitiu-me começar a pôr ordem no caos narrativo e perceber qual o material que poderia ser significativo para a construção de um todo que oferecesse um novo entendimento (LÉVY STRAUSS, apud MAGNANI, 2209) sobre a nossa sociedade moçambicana.

Mesmo sabendo que a experiência de Camilo não era de forma alguma generalizável, procurei acolher as suas peculiaridades, deixar expressar as suas particularidades e sobretudo, reconhecer a sua agência e criatividade (GOLDMAN, 2003). Encontrar a forma certa de adequar o método a tais peculiaridades, partindo do princípio que o trabalho de campo é sobretudo uma actividade construtiva ou criativa que pode e deve ser partilhada, que é um método de descoberta de fatos invisíveis por meio de inferência construtiva (MALINOVSKY, apud GOLDMAN, 2003), foi o um caminho cheio de surpresas que trilhámos juntos, em que acabou, natural e espontaneamente, por se configurar uma metodologia partilhada de que resultou uma auto-etnografia, escrita a quatro mãos, num registo de diálogo e de edição permanentes. Um método que partiria afinal, de uma escuta muito próxima à psicanalítica, pelas conversas repetidas sobre os mesmos temas, pela revisitação continuada e aprofundada a lugares de memória, acercando-me da visão do universo de Camilo, integrando as suas interpretações, compreendendo as suas construções teóricas eminentemente existenciais sobre ele mesmo, gradualmente estabelecendo novas relações entre os eventos narrados, aprofundando sentidos anteriormente apenas suspeitados. *Tacteando o Indizível*, procurámos abrir caminho para trazer a sua narrativa privada para a esfera pública que esta tese constitui, buscando penetrar a complexa teia de preocupações sociais, culturais, ideológicas e éticas e emocionais de que é feito um percurso de vida. Registá-las, transcrevê-las, lê-las conjuntamente, corriji-las de acordo com a sua visão, voltar a elas para acrescentar detalhes, entender questões ainda nebulosas, abrir espaço para memórias colaterais que estas despertavam, numa mistura de aliança, cumplicidade, amizade e respeito, foi uma longa aprendizagem, que acabou fazendo do espaço de trabalho da tese um lugar de aprofundamento da relação pessoal com a pessoa concreta que tinha ao meu lado.

Assim, ao longo de quatro anos de partilha e de intimidade imensa entre pesquisador e pesquisado, fomos construindo a quatro mãos, num registo dialógico permanente, a narrativa aqui presente, deixando-nos impregnar pelas histórias, mitos, ambientes sonoros, visuais, acústicos. Em alguns momentos, reconstruímos conjuntamente cenários, procurámos discernir contornos e recriar personagens, caminhamos juntos pela cidade colonial, perdermo-nos nos becos da Mafalala, habitando de novo os lugares, reencontrando as pessoas, partilhando o seu quotidiano, discernindo juntos as *nuances* do seu modo de estar na vida, em real paridade. Em outros, permiti-me escutar como uma criança escuta um conto, as histórias sobre o cruzamento de *fronteiras* para lugares que nunca visitei, como Bruxelas, Dar-es-Salam, procurando compreender esse mundo *sui generis* do interior da Frelimo, com seus campos de treino, suas práticas de treino, a dinâmica da construção do Homem Novo, a filosofia das zonas libertadas, a vivência militar da conquista territorial de um país, o sonho da construção de um país novo e único.

Transformar essa experiência partilhada em narrativa coerente, que não é a vivência em si mas deve guardar as características que lhe deram vida, com suas incoerências, emendas, suspeitas, comentários tendenciosos, num exercício criativo artesanal primeiro a 4 mãos, depois a 2, depois de novo a 4, depois de novo a 2, fazendo dela uma montagem, uma construção que guardasse simultaneamente o seu carácter testemunhal, foi o grande desafio deste processo. Levei-o a cabo tendo em mente que “colocar numa ordem mínima que seja para as peças soltas que já são elas mesmas uma “montagem” da história na narrativa do personagem, de forma a que os seus elementos ganhem uma certa unicidade e concisão, são dois dos elementos críticos da antropologia moderna (DA MATTA, 1992).

Tratou-se no fundo, de associar a metodologia etnográfica à psicanalítica, bem como de agregar o processo psicanalítico e da construção filmica aberta e prolongada, registo em que, tanto eu como Camilo nos habituámos há décadas a pensar as relações, entre conceitos e perceptos, para buscar e produzir uma legibilidade outra do texto etnográfico. Este narrador, escutado e apresentado como sujeito do seu próprio discurso e da sua construção, dono da sua própria voz, teve ao longo de todo este trabalho a prerrogativa de decidir o que queria ou não que fosse falado, o que queria ou não manter, o que queria acrescentar, o que queria cortar ou modificar dos diálogos que foi tendo comigo. O seu ponto de vista, não existe *a priori* tal como é enunciado, mas é também ele, resultado do diálogo que ele teve com alguém que, apesar de partilhar com ele uma parte da sua trajectória, tem origem num meio social distinto, fez estudos em psicologia e estava fazendo, em meio a este trabalho, uma viagem a um universo académico do qual trazia outras perspectivas e lhe emprestava um olhar singularizado sobre o seu próprio mundo.

Procurei assim, construir com Camilo uma “experiência com o passado (...) transmitida por um relato comum ao narrador e ao ouvinte, que pressupõe uma comunidade de vida e de discurso (...)” (BENJAMIN, 1940) através do qual pretendo apresentar a sua experiência existencial sobre uma determinada época histórica como um campo fragmentado e diverso, em debate, trazendo para o texto o processo de comunicação, de troca, de interacção, negociação de pontos de vista, relações interpessoais passadas e presentes ou seja, o diálogo tal como se deu, construindo com ele uma narrativa (em vez de uma descrição) aberta a outras interpretações. Esta tese tem, pois, do princípio organizador de que não é uma tese no sentido estrito do termo, nem um livro, desafiando assim, de certa maneira, as convenções académicas. Tem um formato aberto que permitirá levar o experimento mais adiante, podendo ser futuramente editada de várias formas: mais sucintamente para artigos, mais longamente para livro, adaptável ao formato de guião cinematográfico ou de texto académico *híper media*

mantendo contudo o diálogo tal como está, de forma a tornar sempre visível, qualquer que seja o novo formato, o processo de como os Indizíveis foram aparecendo.

Tal formato, é particularmente interessante pensando Moçambique, uma vez que é objectivo desta tese produzir uma leitura moçambicana e reacções neste meio, mas não podemos perder de vista o facto de a existência de um silêncio político, atingir praticamente toda a gente. Acredito que o registo aqui usado, entre a oralidade e a escrita, permitirá, por associação livre de ideias, que cada um pense estes Indizíveis nos seus próprios termos e neste sentido, quanto mais material a tese contiver, maior a possibilidade de ela mobilizar processos de identificação que conduzam a novas narrativas pessoais.

A apresentação da realidade “negociada”, “intersubjectiva” aqui trazida, não procura fugir da discussão especificamente política que atravessa este diálogo, que não se resume à política do texto, mas às relações de poder que definiram no passado alguns enunciados presentes como não válidos num determinado contexto histórico-político, contexto que é revelado aqui não apenas como pano de fundo das narrativa do sujeito, mas como determinando a sua trajectória específica. No entanto, ao escutar esta narrativa devemos ter em mente que “Caminharemos, portanto, em direção a fatos ocorridos no passado, mas que não estudaremos os fatos do passado, mas sim a memória a respeito deles expressa através da sua narrativa no presente. Ela é nosso dado etnográfico, e como tal, é um produto cultural complexo duma relação social estabelecida entre as partes no ato testemunhal, quando ocorre uma sobreposição de temporalidades” (LEMOS, 2011). **Não há pois nenhuma intenção de atingir com este trabalho qualquer espécie de verdade histórica**, nem há nele qualquer tentativa de inserir a discussão sobre o período colonial e o Pós- Independência em Moçambique num contexto mais amplo. Embora se trate de uma etnografia sobre uma época politicamente fecunda e passível de generalização, que atravessa os últimos anos do império colonial português em Moçambique, a luta de libertação nacional e o período de transição, não pretendo fazer dela uma análise sociológica nem política, **apenas trazer à tona uma narrativa outra de uma época histórica sobre a qual recaiu um profundo e generalizado silenciamento político. Trata-se pois, de uma visão (versão) pessoal da história do nosso país, de que existem tantas visões (versões possíveis) quantos os moçambicanos que as viveram, configurando, no meu entender este conjunto de memórias uma teia na qual se pode perceber a imensa diversidade sócio-político-cultural do nosso país.**

Neste sentido, entre os muitos episódios de singular importância que Camilo narrou, decidi dar particular atenção neste trabalho àqueles que lhe são constituintes, tanto na perspectiva cultural como política e àqueles que “não lhe era possível omitir nem integrar” (CRAPANZANO, 2004), oferecendo-lhes nesta narrativa, algum possível enquadramento, embora sempre revelador do quanto a integração da sua pessoa, com toda a carga cultural que lhe era inerente, no projecto político que ele ajudou a criar e até certo momento defendeu, foi sempre “conflitiva”. Assim, “Ao adotar o ponto de vista do analista, obriguei-me a reter (e permiti-me fazê-lo) todos os traços pertinentes (...) necessários à explicação e compreensão (...) e tão-somente esses traços. Mas, em vez de buscar, produzir assim (...) um efeito de fechamento, ao impor minha interpretação, tenciono desvelar tal experiência, enunciada do modo mais honesto possível (...)” (BORDIEU, 2005). Isto implicou aceitar que todo o trabalho de campo, como processo de aprendizagem que é, inclui também “ um elemento de desaprendizagem e que, embora “ o processo de desaprender seja perturbado e contenha um risco existencial, ele é intrínseco ao processo educativo, entendido no seu sentido original como um a processo que nos aponta ao mundo lá fora, nos liberta das nossas visões e perspectivas limitantes, causando em nós um questionamento contínuo daquilo que antes nós tínhamos dado por adquirido (INGOLD, 2016). Assim, em lugar de construir uma “ ficção

persuasiva” (STRATERN, 1987) sobre um outro que é radicalmente diverso, em vez de “apagar as vozes, as interpretações, os enunciados daquele com quem falo subsumindo-as na minha própria voz, procurei “revelar o dispositivo” pelo qual acredito que a escrita pode traduzir a mesma relação aberta e de paridade que caracterizou o diálogo em campo e pós-campo, assumindo todos os enunciados como verdadeiros, todos os tipos de narrativas como válidos.

Assim, do ponto de vista conceptual, optei por trabalhar nesta tese apenas com uma categoria, que foi aquela que o meu sujeito me trouxe, na sua teorização sobre si mesmo: a categoria de *fronteira*. O sentido que Camilo de Sousa atribui ao termo *fronteira* e a si mesmo quando afirma constantemente “*sou um homem da fronteira*”, e quando descreve a sua trajetória como um constante *cruzamento de fronteiras* (sejam elas as fronteiras geográficas que ele procura cruzar primeiro pelo Norte de Moçambique para a Tanzania, depois para a Bélgica, Argélia, Dar-es-Salam, Nachingwea, sejam elas as novas fronteiras políticas que ele encontra dentro da própria Frelimo) parece-me aproximar-se do de Ulf Hannerz (1997)<sup>33</sup> para quem “as fronteiras da realidade não são imutáveis mas, curiosamente são atravessadas”, sendo que “os limites das comunidades são diásporas”. Foi pois esta a noção de *fronteira* que usei neste trabalho, para configurar um pequeno conjunto de metáforas geográficas que tematizam os diferentes capítulos, em que *fronteira* assume mais um sentido de “zona fronteiriça” (borderline) que não implica limites nítidos mas sim regiões, nas quais gradualmente uma coisa se vai transformando em outra, onde há indeterminação, ambiguidade e incerteza (HANNERZ, 1997). Ela também me parece corresponder ao sentido que lhe atribui Igor Kopytoff (1987) em *African Frontier*, quando descreve um cenário da África subsaariana onde se desenvolvem inúmeras micro-fronteiras entre as sociedades estabelecidas, nos seus interstícios em “espaços intermédios (betweeness) onde pequenos grupos de pessoas se encontram para criar os princípios de uma nova sociedade, após deixarem os lugares onde viviam”. Usei pois também esta noção de *fronteira*, para narrar a trajetória não linear do nosso personagem que, após cruzar inúmeras fronteiras se vê de novo perante as Novas Fronteiras do Homem Novo, no qual é suposto ele mesmo se transformar, percebe que o sistema político construído pela Frelimo nas zonas libertadas e estendido a todo o país no pós-Independência é estreito demais para ele e contém obrigações políticas com as quais não pode pactuar. Começa então um movimento de retorno a si mesmo, que será material para novos capítulos desta história, que por exiguidade de espaço e tempo, não serão apresentados nesta tese, mas que constituem material já recolhido, para trabalhos futuros.

Foi o carácter social, expressivo e perceptivo da memória deste extraordinário narrador, a peculiaridade da sua trajetória, a unicidade da sua visão e a tenacidade com que procurou, numa situação-limite, dar testemunho da forma como viveu e procurou transformar a história recente de Moçambique, bem como o seu conhecimento autodidáctico incrivelmente eclético, a forma cinematográfica e a atenção ao detalhe aos sentidos presentes e supostos, que ditou a forma que encontrei para a expressar. O estilo utilizado não se impôs ao texto, que foi construído como uma montagem fílmica, ao procurar dar conta dos sentidos presentes e supostos nas transcrições e escrita dos diálogos, bem como das contingências políticas, sociais e culturais que eram inerentes a esta memória e às consequências do acto de as tornar públicas, tanto para o seu narrador, como para mim mesma. O processo de recolha desta

---

33 Em *Fluxos, fronteiras, híbridos: Palavras-chave da Antropologia Transnacional*, este autor começa por apresentar o personagem Pedro Arcaño, do romance de Jorge Amado *Tenda dos Milagres*, como um etnógrafo formado nas ruas da Bahia, que passou os primeiros anos viajando e que era filho de Exu, *trickster* místico e senhor das encruzilhadas”, um “representante do saber local” que se encontra com a viajante teoria académica internacional”.

narrativa, um processo psicanalítico levado a cabo numa situação-limite em que não sabíamos se o sujeito em questão ia viver ou não, ao mesmo tempo que acentuou o seu carácter testemunhal, permitiu tratar questões que mesmo entre nós, que partilhámos uma vida conjugal há mais de 30 anos, antes eram indizíveis.

Tal contexto, determinou também que o processo narrativo se desse, não de forma homogénea e linear, mas diferenciada do ponto de vista de mobilização da memória consciente e sobretudo, dos aspectos inconscientes (inclusive os mecanismos de defesa que se fizeram presentes) entre o material recolhido para a construção dos três primeiros capítulos e dos restantes. Assim, os três primeiros capítulos, que correspondem a histórias da infância e adolescência de Camilo, correspondem a episódios que eu, como sua esposa, já tinha ouvido contar, ainda que mais superficialmente. Foram portanto histórias que pudemos em conjunto rememorar e enriquecer, neste processo de diálogo, com elementos imagéticos, sonoros, cenários, personagens, num jogo lúdico de dois cineastas que recriam uma história.

Diferentemente, os últimos capítulos, são partes da sua trajectória que Camilo nunca tinha contado a ninguém, o que significa que correspondem a uma fala que vem realmente do lugar do seu Indizível: são histórias de que não se pode falar em Moçambique e que ele não contaria, se não estivesse convencido de que ia morrer. Trata-se pois de uma fala perante a qual, eu só podia remeter-me para uma posição mais estrita como psicanalista, escutando sem o interromper, apenas interpretando no final e esperando a sua validação da minha interpretação. Tratou-se aqui, mais do que em qualquer outro momento, de Tactear esse Indizível, no sentido mais estrito do termo, já que estava perante as suas feridas mais profundas, só recentemente abertas.

Por outro lado, em termos de trajectória, estes últimos capítulos referem-se ao momento em que Camilo entra num Movimento de Libertação que ele próprio constrangedor, com suas regras estritas que não permitem falar, não permitem ler, não permitem que os indivíduos tenham os seus livros, não permitem que o indivíduo esteja sozinho, nem que estejam duas pessoas a conversar sem que haja um terceiro a escutar a conversa. E neste cenário, vamos vendo o nosso personagem tornar-se mais seco, à medida que vai sendo formatado pelo esquema político-militar da FRELIMO. Penso que é interessante aqui verificar, como uma pessoa com uma cultura tão plural, tão cheia de ideias, tão disposto a cruzar fronteiras, vai ele próprio aceitando ser apertado pelo sistema, até se tornar um militar, um Comissário Político da Frelimo, que faz trabalho de mobilização das populações nas zonas libertadas. Podemos observar como o seu discurso vai necessariamente mudando, como nos últimos capítulos a narrativa se vai tornando mais linear, a sua leitura se vai tornando mais pesada. No entanto, se aqui a narrativa não é tão gostosa, recheada de situações, cenários como nos anteriores, ela toma um valor mais factual, trazendo informações inéditas que completam lacunas e apontam outras leituras de questões polémicas, sobre as quais se debruçam vários outros estudos sobre as estratégias políticas e militares da guerra de libertação nos países africanos de língua oficial portuguesa. O testemunho de Camilo e a narrativa na primeira pessoa da sua trajectória, desde o treino em Nachingwea, o seu trabalho como Comissário Político nas Zonas Libertadas, as conversas havidas com os seus instrutores e companheiros de luta mais velhos nas bases e nas caminhadas, trazem também implícita a sua crítica e tentativa de desconstrução das novas categorias criadas pelo Movimento, em particular a do conceito de Homem Novo, ao lidarmos com personagens incríveis, que não se encaixam em nenhuma categoria.

A ideia é que se perceba, ao longo do texto, esta diferença, que marca o como, tanto da construção intersubjectiva do sujeito na sua relação com os processos históricos pelos quais passa a sua trajectória, como da construção do processo narrativo da tese, ele mesmo. Inspirando-se em diversas experimentações textuais que procuram explicitamente “dissipar a

sua autoridade etnográfica e compartilhá-la com as vozes daqueles anteriormente sub-representados”, que “ nos permitem imaginar novas possibilidades tanto para a história como para a memória”, optei por trazer o diálogo tal como ele aconteceu para” enfatizar o inevitável perspectivismo” da visão de dois intelectuais moçambicanos sobre uma história da qual cada moçambicano tem uma versão particular. Uma vez que pretendo, com este trabalho, acrescentar “novas camadas de meditação e interpretação” à História do meu país, “por meio da apresentação de extratos relativamente brutos dos diálogos acontecidos em campo, faço um esforço consciente para evocar um mundo antigo em vez de simplesmente representá-lo, lançando alguma luz sobre um tempo e um espaço que tem sido pouco visitado do ponto de vista da investigação antropológica” e convidando o leitor “a participar de forma mais ativa que de costume no ato da imaginação histórica” (PRICE, 2001). Tentei também imprimir ao texto um ritmo próprio do cinema, que propiciasse uma leitura diferente daquela que é comum nas teses, mais próxima à de um romance, com uma narrativa que vai sendo construída em forma de diálogo, construindo psicológica e socialmente uma sucessão de personagens e narrando situações vividas pelo personagem Camilo de Sousa, ao longo da sua história. Tentei manter a descrição a nível textual, próxima do registo imagético de um filme, que permitisse também ao leitor construir imaginariamente o seu próprio filme, naquilo que eu considero uma tentativa de reunir Antropologia e Arte, numa relação em que não seja a Arte apenas um objecto de estudo da Antropologia, mas uma forma desta disciplina expressar o seu conhecimento. Acredito que este movimento recente na Antropologia diz respeito a uma relação entre artistas de facto e antropólogos de facto, o que se tornou possível neste trabalho pela parceria entre o sujeito da minha pesquisa (um cineasta) eu (pesquisadora, cineasta e psicóloga) e Omar Ribeiro Thomaz (meu orientador, um antropólogo cujo percurso está ligado à História da Arte e se vem afirmando como africanista, estudando Moçambique e a África Austral há quase duas décadas). O texto experimental aqui produzido, pretende ser um exemplo do que se pode fazer juntando essas duas linguagens, usando a oportunidade e estar num programa de Antropologia como o PPGAS da Unicamp, que acolhe a interdisciplinaridade e permite pensar a articulação de diferentes linguagens.

Cada capítulo é um diálogo que se encerra e se dá a ver a si mesmo e por isso excluiu o processo hermenêutico, uma vez que a interpretação, seguindo a praxis psicanalítica, já está contida no diálogo, sendo ou não ali validada pelo personagem. O facto de não necessitar de elaborar uma “interpretação” uma análise na etnografia escrita, permitiu resolver uma questão que me colocava à partida vários desconfortos. Em primeiro lugar, o facto de a assimetria que a posição de autoridade académica supostamente me empresta, ser um pressuposto desta relação, apesar de eu ser, entre nós os dois, uma pessoa mais nova e que pouco viveu o período histórico a que a narrativa se refere. Em segundo lugar, a tomada de consciência de que esse desconforto advinha do facto de que, tal posição, reeditava uma forma de assimetria social que poderia existir por herança colonial, já que eu provenho de uma família portuguesa de classe média-alta e o Camilo de uma família miscigenada do subúrbio da cidade o que, no contexto colonial, significou que ele tivesse estudado menos do que eu. E que, voltar a estabelecer tal assimetria na relação de pesquisa, significaria para ambos voltar-nos a recolocar nos termos da relação colonial, da qual ambos nos tínhamos, consciente e deliberadamente afastado, durante o qual o processo de descolonização, ao nos tornarmos primeiro parceiros de trabalho e depois cônjuges.

Mas foi exactamente nesse jogo de desconstrução das relações supostas e busca de novas posições e estratégias possíveis para subverter e reverter esta assimetria da relação, que residiu a beleza desse trabalho. Buscando outras experiências etnográficas em que tal tivesse sido feito e nas quais me pudesse inspirar, pareceu-me interessante a estratégia utilizada por Crapanzano em *Waiting* (CRAPANZANO, 1985), evitando ao máximo interpretar e



subsumir o ponto de vista dos seus interlocutores à interpretação do pesquisador, optando por um texto em que a voz do autor quase não é ouvida, o autor não se objectiva enquanto tal, não determina o lugar de onde fala nem a perspectiva da sua fala ou do seu silêncio, aparecendo apenas como interlocutor, não como antropólogo, como intelectual, como escritor, analista ou crítico, desaparecendo, recusando-se a interpretar, deixando aberta ao leitor a possibilidade de interpretação, de construção do sentido da experiência. A minha opção, não é contudo pela polifonia de múltiplas falas, mas pela fala autobiográfica de um único personagem que condensa experiências históricas coletivas de alguns segmentos da população moçambicana (um morador da Mafalala, de origem ronga, goesa e árabe, oriundo de uma família de nacionalistas, cuja formação é feita no contacto estreito com intelectuais protonacionalistas e nacionalistas, um combatente da luta de libertação, um intelectual, um dos primeiros cineastas moçambicanos).

O meu papel e intervenção sobre a realidade estudada far-se-á sobretudo sentir no diálogo com o interlocutor, na selecção de fragmentos dos diálogos, na sua montagem de forma a permitir que ofereçam um determinado sentido, na introdução dos capítulos, na apresentação do material (STRATERN, 1987). No entanto, a edição terá aqui um sentido que não é necessariamente o do texto académico, mas o de montagem cinematográfica, com espaços onde a articulação é um pouco mais frouxa e mais fluida, para que o espectador possa fazer as suas próprias entradas, por associação livre de ideias. É isso exactamente o que faz um realizador de cinema no longo percurso que vai da concepção de um roteiro, à direcção da captação do material visual e sonoro e, finalmente, à direcção da montagem: procurar gerir, da forma mais produtiva e criativa, o *encontro etnográfico* que se está dando. Um encontro que, à semelhança de qualquer outro entre indivíduos ou mesmo consigo próprio em momentos de auto-reflexão, é sempre uma complexa negociação em que as partes presentes aquiescem a uma certa realidade de uma forma fragmentada, entre idas e vindas no espaço e no tempo. Um encontro que, tal como defende Ingold, “curiosidade e cuidado, pesquisa e impacto, são aspectos inseparáveis das nossas relações com aqueles a quem devemos a nossa educação nos caminhos do mundo e não podem ser - como o tem feito a ciência dominante - separados de uma forma espúria e eticamente indefensável. Isso significa dar o devido reconhecimento àquilo que já sabemos perfeitamente das nossas pesquisas, ou seja, que o que nos é dado não é apenas informação para recolher, mas é uma oferta, cuja aceitação implica a responsabilidade de cuidar” (MacDOUGALL, 2016).

Acredito que tenho uma responsabilidade para com o sujeito de pesquisa, de reconhecer as implicações éticas e políticas desta exposição, incluindo as implícitas na narração ela mesma (CRAPANZANO, 2008). Assim, esta metodologia levou em consideração tanto a necessidade de não recolher aquilo que o meu interlocutor considerou dever manter em segredo. Esta responsabilidade, é acrescida pelo facto de a sociedade estudada ser a minha própria, pelo que não pretendo fugir de forma alguma do papel de agente em que a divulgação deste estudo necessariamente me colocará, do poder que esta etnografia terá de relançar algum debate sobre uma época histórico-política bastante silenciada. Através de um testemunho de uma experiência colonial em que, apesar de obviamente atravessada por categorias de classificação, elas não são rígidas, pretendo incorporar nesta tese uma crítica efectiva à segregação política que está por detrás dos discursos “essencializadores” – sejam os do passado ou os da actualidade - sobre a identidade moçambicana nos regimes discursivos em que ela tem sido utilizada, e permitir ao leitor questioná-las, mesmo quando está a ler pela primeira vez um texto sobre Moçambique. As reflexões sobre a dinâmica sociopolítica de formação de tal identidade que atravessarão este estudo, não poderão contudo deixar de apontar, tanto as tendências político-ideológicas do meu interlocutor como as minhas, bem

como uma determinada ética do social partilhada pelos dois, informada pela nossa moçambicanidade, pelo nosso olhar de cineastas e ainda, por uma escuta advinda da minha práxis de psicanalista.

Por outro lado, a montagem de fragmentos de diálogo reflecte tanto a coloquialidade e informalidade do círculo privado em que os diálogos decorreram, como a tentativa de evitar que algo que nós sabemos parcial, uma selecção da história, ao ser publicada se transforme em cânone, em uma versão com mais autoridade. Acredito afastar-me assim da “persistente ideia de que o mundo se apresenta às ciências humanas como uma reserva de informações por colectar” e “desconstruir a ideia de que a missão principal da Antropologia é ir pelo mundo em busca do nosso material e voltar para trabalhá-lo e publicá-lo em artigos e livros cientificamente reconhecidos” (INGOLD, 2016) aceitando a ideia deste autor de que “esta missão consiste antes, em demonstrar, por perceptos e exemplos, como construímos o nosso pensamento no e com o mundo em que habitamos, em resposta à sua convocação, em vez de a partir de factos E ter a humildade de reconhecer que a compreensão só pode crescer de dentro do mundo que nós procuramos conhecer, do mundo de que nós somos parte integrante, de uma Antropologia “nativa” que estuda a sua própria sociedade, em que “o processo de entender o outro que faz parte da nossa cultura conduz, quase inevitavelmente, a pensar criticamente sobre a nossa relação com ele, sobre o seu lugar na nossa sociedade”, mas também, através de um processo de espelhamento, reflectir sobre o meu próprio lugar nessa sociedade (MacDOUGALL, 2016).

A conclusão desta tese, é o momento em que eu me autorizo chegar, a tomar a palavra para dizer do meu fascínio por um homem que desafiou os cânones do seu tempo, transformou a sua própria biografia e a minha. E remete para a verdadeira conclusão da tese, que é, afinal, o texto inicial da Introdução. Isto acontece porque a opção entre desaparecer e aparecer, foi um dilema com que me debati ao longo de todo o trabalho de pesquisa e de escrita desta tese. Trabalho ao longo do qual fui percebendo que a questão mais difícil, era lidar com os meus próprios indizíveis. Como sair do silêncio sob o qual eu mesma me construí como pessoa e sob o qual eu me habituei a viver? Como falar da violência sequencial no meio da qual nos fomos tornando pessoas? Comecei por fazer uma série de experimentos arte-terapêuticos, destinados a lidar com os meus próprios Indizíveis, para conseguir falar de mim própria. Mas era terrível a angústia e o medo que isso me provocava. Só no capítulo final da tese, consegui finalmente desvelar um pouco dos meus Indizíveis, dizer quem eu sou, de onde eu venho, de onde parto para escrever esta tese, qual é a minha história, quais as dificuldades decorrentes de ter sido empurrada de uma infância vivida no seio de uma família de intelectuais de origem portuguesa e goesa, para uma juventude passada sob o signo da criação do Homem Novo, processo sócio político no qual fui “formatada”. Uma formatação forte, rígida, angustiante e solitária, difícil de quebrar.

**Tactear o Indizível**, fornece pois a unidade temática para o processo que atravessou todo este trabalho e obrigou ao desenho da presente metodologia, que busca encontrar pontes entre os campos da narrativa discursiva e perceptiva que possibilitem a escuta, recolha e divulgação da experiência de vida de um intelectual, que construiu a sua moçambicanidade “nos seus próprios termos”, numa complexa dinâmica entre o pessoal e social, que reflecte a complexidade do processo de construção desta Nação, atravessada por inúmeros conflitos de que não reza a história oficial.

## Capítulo 1.

### **ENTRE: A Fronteira Como Lugar Constituinte**

#### **1. O Observador silencioso**

##### **Escutando Mundos**

Era uma casa de madeira e zinco, grande, com quatro quartos, uma sala grande de estar, um escritório numa espécie de varanda fechada com vidro e uma sala de jantar grande.

A cozinha e as casas de banho eram exteriores.

Tinha o quarto dos meus pais, depois tinha o quarto das minhas irmãs... acho que a Susana dormia lá com elas, porque ela é que tomava conta da Elsinha, que era bebé nessa altura... tinha o quarto onde eu dormia... depois o último quarto junto à entrada principal da casa era onde dormia o meu irmão mais velho e o meu tio da Catembe, o Vô Rui, quando vinha a Maputo, tinha lá o seu espaço também.

Acho que antes dormia no quarto com o meu irmão Guilherme, mas depois ele foi embora quando eu tinha 5 anos, foi viver com as minhas tias em Lisboa e eu fiquei sozinho. O meu quarto era o quarto cuja janela dava para o lado da Mafalala<sup>34</sup>. Por essa janela chegavam sons vindos do bairro mesmo, não da cidade...

- Então a tua primeira imagem do bairro é sonora...

Ya, são vozes...

dia e noite gente a falar, a passar,

peessoas que iam trabalhar, que trabalhavam no porto e passavam ali perto, que saíam de madrugada, outros voltavam à noite, estivadores que discutiam...

bêbados que falavam sozinhos ou que cantavam... homens que durante a noite se agrediam...

o alvorecer dos muçulmanos, as conversas e risos das mulheres que partiam para o mercado, que iam vender ou comprar...

o som da carroça do vendedor de tripas, puxada por um burro, uma carroça apodrecida pelos anos, as rodas de madeira a ranger ... o som dos milhões moscas que vinham junto com as tripas... o som dele a falar mal da vida e dele próprio...

toda a noite pessoas a falar, homens, mulheres, velhos... aquilo tinha sempre um som... ouvia-se tudo, em várias línguas ainda por cima... rezavam pelo caminho, cantavam...

- E essas vozes faziam-te sentir o quê?

... era um som que embalava, que me deixava tranquilo... não fazia medo... era como uma canção de embalar toda a noite...

A parte da frente da casa dava para a zona da cidade de cimento. Tinha uma porta que era a entrada principal da casa, mas quase nunca se abria, só nos dias de festa. Mas as janelas de vidro do escritório, que era toda a varanda da frente, estavam sempre abertas, de dia e de noite, para entrar fresco. Era por ali que chegavam os sons da cidade:

de madrugada o som dos *muchopes*<sup>35</sup> a varrerem as ruas com aquelas folha de palmeira, não eram as palmeiras normais, eram umas que as folhas faziam assim um triângulo, que tinham assim uns bicos comprido... os sons dos carrinhos de lata deles a arrastarem na rua, das

---

67. <https://www.google.com/maps/place/Mafalala,+Maputo>

35 Referência aos funcionários da câmara municipal que faziam a limpeza de cidade no tempo colonial, a maioria deles de etnia chope.

tampas dos carrinhos a abrirem e fecharem<sup>36</sup>... depois os sinos da igreja às 5 e meia da manhã...

um pouco mais tarde começavam os sons dos ardinas, o carro que vendia gelo... um outro ambiente sonoro completamente diferente do bairro.

- Diferente em quê?

- Não tinha grande interesse, era um som vulgar de uma cidade, todos os dias igual... não tinha vozes... não tinha nenhuma relação comigo...

- Não te despertava curiosidade, vontade de conhecer?

- Não... tinha vontade de conhecer coisas que passavam lá atrás, esse outro mundo cheio de vozes, em que aconteciam sempre coisas diferentes...

Depois tinha o quintal. Um quintal grande, enorme, que também tinha duas partes, eram quase dois quintais. A parte da frente dava para a cidade para uma ruela estreita de areia, um beco sem saída que vinha da rua asfaltada e terminava no muro no nosso quintal. A parte das traseiras dava para o bairro, tinha um portão grande que dava para essa estrada de terra batida que era a entrada e saída do bairro, que passava pela janela do meu quarto.<sup>37</sup>

Então eu cresci ali e fui vivendo por ali. Não tinha um único amigo. Ficava na cozinha a ajudar a minha mãe, ela é que me punha a dormir, era o menino dela. Quando havia festas da família, eu não ia se ela não fosse, mesmo que fossem festas de crianças eu não saía se ela não fosse comigo. Quando íamos a essas festas eu não brincava, ficava ao lado dela, com os adultos. Era incapaz de comer se ela não me servisse o meu prato, podia ficar ali o dia inteiro sentado. Eu era uma pessoa muito ligada à minha mãe, talvez porque eu era o mais frágil, talvez porque tive uma doença, que tive que ficar deitado durante um ano, porque tinha uma parte do corpo e uma orelha numa ferida completa. É das poucas recordações que eu tenho de infância.

- Pode ser daí essa coisa de não brincares, de não teres amigos...

- Sim, pode ser...

- E onde é que ficaste deitado durante esse ano todo, Camilo?

- Naquele mesmo quarto onde tinha a janela que dava para o bairro, ficava lá todo o tempo sozinho. Ninguém entrava ali, deviam pensar que eu tinha lepra ou uma coisa assim...

- A cama ficava ao pé da janela?

- Sim, era um quarto pequeno...

- E o que tinha mais dentro do quarto?

- Tinha uma mesa....

- Sentavas-te na mesa?

- Não, sentava-me na cama... não sei se conheces, uma mesa que se abre assim e põe-se aqui

...

- Na cama?

- Sim... tinha um tampo que ficava aqui, depois tinha umas pernas que abriam assim e depois a mesa fazia assim... o tampo, tinha por trás uma coisa que levantava e prendia aqui por trás, conforme a altura que tu querias... uma ripa, punhas o livro ali...

- Como aquelas dos pianos?

- Ya, mais ou menos isso...

- E essa mesa foi feita especialmente para ti?

<sup>36</sup> A recolha do lixo era feita porta a porta, por funcionários que empurravam carrinhos de mão, feitos de ferro e alumínio, com duas latas de lixo e pesadas tampas do mesmo material.

<sup>37</sup> A estrada de terra batida a que Camilo se refere, era a entrada para o bairro da Mafalala para quem vinha da rotunda João Albasini, onde terminava a Av. Pinheiro Chagas e começavam a Rua Irmãos Roby e a Av. de Angola, que davam acesso ao bairro suburbano do Xipamanine e ao Aeroporto, respectivamente.

- Não sei porque é que estava ali, de onde é que veio, se foi feita para mim... mas estava lá... era verde... nunca me esqueço dessa mesa... é pena, não sei onde é que foi parar... um verde muito clarinho...
- E o que é que fazias nessa mesa, desenhavas?
- Fazia aquelas coisas de copiar por cima, unir pontos, aquelas coisas que vinham nesses livros da Major...
- Mas desenhar, desenhar, não?
- Não, nunca gostei de desenho livre, só pintar desenhos já feitos... não me lembro de desenhar... mas a maior parte do tempo ficava só ali quieto, sem fazer nada... sozinho ali no quarto...
- E não será então por isso que tu escutavas os sons que vinham lá de fora daquela forma tão atenta, mesmo durante a noite?
- Devia ser, porque eu ficava acordado à noite...
- Então parece que é aí que tudo fecha, que tudo faz sentido: uma criança doente, deitada um ano inteiro sozinho num quarto com paredes de zinco, escutando os sons lá de fora, do bairro, de dia e de noite, tentando perceber o que se passaria nesse mundo que ele não podia ver nem percorrer....
- Sim... não podia ver, só podia ouvir... de dia os meus irmãos a brincar, a andar pelo bairro todo... de noite aquelas vozes, aqueles sons...
- Talvez porque não podias sair para ver tenhas guardado em ti essa ansiedade de conhecer, de ver coisa por coisa...
- Sim, pode ser...
- Talvez como se o teu campo auditivo tivesse se expandido para alcançar aquilo que tu não podias ir imediatamente à procura...
- Ya
- E a tua mãe, vinha lá em que momentos?
- Para me de comer, para me dar banho...
- Onde era o banho?
- Era lá fora, naquela casa de banho que ficava no quintal...
- Nesses momentos saías de dentro para fora, portanto...
- Sim, com uma capulana ou uma toalha à volta...

## **No Mundo de Milidansa**

### **O Nome da Mãe**

- E quais são as primeiras imagens visuais que tu tens daquele espaço do quintal?
- Lembro-me de estar sempre a passar gente por lá. Vinham conhecidos da família da minha avó, que já tinha morrido, mas eles continuavam a passar por lá para conversar com a minha mãe...
- Eram pessoas mais velhas, portanto...
- Mais velhas ou da idade da minha mãe... que iam lá e ... eram familiares afastados da minha avó, ou porque ali na Catembe<sup>38</sup>, tinha montes de gente que a minha avó criava em casa, rapazes, raparigas e quando ela se mudou para Maputo essas pessoas continuavam a vir lá visitar, sempre, até à morte dela. E depois dela morrer continuavam a ir, visitar a minha mãe.

---

38“ Do outro lado do rio ou do mar - segundo escreve o pensador - existe sempre um mito. Catembe veste esse mito, muito embora já ninguém o sinta e muito menos se acocore diante dele. É que, esta parcela de terra, que fica do outro lado da baía de Maputo, está entranhada por outras almas, que ali se instalaram pelos mais diversos interesses.” ( *in* <http://www.verdade.co.mz/cultura/1839-catembe-o-mito-faz-parte-do-passado>)

- Vinham todos da Catembe?
  - Vinham de vários lugares, ali do sul da província de Maputo, outros de Gaza, algumas pessoas de Inhambane, poucas, algumas da região do Centro, de Manica e Sofala, mas poucas também. Vinham e ficavam, dormiam ali como podiam, no alpendre junto à cozinha, faziam fogo, comiam lá, dormiam lá, outros dormiam até na cozinha.
  - Não havia ainda aquela dependência grande no quintal, onde vivia o Jorge depois?
  - Havia, mas não era assim tão completa como quando tu conheceste ... espera... havia sim, havia a casa de banho, no quintal havia a cozinha e havia também aquela dependência. Sim, também dormiam naquela dependência, mas mais no alpendre, aquele lugar com zinco, também ficavam ali fora... não havia era aquela parte toda da casa que agora tem a cozinha e a casa de banho, tudo isso era exterior...
  - Portanto era exterior tudo aquilo, um espaço grande com um alpendre por cima?
  - Sim, mas cozinha era fechada e a casa de banho também, depois tinha um alpendrezinho com de zinco... em cima...
  - Do lado onde fica a machamba, ou do lado de dentro do pátio onde agora ficavam os carros?
  - Lá onde tinha uma árvore grande...
  - A árvore das cerimónias<sup>39</sup>?
  - Não, não é lá no fundo, não é no coqueiro, aqui deste lado tinha uma mafurreira<sup>40</sup>... essas pessoas ficavam lá a dormir e conversavam à noite, porque eram pessoas de lugares diferentes que não se conheciam de lado nenhum, encontravam-se ali por acaso. E ficavam ali a contar as suas coisas, umas vezes em português e eu entendia, outras vezes em línguas que eu não entendia...
  - E tu ficavas lá com eles ou ouvias da janela do quarto?
  - Ficava ali à noite um bocado, na fogueira...
  - A tua mãe também?
  - Sim, a minha mãe também ia para lá, fazia um chá, servia para eles... e ficávamos a escutar aqueles contos, dos lugares lá de onde eles vinham... porque era para todos uma coisa nova, ninguém tinha viajado antes, eles tinham ido para lá ou por causa do trabalho forçado, tinham sido levados no trabalho forçado e acabaram por ficar lá naquelas plantações; outros tinham ido para construir estradas e acabaram por arranjar aqueles pequenos empregos lá nas plantações... e contavam o que se passava por ali, das coisas coloniais ....
  - Quais coisas?
  - Das plantações, principalmente. Tinha um que era de uma plantação de sisal, por exemplo, que contava as coisas horríveis da plantação, que eram mal tratados – o sisal é uma coisa perigosa, faz feridas terríveis- e não tinham qualquer assistência médica, alguns nem lugar para dormir tinha, dormiam ao relento, com fogueira, junto aos compound porque não cabia toda a gente nos compound, então dormiam ali ao relento, de qualquer maneira... tinham uma vida assim...
- E eu por ali fui percebendo algumas coisas do que se passava... tinha um primo- um primo afastado, aqui chamavam-se sempre primos- o Kundula, que eu gostava muito dele, que trabalhava na plantação de cana-de-açúcar de Xinavane<sup>41</sup> ... ele não era exactamente um trabalhador agrícola, era meio operário, já mexia em tractores e não sei quantos, então às

---

39 Em quase todas as casas das famílias que preservam a sua tradição africana, existe uma “ árvore dos antepassados” na qual se invocam os espíritos da família aquando dos rituais a eles consagrados.

40 Fruteira nativa moçambicana que dá *mafurra*, um fruto tradicionalmente utilizado na alimentação misturado com diversos cereais.

41 Xinavane é uma pequena vila moçambicana localizada junto ao Rio Incomáti. Administrativamente, é sede de um posto administrativo do distrito da Manhiça, na província de Maputo, a 80 km da capital moçambicana. Ganhou importância económica no período colonial pelas grandes plantações agro-industriais de arroz e cana de açúcar, onde os “indígenas” moçambicanos trabalhavam em condições de semiescravidão.

vezes levava para lá amigos dele que eram operários propriamente ditos, ali da zona da Catembe, que passavam por lá e contavam também as histórias da plantações de cana, que me impressionavam bastante. Não sei porque é que naquela altura achava tão interessante ouvir essas coisas, mesmo se naquela altura ainda não entendia muito bem, só mais tarde é que fui fazendo ligações a coisas que via ... mas é interessante que essa memória auditiva ficou completamente, de tal modo que depois quando fui vendo as coisas fui juntando calmamente, como se já tivesse estado naqueles lugares, conhecia aquilo tudo, nada era novo para mim... era como se fosse visitar lugares e ver imagens que já conhecia daquelas descrições...

- E dessas pessoas que vinham ali, tinha também pessoas que emigravam para a África do Sul<sup>42</sup>?

- Tinha, tinha sempre os magaiças<sup>43</sup>, que também alguns eram da Catembe, pernoitavam ali antes de ir ou quando estavam a regressar, paravam ali e conversavam...

- E qual era a relação da tua mãe com essas pessoas, como é que era?

- Ouvia ... acho que fazia o papel da minha avó, ouvia, servia sempre alguma coisa para eles comerem... aquilo era assim, as pessoas na altura quando vinham traziam sempre também qualquer coisa, traziam um pedaço de mandioca, milho, ninguém vinha sem nada, podia ser a pessoa mais pobre do mundo mas tinha sempre uma pequena machamba e vir à cidade encontrar a minha mãe era... levavam sempre os frutos da época, aquelas coisas do mato... alguns até compravam no caminho, porque não tinham machamba, mas tinham algum dinheiro e compravam essas coisa lá no mato, barato, para trazer... *mapfilos*, cana de açúcar, *massalas*<sup>44</sup>...

- Mas compravam para oferecer, ou a tua mãe devolvia o dinheiro?

- Não, compravam para oferecer! Não havia qualquer troca... compravam, levavam, ofereciam... a minha mãe fazia um chá, servia para eles... e ficávamos a escutar aqueles contos, dos lugares lá de longe...

- Mas portanto, a tua mãe fazia o papel da tua avó... conversava em ronga<sup>45</sup>, com essas pessoas?

- Em ronga, sim.

- Mesmo essas que vinham lá do norte eram rongas, pessoas ligadas à tua família?

- Não sei se eram, mas pelo menos falavam, percebiam, a minha mãe percebia o que eles falavam. Era tudo gente ligada à Catembe...

- E músicas, canções, lembraste de alguma coisa?

- Às vezes cantavam, mas eu lembro-me muito pouco... lembro-me desses de Zavala<sup>46</sup> dançarem mesmo, como os guerreiros, quando bebiam ali um pouco, faziam bebidas

42 A histórica da migração de um grande número de moçambicanos das províncias do sul de Moçambique para a África do Sul, com a finalidade de trabalhar sobretudo nas minas de ouro do Transvaal, remonta ao século XIX e atingiu o pico na década de 1970. Este movimento migratório que dura até à actualidade, marcou grandemente a economia, a sociedade, a história e a cultura do sul de *Moçambique*.

43 Palavra usada na gíria popular para referir os mineiros moçambicanos na África do Sul.

44 *Mapfilos* e *massalas* são frutas nativas do sul de Moçambique.

45 XiRonga, também referido como Ronga, Chironga, ShiRonga ou XiRonga, é uma das línguas originárias da província e cidade de Maputo, em Moçambique. Faz parte do ramo Tswa-Ronga das línguas Bantu. Tem cerca de 650 mil falantes em Moçambique e 90 mil na África do Sul. Na actualidade esta língua, que já foi a mais falada na capital do país, está ameaçada pela preponderância do português e do changane. ( fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua\\_ronga](https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_ronga))

46 Zavala é um distrito de Moçambique situado na parte meridional da província de Inhambane. A sua sede é a vila de Quissico. Tem limites geográficos, a norte com os distritos de Panda e Inharrime, a leste e sul com o Oceano Índico e a oeste com o distrito de Manjacaze da província de Gaza. ( fonte: <http://www.inhambane.gov.mz/por/A-Provincia/Perfil-dos-Distritos/Zavala>). Zavala é conhecida pela música ímpar das suas orquestras de timbila ( que os portugueses denominavam marimba) instrumento ora classificado pela Unesco como património da humanidade.

tradicionais fermentadas de frutas que traziam, de milho, de mapira... ou quando a minha mãe mandava comprar um litro de vinho... também de vez em quando passavam lá uns varredores de rua aqui de Maputo a perguntar se não havia alguma coisa para fazer...

- Alguma coisa para fazer, como quê?

- Varrer o quintal... apesar de nós termos lá um empregado permanente para varrer o quintal, mas vinham lá e diziam: não, aquela árvore tem que ser podada e tal... então ficavam lá a contar de onde é que vinham e tal e como era a vida lá no depósito onde eles ficavam...

- “Depósito” era o quê?

- Ali no Xipamanine<sup>47</sup> tinha um *compound* onde ficavam os gajos a limpeza da cidade...

- Os machopes?

- Sim, nem todos eram machopes<sup>48</sup>, alguns eram outros não... então contavam essas coisas lá dos lugares de onde vinham... até me lembro de às vezes dançarem, assim dois ou três, dançarem as danças lá de Zavala... eu ficava ali horas... era miúdo mas ficava ali horas, sem qualquer crise... às vezes não entendia nada do que estavam a dizer, mas gostava de ouvir aquele som deles a contarem, depois aquilo é tudo com gestos, acompanhado de mímica, tudo gesticulado...

- Tipo uma peça de teatro?

- Ya, esse tipo de coisa... e depois a maneira como, quando era mais do que uma pessoa, a falarem do mesmo lugar, iam-se complementando e não sei quantos... então aquilo dava assim uma espécie de ... era um espectáculo.

Outra coisa que estava sempre presente nas histórias que contavam as pessoas que passavam lá por casa e pernoitavam, era o *Espada*, o *Espada* era um Mundo<sup>49</sup>!

- Porquê?

- Oh, ouvíamos sempre as histórias de pancadaria ali que nunca mais acabava!

- Pancadaria entre quem e quem?

- Entre o pessoal que ia lá treinar... principalmente os Mabandidos!

- Porquê?

- Ah, crises entre eles ... eles estavam a treinar para lutar contra os brancos, mas aquilo de vez em quando também dava ali coisas terríveis entre eles...

- Quem eram os Mabandidos?

- Os Mabandidos eram pessoal local, dos bairros ali à volta, que gostavam de treinar saíam à noite, andavam pela rua e davam uns socos a quem encontrassem! ( risos)... eram assim, não roubavam, não roubavam, não matavam, não faziam nada...

- Era só para descarregar a raiva?

- Era mais para assustar as pessoas, não faziam nada...

- Para assustar os brancos?

- Ya, para os gajos não andarem por ali à noite, no subúrbio... no Espada esses brancos nem entravam... nem o carro da polícia! Se as vezes matavam gajos no Espada(!) iam lá buscar no dia seguinte, o corpo! A polícia não entrava lá à noite, só durante o dia. Os Maleítas, que também andavam por ali de noite, aproveitando a confusão, porque ali não era possível saber quem eram...

47 Um dos mais antigos e mais conhecidos bairros “ indígenas” nos subúrbios de Lourenço Marques, no centro do qual havia um grande mercado onde se vendiam produtos locais de todo o tipo, incluindo plantas medicinais e remédios tradicionais.

48 Gíria usada para nomear as pessoas da etnia chope.

49 Espada era o único lugar na cidade de Lourenço Marques onde os “ indígenas” estavam autorizados a divertir-se livremente. Construído num espaço amplo, cercado, no interior do qual se encontravam barracas era uma espécie de feira popular muito rudimentar onde se dançar, tocar quaisquer instrumentos, cantar, assistir a espectáculos, torneios de boxe e luta-livre. Ali se juntavam gente de toda a espécie, desde “ mabandidos” a artistas locais.



- O que eram os Maleítas?
- Eram grupos de... nem sei muito bem como explicar isso... eram grupos de *Tsotsis*<sup>50</sup>, de bandidos organizados, que tinham lá uma seita, matavam gente que nunca mais acabava, com faca, sempre com faca...
- Mas não tem nada a ver com essas histórias de tirar órgãos, ou tem?
- Oh pá tem... tem também a ver com isso, porque eles raptavam pessoas para matar, levavam para a Swazilândia para a África do Sul... mas aquilo foi um momento de terror em Lourenço Marques...
- Portanto eles atravessavam a fronteira, vinham buscar pessoas do lado de cá e levavam para lá para matar...
- Ou matavam aqui também...
- Mas era para tirar órgãos para quê, para os feiticeiros?
- Sim, dizia-se que era para os feiticeiros... mas também lá para essas coisas de magia negra dos boers...
- Mas tu alguma vez viste um Maleíta?
- Não, só ouvia falar... nunca ninguém tinha visto nenhum... mas que conhecíamos pessoas que tinham desaparecido com os Maleítas, raparigas, isso sim... não havia casa nenhuma onde não se falasse do cuidado a ter com os maleitas... vinham naqueles carros sul-africanos, pretos...os Maleítas eram terríveis, eram um grupo grande...
  
- E o teu pai, nesse universo, não existia?
- Não, ele não ia lá, mantinha-se aparte disso...
- Não queria ter nada a ver com essas famílias da tua mãe?
- Ya.
- Porquê? Porque estava acima, porque não era aceite?
- Acho que não queria envolver-se nessas coisas... eram gente muito tradicional e muito ligada ali à Catembe, àquele clã, não é?
- Quem eram as pessoas que conheceste desse clã?
- Só conheci a minha tia-bisavó, chamávamos “ avó doente”, só a víamos quanto muito uma vez por dia, ficava numa palhota, fechada, todo o dia...
- Mas o que é que tinha, era doença do corpo ou de espírito?
- Era doente, uma pessoa velha, muito velha, doente, com dificuldades de caminhar...
- Que idade é que tinha?
- Não faço a mínima ideia...
- Mas nunca falou contigo?
- Não, não falávamos... ela só falava ronga...
- Como era o nome dela?
- Mihunguana.
- Esse era o seu nome tradicional ou de registo?
- Era o nome por que ela era conhecida na família, acho que era o nome dela. Mas não sei se tinha nome de registo, se foi registada acho que não, nessa época ainda não se registavam pessoas “ indígenas”.
- Em que anos ela teria nascido?
- E sabes mais alguma coisa da tua família, antes dela?
- Antes dela não... só sei que a minha bisavó, mãe da Milidansa, chamava-se Belenguana... dizem que era uma princesa ronga, filha de um importante rei Ronga, poderoso, com muita

---

50 South African word describing a dodgy character. Someone who steals, lies and generally is not to be trusted. A township gangster ( Fonte: <https://www.urbandictionary.com>) Historically a young black gangster belonging to a group prominent in the 1940s and 1950s, affecting a special language and flashy dress. Origin. 1940s: said to be a Sotho corruption of zoot suit. ( Fonte: <https://en.oxforddictionaries.com/definition/tsotsi>)

terra e escravos capturados durante as suas guerras ou oferecidos por razões de aliança ... mas não conheço muito dessa história da família, só algumas coisas que contava a Vovó Mangueira...

- Quem era a Vovó Mangueira?

- Era irmã da minha avó ... era também Bruheim, não sei se também filha do meu avô, ou de um irmão dele... a avó dos Mangueiras, vivia ali naquela casa deles, na Mafalala... não sei de onde é que vem esse nome, deve ser de ter vindo daquele sítio com mangueiras lá na Catembe... essa eu conheci muito bem, morreu já depois da Independência... tive pena de não recolher a história dela, essa viveu mesmo o Império de Gaza, era uma senhora assim bonita, charmosa, essa dizem que mandava ali dentro...

- Eram todas figuras poderosas?

- É, dizem que más, muito más... dizem que escravizavam, mandavam matar, aquelas coisas...

- A tua avó também?

- Eu acho que sim, se fazia parte... não acredito que não.

- E tu ainda te lembras da tua avó ali em casa?

- Não, não faço a mínima ideia...

- Mas tu ainda conviveste com ela ali, algum tempo, não é?

- Dizem que sim... mas eu não me lembro disso. A minha irmã Elsinha diz que viu o funeral dela e eu sou mais velho que ela... diz que ela estava em cima da... puseram o caixão em cima da mesa da sala de jantar... eu não vi nada disso... mas se ela viu isso, eu já devia ter pelo menos 5... mas não faço a mínima ideia... lembro-me de ter visto fotografias, mas dela mesma... não sei...

- Mas será que isso não se passou durante o tempo em que tu estavas doente, lá deitado no quarto? - Provavelmente sim, porque eu lembro-me dela vagamente antes e depois ela já não estava...

... tenho uma vaga ideia de uma pessoa deitada numa cama, lá no quarto da minha mãe- que era o quarto da minha avó- tenho uma vaga ideia disso, mas não sei...

- Ela deve ter ficado então doente, um tempo...

- Ela tinha um cancro, ficou muito tempo na cama... doente durante muito tempo... mas não faço nenhuma ideia, conheço-a só de fotografia... e conhecia o vulto dela à noite...

- Ela andava à noite pala casa?

-Sim, sentia-se...

-Antes de morrer ou depois?

- Depois de morrer, presumo... se ela não existia? Depois de morrer...

- Se calhar antes também andava...

- Pois, se calhar antes, não sei... não sei como é que isso foi, o que é que aconteceu ali, a Elsinha diz que sim, que eu estava, eu sou mais velho 3 anos, se ela estava, eu que tinha mais idade do que ela, estava também... não me lembro nada disso de caixão, nada... nunca tinha visto um caixão, nunca tinha... nada, não tenho nenhuma ideia disso... e não me lembro, não me lembro do Guilherme, que era mais simples...

- Talvez te vás lembrando aos poucos...

- Sim, nestas conversas as memórias às vezes vêm, quando leio o que está escrito a partir daquelas referências uma pessoa vai buscando coisas... por exemplo esta coisa da minha avó na cama... eh pá foi porque eu li isto... tenho que me lembrar, mas não sei... e lembrei-me de uma pessoa na verdade na cama, mas não sei quem é essa pessoa, não sabia... mas agora presumo que seja a minha avó... e lembro-me de estar ali deitada e de irem pessoas...

- Isso estás-te a lembrar agora, há bocado não te lembravas...

- Sim, estou-me a lembrar agora... de entrarem pessoas naquele quarto... mas é incrível... de entrarem pessoas... e rezarem... de rezarem lá... aquela reza à tarde, ao fim do dia... lembro-

me desse som lá na casa... era a reza então dela! Eu pensava que era a minha mãe, mas a minha mãe não fazia reza em casa... a única coisa que recebia em casa, era a Sagrada Família, iam lá umas pessoas deixar...

- O que é isso da Sagrada Família?

- Não sabes o que é? (risos)... é uma caixa assim, de vidro, lá dentro tem a Sagrada Família, as figuras... então tu ficas com aquilo uma semana... fica uma semana numa casa, uma semana na outra...

- Para dar uma bênção, para proteger?

- É. Tens de pôr lamparinas, assim à volta... depois vão lá as senhoras... isso lembro-me, levavam aquela Sagrada Família para outra casa...

- E faz o quê, qual é o efeito?

- Não sei, nunca vi nada desse efeito... (risos) ... punham-se lamparinas ali, com azeite...

- E depois rezava-se?

- Nunca vi rezar, mas acho que a minha mãe devia rezar ali sozinha, no quarto...

- Não vos punha a rezar?

- Se calhar punha... mas isso havia de ser Paulo... o Paulo e a Fina, esses deviam rezar... eu não tinha idade, acho, para rezar...

- Tu não te lembras nunca de rezar?

- Em casa não, não me lembro... só aprendi a rezar mais tarde, quando fui para a Catequese com 6 anos, na igreja da Munhuana<sup>51</sup>, ali ao lado.

- Nunca rezavas quando estavas sozinho lá no quarto?

- Não.

- E não vinham pessoas rezar por ti?

- Acho que não, não me lembro disso...

- E nunca te explicaram porque é que ficaste doente?

- Não, nem o médico sabia... fiquei um ano... e nunca souberam, foi por mero acaso que fiquei bom... eles iam experimentando pomadas... estava cheio de pomadas... depois não havia, naquela altura, a tia Camila<sup>52</sup> mandava lá de Lisboa... estavam à procura... pensavam que era uma doença tropical, porque não passava com as pomadas, ia piorando... eu usei não sei quantas pomadas, fui a não sei quantos médicos, mas um monte de médicos... lembro-me do doutor Serôdio<sup>53</sup> chamar outros médicos para me virem ver...

- Iam lá a tua casa?

- Não, ao lado de casa havia uma maternidade, uma casa de saúde privada, que se chamava Santa Isabel, onde a mulher do doutor Serôdio dava consultas pré-natais, fazia partos... e então o Dr. Serôdio para eu não ter de ir à Baixa- o consultório dele era na Baixa- via-me ali... era um prediozinho pequeno, com 3 andares... às vezes ia a casa... estava sempre a mudar de pomadas e aquilo piorava, piorava, piorava... até que lá no meio dos whiskies o meu pai encontrou lá o doutor Maurício Neves, contou-lhe e ele disse: ah, leva lá para eu ver... ninguém ia a uma consulta do Dr. Maurício Neves... ele tinha consultório privado, mas não tinha ninguém... iam lá os estudantes para pedir atestados médicos para o liceu, pagavam 100 escudos... e iam também soldados... ele tratava de doenças venéreas... mais ninguém ia lá...

- Porquê?

---

51 Bairro de alvenaria, de classe média, habitado principalmente por família oriundas de Goa, Damão e Diu, famílias mistas e alguns negros assimilados. Faz fronteira com o subúrbio da Mafalala, estando a casa de Camilo de Sousa encravada entre os dois bairros.

52 Irmã mais velha da mãe de Camilo, Wanda de Sousa.

53 Médico de origem goesa conhecido na cidade de Lourenço Marques por atender no seu consultório privado e ao domicílio também pacientes de classe social baixa e de outras raças que não a branca, o que não era vulgar na época.

- Ah, porque tinha vindo de Goa... ninguém ia a uma consulta de um médico que tinha estudado em Goa... Então lá fomos, ao Dr. Maurício Neves, tinha um consultório na Baixa, no Prédio Fonte Azul... ele viu, mexeu, tirou lá um pouco de crosta e disse: não põe mais pomadas nenhuma, a partir de agora acabou, guarda essas pomadas todas! Durante um tempo pelo menos, depois havemos de ver... mas para já pára com isso tudo! Pronto, a fazer experiências...

- Mas qual era o remédio dele?

- Eram banhos, pôr uma bacia com água tépida, farelo desse que se dava às galinhas e vinagre, uma grande quantidade de vinagre. Tomar banho no corpo todo, mas especialmente nessas partes. Aquilo parecia coisa de curandeiros... cheirava mal para caraças... não podia tomar banho depois daquilo, tinha que ficar com aquele cheiro todo o dia, só tomava outro banho normal à noite, para limpar... diziam que tinha que ficar todo o dia, para aquilo entrar... cheirava como se estivesse na capoeira... cheirava mal para caraças... e eu que não podia com galinhas, com essas coisas...

- Se calhar foi a partir daí, que passaste a não poder...

- Se calhar... porque pronto, fiquei por ali tipo galinha... mas uma semana depois já não tinha aquelas crostas pretas, já não tinha sangue! Depois continuei, aquilo era um mês de tratamento... todos os dias, metiam-me no farelo... mas olha, um mês depois não tinha absolutamente nada! Nem marcas! O Dr. Serôdio quando viu aquilo nem acreditava: mas onde é que estão as marcas? Até hoje, não tenho uma marca sequer de que tive aquela merda!

- Deve ter sido um tratamento lá de Goa!

- Deve ter sido! Ninguém acreditava naquilo, eu só tomava aqueles banhos porque a minha mãe achava que já não havia nada a fazer, mesmo o Dr. Serôdio já estava a desistir, já estavam a pensar pedir para quando viesse algum médico do hospital de medicina tropical de Portugal, pedir que ele fosse lá, para levar amostras e ir ver o que era aquilo ... porque aquelas pomadas, as melhores que havia, que custavam uma fortuna, umas vinham de Portugal que mandava a minha tia Camila, outras a minha tia Noémia<sup>54</sup> mandava de França... para eles aquilo era tropicalíssimo, só os portugueses ou os franceses é que podiam tratar daquilo... e de repente um caneco, que ninguém gostava do gajo, só bebia whisky, resolveu o problema! Mas nem marcas! Uma coisa tão grande, que levou tanto tempo, devia deixar marcas, mas nem uma única marca! É estranhíssimo!

- E tirando o Dr. Serôdio, não vinham outros brancos lá a tua casa?

- Só o “Cobrador da Machimba”<sup>55</sup>! risos

- O “Cobrador da Machimba” era branco?

- O “Cobrador da Machimba” era branco! Pobre, um funcionário do Estado, tinha uma palhota ali na Mafalala, ali perto da Tia Judite. Uma palhota melhorada, feita de caniço mas com cimento por fora. Parecia uma casa de blocos, mas era mentira, era de caniço... (risos) ... em vez de ter matope<sup>56</sup> de reboco, tinha cimento.... para parecer uma casa de alvenaria... (risos)

- Como é que ele se vestia?

- Sempre o vi da mesma maneira, uma camisa de caqui e uma calça, aquilo era farda, umas vezes era calça outras vezes era calção, meias altas, sapato, camisa dessas de farda com bolsos aqui, tipo balalaica e aquele chapéu de colono...

- Um bonezinho com pala assim dura?

- Sim, com o símbolo lá da colónia... e as divisas...

54 Irmã mais nova da mãe de Camilo, Wanda de Sousa

55 Cobrador da merda, na tradução literal do XiRonga para o português.

56 Mistura de terra argilosa e água, que se usava para cobrir as palhotas, numa acção que geralmente se designar por “maticar”.

- E ele vinha lá fazer o quê?
- Vinha cobrar o serviço de remoção de dejectos.
- Como é que era o sistema de dejectos nessa altura, não havia ainda casa de banho com autoclismo, não é?
- Não, fazia-se cocó num balde e eles iam tirar o balde e despejavam...
- Portanto havia uma latrina e lá dentro da latrina havia um balde, era isso?
- Não, não era uma latrina, era um balde só...
- E tu sentavas-te ou ficavas em pé?
- Havia uma coisa de madeira para sentar e o balde ficava lá em baixo...
- E depois abria-se essa coisa de madeira para tirar o balde?
- Não, o balde ficava lá sempre...
- E como é que se tirava para limpar?
- Tinha uma saída por fora, onde o gajo vinha lá , puxava o balde, entornava para o balde dele e voltava a pôr o balde lá.
- Então esse serviço era feitos pelos muchopes...
- Sim, pela Câmara Municipal, à noite, a partir das 8 da noite...
- E tu lembras-te de ver essas pessoas que vinham tirar?
- Sim, então! Via eles a tirarem, via onde ficavam ... à espera que o camião os viesse buscar...
- Ficavam com os baldes de cocó à espera do camião?
- Ficavam com as latas do cocó deles à espera que os viessem buscar...
- Ah, eram latas...
- Sim, entornavam dos baldes para as latas deles... carregavam aquilo, andavam com um pau, uma lata de um lado outra do outro, andavam por ali à noite...
- E usavam máscara, alguma coisa?
- Não, nem luvas! Não usavam nada! A única coisa que usavam era um capote amarelo, desses de chuva, daqueles duros...
- Para aquilo não respingar na roupa?
- Sei lá! Não usavam mais nada...
- Nem lenço no nariz, nem nada?
- Não, não tinham nada, estavam descalços!
- No meio do cocó...
- Ya!
- Nunca conversaste com nenhuma dessas pessoas?
- Lá durante o trabalho não, mas dos tais muchopes que vinham lá a casa, alguns trabalhavam à noite...
- Portanto os tais que viviam no “depósito”...
- Sim
- E ouvias então contar as histórias do outro lado, quando eles estavam lá...
- Sim.
- E o *Cobrador da Machimba*, qual era o trabalho dele?
- Era cobrar esse serviço, mensal... ninguém pagava aquilo, ninguém tinha... (risos)... o gajo o que é que ia fazer? Pronto... diziam : bebe aí alguma coisa e tal... essas casas tinham sempre bebida tradicional... ah, não petisca nada? Frita aí um peixinho, uma *magumba*<sup>57</sup>, frita aí para o cobrador... e pronto, ele ficava por ali...
- Não tinha nome?
- Não sei o nome dele... (risos)... só conheci por *Cobrador da Machimba*... esse nome vem dele mesmo, porque era ele que dizia às pessoas, não foram as pessoas que lhe deram o nome,

---

57 Pequeno peixe muito saboroso mas com muitas espinhas, só usado como alimento pelas famílias muito pobres. No período do pós-independência, nas tentativas de criação de uma indústria alimentar nacional, chegou-se a fazer conserva de magumba com molho de tomate.

ele é que se chamava a si próprio! Batia à porta e dizia: *Cobrador da Machimba!* (Risos) e as pessoas começaram a chamá-lo assim... *Cobrador da Machimba!* Entra! Não tenho dinheiro hoje, mas senta... ele pegava lá num pilão qualquer, sentava com a sua pastinha de couro, abria, tirava de lá aquela coisa de sócio, com aqueles recibos pequeninos : ah, mas já está a dever há muito tempo, deve muito dinheiro... ah, eu sei... mas passa noutro dia, hoje não tenho... então pronto, o gajo não cobrava nada... as pessoas não conseguiam, o gajo ia fazer o quê às pessoas? De vez em quando pagavam, tinha sempre alguém que pagava... aquilo era um serviço que custava 10 escudos, de vez em quando davam-lhe, quando ele chegava no dia em que tinham recebido... ele tinha que saber quem trabalhava nos Caminhos de Ferro, quem trabalhava no Estado, quem trabalhava no Porto, quem trabalhava nas casas comerciais... tinha que ser por ali... já sabia que o dos Caminhos de Ferro paga no dia 15, o Estado no dia 20, então no dia 15 tenho que ir a casa de todos os gajos dos Caminhos de Ferro, no dia 20 a casa dos funcionários do Estado, os comerciantes dia 30 ou dia 01... o gajo já tinha uma ideia e de vez em quando apanhava lá uns dinheiros... mas no fim do ano o gajo nunca tinha conseguido limpar aqueles recibos todos... (risos)

- Mas portanto era um personagem que já fazia parte do vosso quotidiano...

- Estava ali sempre... não falava com ninguém... só falava ronga com aquelas velhotas da casa onde ele ia, bebia, conversava um pouco, ia embora... não havia grandes falas...

- Ele não tinha família?

- Não, vivia sozinho! Era pobre, pobre, com um salário da câmara municipal mas devia ser o salário mais baixo que devia existir e vivia ali, comia a mesma comida, as *nhanganas*<sup>58</sup>, as *matapas*<sup>59</sup>, aquilo tudo, bebia o que lhe davam, *maheu*<sup>60</sup>, caju, estava sempre podre! A partir das 2 da tarde já ia para casa aos tombos, porque ele começava a trabalhar muito cedo, às seis, seis e meia...

## Na Mafalala

### Entre dois mundos

- Então Camilo, no início estás dentro de casa à escuta dos sons que vêm dos dois lados, do bairro e da cidade. Depois temos os diferentes mundos que chegam ao quintal da tua casa pelos personagens que ali passavam. E como é que começa o teu movimento de dentro de casa para o bairro à procura das imagens dos sons que ouvias, como disseste? Ias com a tua mãe?

- Mais raramente com a minha mãe, ia normalmente com a Susana.

- Podes explicar quem era a Susana?

- Era uma pessoa que tinha vindo da Catembe com a minha avó. E era uma daquelas miúdas que foram lá parar à casa da minha avó na Catembe, a família dela vinha lá da África do Sul, o avô dela- o Wamala- era zulu, conhecia a minha avó e pediu-lhe para tomar conta da Susana, para ser educada, no sentido de adquirir uma cultura outra que não aquela. Apesar de manter a sua cultura tradicional, eles consideravam a minha avó uma pessoa ideal para esta transição, receber pessoas que vinham do mato, muitas delas não falavam português... iam para lá e a minha avó falava com elas em ronga mas ao mesmo tempo falava português, era

---

58 *Nhangana* é uma comida do sul de Moçambique feita com folha de feijão cortada , cozida em leite de amendoim.

59 *Matapa* é uma comida do sul de Moçambique feita com folhas de mandioca piladas, cozidas em leite de amendoim e leite de coco.

60 *Maheu* é uma bebida alcoólica tradicional, feita de farinha cozida e deixada fermentar depois. É bastante alimentícia, por isso apreciada sobretudo em ambientes de trabalho pesado.

como se fosse uma aprendizagem quase bilingue, mantinha as tradições daquelas pessoas, que eram as dela também, mas por outro lado conhecia o outro lado da colonização, dava-se com os colonos... então era um processo de assimilação, não no sentido de formal, mas mais de aprendizagem. Não era só a Susana, havia sempre outras, as tias do Calane, a Laurinda, a mãe do Calane, viviam lá na Catembe naquela casa e depois quando a minha avó veio para Maputo elas vieram também, aquelas senhoras eram como irmãs da minha mãe, chamavam-se “manas” até... a Susana era a mais miúda dessas todas...

Ficavam lá e muitas vezes casavam-se lá. Então, quando a minha avó Milidansa foi para Maputo, levou a Susana, nunca deixou a Susana.

- A Susana era mais nova que a tua mãe, que os filhos todos da Milidansa?
- Sim, muito mais nova... e então a minha avó morre e ela fica com a minha mãe até se casar...
- Mas quando vem, a Susana era pequenina de que idade?
- Devia ser muito miúda, quando foi lá para casa da minha avó, devia ter uns 4, 5 anos...
- E nessa altura que a tua avó a trouxe, ela não trabalhava em casa, não ajudava?
- Fazia aquelas pequenas coisas lá de casa, isto, aquilo, um pequeno recado..
- E estudou, nas mesmas escolas dos filhos da tua avó?
- Quando chegou não tinha idade para estudar, mas depois estudou, nas escolas ali do bairro, não muito, mas até à quarta classe, por aí... depois acabou por ficar, casar-se...
- E o casamento dela foi arranjado, ou ela é que escolheu?
- Ela é que escolheu, não houve arranjo nenhum, ninguém conhecia o James. Era um assimilado, um funcionário público dos serviços de veterinária, Manhembana<sup>61</sup>, lá daquela Igreja de Chicunque<sup>62</sup>, de onde ele era e onde ele estudava... depois foi trabalhar para a Veterinária e depois foi subindo lá nas carreiras, era chefe de serviço em Inhambane.
- Então quando tu eras pequenino a Susana vivia lá em casa e tomava conta das tuas irmãs. Ainda estudava, nessa altura?
- Já não me lembro... acho que já não...
- Então, saías com a Susana e ias lá para o bairro...
- Sim, era ela que me levava normalmente quando ia fazer compras .. havia pequenas coisas que se faziam lá daquele lado do bairro, como *mboa*<sup>63</sup>, peixes especiais, por exemplo o caranguejo de Inhambane, porque tinha lá algumas pessoas de Inhambane que recebiam aquele peixe e vendiam... por exemplo o peixe seco... eu ia sempre...sei lá, comprava-se uma coisa que nunca me esqueço mais: peixe macua- chamavam assim, era o nome que se dava- era *magumba* frita à maneira dos macuas, com farinha de mandioca seca e piri-piri em cima, de tal modo que o peixe ficava com uma cor avermelhada... eram os macuas<sup>64</sup> da Mafalala que faziam aquele peixe, ninguém mais em lado nenhum fazia. Então o meu pai gostava de comer aquele peixe ao fim da tarde, era bom como petisco, picante... comiam aquilo para beber vinho, ou cerveja, era um petisco bom... Então eu ia, com a Susana, sentava, ficava a

61 Referência os habitantes da província de Inhambane, no sul de Moçambique, na gíria popular.

62 A "Igreja Metodista Episcopal" estabeleceu-se no Sul de Moçambique, com sede em Cambine (Inhambane) em 1890 e actividades em *Chicunque* ( Fonte: Leila Leite Hernandez, 'A África na sala de aula'). E, 1913 iniciou-se a construção do hospital rural de *Chicunque* quando um missionário Dr. Charles John Stauffacher, fundou “*Chicunque Mission Station.*” Chicunque passou então a ser conhecida pelo seu hospital rural e pela escola da missão, uma das poucas alternativas de escolarização “ indígena” que existia naquela região de Inhambane. O hospital permaneceu como uma missão Metodista até 1975 quando foi nacionalizado e passado para o Governo de Moçambique.

63 *Mboa* é uma comida do sul de Moçambique feita com folhas de abóbora, cozidas em leite de amendoim e leite de coco.

64 O povo Macua, espalhado pelas províncias do Norte de Moçambique, é a mais numerosa etnia moçambicana e , ao mesmo tempo, um dos menos estudados e conhecidos. A sua cuja religião é um misto de monoteísmo islâmico e animismo, sendo uma sociedade fortemente matriarcal. ( Fonte: Francisco Lerma Martins, *O Povo Macua e a Sua Cultura*, Maputo, editora Paulinas)

ouvir eles falarem... e a ver como se fazia esse peixe macua, porque aquilo era feito ali no momento...e via as outras coisas...

- Como é que se fazia o peixe macua?

- Passavam o peixe naquela mandioca que estava ali a secar, depois fritavam, naquele óleo vermelho, que ficava ali semanas a fritar... devia levar temperos também, mas era fundamentalmente piri-piri e colorau... e farinha de mandioca, dura, grande, sentia-se porque não era muito peneirada... então era assim, quando chegava alguém ao fim da tarde, eh pá vamos beber um vinho ou uma cerveja... ah, vamos buscar um peixe macua... então pronto, ia-se buscar ali, aquilo não custava quase nada... passávamos na cantina para comprar a cerveja ou um vinho... que era no China... tás a ver, entrava até lá ao China e depois ia por ali fora... os macuas eram lá mais para o fundo ainda... onde estão hoje, onde é a mesquita. E fui conhecendo por ali aquelas pessoas. Por exemplo quando era preciso matar um animal em casa... sei lá, um cabrito que vinha da Catembe ou umas galinhas, então íamos lá para o interior da Mafalala e tinha lá um senhor cuja profissão era matar animais. E depois ele fazia a reza e tal... os animais eram mortos ali, quer as pessoas fossem católicas ou muçulmanas: é ele que sabe matar os animais. Então ele chegava lá, matava e ficava com as tripas e a cabeça do animal, quando eram cabritos... ficava sempre com alguma coisa... a cabeça das galinhas e as patas... sei lá, aquelas coisas que as pessoas não queriam.

- E depois, ele vendia essas coisas?

- Depois ele punha o gajo do burro a vender.

- O gajo do burro era empregado dele?

- Não, ele passava aquilo para o gajo do burro vender... o gajo do burro era mais no matadouro que ia buscar tripas e cabeça de vaca e vinha vender na Mafalala. Então ele juntava as tripas de cabrito, porque havia pessoas que gostavam, então vendia também as tripas do sr. Mody.

- O sr. Mody era o matador?

- Não, o senhor Mody era o dono do talho, o matador era o irmão dele, o sr. Botswini... podia vir também a casa, nos dias de festas, no Natal, nas vésperas do Natal lá ia então ele a casa, matar o cabrito, as galinhas, várias galinhas que eram feitas de várias maneiras... então o gajo chegava lá e tratava daquilo tudo, trazia lá o Ajudante, depenava, ficava lá umas horas a tratar daquilo tudo.

- O pagamento era só as tripas?

- Não, dava-se alguma coisa, porque era normalmente nas festas... mas era assim, mas toda a gente chamava o gajo e toda a gente dizia que queria lá a oração muçulmana... mas ninguém era muçulmano ali, só os macuas, os mauricianos, os comorianos, esse aí sim... mas toda a gente ia lá... sr. Mody, sr. Mody e tal... o sr. Mody e o sr. Botswini... eram parecidos até... viviam ali na Mafalala, na mesma casa e tudo...

- Mas eram também comorianos ou mauricianos?

- Não, eram moçambicanos... mas deviam ter alguma mistura lá para trás, porque eram cafusos assim, não se sabia muito bem o que é que eram... tinham um toque de pretos indianos, ou pretos muçulmanos...mas o interessante é que eles andavam a rezar lá por aquelas casas todas, de famílias que nem eram muçulmanas, mas todos queriam que eles fizessem lá aquelas rezas e tal... o sr. Botswini punha lá o lenço dele, por cima do cofió, tinha umas facas todas especiais...

- E como é que vocês distinguiam os comorianos dos mauricianos?

- Conhecíamos as famílias... e eles eram diferentes, os comorianos eram assim mais básicos e a maior parte eram muçulmanos ... viviam ali no *Mfundissa*<sup>65</sup> ... o Ahmad Ali, por exemplo, nasceu ali, a casa dos pais dele era mesmo em frente ao Mfundissa... os mauricianos já eram

---

65 Professor, em língua xiRonga.



mais não, andavam ali pelos bares, falavam francês... eu conhecia algumas famílias... estou a tentar lembrar-me de uma família que eu conhecia... ah, os Pointvin! O pai era um Pointvin, baixinho, vestia-se mesmo àquela maneira francesa, com um chapéu de aba larga, todo de branco, sempre, comportava-se como um francês... a mulher deles era uma grande amiga da minha mãe, a D. Maria Amélia ... esses moravam primeiro na Mafalala e depois mudaram-se para ao lado da escola Rainha D. Leonor, construíram uma casa ao lado mesmo da escola, uma casa de madeira assim alta, com uma varanda grande, tipo palafita...

Uma outra língua que se ouvia muito falar ali no bairro era o Fanakalô<sup>66</sup>, porque havia pessoas que vinham da África do Sul, da Swazilândia... como aquilo era assim um bairro muito cosmopolita, passavam lá, a caminho do Espada ou andando ali pelos bares... o som é diferentes de todas as outras línguas, é uma mistura...

- E como é que era viver no meio dessas línguas todas? Vocês faziam um esforço para entender ou entendiam mesmo sem falar a língua?

- A gente ia entendendo, mais ou menos ... toda a gente ali falava ronga e português.. macuas ou não... quando estavam entre eles falavam as suas línguas, mas todos falavam ronga e português...

- Então eu andava ali por aquele mundo, mas nessas coisas de ir com a Susana ou com outro empregado lá da casa, comprar isto ou aquilo... comprar *mboa*, ou *tseke*<sup>67</sup>, que vendiam ali na rua, conversava com aquelas senhoras que ficavam ali a vender...

- Sempre que alguém saía para o bairro tu aproveitavas para ir?

- Eu ia! Sei lá, lembro-me de ir com a Susana a um indiano que tinha uma loja já formal... mas daqueles assim muito sujos, tinha um carro de madeira! Ele é que construiu o carro, todo de madeira, comprou um motor na Índia, construiu uma carroçaria... tudo de madeira. Um carro de caixa aberta, uma carrinha, mas grandinha. Tinha um banco de madeira, ele punha uma almofadinha lá e andava com aquilo, na cidade e tudo.

- Mas a caixa do motor, também de madeira?

- Tudo de madeira. Só o motor é que era comprado. Era um desses lá da Índia, devia ser Bedford ou qualquer coisa assim...

- Mas não ardia a madeira, com o calor do motor?

- Não, aquilo estava separado, era uma coisa bem feita, era uma carrinha bem grandinha, desse tipo das *Canter*... e andava com aquilo, nos domingos ia passar com a família naquilo... não me lembro do nome dele, só me lembro da alcunha, Malibolile... Mali- bolile, que é dinheiro-podre... o gajo tinha maningue dinheiro, mas não usava banco, não usava nada dessas coisas! Ele tinha uma cantina, mais para perto da Munhuana, onde vendia hortaliças- ia com o carro dele buscar na baixa, na chegada dos barcos da Catembe, trazia também do cais peixe para vir vender... depois tinha coisas normais de mercearia, sal , açúcar , fósforos, petróleo de iluminação, capulanas... a família dele trabalhava na loja, vendiam tudo. O dinheiro que ele ganhava não ia para o banco, ele punha em latas e enterrava e as notas ficavam podres, desfaziam-se. As pessoas recusavam aquelas notas, diziam Mali y Bolile- o dinheiro está podre- e exigiam moedas. Então primeiro a loja ficou a chamar-se assim, depois aquela zona toda ficou a chamar-se Malibolile. Bastava dizer Malibolile e toda agente sabia onde era!

Então eu fui conhecendo esses personagens, andava por ali... e como vínhamos lá da casa grande já sabes como é que era, toda a gente parava para falar com a Suzana e saber

66 Língua crioula de África do Sul, usada para contacto entre negros em brancos Africânderes.

67 Planta herbácea, da família das Amarantáceas, de caule duro, muito ramosa, com espinhos compridos nas axilas das folhas, de que se aproveitam os rebentos e as folhas para a alimentação. ( Fonte: Dicionário infopédia da Língua Portuguesa).

novidades e tal... e ficávamos ali pelo caminho, ela ia ficando e eu ia ficando a ouvir... e gostava de ficar ali a ouvir.

A minha mãe ia poucas vezes para ali, mas quando ela ia, uma vez ou outra, que tinha acontecido qualquer coisa, tinha morrido alguém, aquilo parava tudo... eh, Dona Vanda está aqui! Ficavam lá, vinham lá, ela tinha que estar a cumprimentar aquela gente toda até chegar lá onde queria ir... então ela não ia muito por ali, só quando havia festas ou falecimentos é que ela saía por ali...

Nesses dias de festas, muitas vezes íamos a casa dos “toda a gente”, esses Albasinis<sup>68</sup> mais pobres, que tinham uma casa de madeira e zinco, mas pura madeira e zinco, não tinha forro, não tinha nada, dormia zinco com pessoa! Era muito interessante a casa, era assim uma sala e um quarto. Vivia lá uma porrada de gente! Vivia o Chico Albasini e a mulher- a prima Elisa. Depois tinha as irmãs da mulher, eram duas. Depois os filhos delas todas, que eram um monte deles. O Bikisa, o Luquinho, depois as meninas, havia uma que era casada com um campeão de atletismo de Portugal, que vivia em Nampula... era do grupo do Daniel Firmino e desses... aí íamos, mas eram festas!!!

Aquilo era uma casa, não tinha vedação, tinha um quintal para trás da casa, mas a parte da frente não tinha vedação nenhuma. Então punha-se umas cadeiras na parte da frente e sofás- tirava-se é evidente a mobília da casa- porque era muito calor lá dentro, então sentava-se aqui fora...

- Tinha o quê lá fora, um alpendre, um quintal, uma varanda, de cimento?

- Sim, um pequeno espaço... mas não tinha cimento, não tinha nada, era de terra batida... lá dentro da casa era terra batida também... então tirava-se as cadeiras cá para fora e quem passava via, porque aquilo era na rua mesmo, mas não incomodava ninguém... então ficavam ali, punha-se uma mesa, comidas... lá por trás fazia-se as comidas... mas eram festas que duravam desde manhã até as 10 horas da noite... 10 era a hora que a minha mãe saía, os outros ficavam ali até ao dia seguinte, por causa das guitarradas, não sei quantos, ali juntavam-se os grandes tocadores de viola, o João Domingos, esses todos, porque o Chico Albasini era um graaannnde tocador de viola. Era um dedilhador. Diziam que ele tinha aprendido num barco espanhol... ele tinha sido embarcado, tinha estado na Espanha e cantava tudo quanto era música espanhola. Tudo o que eram clássicos espanhóis, os tangos, tocava e cantava... e era o craque do dedilhado, dedilhava que não era brincadeira... os filhos todos aprenderam a tocar com ele. Mas ele não tinha conjunto, não tinha nada, só tocava ao fim de semana para animar o pessoal.

- Que festas eram, de aniversário?

- De aniversário, casamento, baptizado.. tudo o que desse para fazer festa, fazia-se!

- E porque é que chamavam “Os Toda a Gente”?

- Porque aquelas três irmãs não sabiam falar muito bem português e vem de uma daquelas cenas, um dia a minha mãe chegou e elas queriam dar um toque do seu bom português e disseram: - chegou os Toda a Gente! Então já sabes como é que são aquelas coisas, inventam logo ali uma alcunha! E passaram a ser “Os Toda a Gente”, que eram uns personagens. Lembro-me de uma daquelas irmãs, que tinha uma perna coxa e bebia aquelas *bazukas*<sup>69</sup> de 1 litro de cerveja... só bebia cerveja preta. E diziam que ela tinha ficado assim “empenada” por carregar cerveja, sempre com um saco com cerveja com ela... e eu acho que ela não era vendedora de cerveja! Era para beber ou ... se calhar tinha um negócio, mas o que é certo é

---

68 José Francisco Albasini, também conhecido como O Bandana, foi um jornalista e escritor moçambicano. Juntamente com seu irmão João dos Santos *Albasini* e o amigo Estácio Bernardo Dias (1877-1937), fundou o Grémio Africano de Lourenço Marques e dirigiu os jornais *O Africano* (1908-1918) e *O Brado Africano*, consideradas as primeiras publicações com características nacionalistas em Moçambique.

69 Garrafas de cerveja de litro ou litro e meio, que pelo seu formato faziam lembrar “bazuka”, arma de fabrico soviético que ficara famosa durante a guerra de libertação nacional.

que ela andava sempre com cerveja e sempre grossa. Então era amiga ali da minha mãe... eram, aquelas três mulheres ... porra! A minha mãe chegava lá e aquilo era uma loucura! Elas e o primo Chico Albasini ... elas só tinham que estar ali a cozinhar e atender a minha mãe todo o tempo. E o primo Chico, gostava muito da minha mãe, era um apaixonado, tocava para ela aquelas serenatas...

- Fazia parte dos que queriam casar com ela e ela recusou?

- Não sei se fazia parte do grupo, duvido... porque o gajo era ... lavava os dentes com *mulala*<sup>70</sup>... não acredito que se candidatasse... mas o gajo tocava ali... tocava fado de uma maneira...

- Então ele ficava a tocar para a tua mãe?

- Só para ela! Ele punha: uma mesinha assim e um sofá para a minha mãe e uma cadeira para ele. Depois tinha outras pessoas ali, mas aquilo era: uma garrafa de Martini, que ele punha em cima daquela mesinha para a minha mãe. A cerveja ou o vinho dele. Mais nada. O resto não existia. Então ficava ali, lá vinham trazer as chamuças, as *badjias*<sup>71</sup>, serviam ali, depois serviam os outros lá...

- Então nessa mesa ficava a tua mãe e tu, só?

- E o Chico Albasini.

- E os teus irmãos?

- Não, nem pensar, estavam lá no quintal a brincar, lá atrás...

- E porque é que tu tinhas lugar lá nessa mesa?

- Porque a minha mãe levava-me assim... e também os outros eram mais velhos, os Bikisas...

- Não tinham irmãos ou primos da tua idade?

- Ah, esses assim já mais novos? Não, não me dava... acho que não funcionava, aquilo... mas aquela casa era muito interessante, era uma família ultra-feliz! Ultra-feliz, sempre contentes, era um gosto ir a casa deles! Com aquela pobreza, mas era um gosto estar ali com eles, ouvir contar aquelas histórias dos Caminhos de Ferro, da Espanha, de quando ele era embarcado, dos gajos com quem trabalhava nos Caminhos de Ferro... era um gajo muito, muito interessante!

- E do que é que te lembras mais dessas idas lá para dentro da Mafalala?

- Da loja do Keu, que era o Chinês, era bar, era mercearia, vendia peixe, brinquedos, paixões<sup>72</sup>... aquilo que se vende numa loja de chinas. Ia lá durante o dia, comprar essas coisas... um quarto de quilo de arroz! O chinês era o único que vendia. Na esquina havia uma mercearia fina, o Herdeiro, com tudo o que vinha de Portugal, os bacalhaus, os queijos da serra... mas não vendia a retalho-retalhinho<sup>73</sup>... então quando era isso, era no Keu... vai lá comprar um quarto de quilo de açúcar... tinha até uns cartuxos próprios com essa medidas... vai comprar um quarto de litro de vinho.. aquele vinho que vinha lá de Portugal, aquele *vinho para o preto*<sup>74</sup>... e ali também era bar, no mesmo balcão onde compravas pão, podias beber... antes bebiam todos ali naquele balcão corrido, qualquer pessoa ia lá e pedia um copo de

---

70 A *mulala* é uma raiz da planta *Euclea natalensis*, que já foi muito usada em Moçambique para a limpeza dos dentes. Não é muito comum nas cidades e já vem perdendo presença nas zonas suburbanas, mas ainda é proeminente nas zonas rurais. ( Fonte: <https://www.mmo.co.mz> ) Deixa as gengivas e os lábios de um laranja acobreado.

71 Pastéis de farinha de grão ou feijão nativo moído, típicos da Índia, muito populares em Moçambique.

72 Pequenos foguetes de fabrico chinês, muito usadas nos festejos do final de ano.

73 Pequenas porções de qualquer produto, vendidas nas cantinas.

74 Ver livro homónimo de José Capela em [www.africanos.eu/ceaup/uploads/EB018.pdf](http://www.africanos.eu/ceaup/uploads/EB018.pdf)

O VINHO PARA O PRETO. NOTAS E TEXTOS SOBRE A EXPORTAÇÃO DO VINHO PARA ÁFRICA. Autor: José Capela. Editor: Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto. Coleção: e-books. Edição: 1.ª (Dez/2009). ISBN: 978-989-8156-20-4.

vinho, desde o varredor de rua até aos *bebedores da casa*<sup>75</sup>... depois é que ele construiu um “reservado”, uma parte ao lado para os *bebedores da casa*... o tio Ernesto Bruheim, o Luís e o João Albasini e entre eles o meu pai... ele tinha uma grande relação com o bairro, mas sempre através dos copos.

- E como era quando tu e o teu pai se encontravam ali no bar do China?

- Não era nada, eu comprava as coisas que tinha ido comprar e ia embora...

- Não se falavam?

- Não, ele estava lá com os amigos dele... ele estava sempre no mundo dele, a gente mal o via, só à hora do almoço, toda a gente nessa altura almoçava em casa. Eu nunca conversei com ele, na vida.

Entre os meus pais havia um conflito permanente, porque o meu pai era um vagabundo, saía do emprego na baixa, andava uns passos e ia para rua Araújo, ficava por lá a tomar copos. Depois subia para a Mafalala, mas antes de ir para casa passava sempre a tomar um último vinho ali pelo bairro, mas muitas vezes ficavam ali até o sol nascer ... e de manhã cedo tinha de voltar para o emprego, porque quando estava na cidade tinha horário de entrada e saída do escritório da companhia.

## Na Cidade

### As primeiras lições de Geografia Colonial

- E quando é que começaste a ir para o outro lado da cidade?

- Tínhamos contacto permanente com esse outro lado desde sempre, porque o outro lado da casa dava a cidade... a loja onde fazíamos compras era mesmo em frente a casa e era já dentro da cidade de cimento, separada apenas por uma rua que nós atravessávamos todos os dias. Desde cedo percebi que se saísse pela porta da frente da casa, ia para o lado dos brancos, se saísse pela porta de trás ia para o lado dos mestiços e negros. Desde muito cedo eu sabia que de um lado estava uma cidade branca, onde os não-brancos só podiam ficar em determinados sítios, ou apenas iam trabalhar, para depois vir dormir no bairro onde eu morava ou nos outros bairros, iguais àquele onde eu vivia. Isso estava muito claro na cabeça desde muito pequeno. E também , fui percebendo que na verdade a mistura que vivíamos no nosso bairro não se fazia no resto da cidade, que havia todo um mundo onde não se juntavam brancos e pretos.... e aí comecei a ver que eu vivia entre esses dois mundos, uma cidade de cimento branca e um bairro mestiço- a Mafalala- uma coisa bem misturada. Portanto, essa sensação de estar na fronteira, acompanha-me desde pequenino.

- Podes descrever um pouco como foste percebendo essa geografia racial da cidade de cimento?

- Quando ia com a minha mãe ao Mercado Central, na Baixa, não íamos em linha recta para o Mercado, andávamos às voltas, para passear, para ver aquilo tudo, íamos passando por vários lugares: pela Eduardo Mondlane onde praticamente só viviam brancos, eram muito poucos negros assimilados que viviam ali... na Munhuana viviam brancos, canecos.. mas não negros, podia haver um ou outro e depois por altura da Casa Fabião começávamos a descer e a partir daí até à baixa e até à Karl Marx, era a zona canecos e Indianos... via-se pelas pessoas que estavam lá, como se vestiam, as forma como as casas tinham sido construídas algumas de madeira e zinco e outras já de alvenaria, uma arquitectura completamente diferente do resto da cidade, não havia prédios- ou se havia eram prédios baixos- mas todas com coisas muito do tipo dos goeses ou indianos, com espanta-espíritos ou folhas de mangueira penduradas nas

---

75 Clientes diários, que pela frequência e o prestígio que emprestavam ao estabelecimento comercial passavam a ser considerados “ da casa”, com direito a um espaço reservado.

portas, as pessoas que ficavam na varanda usavam saris... e depois tinha os cheiros dessas ruas, cheiravam todas a temperos, a caril, a chacutí<sup>76</sup>... era um mundo completamente diferente... viam-se fogareiros na varanda.. e depois era gente que falava entre vizinhos, ficavam a falar de varanda para varanda, era quase como se fosse um gueto, como se fosse um bairro – era na verdade- aparte daquela cidade toda... da casa Fabião até à Fernão de Magalhães, mais ou menos até ao mercado na baixa e até à Karl Marx, era tudo de indianos... não viviam negros, nem mulatos, nem brancos, naquela zona...

- E a tua mãe tinha amigas, conhecia pessoas ali?

- Não, mas cumprimentavam-se sempre... não sei se eram amigas, mas conheciam-se, cumprimentavam-se... se calhar por serem parecidas... (risos)

- A Baixa, como era, nessa altura?

- Na Baixa da cidade, só viviam brancos... e via todo aquele lado branco da cidade, que não tinha só zonas de habitação, mas tinha também aqueles escritórios todos, as grandes lojas chiques e tal... e que era fundamentalmente uma cidade branca, onde só entravam brancos, os negros que entravam ali era só para trabalhar... e eram esses mesmos negros que à noite regressavam ao bairro e que de manhã cedo saíam para trabalhar... no Porto... o mercado era próximo da estação dos Caminhos de Ferro e do Porto, então via ali os estivadores, que faziam grandes filas para encontrar emprego à jorna... e a partir daí fui percebendo também que, na própria baixa onde havia todo esse lado dos brancos, havia indianos com suas lojas de temperos e roupa de baixa qualidade e as lojas de chineses que vendiam quinquilharia e coisas usadas... eram todas seguidas, ao lado e por detrás do mercado, essas lojas, onde tudo era mais barato, era tudo de baixa qualidade, mas era tudo muito mais barato... era ali que a gente também comprava a nossa roupa, porque era mais barato...

- E onde é que ias mais?

- Na Mafalala passeava, o bairro todo, ali não havia qualquer problema... mas não ia muito longe ia ali até à Quinta Mariana e voltava... depois aos domingos ia com a minha mãe ao mercado do Xipamanine... pronto, ali era um outro mundo, havia muito poucos brancos, só aqueles tipo turista que vai lá ver o mercado de domingo... sobretudo a zona dos feitiços... era tudo diferente... pronto, havia umas bancas de cimento, aquelas do camarão... uma fila só de bancas de pedra... não sei porque é que os brancos tinham a mania que no domingo no Xipamanine se comprava bom camarão... iam lá, só para comprar camarão... mas o resto eram caixotes que as pessoas punham, umas filas assim... e pronto ali havia outras coisas... normalmente quando íamos lá era para comprar aquelas galinhas de casa, de penas com cores... para fazer caril de amendoim, ou chacutí... para comprar coisas que no outro mercado não apareciam, *nhangana*, folhas de abóbora, para fazer essas comidas moçambicanas... temperos, aquilo era uma loucura... tinha um monhé onde ela ia sempre, pilava o caril lá... era assim, não se comprava caril em pó, tu escolhias aquela coisa amarela, aquela coisa forte do caril, que dá aquele sabor forte... escolhias aquilo, misturavas com o açafão e o gajo ficava lá a pilar... não vinha já aquilo tudo feito... os coentros também eram pilados... às vezes comprávamos aqueles caranguejos azuis, para fazer caril, no outro mercado não vendiam... eram coisas muito específicas... lulas... algum peixe, esses peixinhos que não vendiam no mercado central, peixe seco e camarão para fazer caril de amendoim... a minha mãe adorava caril de amendoim de camarão seco... mas aquele camarão que voa...

- Aquele que não pesa?

- Sim, não pesa... era esse que ela gostava... eu nunca mais apanhei aquele brilhante... aquilo era uma coisa do caraças... comprava também mandioca, *timbawene*<sup>77</sup>, batata doce...

76 Prato típico de Goa, feito com coco e temperos torrados na chapa e moídos na pedra, que foi integrado na culinária moçambicana.

77 Pequeno feijão castanho com um olho preto, nativo de Moçambique, a que os portugueses deram o nome de “feijão cafreal”.

- E Dhal<sup>78</sup>?
- Dhal era lá na baixa, nos Semás<sup>79</sup> ...
- Feijão?
- Não, isso comprava na mercearia...
- Ela fazia chacutí, sarapatel<sup>80</sup>?
- Não, ela dizia que isso dava muito trabalho... quando era para comer isso, ia-se ao Farol Azul buscar... uma dose de chacutí dava para todos... cada um comia uma colher... uma ou duas doses e já estava... com arroz, serviam um monte de arroz! E peixe recheado, era outra coisa que ela não fazia.. dizia , compra... peixe recheado também era lá no *Farol Azul*... e na verdade, eram fenomenais esses peixes...

## No Mundo de Omar

### O Nome do Pai

- E onde é que ias mais com a tua mãe?
- Quando havia festas de aniversário, ou do Ide, ia a Micajuíne<sup>81</sup> ...
- Onde vivia a família do teu pai...
- Sim, ali vivia a minha avó Zainabu e a minha tia Katija, irmã do meu pai...
- Era diferente da Mafalala?
- Era, no sentido em que não tinha a diversidade cultural e étnica que tinha a Mafalala... tinha alguns negros, poucos, fundamentalmente assimilados, mas poucos, os outros estavam no bairro indígena... eram fundamentalmente mulatos de origem muçulmana...
- Portanto toda a família do teu pai era muçulmana...
- Sim, eram descendentes de pessoas do Paquistão e Arábia Saudita, mas os meus avós já tinham nascido aqui. O meu pai foi o único que rejeitou a religião muçulmana desde cedo, por isso toda a família tem algumas posses e ele não tinha nada. Foi expulso pelo pai dele por não aceitar a religião e quando o pai dele morreu- eu soube pelos meus tios- ele não foi lá, nem foi ao funeral. Dizia que os muçulmanos eram atrasados mentais, aquelas coisas, ele era fundamentalista no sentido de rejeitar completamente os islâmicos. Mas da maneira mais violenta, eu lembro-me que os irmãos- que eram muçulmanos que iam à mesquita, mas depois faziam qualquer outra coisas e estavam sempre a chatear o meu pai por ele não ir à mesquita e rejeitar a religião - iam lá a casa nas festas católicas, pela Páscoa e pelo Natal. E o meu pai dizia: mas vocês vêm aqui fazer o quê, isso diz-vos alguma coisa? Ficavam ali numa discussão. Então o meu pai fazia o seguinte: ia mandar assar o leitão do Natal no Cassimatis e punha no centro da mesa. Depois, na geleira, tinha sempre bebidas e as pessoas na altura bebiam muito whisky com soda. Então ele punha fiambre na geleira, entre as latas de soda ou as garrafas de cerveja e cada vez que um dos irmãos dele, muçulmanos-não deviam beber álcool mas sempre bebiam- queria beber alguma coisa, ele dizia: tem ali na geleira. Então para tirarem tinham que mexer nos fiambres, nos chouriços... (risos)... e com o leitão ali em cima da mesa. E depois acabavam até por comer leitão, depois de uns bons copos, já ia leitão também.

Mais tarde, ele fez ainda uma coisa mais grave, que foi converter-se à religião católica.

---

78 O termo dal faz referência a um tipo de prato da culinária indiana, feito à base de cereais, geralmente lentilha ou grão partido, que se cozinha com açafrão, coentro, cominhos, cardamomo, cravinho e pimenta do reino.

79 Mercearia Semá, conhecida pela venda de temperos e grãos diversos de origem indiana e nativa.

80 Pratos típicos de Goa que foram integrados na culinária moçambicana.

81 Bairro suburbano entre a Mafalala e o Xipamanine, onde residiam maioritariamente famílias de poucos recursos de origem muçulmana, como era o caso da família do pai de Camilo.

Eu lembro-me que todos os domingos às 5 horas da tarde, ia um padre holandês, o padre Pedro, a nossa casa, com uma garrafa de whisky e charutos. Sentava com o meu pai e ficavam a conversar sobre religião. Gritavam até não poder mais. Isto levou anos e anos. Aquele padre, àquela hora, todos os domingos chegava lá, bebiam whisky e já à noite lá íamos nós- aquilo para nós era uma grande brincadeira- levar o padre Pedro de volta à casa dele ali na Igreja da Munhuana, porque ele já não conseguia chegar a casa. Ele chegava lá já completamente podre. Mas era impressionante, não falhava um único domingo, até dava umas crises, porque é que ele vai sempre ali e não vai às outras casas, porque ele era um padre com uma alma muito boa, as pessoas gostavam muito dele isto levou anos e anos, ele começou a ir lá quando eu tinha uns 8 anos e os meus pais casaram-se pela igreja, eu já devia ter 15, 16 anos.

- E depois de os teus pais se casarem o padre Pedro continuou a ir lá?

- No dia em que ele se casou foi uma grande festa para a Igreja, o padre Pedro foi lá para casa, foi uma grande festa, lá tivemos que carregar o Padre Pedro para casa lá na Igreja... mas depois disso, nunca mais foi lá a casa. Ele disse: eu já cumpri com o meu dever. Ele era uma pessoa muito interessante, acabou sendo expulso daqui pela própria igreja, porque disseram que ele desviava dinheiro da Igreja para dar aos pobres e que não podia fazer isso. Mandaram-no embora para o Alentejo.

Então quando se casou com a minha mãe, que era católica, o meu pai foi mesmo retirado da comunidade, a comunidade expulsou-o. Enquanto todos os irmãos dele receberam sempre dinheiro da comunidade, para montar os seus negócios, ele foi sempre empregado de alguém.

- O que é que ele fazia, como trabalho?

- Era caixeiro viajante, trabalhava para uma empresa, vendia capulanas, primeiro só capulanas. Às vezes ia de carro, saía de Lourenço Marques e viajava primeiro para o Sul, começava na Ponta do Ouro, Catuane, pelo interior e ia batendo aquelas lojas todas, sempre a subir, até ao Norte, até Kionga<sup>82</sup>, que é o ponto mais a Norte da então província de Moçambique.. Na altura as cantinas compravam produtos agrícolas aos camponeses e vendiam sal, açúcar, fósforos, aquilo que os camponeses não produziam. Então andava de cantina em cantina, ia a todas as cantinas que existiam em Moçambique, a vender capulanas. Levava uns 3 meses, de localidade em localidade. Não vendia as capulanas directamente, levava umas pastas de cartão, com as amostras de capulanas coladas em cartolina fina, mostrava os padrões que havia e depois fazia a requisição para aquela cantina aquela loja. Outras vezes ia de navio, nos navios de cabotagem e levava umas malas assim grandes de porão, um monte de malas de viagem daquelas de cabedal duro, que se usavam naquele tempo, e aí já eram para deixar com os comerciantes da Costa, que eram os grandes receptores da comercialização, para eles porem logo à venda enquanto chegava a remessa que tinham encomendado. Aí ele já não precisava de ir para o interior porque esses comerciantes tinham cantinas no interior onde faziam os seus negócios, principalmente a comercialização das castanha do caju, da copa, do sisal, algodão, que depois exportavam pela costa. Essas viagens demoravam também uns 3 meses. Normalmente no regresso quando passava de novo naqueles portos já estavam lá as capulanas encomendadas. Depois vinha a descer, para Maputo, supostamente devia vir directo... as capulanas já tinham ido. Mas quando chegava à Beira... a Beira era uma cidade terrível, tinha uma coisa que eu ainda me lembro de ouvir contar, que era o *Moulin Rouge*<sup>83</sup>, então tinha lá prostitutas espanholas, portuguesas e jogava-se. Então praticamente todo o dinheiro que ele tinha ganho nesses 3 meses de trabalho, gastava ali. Era isso que eu conhecia dele, ele chegava, sempre sem dinheiro, ficava um tempo para controlar os envios, se aquilo tinha chegado, os pagamentos, as encomendas aos

82 Ponto geograficamente mais a Norte de Moçambique, junto à fronteira com a Tanzania.

83 Cabaret da cidade da Beira, famoso pelas prostitutas de origem europeias que lá trabalhavam.

fornecedores... fazia também o comércio todo da região de Maputo, Belavista, Catuane. Depois iniciava uma outra viagem.

## **2. O Observador em Movimento Um Imaginário Sem Fronteiras**

A partir dos 7 anos comecei a ir com a minha mãe a sessões de cinema para crianças, que havia aos domingos de manhã em dois cinemas já bem velhos, o Varieté e o Scala.

- Como era para ti ver filmes nessa idade?
- O que me importava era aquele fantástico da imagem, das corridas de cavalos, as lutas a cavalo e os actores, aquilo era tudo um mundo fantástico para mim.
- Mas ainda não sabias ler nessa altura, não lias as legendas...
- Então, já sabia ler nessa idade, aos 5 ou 6 anos já sabia ler, aprendi a ler em casa com a minha mãe. Quando via os filmes aos 7 anos, lia, completamente as legendas. Depois a minha mãe também ensinava a entender a história, ela ia comigo, nessa altura as pessoas iam muito ver esses filmes bíblicos, mesmo as pessoas mais velhas, aquelas senhoras de capulana. Havia um sítio no cinema Varieté que se chamava a galeria, parecia um nome muito pomposo, mas era lá em cima, depois do balcão, chamávamos o galinheiro, era onde punham essas senhoras negras, de capulana, no ponto mais alto do cinema, via-se muito mal, mas elas iam sempre.
- E tu e a tua mãe ficam também lá no galinheiro?
- Não, ficávamos cá em baixo.
- Onde ficavam os brancos também?
- Sim, na altura era assim ali no cinema Varieté iam poucos brancos. Então era assim, eu ia com a minha mãe e essas velhotas também iam, elas adoravam esses filmes como o Êxodos, Moisés, Spartacus principalmente era um êxito.
- Como era assim para uma pessoa de um lugar tão distante, que não tinha nada a ver com essa cultura, como era ver essas coisas de um outro mundo, era assim como uma realidade paralela, como era isso na tua cabeça?
- Não me lembro muito bem, mas acho que naquela altura era só o fantástico, não relacionava nada com nada, a não ser as coisas que nós víamos e ouvíamos falar na catequese, onde também víamos esses filmes bíblicos.

Depois passou a ser um hábito, todos os domingos de manhã saía de casa e ia lá para a sala de cinema, a pé. Aí já ia sozinho.

- E não tinhas medo de andar sozinho pela cidade, ou de te perder?
- Não, na altura era assim, andávamos a pé, eu ia sempre com a minha mãe ao mercado várias vezes por semana, comprar verduras, peixe, essas coisas e o cinema ficava ao lado do mercado, eu já sabia o caminho. Com uns 8 anos já ia sozinho. Aos sábados de manhã às vezes ia mais cedo, para ir a Minerva, na Baixa, onde o meu tio Nuno era artista gráfico e litografo. Eu adorava ir ali ver o trabalho dele. Subia as escadas de madeira para o primeiro andar e ficava a ver o que ele fazia. Vi-o fazer uma emulsão, em vidro, porque na altura a película era muito cara, então para cada foto que ele tirava, era uma placa de vidro com a emulsão feita pelas mãos dele. Cada vez que eu ia, ele dava-me uns trocos para eu comprar um gúri<sup>84</sup>. Foi assim que comecei a entrar na livraria, a partir da parte gráfica da Minerva. Era também o meu tio Nuno que financiava as minhas idas ao cinema. Os bilhetes eram muito baratos, para essas matinés, então ia ver tudo e quando não havia outro filme via o mesmo. Depois tinha os filmes da catequese, não eram só filmes religiosos, mas sobre a vida noutras

---

84 Série de revistas popular em quadradinhos para crianças, com grande circulação nessa época.



idades, tinha filmes sobre a igreja em Portugal, na Holanda, em Inglaterra e assim íamos conhecendo um pouco dos outros países. Depois quando entrei para o Liceu aos 10 anos, havia sempre lá coisas com filmes, desses de filmes sobre a vida selvagem, até à prevenção de incêndios, sobre como debelar um incendio, os colegas normalmente não iam, aquilo fica vazio, mas eu ia sempre, sempre. E habituei-me assim, a estar sempre sentado na sala de cinema, tornei-me habituê, ia ao sábado de manhã ver filmes para crianças no Varieté e ao domingo ia ao Scala, ver os filmes para 12 anos.

- Então passavas quase todo o fim de semana a ver cinema...

- Sim, por exemplo no domingo de manhã ia ao Varieté, às 14 via mais um filme no Varieté, e às 17 no Tivoli, via mais um filme lá na cabine e depois ia para casa, que não era longe do Tivoli. No Varieté passavam principalmente aqueles filmes bíblicos, lembro-me de ter visto lá os 10 mandamentos, o Ben-Hur, essas coisas um pouco ligadas ao império romano e a vida de cristo, de Moisés.

- Então no fim de semana não brincavas...

- Não brincava no fim de semana nem nunca, os meus irmãos brincavam lá com os amigos deles, mas eu não, não tinha prazer nenhum em brincar. Gostava de ficar sozinho, brincava sozinho, mesmo ao cinema nunca ia com outras pessoas, a não ser pessoas mais velhas.

- Porque é que tu achas que isso era?

- Não faço a mínima ideia mas era assim...

- Mas eles tratavam-te mal, quando tu tentavas ir?

- Não, eu é que não queria ir. Não tinha grande prazer em ir, então preferia ir para essas salas de cinema. Então aos domingos lá ia eu, para o Varieté... ia sozinho e ia vendo... gostava de atravessar o Jardim Vasco da Gama, embora fosse um pouco fora de mão... ia por ali e ia olhando, vendo esse outro mundo de brancos, com carros, com roupas diferentes das da Mafalala... roupas que a gente nunca tinha visto, de lá de Metrópole, vestidos, fatos... aos domingos os homens andavam de fato porque tinham ido à missa... via-se também as pessoas saírem das Igrejas... vias o tipo de pessoas que saíam da Igreja da Munhuana e o tipo de pessoas que saíam da Igreja da Catedral... eram pessoas completamente diferentes...

- E como é que tu olhavas para esses diferentes?

- Ficava a olhar, só, gostava de ver... ali no jardim iam lá tirar fotografias de casamento, de namorados, de baptizado... era um espectáculo... também aos domingos gostava de ver o espectáculo que era as enchentes de negros na Praça Mouzinho de Albuquerque, para tirar fotografias junto à estátua... os empregados domésticos, sobretudo... para mandarem para a terra... porque aquele sítio fazia lembrar uma grande capital, tinha a Catedral por trás, tinha o Hotel Clube, tinha aquela área do Jardim, tinha a Câmara Municipal... e então gostava ir lá ver as poses que faziam... e acabava por ver as fotografias que eram reveladas perto de... ali na Mafalala mesmo, aqueles fotógrafos ambulantes revelavam e depois expunham as fotografias para os donos virem buscar... eu adorava ver aquelas poses, a maneira como se vestiam, como transportavam objectos de casa para a fotografia- rádios, cigarro...

- Mesmo que não fumassem?

- Normalmente não fumavam... e era para mim um grande espectáculo...

Chegando à baixa, estava no mundo dos brancos... eu lembro-me por exemplo que no Café Continental e Café Scala, só se sentavam brancos, a tomar o seu café, lanchavam nas esplanadas ... enquanto os pretos que queriam comer alguma coisa, faziam uma fila em frente aos Correios, junto a um carrinho que vendia pacotes de leite, pacotes de *masse* ( uma mistura que leva leite ou yougurte e farinha, acho, que ficava cor de laranja...) ... um pouco junto do Scala, ficava uma esplanada com um quiosque enorme, que era o Quiosque Olímpia, onde aí já se sentavam alguns indianos, mulatos e brancos também mas já de um outro nível...

- Mas era um quiosque, não uma pastelaria... e não havia nenhuma pastelaria onde se sentassem pessoas não-brancas?

- Não, isso só na parte mais alta da cidade...
- Mas havia a Cooperativa dos Criadores de Gado...
- Sim, mas quem é que se sentava lá? Só os brancos! Os outros iam comprar no carrinho, lá fora... não sentavam... aquilo era um salão... que não era para qualquer pessoa... e depois claro, havia junto ao mercado uma série de pequenos bares, como o Barbosa.. naquela rua onde estavam os indianos, também havia umas casas de pastos, onde os negros podiam ir tomar uma sopa, comer um petisco... eram bares de portugueses, mas viradas para esse lado dos negros, comida de baixo custo... os estivadores.. todos entravam lá... principalmente o Barbosa, na rua do Semá, na esquina... ali iam pessoas que comiam essas refeições baratas... e era isso que eu via...
- E para o outro lado, para lá do Jardim, para cima, tu ias?
- Um pouco... lembro-me de ter ido com a minha mãe visitar o Museu de História Natural... quando a minha mãe tinha que tratar de papéis... da matrícula da Fina... apanhávamos o machibombo, o 13 e íamos lá à escola Comercial... mas era uma vez por ano, de resto não íamos para ali, ficávamos circunscritos à Mafalala, Alto-Maé e Baixa... quando ia ao cinema gostava de ficar ali a olhar, pelas ruas, os cafés...
- Nunca entraste em nenhum desses cafés para te sentar?
- Não, também era miúdo, não me deixaram entrar pela idade...
- Mas se entrasses para comprar um bolo no balcão, por exemplo?
- Isso podias, não te mandavam embora... isso não! Se estivesses vestido... eles olhavam também... viam pela maneira como estavas vestido se tinhas ou não dinheiro para pagar o bolo...
- Mas não te podias sentar a comer o bolo?
- Não sei, isso não tenho a certeza... sei que mais tarde, assim com mais idade, não! No Scala e no Continental, não tinha maneira... aí eram as próprias pessoas que não iam lá sentar... e também era caro, porque é que as pessoas não entravam no Nicola? Era maningue<sup>85</sup> caro... era uma fortuna...
- Essas eram as primeiras barreiras sociais, as económicas...e como é que tu sentias no meio dessa cidade, dessas fronteiras, dessa coisa toda?
- Quando era pequeno eu ficava a olhar para aquilo, sabia onde estava por razões antigas, de casa, de ouvir histórias em casa... fulano tal bateram-lhe quando quis entrar em tal sitio... sabia qual era o meu lugar... então ficava a assistir... eu acho que foi interessante assistir a essas coisas, ficava a ver tudo como se estivesse a folhear um livro e ver coisas distintas... e gostava de ficar a ver... sentava num banco ali no jardim 28 de Maio e ficava a ver as pessoas que iam e que vinham, pretos, mulatos, indianos, alguns brancos... gostava de ver as pessoas passarem... não falava com ninguém, só olhava... e acho que isso me fez bem, poder conhecer este país deste pequeno com esse olhar de ... em que tu... a mim faz-me muita confusão determinadas pessoas que ficaram muito ligadas a um lugar e que durante muito tempo pensavam que Moçambique era aquilo, aquele bairro onde elas viviam... que do outro lado viviam os brancos, mas que aquilo era intransponível... eu andava entre esses dois mundos, não me relacionava com ninguém, mas andava por esses dois mundos, ia vendo, ia olhando... lembro-me de ter ido, ali a uma igreja na rua que vai dar ao Conselho Municipal, onde tem uma igreja de hindus... essa rua se virares assim para a baixa vai dar à rua das capulanas...
- A rua da Casa de Goa?
- Essa é a do monumento? É uma rua mais acima...
- Aquela diagonal?
- Não... tem um edifício assim grande... um sítio onde se faziam cerimónias hindus, naquela altura... ainda fui lá à pouco tempo, no filme do Rangel... ele lembrava-se daquilo... tem lá

---

85 Muito, na gíria popular moçambicana.

peessoas a viver, no primeiro andar, segundo andar... hindus... pobres, maningue pobres... vivem ali...

- Então tu dirias que ias descobrindo a cidade com o olhar, como observador... tu dirias que como um antropólogo, como um fotografo, como quê?

- Por aí... ia vendo, ia olhando, se calhar fazia algumas comparações com aquilo que ouvia...

- Portanto ias quase que à procura de encontrar imagens para as histórias que tinhas ouvido?

- Sim, que ia ouvindo... a maneira como se vestiam os empregados dos brancos, com aquela roupa toda branca... depois tinha os brancos dos cafés, uns vestiam-se de qualquer maneira, outros todos aprumados... outros eram uns saloios...

- E não havia ninguém que ia contigo, nenhum amigo, nada?

- Não. Ao cinema ia sozinho sempre... às vezes encontrava pessoas lá da Mafa... mas não era aquela coisa de ir em grupo passear, ou ao cinema, não...

- E o teu pai, não ia ao cinema contigo?

- ... ia algumas vezes, lá para o Varieté, ele ia-me buscar ao cinema, ficava ali num bar onde havia ali mesmo em frente, ele ficava lá a beber whisky e depois ia-me buscar, eu tomava um refresco e ia para casa com ele.

- E não conversava contigo sobre o filme?

- Não, se ele não tinha visto...

- Então ele não tinha interesse por esse universo...

- Não, mais tarde ele ia ao cinema Infante, perto de casa...

## **O Cinema em sua casa**

Um dia o meu pai apareceu em casa com um projector de 8 mm e uma maquina de filmar de 8 mm também... acho que alguém lhe devia dinheiro lá dos negócios dele...

- E quem é que pôs a trabalhar o projector?

- O meu pai... ele sabia... pôs a trabalhar e explicou... quando lhe entregaram mostraram como era... mas também não tinha nada de especial, era um projector básico, estava lá marcado como é que aquilo fazia aquelas voltas e tal, só tinha que se seguir aquilo que estava lá marcado e mais nada, não tinha som... e como se punha a lâmpada... aquilo era mudo, né?

Depois o meu tio Nuno também veio lá ver aqui... um projector era um projector! E ainda por cima tinha ecrã e tudo... e trazia já lá uns filmes desses da Castelo Lopes, da Golden Mayer... sobre vida animal, bucha-estica<sup>86</sup>..

Num dos dias que estávamos a ver aquilo, apareceram lá uns filhos de uns vizinhos e pediram se podiam também convidar os pais deles para vir ver, mais o tio não sei quantos... ok, então vamos lá organizar... então, como tínhamos um espaço no quintal- aquilo eram vários quintais na verdade- que era separado do resto da casa, a parte que dava para a frente da casa, que não tinha qualquer comunicação com a parte de trás que dava para a Mafalala, era um sítio mais ou menos resguardado, então começamos nos domingos à tarde, quando o sol se punha, a fazer uma projecções... recuperámos umas cadeiras para as senhoras se sentarem e o resto das pessoas e crianças sentavam-se no chão... primeiro apareceram umas 2 ou 3 senhoras com os filhos, depois uns amigos do meu pai que bebiam juntos uns copos ali na loja do China, enquanto o meu pai ia lá com eles beber uns copos as senhoras e os filhos ficavam ali a ver os filmes...

---

86 Dupla constituída pelos celebres autores cómicos Laurel e Hardy ( um personagem gordo e um magro), protagonistas de filmes cómicos em 8 mm ou super 8, geralmente exibidos em festas familiares.

Os filmes não eram nada de especial, eram uns filmes alugados à foto-portuguesa e na casa Baily, que pertencia à Minerva e como o meu tio trabalhava lá arranjava lá uns filmes para vermos...

Então eram fundamentalmente aqueles filmes aqueles filmes a preto e branco...

que passavam nas salas de cinema, mas em 8 mm... da vida animal, Bucha-Estica, Franquenstein, o Chaplin era o que mais animava o pessoal... alguns eram diferentes, eram versões feitas mesmo para casa, de 10 minutos... mas era todas as semanas os mesmos filmes, no mesmo lugar, todos os domingos! Uma vez por outra lá variava um, que o meu tio alugava...

Era um momento de diversão com as pessoas do bairro, em que tirando os momentos em que o meu pai ia beber copos lá na Mafalala, na cantina do China ou do Martins, bebiam juntos, comiam petisco juntos e dos filhos que brincavam uns com os outros, andavam na mesma escola, andavam juntos na ginástica na Associação africana, não havia nenhum relacionamento familiar, as senhoras praticamente não se relacionavam... davam-se entre as assimiladas, mas no caso da minha mãe que não era assimilada não era normal conversarem ou qualquer coisa assim... então vinham lá as senhoras... na verdade aquilo era o processo de integração de uma família que não era negra, com aquelas famílias de negros assimilados que viviam ali mesmo, não levava 3 minutos.. e aquilo tornou-se um momento importante... eu lembro-me que a gente organizava as cadeiras e depois diziam... ah, mas falta cadeira para a fulana tal... e o filho dizia: não, mamã ainda foi tomar banho, há-de vir daqui a pouco... ah, mamã está a vestir... pintavam as unhas, faziam como se fossem para uma sessão de cinema na baixa, na cidade, com vestido, sapato de salto alto...

Então lá vinham, com os seus sapatos de salto .... aquilo era uma aprendizagem... os saltos altos ali pelos becos... estavam sempre a mandar os sapatos lá para os sapateiros remendões, para bater o salto porque aquela parte do salto entortava-se todo... e depois ficavam carecas os saltos porque se enterravam na areia e aquela pelica saltava, porque o salto não é feito para enterrar, é feito para andar no passeio... então aquelas coisas estavam sempre a descolar... usavam meia de nylon, para esconder as *tintlawele*<sup>87</sup>, aquelas rachas do pé de andar muito a pé, descalças...

Então elas chegavam, cumprimentavam, sentavam-se ali e projectávamos o filme. Depois elas ficavam a conversar sobre o filme, riam até não poder mais! Pediam: passa lá outra vez aquela passagem em que... lá repetíamos o filme... o filme não se passava só uma vez! Isso era interessante, eu via naquela altura que as pessoas estavam a começar a tentar entender essa coisa da linguagem de cinema, que era uma coisa estranhíssima para elas, então pediam para passar outras vez porque não tinham compreendido como é que ele saltou daqui para ali... ah, passa lá outra vez aquela passagem, não é comadre? É melhor vermos outra vez! Elas e nós as crianças, a tentarmos todos entender como era aquilo...

Às vezes combinava-se, fazia-se ali umas coisas, elas traziam outras coisas, tomava-se chá...

- E tu o que é que fazias no meio da coisa?

- Projectava os filmes... primeiro com o meu irmão, depois passei a ser eu a projectar...

- E o teu pai não se interessava só trouxe a máquina?

- Não, nem ficava lá..

Depois ele também filmava, com essa câmara em 8 mm... os filmes desapareceram... mas ele filmou ele tinha caixas e caixas de filmes das viagens que ele fazia a vender capulanas... ninguém sabe onde é que isso foi parar... eu procurei isso, quando vivi lá, mas não tinha nada... quando ele ia para essas viagens lá para vender capulanas, ele levava sempre a câmara de filmar... e depois quando voltava até eu é que embalava os filmes, aquilo tinha uns envelopes especiais da Kodak para se meter os filmes lá... para meter o endereço e tal...

---

87 Gretas nos calcanhares resultantes da falta de protecção dos pés ao calor, frio e secura, geralmente encontradas em pessoas que andam descalças.

depois ia ao correi levar aquilo para ser enviado para a África do Sul para ser revelado... depois aquilo vinha, era registado, vinha registado e depois levantava-se...

- E tu tens alguma ideia do que eram esses filmes, viste algum?

- Eram coisas de paisagem... a Ilha de Moçambique, lembro-me... os monumentos, as pessoas... o *msiro*<sup>88</sup>, lembro-me, nunca tinha visto mulheres com *msiro*... eram assim essas coisas aqueles lugares onde ele ia vender capulanas... lojas... quando o carro enterrava...

- Era assim uma espécie documentário de viagem?

- Sim... o Ajudante dele, que *tchovava*<sup>89</sup> o carro... mas eram coisas bucólicas, o nascer, o pôr do sol em sítios bonitos... mas não era mais do que isso... não tinham som...

- E nunca tiveste vontade de ir com ele nessas viagens, de ver essas coisas?

- Tinha vontade de ver essas coisas, mas não de ir com ele. Lembro-me de irmos a Namaacha com a família toda, de vez em quando, uma vez por ano talvez, o carro avariava, *tchovávamos* o carro quase até a Maputo. Então era sempre um desespero a gente ir naquelas viagens. Uma vez fomos a Inhambane, uma vez só, a família toda, saímos daqui de manhã muito cedo, chegámos no dia seguinte a Inhambane. Porque ele- como eu, acho que aprendi com ele- parava em tudo o que era bar, bebia, bebia, 100 metros depois parava no outro ... e ele não tinha dinheiro, mas encontrava amigos, toda a gente o conhecia, pagavam-lhe copos, ou o dono do bar pagava-lhe... essa coisa do caixeiro-viajante, toda agente o conhecia, dizia: senta aí, bebe um copo conosco... ficava ali a beber whiskies até acabar o dinheiro dos outros... nós ficávamos no carro com a minha mãe, dormíamos... e íamos assim, até chegar, levámos quase 24 horas a fazer um percurso de 400 km que normalmente demoraria 8, 9 horas a fazer... naquela altura, todos os bares estavam abertos, mesmo que tivesse fechado ele batia à porta, abriam logo, conheciam-nos, serviam-lhe logo um whisky... ele entrava naqueles bares ali e abriam-lhe a porta, porque era um gajo da praça, sempre vestido de branco, de cachimbo, a cheirar bem, ao cheiro de bom tabaco... ele só fumava tabacos especiais que vinham não sei de onde, aquilo era muito ligado aos navios, tinham uma relação com os tripulantes que traziam coisas, o tabaco que ele punha no cachimbo era dos mais sofisticados que havia no mundo... e ele entrava em todo o sítio! Ficava lá nesses bares da Baixa com os grandes homens desta cidade, um grupo grande daqueles mulatos importantes, uma elite, entre eles falavam inglês, não bebiam outras coisa a não ser whisky. Eu não conhecia muito bem esses meandros, era muito criança.. Mas eu nunca conversei com ele, na vida. Depois fui conhecendo essas histórias, essas coisas, contadas pelos outros.

### **Escola-não-escola**

- Camilo, tu falas do que foste aprendendo escutando e observando as coisas no teu bairro e na cidade, mas nunca falas da escola como um lugar onde aprendeste coisas...

- Na verdade eu não tenho grandes recordações da escola, lembro-me de ter entrado na Escola Paiva Manso, no Alto-Maé, com 6 anos. Lembro-me que não gostava de ir à escola porque não estava habituado, não tinha ido para a creche, mas aos 6 anos fui obrigado a ir para a 1º classe e não tinha vontade nenhuma de estar ali. Estava habituado a passar o dia com a minha mãe. Eu já sabia ler nessa idade, aos 5 ou 6 anos já sabia ler, aprendi a ler em casa com a minha mãe. A minha mãe é que tratou de toda a nossa educação, apesar de não ter nenhuma instrução, tinha uma educação como eu, lia bastante, ouvíamos coisa na rádio, tínhamos uma relação grande com a Rádio eu e ela, lembro-me que havia uma peça de teatro radiofónico que

---

88 Pasta feita com uma raiz nativa moída, usada como máscara de beleza, para amaciar a pele, sobretudo entre as mulheres de etnia macua.

89 Empurrava.

era “ O teatro em sua casa” e era às 10 da noite, então ficávamos eu e ela à espera, para ouvir aquele programa do Leite de Vasconcelos... foi daí que eu conheci o Leite Vasconcelos que muito, muito, muito mais tarde e tornámo-nos grande amigos até à morte dele... foi um grande amigo meu, escritor, jornalista, poeta... Ouvíamos música, ouvíamos poesia, lembro-me do João Villaret<sup>90</sup>, de ter comprado mais tarde uns 7 single com os poemas dele e ficávamos os dois a ouvir... ninguém mais queria ouvir aquilo, ficavam zangados...

- E o que te lembras da escola propriamente dita?

- Lembro-me que não gostava do ambiente da escola, as professores gritavam na sala de aula e sempre que podiam davam umas reguadas. Eu não me lembro de ter apanhado reguadas, mas é possível que sim, porque quase todos apanhavam. Ou talvez eu por ser mesmo dos 6 anos não apanhasse, mas lembro-me dos mais velhos, desses repetentes, como o Júlio Tandana, que andavam na 1ª classe já com 10 anos, apanhavam bastante. Eu já sabia mais ou menos ler quando entrei na escola e era bem comportado, então talvez por isso não apanhava. Mas aqueles mais velhos, que não faziam os deveres, ficavam sempre de castigo- tinha lá aqueles castigos de ficar virado para a parede.

- E lembras-te de ter essa mesma percepção de fronteiras raciais, ou de racismo dentro da escola?

- Não me lembro de haver histórias de racismo, pelo menos não por parte da professora. Talvez aquela escola também fosse diferente das outras escolas, era uma escola muito de bairro, tinha brancos e pretos, mas todos muito pobres. Os mais velhos às vezes batiam-se entre brancos e pretos, lembro-me de trocarem ali uns murros, mas na altura nem pensava o que era isso. Mas lembro-me de nos juntarmos os não-brancos... esses mais velhos chamavam-me sempre, eram pessoas da vizinhança ali de casa, que gostavam de mim e me protegiam ... estavam sempre a falar mal dos maguerros<sup>91</sup>, num tom depreciativo para os brancos, principalmente aqueles com aquelas cores da Santa Terrinha, que falavam mal português...

- Mas eram teus amigos?

- Não eram propriamente amigos, eram muito mais velhos... não me lembro de ter amigos lá. Saía da escola e ia para casa, não tinha qualquer relação social com a escola. Não brincava, ficava sentado na sala e quando saía para fora ficava em pé, ou sentado nas escadas, na escadaria. Nunca brinquei, nunca joguei futebol, nunca fiz nada daquelas coisas.

- E os brancos que não eram desse tipo, esses que já tinham nascido ali, juntava-se com vocês?

- Não, não. Na escola primária não me lembro...

- E a professora, gostavas dela?

- Sim, era uma boa professora, jovem... calma, não gritava, não insultava...

- Então a escola primária não foi uma coisa que te marcou?

- Não, a escola primária não, absolutamente nada.

- Não tens nenhuma recordação de algum episódio que tenha acontecido enquanto tu andavas lá?

- A única recordação que eu tenho, foi quando eu estava na 3ª classe. A professora chegou à escola a chorar e contou a história da ocupação de Goa, que o marido dela estava lá em Goa, no exército. Fomos dispensado, a minha turma não teve aula nesse dia, porque os brancos já estavam a partir as lojas dos indianos, e para nós os indianos eram como nós, então ficámos muito chocados com isso... e quando fui para casa já estavam, em frente de casa, no dispensário pré-natal da Munhuana, já havia movimentação de militares portugueses que

90 Ator, encenador e declamador português famoso na década de 50 , com vários discos gravados.

91 Termo utilizado para designar os portugueses de origem rural e baixa condição social, que usavam muitas vezes violência verbal e até física contra os “ indígenas” que, pela situação colonial, passavam a ser seus subordinados.

estavam a receber as mulheres e crianças indianas feitas prisioneiras e iam ser deportadas para a Índia. As mulheres e as crianças, os maridos estavam num outro campo de concentração. O dispensário ia da Caldas Xavier até à Igreja, fazia um quarteirão inteiro, então uma parte ficava em frente de casa e víamos os militares portugueses prenderem as mulheres e crianças e metê-las lá no dispensário. Isto durante vários dias, semanas talvez. Os homens estavam no campo de concentração naquela rotunda no fim da 24 de Julho, a rotunda do Matadouro. Nós sabíamos de que se tratava porque tínhamos um primo que vivia em casa e era militar do exército português e contava o que se passava lá no campo de concentração dos homens, a maneira como recebiam lá a comida para os prisioneiros, o que faziam lá. É o único episódio que me lembro da escola primária.

## **Dois passos atrás**

### **De volta à fronteira de Milidansa**

- Camilo, definiste-te a ti próprio como uma pessoa de fronteira, mas eu escutando a tua história vejo que essa questão de estar sempre na fronteira já vem desde a tua avó, que parece sempre ter escolhido lugares de fronteira para habitar, primeiro na Catembe, naquela casa à beira mar, depois na Mafalala... porque é que achas que foi isso?

- Nunca pensei nisso, mas é uma coisa interessante de reflectir... o que me parece é que uma era uma forma de conciliar as suas origens com as suas ambições, porque ela era uma mulher aristocrata de uma aristocracia ronga-zulu, cujo pai era um alemão, o Max Bruheim. Presumo que a infância dela há-de ter sido dividida entre a tradição, porque a mãe dela era absolutamente uma mulher tradicionalista que seguia à regra todas as normas da aristocracia dentro da tribo e penso que a minha avó foi a que mais se ligou a ela a essa questão, seguindo com ela os rituais, indo com ela para o lugar onde ela nasceu, lá junto à fronteira com a África do Sul...

- Sabes o nome ronga da família da tua mãe?

- Não sei, mas posso perguntar...

- E o Max Bruheim, veio porquê para a Catembe porquê?

- Não sei, isto foi em 18 e tal... também não sei porque é que foi embora... mas casou com a minha bisavó, a Belenguana e teve vários filhos dela : teve o pai do pai da Lolita, o pai da tia Olga, o pai dos Mangueiras, o pai da Íris, aquela de Pemba... todos homens, excepto a minha avó...

- Era a única menina, portanto... talvez por isso ela era a mais ligada à mãe...

- Pode ser isso. E talvez por a mãe ser de grande tradição- ela vivia numa tribo mesmo, viviam de caça, de criação de gado e tinham a pesca fluvial, no rio....

- Tu conhecestes esse lugar?

- Não, eu ainda não era vivo... mas sei que naquela altura, o centro daquela região sul era na zona Belavista/Porto Henrique, não era a Catembe... a Catembe era lá para os brancos, ali é que era! Ali é que estavam as tradições, estava tudo... dali para Catuane, para a fronteira... ali era gente pesada mesmo, com tradições, a maneira de matar o gado era diferente, a maneira de comer... eram comedores de carne só, não comiam peixe do mar, só peixe do rio... eram pessoas diferentes do que são as pessoas da Catembe... aquela zona de Porto Henrique principalmente, de Porto Henrique para Catuane, que é a fronteira... lá para o interior, lá onde tem os rios, era uma zona que nem portugueses tinham chegado lá, como os portugueses diziam, era “ desabitado”... mas na verdade vivia muita gente ali no interior, não falavam português, não tinham contacto com nada daquilo a que se chamava “ civilização”, viviam segundo a sua cultura... aquilo eram comunidades, eram povoações grandes, que se vestiam ainda naquela altura com peles, o dia todo, não era nos dias de festa... e então isso deve ter

influenciado muito a minha avó... mas por outro lado o pai dela era alemão... e depois mais uma coisa que vem ainda aí para cima, é que se casa com um Indo-português... ainda por cima um todo senhor... então ela fica no meio, por um lado mantém a tradição, é a única que mantém a tradição, todos os outros viraram completamente para o lado europeu ... não tiveram qualquer relação com a tradição... ela foi a única que juntou a tradição com essa parte mais portuguesa do marido... ali havia pouco de alemão naquela família, não sei porquê...

E quando se casa com esse Indo-português, é quando vão viver nessa casa à beira-mar...

- Então essa casa foi construída pelo teu avô... como é que ele se chamava?

- Sim, foi construída mesmo por ele... chamava-se António Paulo Abranches da Gama e Sousa

- Ele vinha de onde?

- Ele era de Goa, não sei se veio de Goa directamente para aqui ou viveu primeiro em Lisboa, porque o resto da família dele vivia em Portugal... a Palmira, uma tia dele, portuguesa, que foi quem deu o nome à primeira filha dele, que se chamou Camila Palmira... e foi quem recebeu o Paulo e a Camila quando vieram estudar em Lisboa ainda eram pequenos, com 6 ou 7 anos... foi ela quem os educou...

Mas sei que ele esteve primeiro na Ilha de Moçambique, a trabalhar no Banco Nacional Ultramarino e lá teve até um filho, o João Abranches, de uma mulher com quem não casou... era bem mais velho que os outros irmãos, os filhos da minha avó...

- Ele veio para Lourenço Marques colocado?

- Sim, no Banco Nacional Ultramarino. Trouxe com ele um escravo, chamado Suaré, que eu ainda conheci, já muito velho, ele tomava conta da machamba, das mangueiras... ninguém roubava mangas ali na Catembe tinha, um medo terrível dele... ele era enorme, altíssimo e falava um ronga misturado com macua e suaíli, então as pessoas tinham um medo atroz dele... teve filhos lá e deixou descendência lá ... as pessoas – os portugueses, as pessoas da Catembe, até o meu avô- por não conseguirem dizer Suaré, chamaram-lhe Soares e os descendentes dele ficaram registados com esse nome... assim se cria uma família portuguesa onde ela nunca existiu... (risos)

- E porque é que o teu avô quis ir viver ali junto à Ponte da Catembe?

- Eu penso que era por haver ali uma grande comunidade indo-portuguesa, de pescadores... apesar de ele não ter nada a ver com eles, mas penso que era por isso... e porque ele tinha que atravessar todos os dias de barco... e também porque a minha avó tinha terras lá na Catembe.

- Mas portanto tanto o Max Bruheim como o teu avô, acabaram casando com mulheres ricas...

- Sim, com terras, com posse de terra... e dizem que a minha avó tinha terras lá junto à fronteira com a África do Sul, de onde era a mãe dela, mas depois não quis mais saber, quando veio viver para a Catembe... mas a Catembe ela nunca largou, mesmo quando se mudou para a Lourenço Marques.

- E porque é que ela se mudou para a cidade?

- Foi depois do meu avô morrer... ele morreu lá na Catembe. Aí já era incomportável ela ficar a viver ali, porque tinha os filhos que estudavam, uns em Portugal outros em Lourenço Marques, então ela precisava de viver na cidade... ela vai para Lourenço Marques e constrói aquela casa, naquele lugar que mantém uma certa tradição, mantém a língua, mantém aquele quintal grande para receber as pessoas tal como recebia na Catembe, um espaço enorme para as pessoas sentarem, beberem chá, descansarem... foi um pouco nesta linha, o estar junto ao Xilungúne, a grande cidade, mas num lugar onde pudesse acontecer tudo isso... não podia ser numa flat... eles tinham um prédio na esquina da rua do Ponto Final, com uma que passa assim.. chamava-se prédio Fajardo... ela vendeu o prédio e construiu aquela casa na Mafalala... de madeira e zinco...

Mas ela sempre manteve as coisas lá na Catembe, os térreos, o gado, a machamba... mas aquela casa não, não sei o que é que aconteceu, porque é que não ficou ali ninguém... acho



que venderam a casa... agora é a casa do Sebastião, onde nós fomos com a Noémia, quando ela veio cá... ainda está pintada de verde, é a primeira casa do Guachene<sup>92</sup>... aquela sobre a qual a Noémia escreveu o “Poema da Infância Distante”, dedicado ao Ruy Guerra, em 1950 :

*Quando eu nasci na grande casa à beira-mar,  
era meio-dia e o sol brilhava sobre o Índico.  
Gaivotas pairavam, brancas, doidas de azul.  
Os barcos dos pescadores indianos não tinham regressado ainda  
arrastando as redes pejadas.  
Na ponte, os gritos dos negros dos botes  
chamando as mamas amolecidas de calor,  
de trouxas à cabeça e garotos ranhosos às costas  
soavam com um ar longínquo,  
longínquo e suspenso na neblina do silêncio.  
E nos degraus escaldantes,  
mendigo Mufasini dormitava, rodeado de moscas.*

*Quando eu nasci...  
- Eu sei que o ar estava calmo, repousado (disseram-me)  
e o sol brilhava sobre o mar.  
No meio desta calma fui lançada ao mundo,  
já com meu estigma.  
E chorei e gritei – nem sei porquê.  
Ah, mas pela vida fora,  
minhas lágrimas secaram ao lume da revolta.  
E o Sol nunca mais brilhou como nos dias primeiros  
da minha existência,  
embora o cenário brilhante e marítimo da minha infância,  
constantemente calmo como um pântano,  
tenha sido quem guiou meus passos adolescentes,  
- meu estigma também (...)*

**Noémia de Sousa**

---

92 Bairro junto à Ponte da Catembe.

## Na Fronteira deslizante de Milidansa A Catembe

- E como foi que começaste a entrar nesse mundo da Catembe, Camilo?

- Quando eu tinha 8 anos, o meu tio Ruy ofereceu-me a primeira arma de chumbo, de pressão de ar, uma Diana. Então comecei a ir mais para lá, caçar pássaros. Tinha dois tios meus que viviam lá, um era o irmão da minha mãe, o Ruy, que era um frick, o maior frick que eu conheci na minha vida. Depois tinha uma tia da minha mãe, a tia Olga de Sousa, casada com um português de Viseu, o José Esteves de Sousa. Eles tinham uma quinta, que ainda hoje existe, porque o governo primeiro ocupou, depois a Renamo ocupou- até tem aí uma garrafa de cerveja derretida, resultante do ataque da Renamo a esse lugar. Então tinha uma quinta, mas uma coisa grande, enorme, com uma grande horta que abastecia Maputo, gado leiteiro e gado de abate. Na altura não eram coisas vedadas, a gente sabia aqui é o espaço do Sosas, aqui é o espaço dos Gamas... mas não era preciso arame farpado, nem nada. O terreno do Vô Ruy era junto ao da tia Olga, éramos todos família. Eu gostava muito de ficar em casa do frick, mas não deixavam, porque ali só tinha um *xipefo*<sup>93</sup> e lá no outro meu tio tinha candeeiros petromax<sup>94</sup>. Então eu dormia ali, mas à noite saía com este meu tio Ruy e ia caçar. Tínhamos uma grande relação, ele até me chamava sócio!

- Com que idade começaste a ir para lá?

Comecei a ir para lá aos 7 anos. Mas era uma coisa muito dolorosa, ficar longe da minha mãe, naquela casa enormíssima, à noite chorava porque olhava para Maputo- naquela altura via-se a cidade inteira, com luzes - e eu não aguentava, começava a chorar a noite inteira, ia para baixo dos móveis e roía os botões das camisas, em desespero por voltar. Lembro-me da primeira vez que até tiveram que me trazer de volta.

- E depois, foste-te habituando?

- Foi este meu tio, o Vô Ruy, que desmontou isso. Ele era um topa-tudo, tratava dos bois dessa minha tia, não sabia nada de veterinária, só tinha lido nos almanaques. Eu vi-o uma vez fazer um parto a uma vaca que estava com um problema sério. Era pedreiro, carpinteiro- eu aprendi muitas coisas de carpintaria com ele- era mecânico, electricista. Fazia tudo! Às vezes havia algum problema aqui em Maputo e diziam: vai chamar o Ruy! Lá vinha o Ruy, atravessava de barco.... mas ele era um fric, não tinha documentos, não tinha nada, mas estava sempre vestido de casaco, todo direitinho. Depois chegava aqui e bebia vinho até cair no chão. Mas era uma pessoa muito interessante, eu tive pena de não o ter conhecido melhor. Ele levava-me para o mato para caçar, aprender coisas da terra e eu comecei a ficar interessado e eu próprio a querer ir. Andávamos pelo mato horas, à noite, saíamos ao anoitecer, às 6 da tarde, ele pegava em mim e íamos com a arma e andávamos até de manhã! Às vezes conseguíamos uma gazela, umas lebres ... aquilo para mim era um encanto! As histórias que eu tinha ouvido quando era pequeno lá no quintal da nossa casa da Mafalala, complementava-se também na minha cabeça com as fogueiras lá na Catembe, antes de irmos para a caça, à noite....

- Como é que era?

- Era um pouco na mesma linha... ficávamos ali na fogueira, enquanto as mulheres estavam a preparar aquela comida especial que se comia antes de ir para a caça... e eu aí já era um pouco mais velho, perguntava também coisas... mas ficavam a contar as coisas que passavam aqui, passavam ali, os lugares de onde vinham...

---

93 Pequeno candeeiro de petróleo.

94 Marca de candeeiro de petróleo de maior porte utilizado na iluminação doméstica, com uma camisa e sede e bomba de pressão de combustível, que ficou conhecida em Moçambique como sinónimo de candeeiro de petróleo doméstico.

- Porque é que se comia comida especial antes de ir à caça? Era para dar força, ou era uma coisa ritual?

- Bom, o acto de caçar, quando íamos à caça lá na Catembe, não era um acto desportivo. Por um lado era parte daquilo que precisávamos para a alimentação, por outro fazia parte de um ritual espiritual, porque na tradição é um pouco assim, não são todas as pessoas que têm... não sei se se diz “vocação”, mas nem todas as pessoas têm os espíritos do seu lado para a caça. Portanto as pessoas que vão à caça são pessoas escolhidas pelos espíritos para caçarem. E esse ritual... é por isso que se faz todo esse ritual à volta desse momento em que se parte para caçar... a partida para a caça não é “vou ali dar uns tiros”! Pronto, de vez em quando eu saía para caçar umas rolas, umas perdizes e tal, mas a caça um pouco mais pesada, como caçar gazelas, caçar lebres, caçar changos, já obedecia a um determinado ritual. E então, quando íamos para a zona onde caçávamos, que era bastante distante da casa, havia sempre lá pessoas ligadas a esses rituais, que preparavam as bebidas e alguma comida para se fazer uma pequena cerimónia antes de nós partirmos, para termos sorte, para não apanharmos cobras, para que tudo corresse bem nessa ida para a caça. Não íamos caçar nem íamos encontrar animais ferozes, a única coisa que podia acontecer assim que nos pudesse fazer mal eram cobras, mas de todas as formas fazia-se esse ritual, para que tivéssemos sorte e para que os espíritos estivessem connosco nesse momento de caçar... acho que isso era alguma coisa que fazia parte daquilo que é... o quê? ... pronto, vamos caçar não para destruir, não para nos divertirmos, vamos caçar porque precisamos para comer e só vamos caçar aquilo que precisamos... portanto isso é uma coisa que está dentro das tradições, não vendíamos aquilo que caçávamos demais, porque pronto, de repente aparecia um javali ou uma coisa assim e aí pronto, tínhamos vontade de caçar porque era um animal que dava luta, caçávamos mas depois dávamos ou dividíamos com as pessoas lá da zona, ou da caça de onde tínhamos partido, onde deixávamos sempre alguma caça.

- E como era o ritual que se fazia antes da partida?

- Faziam lá o *kupalha*<sup>95</sup>, com as bebidas tradicionais da zona, umas vezes era de melancia, outras vezes caju, ou *ucanhu*<sup>96</sup>... ou aguardente de *massala*<sup>97</sup>... dependia um pouco da época... mas fazia-se sempre uma cerimónia antes de partimos para a caça...

- E a comida como é que era? Era a mesma comida das cerimónias, aquela comida sem sal, dos espíritos?

- Não era propriamente essa comida, era sem sal, farinha de milho e caril de amendoim, mas com verduras, não com carne...

- Não se podia comer carne porque iam caçar?

- Não sei se não se podia comer carne ou se podia, mas não era essa a comida... podia-se também pôr um doce, sei lá, *mphuma* que é um doce feito de *macúacua*, uma fruta do mato, que é um doce tradicional ali no sul de Moçambique.. o que é que tinha mais? Pronto, aquelas coisas assim mais tradicionais, aquilo que havia...

- Mas isso era feito onde?

- Ali mesmo, na casa de onde nós partíamos para caçar... nós quando chegávamos normalmente trazíamos um bocado de vinho e aquelas coisas que se levam quando se vai pernoitar ou ficar uns dias num local, fósforos, velas, petróleo, essas coisas assim...

---

95 Invocação espiritual dos antepassados, que implica ditar na terra junto à árvore dos antepassados familiar, uma bebida alcoólica e comida cozinhada ritualmente.

96 Bebida alcoólica fermentada, feita com o fruto do canho, que se acredita afrodisíaca, cuja produção obedece a rituais agrícolas propiciatórios da sementeira e tradicionalmente só pode ser oferecida, nunca comercializada. Nos meios rurais são temidas as bebedeiras dos elefantes devidas à ingestão em grandes quantidades deste fruto.

97 Fruto nativo, cuja casca é uma cabaça dura que quando quebrada, deixa ver uma polpa com a forma de um cérebro. Muito apreciada pelos humanos, pelos macacos e pelos elefantes, entre outros animais.

- E de comida, não levavam nada?
  - Não, porque comíamos as coisas do campo...
  - O que era?
  - Milho, amendoim... na altura a Catembe produzia bastante amendoim... mapira... as mulheres ficavam ali a cozinhar, enquanto esperávamos começar a anoitecer...
  - E vocês levavam alguma coisa para comer lá no mato?
  - Não, não levávamos nada, também não ficávamos muito tempo, só uma noite...
  - E para beber, não levavam nada?
  - Não, normalmente se queríamos água, pedíamos ali, na casa das pessoas...
  - Mesmo à noite?
  - Sim, ali no mato não há nenhum problema de acordar alguém à noite se passas por ali e precisas de alguma coisa, tínhamos sempre apoio, se fosse necessário...
  - De quem eram as terras onde vocês caçavam?
  - Eram terras do povo, não tinha propriedades vedadas, eram terras comunitárias... tínhamos uma relação com as pessoas que viviam ali, levávamos sempre alguma coisa para oferecer e deixávamos sempre parte daquilo que caçávamos, eles ajudavam-nos também sempre a levar a caça para casa
- Porque às vezes andávamos bastante...
- Quanto?
  - Em quilómetros não sei... mas era longe! Fazíamos um noite inteira a andar... saíamos assim às 5 da tarde e até às 6 da manhã estávamos a andar, sempre!
  - E tu lembras-te de alguma coisa que tenha acontecido nessas caçadas?
  - Não, nada assim de relevante...
  - Mas que imagem ou sensação é que guardas dessas noites de caminhada?
  - Principalmente o escuro... bom, eu tinha medo do escuro, não é? Sempre dormi com alguma referência de luz, em casa em Maputo uma lâmpada eléctrica, quando estávamos na Catembe um candeeiro de petróleo que ficava aceso toda a noite na sala e que iluminava toda a casa... entrava luz pela frinchas da porta e não sei quantos, então havia sempre uma referencia de luz dentro e casa. E dormíamos todos assim, com aquela luz, porque aquilo ajudava a impedir que qualquer cobra ou outro animal entrasse em casa... pronto, era um esquema de protecção. Eu ficava sempre muito triste quando chegava o pôr do sol... o pôr do sol ainda aguentava, mas depois aquele momento do lusco-fusco, quando o sol se está a pôr e vai começar a noite, aquele momento em que não é claro nem escuro, isso angustiava-me bastante e ficava com um bocado de medo do que ia acontecer durante a noite, como é que ia ser a noite... ainda hoje, esse momento me angustia um pouco, a chegada da noite é sempre uma coisa angustiante, esteja onde estiver... se estiver por exemplo numa situação de guerra, como tinha várias vezes em Moçambique, é sempre um momento de grande tensão, aquela passagem do dia para a noite, parece que de dia nunca vai acontecer nada, não vai haver nenhum ataque, tudo vai correr bem, mas quando começa a cair a noite é sempre eminente na minha cabeça um ataque ou alguma coisa de mal que vai acontecer...
- Outra coisa que me angustiava muito também eram os pássaros, que piavam no início da noite : corujas, mochos e outros pássaros que anunciam a chegada da noite... era sempre um momento desagradável. E então, nós partíamos para a caça, exactamente nesse momento do lusco-fusco... naquele momento em que o sol já se pôs, acabou de desaparecer, mas ainda tem aquela claridade, era quando nós partíamos. E então caminhávamos um bom bocado até ficar noite escura, a noite já nos encontrava naquelas zonas menos povoadas, com mais possibilidade de apanhar caça. Andávamos com aquelas lanternas que se usavam na cabeça, mas usávamos pouco a lanterna porque não tínhamos dinheiro para comprar pilhas, então só usávamos a lanterna para a caça propriamente dita. Para andarmos, para caminharmos, não acendíamos a lanterna, fazíamos a caminhada toda debaixo das estrelas ou se houvesse lua,

mas normalmente a caça era boa sem lua, era boa na lua nova, no escuro absoluto. E a partir daí, comecei a aprender a orientar-me no mato pela copa das árvores, porque quando nós caminhávamos para lá, eu sabia mais ou menos a direcção em relação à casa, mas depois andávamos às voltas por ali, não era íamos em linha recta, dependia de onde estava a caça....

- Como é que funcionava esse orientação pelas copas da árvores?

- Era conhecer as formas das copas das árvores mais altas, os nomes dessas árvores que quando nós víamos de longe dizíamos: ali está aquela *sumaumeira*<sup>98</sup>, portanto a casa tem de estar ali! Ou outro tipo de árvore, desde que tivesse uma copa que pudesse ser vista a vários quilómetros de casa e reconhecida. A *sumaumeira* nem era por causa da copa, era por causa dos ramos, era muito alta e tinha assim aqueles ramos como dedos apontados... foi muito boa essa aprendizagem, aprender onde estava pelas árvores e saber qual era a direcção a tomar, de tal forma que quando partíamos de casa para a caça já não precisávamos de procurar caminho, era só: vamos em direcção à árvore tal... então caminhávamos até aí e uma vez aí decidíamos qual era o caminho que queríamos tomar, para o cemitério não sei onde... havia muitas coisas, para além dos rituais ou das cerimónias tradicionais que a gente via quando passávamos por uma aldeia...

- Que tipo de coisas?

- Às vezes havia um grande ritual, com matança de animais e não sei quantos... era sempre uma coisa que para uma criança ou pré-adolescente são sempre coisas um pouco assustadoras e difíceis de encarar e de integrar...

- Estás a falar das coisas que te faziam medo a ti?

- Sim!

- O escuro, os rituais...E sempre com medo de estar perdido, não é? Aí, para mim era horrível. Durante bastante tempo tornou-se uma coisa horrível, depois de repente deixou de existir, não sei porquê, perdi completamente o medo de me perder! Comecei a ir à caça sozinho, andava quilómetros e quilómetros sozinho, só ia com uma pessoa adulta lá da casa se fosse para um mato que eu não conhecia, mas só para me mostrar quais eram os bons caminhos e os bons lugares para caçar, mais nada. Caminhava, já nem olhava para as árvores, caminhava distâncias enormes, ia até Mugazine a pé! São 13 quilómetros do sítio onde tínhamos a casa...

- Mas isso ainda pequeno, ou já maior?

- 10 anos, 11 anos... caminhava até lá, sozinho! Porque já não havia ... já percebia que ia encontrar-me! Não me importava, andava, andava, andava, andava, andava, perdia-me completamente, sem saber mais onde estava, mas continuava a andar numa boa, sabia que havia de encontrar um elemento qualquer que me fizesse recordar alguma coisa... ou então, quando me perdia mesmo, ficava no mato, ficava lá! Percebia que estava perdido e ficava junto de uma árvore, à espera, um pouco, para tentar ouvir vozes... orientava-me muito também pelas vozes... as vozes... olha, ali deve ser a povoação tal... então caminhava até lá! Tinha sempre um elemento de orientação, não é? Ou via fumo das casas... caminhava às vezes em lugares completamente desconhecidos para mim, eu ia para lá e ficava lá até amanhecer, depois mostravam-se o caminho e voltava para casa...

- E o que é que essas pessoas achavam de ti, um miúdo a caminhar ali sozinho à noite com uma arma?

- Não sei, deviam achar que... sei lá, pá... porque na verdade não havia outra criança que andasse por ali a caçar, ali no meio do mato, ia lá para Porto Henrique e não sei quantos... bom, já me conheciam de me ver andar por ali com o meu tio ... depois quando me viam achavam piada...

- E as outras crianças?

- Ah, as outras crianças? Queriam todas vir comigo! Ir caçar e tal...

---

98 Árvore de sumaúma, cujo fruto se parece ao algodão, mas menos fibroso, sendo usado para encher almofadas e colchões.

- E iam?

- Algumas sim, eu tinha uns amigos, assim pequenos, eram os meus pisteiros, eu perguntava onde é que havia caça e lá iam comigo, eles sabiam onde é que estavam os aninais por causa dos cheiros, isso foi uma coisa que eu nunca consegui aprender... esse meu tio sentia o cheiro, eu não, nunca consegui... e esses miúdos sabiam: aqui, tem cabrito do mato; ali, são coelhos... só pelo cheiro... então lá íamos atrás... eu não sentia nada, era tudo igual!

- Mas andavas mais sozinho ou acompanhado por outras crianças?

- Andava mais sozinho. Esta coisa da caça é uma coisa solitária, também. Às vezes caça-se em grupo, mas eu não gostava muito de caçar em grupo. Mesmo quando havia pessoas mais velhas que me convidavam, amigos lá de casa, para irmos a algumas caçadas, mas íamos de carro e depois a pé, eu não gostava, caçavam àquela moda como se caça aqui em Portugal, em círculo, não é? Cercam a caça e depois caçam ali dentro... eu achava aquilo muito perigoso e sem muito... não era uma coisa interessante ... ficar ali a disparar para aqueles animais que não podem fugir, estão cercados completamente... fui algumas vezes a caçadas dessas depois, em Xinavane, mas já era um pouco mais velho, já eram animais maiores...

- Disseste lá atrás que não era qualquer pessoa que era escolhida pelos espíritos para poder caçar- tu achas que eras?

- Não sei, nunca fui saber isso com os curandeiros, mas eu acho que se as pessoas faziam todo aquele ritual para eu ir caçar era porque era... depois, quando eu ia ali para a Catembe, os meus irmãos também iam, mas não tinham interesse nenhum por aquilo...

- E porque é que tu achas que tu tinhas esse interesse todo por essas coisas?

- Não sei. Sinceramente não sei... talvez porque era muito amigo desse meu tio que era caçador, que gostava de andar no mato e conhecia as coisas do mato... e eu gostava muito das coisas do mato, de aprender com ele o que se come, o que não se come, os nomes das plantas, para que servem esta folha, aquele fruto... e fui aprendendo tudo isso com ele! As árvores que davam boa madeira, a madeira boa para isto, madeira boa para aquilo, para construir casas, construir móveis, para fazer as diferentes coisas... para além de aprender caça aprendi com ele alguma carpintaria, ele era um óptimo carpinteiro, aprendi electricidade com ele também...

- Então de alguma maneira esse teu tio também foi um pouco o teu mentor dessa tua aproximação à cultura ronga?

- Foi. Foi sim, porque ele viveu sempre lá na Catembe, nunca quis sair, todas as outras pessoas vieram para Lourenço Marques e ele ficou! Na sua palhota, nunca saiu dali. Vivia do que a terra dava, da caça e dos biscates que fazia: carpintaria, electricidade, mecânica... ele fazia um pouco de tudo...

- Mas por outro lado, essas coisas dessa cultura, da relação com a terra, eram coisas que a tua mãe também valorizava, embora vivesse na cidade, não?

- Sim! Valorizava bastante! É que tinha uma parte da minha família que não ligava ou até desprezava bastante, e outras parte que respeitava, que tinha todo o respeito. E a minha mãe tinha todo o respeito por essas pessoas que viviam lá na Catembe ou fosse onde fosse, que vivia láaaa no fim do mundo...

- Então tu devias achar que esse “ láaaa no fim do mundo “ era assim um universo um pouco mágico, não era?

- Ya, porque aquilo era longe, de onde eles vinham! Porra, andava-se dias e dias para chegar a Maputo!

- E tu nunca foste lá a esse lugar perto da fronteira?

- A Catuane? Não, era longe demais, a pé não dava para chegar, o máximo que eu andava com o meu tio era uma noite... nunca entrei lá para o interior, lá onde tem os rios, não sei quantos, nunca fui... entrar lá mesmo dentro, não...

- E como era andar com o teu tio no mato? Tu foste para lá, ele sabia que tu tinhas aquele medo... como é que ele se comportava contigo? Dava-te a mão, essas coisas?

- Não! Nem pensar! Íamos, ali, não dava mão nenhuma, eu tinha uma arma... ele fazia essa coisa, dizia: ah, defende-te, se houver algum problema, disparas!

- E tu sabias disparar?

- Sabia! Então, desde pequeno! Tive medo de disparar, mas depois habituei-me... já tinha começado há muito tempo, quando eu tinha 5 anos ele ofereceu-me uma pressão de ar, uma Diana 24. É uma arma de pressão de ar, mas assim forte, mata um corvo a uma grande distância... é mais para rolas, coisas assim, é uma arma boa. Pouco tempo depois estava a disparar com uma 410, que era uma arma de fogo, dava coice! Lembro-me para começar a disparar com essa arma foi uma coisa complicadíssima... eu queria muito disparar com ela, mas tinha medo... aquilo metia medo... tinha um medo atroz de disparar com aquilo... então fui lá com o meu tio, saímos para ver se caçávamos umas rolas, para ele me ensinar a disparar a arma e tal... e eu a pensar: espero que não apareça rola nenhuma... ah, pá, não é que nesse dia apareceram mesmo rolas que nunca mais acabavam? E eu fazia tudo para elas fugirem.. (risos)... fazia barulho com os pés nas folhas secas e não sei quantos... e nada, elas não iam embora... até que ele disse: está ali, tens de disparar, agora! E a porcaria da rola não ia embora, uma rola grande! E eu ainda a tentar ... acho que é um pouco mais à frente, aqui estou muito longe... dispara daqui! Até que pronto, lá disparei, fechei os olhos ... e vi o mundo a andar às voltas... nem vi a rola cair... então só vejo o meu tio a ir lá buscar a rola... e pronto, a partir daí passou o medo de disparar com a 410...

- Quantos anos tinhas quando usavas essa arma?

- Uns 10 anos. Já usava uma 410, que era a arma de fogo do escalão mais baixo... dava para perdizes, para...

- Mas como é que tu conseguias disparar a arma, se eras assim todo magrinho?

- Sei lá... (risos)... e pouco tempo depois, aos 12 anos, eu já disparava com uma calibre 12. Uma calibre 12 é uma arma pesada, e é uma arma de 2 canos, dá um coice grande, inclusivamente pode ferir-te, se não souberes pegar... e preciso preparares-te sempre para o coice...

- Qual é a preparação?

- Tens que ter consciência de que ela te vai bater, não é? Então tens de fazer um amortecedor com o braço e o ombro... amortecer o embate...

- Mas achas que foram essas coisas aí, esse contacto desde muito cedo com as armas, com o mato, essa caminhadas, que te deu depois alguma vontade de ir para a luta armada? Algum imaginário de andar no mato assim, da mesma maneira ...

- Talvez um pouco disso, mas muito pouco. Na verdade pensava sempre mais num trabalho político... mas claro, habituei-me rapidamente e digo que se não tivesse sido o facto de ter andado na caça e nesses sítios com o meu tio, teria sido muito pior... eu caminhava bastante com ele e aprendi algumas técnicas de caminhar, como parar, como beber água, como descansar, eu já sabia que quando se caminha é até ao fim, não é andar a parar pelo caminho... ainda que esse meu tio quando andávamos no mato, sempre que passássemos por um lugar onde houvesse alguma coisa que se bebesse, parava sempre! (risos)... ficava lá um tempo a beber uns copos e depois continuávamos...

- E quando ele bebia não perdia o sentido de orientação?

- Não, nunca! Mas aí orientava-se mais pelas estrelas! (risos) ... mas ensinava-me!

- Como era isso da orientação pelas estrelas?

- Era pelo cruzeiro do Sul, que a gente via lá... ou pela estrela da manhã. Isso eu sei agora, mas na altura fixávamos sei que estrela era, nem devia ter nome nenhum, era uma estrela que ele inventava... estás a ver aquela estrela ali? Ela está sempre naquele ponto. Então eu fixava, já sabia que era aquela estrela, que o caminho era por ali... via a posição daquela estrela e já sabia onde estávamos... se ela estava por trás, pela frente, de lado, tinha uma orientação por aí, por aquele ponto... isto era só um caminho para voltar para casa, só para saber o regresso

- Então a estrela indicava a posição da casa..
- A posição da casa.
- E isso ajudou-me muito, porque depois quando estava a fazer o treino de guerrilha, era o crac a saber onde estávamos...

E então, passei a ter uma grande relação com o mato, tinha mais medo de estar na cidade sem luz do que no mato, no mato a escuridão já não me fazia mal, quando andava fora de casa. Para mim o mato não era escuro. E via, como se conseguisse ver no escuro, ouvia os sons dos animais a rastejar ou a correr por ali...

- E dentro de casa, quais eram os medos, o que é que podia acontecer de mal lá dentro?
- Sei lá, que tivesse alguma cobra... isso foi sempre o meu grande medo, que houvesse cobras dentro de casa, ou à volta da casa... por exemplo, essa casa da minha tia, onde nós vivíamos na Catembe, era uma espécie de palafita, era bastante alta, tinha umas escadas para se subir para casa... exactamente para não haver contacto com animais, principalmente cobras... mas mesmo assim, todos os dias de manhã, lá os empregados da casa, aquilo era um cercado grande e eles dormiam lá, tinha uma árvore bonita, uma mafurreira, tinha lá o fumeiro onde se faziam os chouriços e essas coisas, então eles dormiam ali à volta, no chão. De manhã, sempre antes de alguém sair de casa, eles faziam uma vistoria, para ver se havia vestígios de animais que tinham passado por ali à noite, sobretudo cobras, para termos a certeza, porque aquilo era mato! E às vezes apanhávamos cobras que passavam por lá no descampado... aquilo era um descampado, o mato ficava à volta mas tinha uma distância grande entre a casa e o mato, mas mesmo assim muitas vezes havia marcas de cobras que tinham passado por ali à noite...
- E o que é que faziam?
- Ficávamos a saber que era preciso ter cuidado, que podia haver cobras perto... houve uma altura em que apareceram muitas cobras, não sei porquê e então o meu tio comprou uns gansos, 3 casais de gansos, e então eles faziam a guarda... não havia cães lá em casa, eram gansos. Um outro tio meu é que tinha um cão, mas era um cão de caça, não era de guarda. E então os gansos tomavam conta, não entrava ninguém em casa à noite, não se chegavam perto, as pessoas que não eram da casa, os gansos atacavam mesmo. Nem nenhum animal, principalmente cobras, o ganso zanga-se, fica maluco com as cobras... e a cobra não consegue matá-lo... ao contrário dos cães... uma das razões porque eu deixei de caçar com cão foi essa, porque os cães chamavam cobras, estavam sempre a aparecer cobras no caminho, porque a cobra gosta de cão... era sempre, sempre que estávamos com cão lá aparecia uma cobra...
- E o ganso, não serve para caçar?
- Não... (risos) ... tu não controlas nada do ganso!
- Não pode ser domesticado?
- Não, aquilo não se domestica! Pões ali no teu terreno, ele demarca a sua zona logo, conhece as pessoas, isso aí ele conhece... e pronto, depois dentro daquele raio não entra ninguém! Ele também não sai dali, podes deixar à noite, toda a noite fora... não fica na capoeira... só para pôr ovos, por causa dos outros animais... mas eles não vivem fechados, a gente só fechava os gansos quando vinha alguém...
- Para não atacarem...
- Sim, iam para a capoeira. À noite, ficavam de guarda...
- Mas não consegues domesticar, para te acompanharem e tal?
- Não, não vai, fica ali naquele sítio, naquela área que ele considera dele. Não entra nada ali, nem pessoas, nem animais...
- Só aqueles que já estavam lá quando ele chegou...
- Só! Por exemplo havia muitos manhuços lá na zona, que estavam sempre a comer pintos, ou comer ovos... e tinha raposas, tinha muitas raposas na Catembe, raposas prateadas... ah, era



uma coisa que eu caçava muito, a raposa prateada... então, esses animais iam lá às capoeiras à noite... antes dos gansos, nós ficávamos ali com a arma à noite, à espera dos *mangussos*...

- O que é um *mangusso*?

- Como é que te vou explicar? É assim uma espécie de ratazana, uma coisa enorme... como é que se chama um mangusso? Tenho e ver na internet... cheira mal... aquilo faz um buraco na terra para ir até aos ovos... então, não havia capoeira que conseguisse defender as galinhas e os ovos... então fazíamos esperas ali, para matar mangussos... quando as galinhas começavam a ficar agitadas, sabíamos que eles já estavam perto...

- E come-se isso?

- Não! ... depois quando vieram esses gansos deixámos de ter de fazer essas esperas...

- Tinham nome, esses gansos?

- Não, era ganso, ganso, ganso...

- Mas vocês conheciam cada um?

- Não, era tudo igual!

- E eles não tinham nenhuma relação convosco?

- Sim, eles acompanhavam, quando a gente saía à noite para a caça, eles acompanhavam até ao fim da área deles, iam sempre acompanhar .. e depois quando chegávamos eles começavam a fazer barulho, de longe, já sabiam que nós estávamos a chegar... era o sinal de que estávamos a chegar!

- E como é que tu passaste de ter medo das cobras e ficaste “cobra”<sup>99</sup>?

- Ah, isso não sei! ( risos) ... não faço ideia...

- Porque é que decidiram que tu tinhas que “ser cobra”?

- Nunca falaram sobre isso, dizer mesmo, não... só fizeram a vacina... mas foi muito mais tarde, quando fizeram as outras vacinas também... depois voltei a fazer em Cabo Delgado, a vacina da cobra...

- E já não tens mais medo?

- Quer dizer, tenho medo, como qualquer pessoa tem medo de uma cobra, mas lido com ela partindo do princípio que ela não vai fazer nada... mas com guarda... à parte... mas nunca fui atacado por nenhuma cobra, normalmente elas fugiam... mas sempre que vi uma cobra em posição de ataque, sempre matei, com arma, não brincava com isso... foram raras, só quando era uma cobra que era o marido de outra alguém tinha morto ali perto- elas andam sempre aos pares e quando uma morre, a outra vai à procura e nessas situações, ataca ...

## A Casa da tia Olga

- Como é que era a noite em casa da tua tia, o que é que tu fazias quando não iam à caça?

- Absolutamente nada.

- Mas como era o quotidiano, a chegada da noite?

- Ao pôr do sol tomávamos banho, depois sentávamos na varanda da casa à espera que o meu tio chegasse de Lourenço Marques.

- Vinha a pé?

- Vinha de bicicleta. Ficávamos um pouco ali, ele chegava, sentava-se, ligava o rádio- tinha uma jovem que lhe trazia uma bacia de água quente, tirava-lhe as botas e lavava-lhe os pés... ele só tomava banho quando ia para a cama mesmo...

- Uma empregada?

---

99 Referência a tornar-se da família das cobras, depois de ter recebido uma “vacina” tradicional, cujo efeito faz com que, em vez de as cobras se afastarem, reconheçam no vacinado sua família e anunciem a sua presença para o “cumprimentar”, sem lhe fazer nunca mal. Camilo recebera essa vacina na adolescência.

- Sim. Então ligava o rádio e ficava a ouvir o noticiário, a gente ficava ali à volta, ouvíamos, podíamos ler uma ou outra coisa... sei lá, ele era o gajo dos almanaques, tinha almanaques que nunca mais acabava, tinha montes de coisas sobre agricultura, sobre pecuária, sobre o mundo, coisas de geografia, coisas sobre o tempo meteorológico... aprendi montes de coisas sobre o tempo, ele tinha em casa os aparelhos para medir a humidade, para medir a pressão atmosférica, para calcular quando é que vinham chuvas fracas, chuvas fortes, ciclones... tinha lá higrómetros e essas coisas todas... e pronto, ficávamos ali... ele lá zangava-se com o rádio, partia o rádio, era todo o tempo a remendar o rádio...

- Porquê?

- Ah, por causa do Salazar! Ele era um anti-salazarista... e aquilo ali era a emissora nacional portuguesa... então, quando o Salazar começava a falar, aquilo ali voava tudo! Voava a bacia de lavar a água de lavar os pés, voava tudo! ( risos) ... o gajo tinha uns “repentes”, ih caraças! Até arrancava os cabelos... ele era assim careca, tinha pouco cabelo, mas tinha cabelo grande assim e começava a arrancar os cabelos quando o Salazar começava a dizer qualquer merda, quando falava de África sobretudo, o gajo ficava louco! Aquilo havia sempre um rádio novo em casa, estava sempre a partir o rádio, voava aquela porcaria...!!!

- E enquanto isso a tua tia estava a fazer o quê?

- Estava a cozinhar. Ali cozinava-se dia e noite...

- Tu nunca ias ajudá-la na cozinha?

- Só de dia. De noite sentávamos ali na sala com o meu tio. Quando chegava a noite os madeirenses acendiam as luzes dos candeeiros de petróleo pequenos e quando ele chegava, então acendia o candeeiro dele, que dava luz como se fosse uma lâmpada eléctrica! Era um candeeiro todo especial, um petromax, mas daqueles que para a altura era bem moderno, vinha de França, ou de Inglaterra, sei lá, então só ele é que mexia naquele candeeiro... limpava tudo e tal, então acendia. E então a casa ficava iluminada com luz branca, toda a casa, já podíamos ler, não era aquela luz cintilante do *xipefo*, não era luz amarela, era luz branca, iluminava a sala toda, aquela sala enorme! Então ficávamos ali todos à volta dele... às vezes ele contava lá umas coisas dele, sobretudo da caça, ele também tinha andado na caça, quando era mais novo, em Portugal, contava lá umas coisas de Viseu, quando ele era novo...

- E depois, como era o jantar?

- Tinha lá as pessoas que a ajudavam na cozinha, punham a mesa...

- Os madeirenses?

- Não, as empregadas moçambicanas, que trabalhavam em casa. Os madeirenses não trabalhavam dentro, não tratavam da comida, da loiça, nem dessas coisas, eram empregadas... então elas punham a mesa, a minha tia vinha com a terrina da sopa- uma terrina enorme, igual a esta que a dona desta casa deixou aqui- uma terrina de sopa- era obrigatória a sopa, não é?- então ela servia todos os pratos de sopa e só depois é que vinha chamar-nos para ir para a mesa. A sopa era maravilhosa! Era uma delícia, pá, não sei o que é que ela punha lá dentro, eram só as coisas da machamba, não tinha mais nada... eh pá, mas era sempre boa, sempre, sempre, sempre!

- Tu em criança gostavas de sopa?

- Ah, tomava sopa sempre...

- Os teus irmãos também gostavam de sopa?

- Ah, o Paulo nada! A Fina mais ou menos, mas o Paulo nem pensar, só gostava de galinha e bife, não comia mais nada. Quando estava lá na Catembe era bife, almoço, jantar, bife! Nunca queria comer essas coisas com molho... bife com batata frita e ovo!

- E qual era a comida da tua tia que mais gostavas?

- Já não me lembro, mas ela fazia coisas espectaculares... então com a caça, ela fazia coisas muito particulares, com perdizes principalmente, quando caçávamos perdizes era um espectáculo! Fazia assados, peixe- como estávamos ali perto do mar tinha sempre peixe

fresco, camarões... eh pá, fazia essas coisas todas. Ficava todo o dia a cozinhar... também, lá não tinha mais nada para fazer... começava às 4 da manhã e só parava depois do jantar, passava o dia todo na cozinha! Não era possível jantarmos sem uns rissóis, sem umas chamuças, uns croquetes... não era possível à tarde, antes do banho, não ter lá uns *scones*, ou aquelas coisas do chá, bolinhos secos, crepes, coisas desse tipo... mas era todos os dias. Todos os dias a gente comia, antes da sopa, enquanto estávamos ali com o meu tio, tinha sempre lá umas coisitas: castanha de caju acabada de torrar a descascar- o meu tio adorava, porque chegava lá a casa e quando se sentava lá com os pés na bacia, bebia o seu whisky enquanto comia umas castanhas, uns amendoins torrados, aquele fruto do canhoeiro...

- Mongo?

- Mongo. Sementes de abóbora... com rissóis, chamuças, croquetes... mas era todos os dias, tudo novo sempre! O almoço, já era uma refeição mais leve. Tomávamos café quando acordávamos, entre as 5 e as 6 da manhã- leite fresco, acabado de tirar da vaca.. leite com natas, com as natas assim em cima- eu não bebia, o Paulo é que era o bebedor de leite, flocos de aveia, pão de forma e manteiga- feita pela minha tia ali, com as natas dali... a manteiga dela era muito boa, condimentada, fazia celhas de manteiga, durava todo o ano aquilo; depois às 9 horas tomávamos o pequeno almoço que eram bifés, ovos, uma coisa mais consistente, depois cada um ia fazer o que queria e à 1 da tarde almoçávamos um guisado, uma coisa rápida ... à noite então é que tínhamos a grande refeição... ela cozinava mil e umas coisas... tinha um daqueles fogões ingleses enormes, a lenha, aquilo ficava dia e noite a funcionar... eram assados, bolos, aquilo era uma loucura, estava sempre a funcionar!

- E de noite quem é que fazia essas coisas?

- Os madeirenses! Ficavam a fazer os chouriços, pão, esse bolo de mel, que se punha numas latas, assim grandes...aquelas coisas lá da terra deles... fazia-se tudo ali, não se comprava nada, só uma ou outra coisa que nem se comprava em Maputo, o meu tio mandava vir da África do Sul, ou dos barcos, trazia muita coisa dos barcos. Tudo de fora, muito poucas coisas portuguesas. As coisas portuguesas eram produzidas em casa, os chouriços, isso tudo. O queijo português vinha de Portugal, mas uma boa parte do queijo não era português, vinha da Holanda e de outros países, porque ele era um antiportuguês, por causa do Salazar... então ali em casa era tudo escrito em inglês, tirando o queijo da serra, tudo o que era flocos de aveia, esses cereais, vinham todos de fora... a minha tia fazia compotas e fazia bem, mas ele também trazia... e outras os madeirenses faziam

- Esses madeirenses que estás sempre a referir, quem eram?

- Eram uns emigrantes a minha tia que tinha lá, vindos da Madeira e dos Açores, trabalhavam lá.

- Como é que tinham vindo parar ali?

- Eram pessoas que tinham ido para Moçambique mas com o intuito de fugir para a África do Sul. Naquela altura não podias ir de qualquer maneira para a África do Sul, a maior parte deles entravam na A.S. ilegalmente a partir de Moçambique. E esses madeirenses tinham sido apanhados pela polícia e quando a polícia os apanhava, colocava-os um pouco à disposição de quem quisesse ficar com eles como serviçais... e pronto, o meu tio era da guarda fiscal e ali na Catembe havia poucos brancos, ele tinha sempre primazia de ir lá escolher, mas quase à moda dos escravos, ele ia escolher um trabalhador para a fazenda dele, para ficar lá ! E ficavam a viver lá! Tinham direito a alimentação e um quarto nas dependências da casa. Mais nada. Tomavam conta do gado, da horta, de tudo o que fosse da casa. Na prática eram escravos... não havia diferença nenhuma entre a maneira como eles viviam e como viviam os escravos *ndaus*<sup>100</sup> e *macuas* da minha avó... não os matava mas fazia pior... eram escravos! Cortava-

---

100 Os ndaus são um grupo étnico-linguístico que habita o vale do rio Zambeze, do centro de Moçambique até o seu litoral, e o leste do Zimbábué, ao sul de Mutare. São conhecidos e temidos em Moçambique pela sua grande força espiritual.

lhes a ração da comida, fazia coisas desse tipo, tratava-os abaixo de cão... parecia na altura um processo de retaliação...

- Por serem portugueses?

- Sim, mas tratava-os abaixo de cão... na verdade eles eram pessoas que deviam ter sido presas, porque vinham para Moçambique mas tentavam ir para a África do Sul ilegalmente. Quando eram apanhados, a polícia oferecia, se alguém dissesse eu fico com esse, pronto, ele ficava “ livre” e tu eras o “ dono” dele. Quando querias livrar-te dele ias à polícia e dizias: este aqui que me deram não presta, façam o que quiserem dele. E mandavam embora, ou prendiam, sei lá, faziam qualquer coisa lá com os gajos. E essa minha tia, tratava os gajos mesmo muito mal. Muito, muito mal. E eles até eram boas pessoas... eu lembro-me desse que me levava às cavalitas, fazia aqueles quilómetros todos comigo às costas... mas aquilo era mesmo- eu achava que era- uma situação de retaliação, para mostrar que os gajos eram abaixo de pretos... os gajos choravam, quando ela mandava fazer uma coisa e aquilo saía mal...

- Porquê?

- Oh, comida... e o medo de serem devolvidos à polícia... aquilo era um processo de escravatura grave! Não podem sair daquela zona, ficava, ali, por exemplo o gajo ao domingo não trabalhava, mas ficava lá... não saía dali. Toda a gente o conhecia, na zona... ah, aquele é da D. Olga! Então ponto, não tens maneira de andar...

- Então eles viveram ali a vida toda, nunca vieram à cidade?

- Nunca vinham aqui! Aqui vinham se fossem mandados para fazer alguma coisa, mas ninguém mandava, porque se eles eram apanhados aqui na cidade, pela polícia portuguesa, era complicadíssimo, porque não tinham como provar que viviam lá... então só ficavam ali, não saíam...

- Só iam até á ponte. A ponte era o limite deles. Não passavam dali.

- E morreram ali? Estão lá enterrados?

- Estão lá, no cemitério da Catembe. Eu tenho maningue medo de ir lá... só fui uma vez e senti-me maningue mal, nunca mais fui... tem lá muita gente... mas era um processo complicado... e estamos a falar do patrão não dizer nada, só dizer que ele não serve... e se dissesse alguma coisa? O gajo estava lixado! Então ficavam ali, a tomar conta dos meninos e tal... faziam tudo! Mas tudo mesmo, os chouriços... eram trabalhadores 24 horas, eram escravos! Cuidavam do gado, machamba, buscar água, montar as valas, as galinhas, tudo o que possas imaginar, os fumeiros, vedações, mecânica, fazer casa... e ainda carregar o menino Camilo, quando eu era mais pequeno...

- Mas só te carregavam a ti, ou a todos?

- Não, só carregavam a mim. Às cavalitas eu era o único, os outros iam lá na carroça.

- E tu porque é que não podias ir na carroça?

- Sei lá, porque saltava... Nunca fui! Eu ia de cavalitas, toda a gente sabia!

- E eles não tinham salário ou tinham?

- Recebiam um dinheiro qualquer, pouquíssimo, mínimo, mínimo, mínimo, que era estipulado pela polícia. Mas não faziam nada com esse dinheiro, guardavam...

- Algum chegou a voltar para a metrópole?

- Que eu saiba não, todos morreram ali.

- Mas casaram, tiveram filhos?

- Deviam ter feito filhos por ali...

- Mas constituíram família?

- Não, não estava previsto eles constituírem família... eles andavam por aí, faziam filhos por aí...

- Mas não estava previsto que eles tivessem a sua casa, constituíssem a sua família?

- Não, não, eles viviam ali, naquele território...

- Como se estivessem presos?

- Ya.
- E não estava previsto que pudessem ir embora para casa?
- Não, nunca! Não voltavam nunca mais , era desterro... houve casos de gajos que foram para a África do Sul. . S. Mas daqueles ali não.
- E todas as famílias tinham?
- Ali na Catembe, acho que era só aquela minha tia que tinha escravos... a Esperança Martins não tinha, o Padre Boavida é evidente que não tinha... acho que era só a minha tia, por via do marido, que era da Polícia Fiscal Portuguesa, o José Esteves de Sousa, que era deportado político. Como ele era da Polícia fiscal, então tinha acesso a essas coisas e quando havia esses gajos ele ia lá buscar. Mas tratava-os abaixo de cão, apesar de ser todo de esquerda, tratava os gajos como cães! Mas tratava mesmo mal... os gajos tchovavam-no quando o gajo não conseguia vir para casa, tomava vinho e não conseguia pedalar a bicicleta.. e quando voltava ... tinha um areal, 1 km antes da casa, um grande areal, mas dava para passar de bicicleta... mas o gajo já estava “ cansado” não conseguia pedalar mais, então ia lá um desses madeirenses, punha o gajo em cima da “burra” e *tchovava* o gajo... um 1k! Ele nem vinha a pé, vinha em cima da bicicleta e o outro gajo a tchovar... por acaso aprendi muito, nessas relações entre brancos, como é que se tratavam...
- Mas era uma coisa de classe?
- De classe... sim, talvez...
- Porque aqueles madeirenses eram camponeses ?
- Sim, absolutamente camponeses, vinham lá da Madeira...
- E o outro era um intelectual?
- ... um intelectual.. sim, lia três línguas e não sei quantos... era um deportado! Mas devia ser ao contrário, ele era um deportado, devia tratar aquelas pessoas de outra maneira...
- Por ter uma ideologia diferente?
- Exactamente, ele era anti-salazarista... podia... era terrível aquilo, tratava mesmo mal.. a minha tia, tinha que dizer ao gajo para não tratar assim... batia! Lembro-me que uma vez por ano marcava-se o gado, os produtores de gado ali da Catembe marcavam os seus bois com ferro quente. E quem estava a fazer isso era um primo meu, que se tinha predisposto a ir lá para ajudar a fazer a marcação do gado. Mas durante a marcação do gado, um dos madeirenses meteu-se lá, não me lembro do o que é que disse (que não devia ter dito, porque não tinha direito a palavra...) E lembro-me de esse meu primo pegar no ferro de marcar os bois e sair a correr atrás dele, para marcá-lo! Para marcá-lo com um O.S. ( Olga de Sousa, que era como o gado era marcado).
- E os outros o que é que fizeram?
- Os outros nada! Ficaram quietos, senão eram marcados também...
- E os outros moçambicanos?
- Só riam daquilo, queriam que ele fosse marcado! Acho que ele era um pouco mau ali no trabalho, ele era capataz, sabia fazer as coisas da machamba, tinha conhecimento lá da madeira, sabia tratar do gado, sabia fazer um parto de fosse preciso, não era um gajo qualquer, já tinha trabalhado numa fazenda lá na madeira. Então era capataz, né? Tinham muita vontade que ele fosse mesmo marcado.
- E tu aprendeste alguma coisa com essas figuras?
- Aprendi coisas de como estar no campo... fazer chouriços, fazer as valas para a água passar, para fechar as valas quando chovia demais...
- Mas tu ajudavas, ou só ias ver?
- Ia ver, não podia fazer nada, era quase proibido... não podes trabalhar junto com o escravo... aquilo era uma coisa muito complicada... não podias mexer nada, se quisesses mexer alguma coisa, chamavas a ele e mandavas fazer. Ir à caça com eles, por exemplo... eu era miúdo, tinha que ir com um deles... e ele carregava a arma, eu só pegava na arma para disparar... e tinha

que trazer a caça... eu só ia ali, a passear... por isso é que eu não gostava muito de ir com eles à caça, preferia ir com o meu tio, o Vô Ruy,... aí sim, andávamos, ficávamos a noite inteira a andar, nas noites escuras, que era quando se caçava melhor, nas noites de lua nova, parávamos em todas as aldeias, a beber aquelas bebidas de melancia...

- E qual era a zona onde havia a melhor caça?

- Era aquela zona da Susana. Mas aquela zona de Kufa<sup>101</sup> era longe, naquela altura ... mesmo para irmos até Elisa, despediam-se as pessoas: eu vou viajar! Como se fosses para Pemba, porque era longe aquilo! Eu lembro-me que quando fomos ao pedido da Susana, aquilo era láaa ... fomos de carro, mas nunca mais chegávamos lá! A gente levava o dia inteiro para chegar lá!

- Kufa era uma aldeia?

- Não, era uma povoação.

- Grande?

- Não, na altura aquilo a que eu chamo de povoação não era aquilo a que se chama uma povoação hoje, eram 3 ou 4 casas juntas, era uma família que vivia ali, com os filhos, etc... por exemplo na família da Susana era a casa do Wamala, que era o pai dela, as duas mulheres dele, um irmão, a irmã mais velha da Susana, que já eram casada...

- Quando é que aconteciam essas cerimónias, nessas povoações?

- Quando alguma coisa tinha acontecido naquela família e era preciso resolver...

- Espiritualmente?

- Sim.

- E como é que tu sabias que estava a haver esses rituais?

- Quando os batuques começavam a tocar, eu ia com as outras pessoas atrás do som! E às vezes andávamos e andávamos e andávamos, porque o som parecia perto, era um vento que trazia, afinal era longe até não poder mais...

- Isso era sempre à noite?

- Sempre à noite, de dia não. Mas andávamos e depois ficávamos até de manhã, um pouco antes do sol nascer pronto, terminavam as coisas...

- E o que é que vias, nesse teu olhar de criança?

- Via lá as pessoas a andarem de um lado para o outro, a matar as galinhas, tomar lá os banhos, lançar os *tintholos*<sup>102</sup>... depois falavam de uma maneira- eu não percebia tudo, só algumas coisas- que parecia que estavam sempre zangados, havia- pelo que eu percebia, mas não tenho a certeza que era isso- parecia que havia conflitos dentro da família que estava a ser tratada- às vezes ia uma família inteira- e começavam a descobrir coisas que havia entre eles, que este fez isto, este fez aquilo e havia mesmo conflitos fortes, zangavam-se, havia discussões grandes...

- Mas chegava-se sempre a uma solução?

- Não, às vezes saíam de lá zangados, muitas vezes...

- E tu conhecias os curandeiros que vinham lá a essas casas?

- Alguns conhecia, de os ver ali, porque alguns eram dali... outros vinham de longe, lá da zona de Bela Vista ou de Catuane junto à fronteira, que eram os mais conceituados, considerados os melhores curandeiros da zona...

- Qual era o mais famoso de todos?

- O Wandjiquissa! Era considerado o máximo! Era da zona da Porto Henrique, na Bela Vista...

---

101 Pequena aldeia situada entre as vilas da Catembe e Belavista, na província de Maputo.

102 Mistura de ossículos, búzios e pedras, deitadas pelos adivinhos ao chão e cuja posição relativa lhes permite “ler” mensagens dos espíritos.

- Portanto não era da mesma zona da tua avó...
- Era um pouco afastado, mas fazia parte daquele grupo de curandeiros da minha avó, a minha avó conhecia-o bem, era uma pessoa que quando havia grandes cerimónias, grandes coisas para resolver ali, iam chamá-lo. E ele não se deslocava de qualquer maneira, aquilo era toda uma organização para ele ir lá.
- Como é que era essa organização?
- Eu não sei exactamente, porque nunca participei, mas sei que era preciso ir lá pedir, era complicado, ele não ia a casa de qualquer pessoa...
- Não ia a casa de qualquer pessoa, ou não ia atender qualquer problema?
- Não sei muito bem como é que era...
- E quais eram as relações que a tua avó tinha com ele?
- Eu não sei, porque não estava vivo ainda... ela já tinha morrido quando eu era pequeno, mas eu ouvia sempre a minha mãe falar do Wandjiquissa, que ela conhecia... e eu vi o Wandjiquissa, cacei até nas terras dele, várias vezes..
- Lembra-te da primeira vez que o viste?
- Sim, claro, era um gajo muito gordo, sentado lá no... a povoação dele era enormíssima, viviam lá as mulheres todas dele, tinha lá a escola de curandeiros dele, era uma povoação enorme! Andava-se a pé um monte de tempo para conhecer a povoação dele.. caçava-se até, dentro da povoação dele, estás a ver de que tamanho é que era! Naquela altura, para fazer as casas não se cortava o mato à volta, abria-se uma pequena clareira e construía-se ali as palhotas, mas à volta era tudo mato...
- Para poderes ter as coisas do mato, caça, árvores de medicamentos e essas coisas?
- Exactamente! Não se abria, não era como agora que se corta a árvores todas, não se cortava nada... então tu andavas ali e até caçavas ali dentro daquelas pequenas povoações! Eh pá, aquilo mandava caça até não poder mais... caça que nunca mais acabava!
- Porquê?
- Então... se ele era o dono daquilo, dos animais!!
- Dono dos animais como?
- Oh pá, era o curandeiro mor de todo o sul de Moçambique...! Aquilo ali era um DONO! Toda a região sul de Maputo, Belavista, Catembe, aquilo tudo era dele! Tinha terras até... não conseguias andar a pé lá dentro, aquilo não acabava... eu costumava ir lá caçar... porque a minha tia Olga também era amiga dele... estava lá sempre ... dizia que não gostava dos cafres, dos curandeiros, mas de vez em quando ia lá e era amiga dele... depois o régulo da Catembe também era amigo lá de casa, então quando ele ia ela ia também... e eu aproveitava boleia, ela com eles de carro e depois ia à minha vida... o Wandjiquissa já me conhecia... é o menino que vem caçar! E lá saía com os “pisteiros” lá para as perdizes, para as rolas... aquilo até de dia se caçava gazelas no terreno dele... normalmente gazelas a gente caça à noite, com lanterna... mas ali, até de dia!
- E tu quando ias lá caçar, entravas na casa dele?
- Entrava no átrio, não entrava lá dentro da casa... a casa era para fazer lá os *tintholos*... eu era miúdo... mas andava ali, via aquelas coisas, os banhos, aquilo tudo... esses tugas todos ? Iam todos lá parar... tudo! O que é que estas aqui a fazer? Eh pá, vim aqui caçar umas perdizes... não era perdiz nenhuma, tinha ido lá ao curandeiro... depois a gente via, o gajo não entrava ali à frente de toda a gente.. então às vezes nós também demorávamos, na caça... e ele ali à espera que a gente fosse embora... porque eram pessoas conhecidas, esses gajos donos de grandes empresas lá em Maputo, da João Ferreira dos Santos, da Mabor, da Facobol<sup>103</sup> ... esses donos de Lourenço Marques nessa altura! Ia tudo lá parar! Com as mulheres... não sei o que é que ficavam lá a fazer, mas ele era um gajo com dinheiro até não poder mais!

---

103 Fábricas de derivados de borracha, criadas no tempo colonial, nacionalizadas no pós-independência e mais tarde ( re) privatizadas.

- Tinha gado?
- Gado? Porra! Pagavam com gado... o pagamento era gado ali... tinha machambas que nunca mais acabavam...
- Mas fazia-se também agricultura?
- Fazia-se, então, ele era um homem riquíssimo, com montes de mulheres, tinha grandes machambas ali na zona do rio Tembe, Porto Henrique era uma zona muito rica! E ele era um gajo ultrapoderoso, também sob o ponto de vista material...
- Tinha escravos?
- Ah tinha! Isso aí todos tinham. Os curandeiros tinham sempre... e ele, estava cheio! Aquilo era só escravos! Então? A terra do gajo não acabava mais, tu não conseguias andar a pé ali dentro... tinha povoações! Aquilo tudo era dele... ali era o Wandjiquissa, ali também era, ali também era... povoações, não estou a falar de meia dúzia de famílias... famílias inteiras, grandes... aquilo tudo era dele!
- Mas eram escravos, ou população dali?
- Tinha escravos e tinha população. Ali, na casa dele e tudo à volta, eram só escravos...
- Vindos de onde?
- De vários lugares... uns dali mesmo da Catembe, outros que vinham lá da zona da fronteira de onde vinha a minha avó também... a minha avó é que o conhecia bem, vinham da mesma zona...
- Mas vinham como escravos ou vinham como população?
- Muitos vinham como escravos.
- Como?
- Pessoas que levavam lá, que dentro dos rituais eram deixadas lá...
- Eram deixadas lá porquê?
- Ou porque os espíritos pediram essa pessoa e essa pessoa era entregue ali e ficava lá a viver, trabalhava na casa do curandeiro, ajudava o curandeiro a fazer lá os banhos, essas coisas...
- Mas aprendiam, eram aprendizes de curandeiro?
- Depois acabavam por aprender, mas não iam lá para isso, iam por alguma razão que os espíritos determinavam...
- Eram tipo “escravos espirituais”?
- Exactamente! E tinham muitos, muitos mesmo...
- E era o curandeiro que diziam se a pessoa tinha que ficar ou não tinha que ficar?
- Sim, lá durante os rituais os espíritos diziam que aquela pessoa tinha que ficar ali...
- Eram homens e mulheres ou só mulheres?
- Eram homens e mulheres, mas sobretudo mulheres.
- E as mulheres com quem ele casava, eram também algumas dessas, ou eram outras?
- Eram outras.
- E como é que ficavam a viver os escravos?
- Viviam ali, faziam as coisas da casa, todas... não podiam sair dali... o gajo não precisava de fazer nada, não precisava de guardas, nada! Eles simplesmente não saíam, sabiam o que é que lhes ia acontecer se saíssem, se fugissem do Wandjiquissa... porra!
- O que é que lhes acontecia?
- Morreriam! Lá no meio das feitiçarias... tinha muitos *ndaus*...
- E a tua avó era amiga dele?
- Sei que era amiga porque vieram da mesma zona, lá junto à fronteira... as pessoas que na verdade tinham poder naquela zona até à cidade de Lourenço Marques, daquele lado da baía, aquilo era tudo ... tirando os pescadores de água salgada, da baía, tudo aquilo era de gentes que vieram da África do Sul...



- E será que então não eram gentes que vieram com o Ngungunhane<sup>104</sup>, nas invasões *Ngunis*<sup>105</sup>?

- Sim, mas também pessoas que viviam ali na fronteira e que eram zulus, uma mistura de rongas e zulus... mas eles tinham poder, tinham os grandes curandeiros... e não saíam daquela zona ali deles... o Wandjiuissa não saía dali, nem ia à Catembe! Andava sempre por ali, vestido daquela sua maneira, só com peles... não usava nada aqui no tronco, quando víamos ele com alguma camisa era uma capulana que ele punha assim à volta dos ombros...

- E ele nunca veio lá a vossa casa?

- Não. Mas ele tinha uma grande relação com um primo da minha avó, que era curandeiro... e que por sua vez tinha uma relação forte com ela ... eu acho que a minha avó era uma pessoa bastante especial, mesmo no sentido espiritual. Lembro-me que um dia, ali na Catembe houve uma cerimónia grande, e então, estavam assim todos sentados em volta, mas um monte de gente, de curandeiros, vindos de lá da região de Maputo. E de repente, a minha avó, a Milidansa, disse que havia um problema ali dentro, entre as pessoas... estava toda a gente ali... então ela foi e indicou uma pessoa: aqui, tem um problema. E não é que tinha mesmo, escondido lá dentro da roupa, uma série de coisas, dos curandeiros? Ninguém sabe como é que ela sabia... diz-se que foi uma confusão quando ela foi lá e indicou: - está aqui! Foi partir daí ela ficou muito conhecida, ali na zona, por ter conseguido descobrir aquela pessoa, entre um monte de gente vinda de vários lugares...

- Mas essa pessoa queria fazer mal?

- Ya, estava lá para fazer mal!... eu nem sei o que é que fizeram aquela pessoa... porque naquela altura não brincavam com essas coisas...

- Tu contaste uma vez que chegaste a filmar o Wandjiuissa...

- Sim, mas não lá na Catembe.... cruzámo-nos por acaso, eu já tinha uns 13 anos, já filmava com a câmara de 8 mm do meu pai... ia filmar uma festa na Catembe com o Zé Miguel, o Paulo, aqueles músicos todos... íamos lá passar a noite na Catembe... e ele estava a ir a Maputo, num *gasolina*<sup>106</sup>, que parou ali na ponte quando nós estávamos à do *catembeiro*<sup>107</sup>. Então filmei um plano com ele a sair do barco, com o seu séquito... era o barco, o povo...

---

104 Ngungunhane nasceu em Gaza, no ano de 1850. Foi o último imperador do Império de Gaza, no território que actualmente é Moçambique, reinando de 1884 a 28 de Dezembro de 1895, dia em que foi feito prisioneiro por Joaquim Mouzinho de Albuquerque na aldeia fortificada de Chaimite. Morreu em Portugal, Açores (Angra do Heroísmo), no dia 23 de Dezembro de 1906. Em Outubro de 1983, o Presidente moçambicano Samora Machel visita Portugal e acorda com o seu homólogo português, Ramalho Eanes, a trasladação para terras moçambicanas dos restos mortais do imperador de Gaza, que jaziam já havia 77 anos algures no cemitério da freguesia da Conceição, na periferia da cidade de Angra do Heroísmo, nos Açores. ( Fonte: <http://jornalnoticias.co.mz/index.php/caderno-cultural/48346-ngungunhane-recordar-o-imperador-de-gaza>)

105 O Estado de Gaza, também conhecido como Império de Gaza, no sul de Moçambique, abrangia, no seu apogeu, toda a área costeira entre os rios e Maputo e tinha a sua capital em Manjacaze na actual província moçambicana de Gaza. Foi fundado por Sochangane ( 1821 - 1858) como resultado do *Mfecane*, um grande conflito despoletado entre os Zulu por consequência do assassinato de Shaka em 1828, que culminou com a invasão de grandes áreas da África Austral por exércitos Nguni. O rei de Gaza dominou os reis Tonga na região sul de Moçambique através dos membros da sua linhagem, os Nguni, comerciando marfim que recebia como tributo, com os portugueses estabelecidos na costa (principalmente em Lourenço Marques e Inhambane. Em 1884 ascendeu ao trono Nguni, Ngungunhana, filho de Muzila ( Fonte: Wikipédia, referências UEM, Departamento de História, 1982. História de Moçambique Volume 1: Primeiras Sociedades Sedentárias e Impacto dos Mercadores. Cadernos TEMPO. Maputo)

106 Pequeno barco a gasolina, quase exclusivamente usado por portugueses, que transportava rapidamente um pequeno número de passageiros entre Lourenço Marques e a Catembe.

107 Barco de maior porte, a diesel, que transportava um maior número de pessoas, geralmente com menos posses, no mesmo percurso.

acho que é a única filmagem dele ( era, porque já não sei onde é que isso está) do Wandjiquissa, aquele grande curandeiro! Ele só vinha a Maputo uma vez a cada 10 anos, cada 15 anos quando havia alguma coisa especial...

- E como é que era?

- Vinha com um séquito enorme, um monte de gente que o acompanhava, mulheres e homens... vinha vestido com roupa normal, lembro-me que a primeira vez que o vi vestido... ih pá, quando o gajo passou ali junto à Ponte, nos Catembeiros, aquilo parou tudo! Para o gajo passar... toda a gente conhecia ... toda a gente a afastar-se, a olhar, a falar, a apontar e tal... porque ele era uma pessoa muito temida! Outros a cumprimentar, a baixar a cabeça, com muito respeito... ele era uma pessoa que por onde caminhava, toda a gente respeitava! Tu para ires para zona dele, que era uma região enormíssima, tinhas que ir lá pedir licença para andar naquela região! Não ias lá de qualquer maneira... e ninguém tinha poder para chegar lá...!

- Chegar lá onde?

- No Wandjiquissa<sup>108</sup>? Ir ter uma consulta com o Wandjiquissa? Quantos bois precisavas para poder ir? Toda a gente queria... até os portugueses... era muito interessante, porque quando eu ia para lá caçar eu cruzava-me com montes de portugueses que faziam esses rituais todos! E até gente com grande poder económico, donos de grandes empresas! A gente via eles a passarem por ali, todos dizendo a mesma coisa: que estavam ali para caçar e entretanto passaram por ali e tal... ninguém tinha ido ao curandeiro, estavam todos a caçar! (Risos) ... era uma zona de boa caça!

Então quando ele chegou no barco, as pessoas quando ele passava diziam: ei, hoje vai acontecer alguma coisa lá no *Xilungúne*<sup>109</sup>!

- E o que é que ia acontecer?

- Não sei, mas suponho que ia fazer um ritual lá na cidade... mas devia ter sido contratado por alguém com muito poder, porque para retirar o Wandjiquissa de Porto Henrique para Maputo não podia ser qualquer pessoa... devia ser lá um desses portugueses grandes... ou era o próprio Governador Geral!

- Que não podia ir lá para o mato...

- Pois! Ele deve ter ido para a Ponta Vermelha, acredito, da maneira como foi montado tudo... era um barco novo que tinha chegado, não era daqueles gasolinas pequenos.. era um barco grande e ele vinha lá em cima, sentado, com o pessoal dele e tal... O Wandjiquissa era um grande personagem! Mais tarde devia ter ficado lá durante um tempo a filmar e fotografar, porque já tinha aquela confiança...

---

108 Famoso curandeiro e etnia ronga, na província de Maputo.

109 Termo em língua XiRonga, utilizado para designar a cidade de Lourenço Marques, significando “ o lugar dos brancos”.

## Capítulo 2. AJUSTANDO O FOCO

- Camilo, quando havia “ missas” dos antepassados na tua casa lá da Mafalala, vinham pessoas da lá Catembe?
- Vinham, sempre! Vinham familiares, que eu nem conhecia... poucos, naquela altura não se andava aí aos montes, vinham três, quatro pessoas...ficavam em casa, dois, três dias e iam...
- E como é que eram as “missas” ?
- Tinha as duas partes, a Igreja Católica e o *Kupalha*..
- Vinha um curandeiro, alguém para fazer a “missa”?
- Não, geralmente não vinha curandeiro, vinha uma pessoa mais velha lá da Catembe e pronto, fazia-se a missa... mas a Igreja nunca faltava e as comidas eram sempre aquelas comidas da tradição comida dos espíritos, cozinhada sem sal : geralmente galinha, com amendoim e farinha de milho; as galinhas eram aquelas de cerimónia, com penas de muitas cores, que vinham lá do terreno da nossa família ou da criação daqueles familiares que vinham; eles traziam, matavam-se ali a fazia-se a cerimónia, traziam a bebida tradicional também de lá . Faziam-se também as outras comidas, indianas, portuguesas, goesas, moçambicanas...
- E em alguma outra circunstância vinham curandeiros, também?
- Sim, algumas vezes... às vezes vinham sozinhos, outras vezes eram chamados pela família lá da Catembe, diziam: vamos trazer o primo tal ( que era curandeiro) ... principalmente quando eram cerimónias da minha avó, que era a única que manteve até à morte ligações fortes com a tradição, com os curandeiros, com esse mundo espiritual...
  
- E tu crescestes com essa tradição, estiveste envolvido de alguma maneira com ela desde criança, tens um nome tradicional?
- Tenho. Fiz todos os rituais, todos os que se faz com a criança, depois mais tarde quando era adolescente também. Quando tinha uns 13 anos veio um curandeiro da região de Maputo, ali da zona de Catuane, esse que era primo da minha avó. Veio com a mulher, trazia remédios, disse que precisávamos de ser curados e que ia fazer uma missa ali na nossa casa, durante uns dias... e pronto, foi isso, uma coisa difícil, com cortes, sangue... foi quando me cortaram a língua... só a mim...
- Porquê?
- Porque ele achava que eu era o único que precisava de fazer o corte na língua por causa do dom da palavra, que eu ia ser uma pessoa que ia falar para grandes pessoas e não sei quantos... então fiz esse tratamento na língua, que foi doloroso... sangue até não poder mais!
- Porque é que te escolheram a ti para fazer isso?
- Não sei porquê, ele disse que era eu....
- Mas era normal eles virem fazer esse tipo de tratamento às pessoas nessa idade?
- Isso não sei... mas aquele foi enviado por espíritos para ali... ele nunca tinha ido a Lourenço Marques... e foi directo, a pé, lá da fronteira da África do Sul, atravessou de barco ali na Catembe e foi directo até à casa, não perguntou a ninguém! Chegou lá e entrou! A minha mãe olhou, nem acreditava.. então ficaram lá a falar, a fazer lá os *dzungulanços*<sup>110</sup> e ela perguntou: como é que vieste até aqui? Quem é que te acompanhou? Ninguém, viemos sozinhos... ele e a

---

110 Conjunto de cumprimentos, falas coloquiais e silêncios, que fazem parte da etiqueta entre pessoas de cultura ronga, que manda que quando estas se visitam ou se encontram no caminho, perguntem detalhadamente e sem pressa por todos os familiares, inteirando-se da sua saúde, de onde estão, da sua descendência nascida recentemente, entre outras questões, antes de avançarem com algum pedido ou explicarem algum motivo específico da sua visita.

mulher! Isso foi incrível, isso é que me deixou completamente louco! Um gajo que nunca na vida tinha vindo a Lourenço Marques, o gajo chegou lá a casa!

- E disse que vinha fazer o que?

- Que tinha sido enviado para tratar a casa toda. Ele sonhou que nós precisávamos de tratamento e veio.

- Que tratamentos é que fez aos teus irmãos?

- Fez esses tratamentos normais, banhos, vacinas em diferentes lugares do corpo, montes de coisas... Depois quando chegou a minha vez ele disse que tinha que fazer um tratamento especial, diferente, que ia ser muito doloroso mas tinha que ser...

- Tinha que ser, porquê?

- Não sei, ele há-de ter explicado lá à minha mãe...

- Não te explicaram a ti?

- Não... essas coisas aí dos espíritos não se explicam às crianças... e ele falava *ronga camoniano*<sup>111</sup>, ninguém conseguia perceber, nem o meu pai, nem nada... só a minha mãe... era ronga puro, daquele lá da fronteira... a Susana, entendia um pouco também...

- Também tratou a Susana?

- Sim, a todos.

- Ao teu pai e a tua mãe também?

- Sim, o tratamento normal...

- O teu pai autorizou?

- Oh, estava lá... e foi! Depois esse curandeiro pediu para eu o acompanhar de volta até ao barco, para atravessar para a Catembe. Fomos a pé, descendo pela cidade, ele sempre a falar aquele ronga camoniano dele... despedimo-nos, ele atravessou...

- Mas tu já conhecias esse curandeiro, lá da Catembe?

- Não, nunca ninguém o tinha visto, só a minha mãe é que o conhecia, lá para trás, mas nessa altura ele já era um velho de 70 e tal anos... ela conhecia-o de quando ele era jovem e vinha a casa da minha avó, ele era primo da minha avó... vivia láaaa na fronteira com a África do Sul, onde tem um rio ali que faz fronteira, um riacho... um tempo depois, vieram dizer que ele tinha morrido quando acabava de regressar à terra dele... entrou no rio e desapareceu... não se sabe se foi comido por um crocodilo, o que é certo é que desapareceu...

- Talvez “encantou”<sup>112</sup>...

- Pode ser... pode ter encantado... é bem capaz, porque ele era um espírito muito forte...

## Despertando entre três mundos

Foi depois disso que eu comecei a fotografar. Fotografei muita coisa tradicional na Catembe e também ali na zona de Chamanculo, Mafalala... bastava conhecer ali alguém e já estava a entrar lá dentro, a fotografar curandeiros, isto e aquilo. Porque esse era um mundo que ao mesmo tempo me despertava muita curiosidade desde criança e eu queria conhecer melhor, por outro era um mundo que muitas pessoas não conheciam. Mesmo os escritores, os intelectuais lá da Mafa<sup>113</sup>, conheciam só dois mundos, o do subúrbio e o da cidade, mas esse outro mundo não, muitos até colocavam isso como uma coisa de cafres... mesmo a Frelimo

111 O termo “camoniano” (de Camões) é usado para fazer referência a uma forma da língua XiRonga antiga, mais pura, mais poética.

112 Referência aos “encantados” na mitologia brasileira, de que Camilo ouviu falar no Brasil e que identificou com as histórias de beira-rio do sul de Moçambique, onde as muitas pessoas se diz desaparecerem e irem habitar com os crocodilos, muitas vezes voltando ao final de muito tempo com o aspecto humano mas tendo a capacidade de se transformar em crocodilos durante a noite

113 Diminutivo de Mafalala

não conseguiu integrá-lo, primeiro rotulou-o de obscurantismo e mesmo agora ainda não o integra, a não ser como folclore...

- Depois daquele tratamento já estavas habilitado a andar por esse mundo?

- Andava!!! Antes já entrava, mas com medo... não entendia bem o que se passava ali, aquilo dava-me muito medo ... depois já era diferente, andava por ali completamente à vontade, sem medo nenhum!

- Mas tu vês esse tratamento que te fizeram como uma espécie de abertura?

- Eu acho que sim!

- E essa abertura que tu experimentaste depois do tratamento, foi para esse mundo só, ou para todos os mundos?

- Não, não, para todos! Mas principalmente para esse mundo mais tradicional... não sei bem como explicar, mas o que é certo é que aquilo abriu-me muita coisa assim para a frente... para os **três mundos** na realidade, para tudo o que eu não conhecia... foi a partir daí que ... deve ter sido por causa dos cortes que me fizeram na língua... mas foi uma coisa que deu assim uma abertura em geral, mas grande mesmo!

- Mas como é que tu sentiste essa abertura?

- É abrires-te para o mundo, tudo aquilo que estava dentro de ti, que foste guardando durante estes anos, comesças a olhar mais, procurar perceber a razão das coisas... foi muito tempo a ouvir, a escutar, a pensar sobre isso, ler algumas coisas, sem nunca vivenciar essas coisas, sem ter contacto com outras pessoas... o Rangel<sup>114</sup> era o tio Rangel, mais nada... a partir dessa altura comecei eu a procurar essas pessoas... a querer saber mais sobre as coisas, querer ver, fotografar... lembro-me que desde que andava no liceu, vinha de *machimbombo* e a paragem era em frente da livraria Moçambicana e costumava entrar na livraria para ver o que tinha lá. Uma das coisas que eu sempre folheava era uma colecção de livros da agência portuguesa de revistas, que publicava um livros sobre como fazer um rádio, como fazer fotografias, como ampliar fotografias... então como eu nessa altura já fazia uns pequenos trabalhos para o meu tio, de pintura de letras em montras, decidi comprar os livros de fotografia. Comecei a fazer fotografias sozinho, primeiro mandava revelar, mas depois consegui comprar um pequeno ampliador no Júlio Rito<sup>115</sup>, em segundíssima mão...(risos)... baratíssimo, com uma cabeça pequenina... mas dava para fazer essas primeiras experiências sozinho. Depois quando comecei a necessitar de fazer algumas perguntas, para ver se os enquadramentos estavam a andar, que papéis usar, para que é que servia cada um e coisas assim, fui ter com o Rangel e mostrei a fotos que já fazia... a partir daí, começou com ele uma relação de aprendiz-mestre...

- Ele orientava-te, em termos de fotografia?

- Sim, mostrava-lhe sempre as fotos que ia fazendo, ele orientava-me sobretudo na questão da luz, como iluminar ou como fotografar com luz natural, como aproveitar os melhores momentos de luz.. e o enquadramento, claro, sempre.

- E em termos de olhar, o que é que ele dizia do que tu fotografavas?

- Ah, isso nada. Só dizia: vai fotografando tudo o que encontrares. Apesar de ser miúdo, eu andava sempre com a minha máquina fotográfica por esses lugares, tanto do bairro como da cidade onde se juntaram poetas, pintores, escultores, bandidos, prostitutas, operários, estivadores. Tinha muita vontade de mostrar por um lado a diversidade desse universo, por outro, como todas aquelas pessoas, em certos momentos, apesar das suas diferenças, se juntavam contra a dominação colonial. Na Mafalala a polícia estava sempre lá a bater em nós. As pessoas do bairro, pelo seu lado olhavam para um português ali dentro à noite e batiam. Posso dizer que a uma certa altura os brancos portugueses tinham muita dificuldade em entrar ali dentro. Isso era uma coisa que nos marcava bastante, não só a mim mas todas as pessoas

114 Ricardo Rangel, conhecido fotógrafo e nacionalista moçambicano.

115 Conhecido exibidor de filmes, proprietário de salas de cinema na periferia da cidade de Lourenço Marques e de estabelecimentos de reparação e venda de material de cinema e fotografia em segunda mão.

da minha geração que vivíamos ali, andávamos sempre todos agitados, talvez eu não fosse dos mais agitados, eu não entrava nas cenas de pancadaria, mas estava sempre a observar, a fotografar sempre que podia.

- Mas tu relacionas essa mudança em ti, com essa vinda do curandeiro lá a tua casa?

- Sim, essa vinda dele lá a Casa. Sempre relatei.

- Uma coisa espiritual?

- Sim. Ele dizia que eu estava destinado a falar em qualquer lugar, com qualquer “branco”... não no sentido de cor, mas de pessoas que sabiam coisas, com quem podia conversar, relacionar-me... e na verdade, o tio Rangel deixou de ser tio Rangel, passou a ser um companheiro, passei a ir lá ao laboratório dele no *Notícias* e passávamos lá muito tempo a conversar... o Malangatana<sup>116</sup> já não era só o Malangatana que a gente só via e ouvíamos ele conversar com outras pessoas, já foi outra fala, já comecei a falar com ele de outra maneira... o Rui Nogar<sup>117</sup>, já também andava por ali pela Mafalala, já andávamos juntos para aqui e para ali, livros e não sei quantos... o Craveirinha, a mesma coisa... pronto, foi assim um abrir para lugares que para mim... que não-de ter sido conhecidos, mas que eu não sabia que existiam e a partir dali...

- Não-de ter sido conhecidos como?

- Nos espíritos... que já me tivessem mostrado esses lugares... acho que isso acontece com toda a gente, chegar a um lugar e já conhecer... como me aconteceu em Bruxelas, eu fui por uma rua, com o meu irmão Guilherme<sup>118</sup> e fui-lhe contando o que é que estava lá à frente, naquela rua... e nunca na vida tinha passado ali... tinha acabado de chegar a Bruxelas... foi quando o gajo disse que eu “tinha espíritos”... (risos)

- Então tu tomas essas tuas idas à Catembe em criança como uma entrada gradual nesse mundo e depois essa vinda do curandeiro como que sistematiza essa vivência, tipo um rito de passagem?

- Sim, porque ele chegou num momento em que na realidade eu ou mudava ou ficava ali e acabou...

- O que seria esse “ficar ali”?

- Ficar como esses meninos do liceu, em discussões filosóficas sobre Platão e Aristóteles...

---

116 *Rui Nogar*, pseudónimo de Francisco Barreto, nasceu em 1932, em Maputo, e publicou poemas em jornais como “O Brado Africano” e “Itinerário”, sendo *Silêncio Escancarado* a primeira publicação em livro. Desde 1964, *Rui Nogar* é militante da Frelimo e foi preso pela PIDE (Fonte: [sonhosdeletras.com.br/2015/04/14/escritor-31-rui-nogar](http://sonhosdeletras.com.br/2015/04/14/escritor-31-rui-nogar))

117 Escritor moçambicano, José Craveirinha nasceu a 28 de Maio de 1922, em Lourenço Marques (actual Maputo), e faleceu a 6 de Fevereiro de 2003, na África do Sul. Filho de pai algarvio, cuja família partira para Moçambique em 1908 em busca de fortuna, estudou na escola «Primeiro de Janeiro», pertencente à Maçonaria. Ainda adolescente, começou a frequentar a Associação Africana. Colaborou no *O Brado Africano*, que tratava de assuntos de carácter local e que dissessem principalmente respeito à faixa da população mais desprotegida. Fez campanha contra o racismo no *Notícias*, onde trabalhava, tendo sido o primeiro jornalista oficialmente sindicalizado. Em 1958, começou a trabalhar também na Imprensa Nacional. Continuou no *Notícias* até à fundação do jornal *A Tribuna*, em 1962. Entre 1964 e 1968 esteve preso, em virtude da sua ligação à FRELIMO, mas teve a oportunidade de conhecer na prisão o pintor Malangatana. (Fonte: <http://www.pluraeditores.co.mz/o-nosso-pais/autores/autor/ver>)

## Ajustando o Foco

- Tu dizes sempre “ *quando eu despertei*”, o que é que isso significa?
- Acho que foi conseguir juntar as memórias essas histórias que tinha ouvido, dos personagens que passavam lá em casa, da diferença que havia entre o bairro e a cidade e a Catembe... ir incorporando essas histórias nos livros que ia lendo e depois nas coisas que ia vendo por esses lugares onde passava, nos filmes... tudo misturado, mas já tudo a fazer sentido...
- Que tipo de sentido?
- Um sentido político... a mostrar que estávamos a ser ocupados, que era preciso mudar as coisas ...
- Os livros que ias lendo eram de que tipo?
- Sei lá, primeiro tudo o que havia lá em casa. Alguns livros do meu avô, que era goês, mas literato em todas as línguas e tinha uma biblioteca imensa, já nos anos 30. Tinha por exemplo uma versão inglesa dos Usos e Costumes dos Bantu- “ *Life in a Tribe in Southern Africa*”<sup>119</sup>. O livro tinha sido comprado por ele, que era funcionário do Banco Ultramarino, antes do Estado Novo, casado com uma ronga e queria entender a cultura da sua esposa e respectiva família. Ele tinha muito orgulho dela e levava-a às recepções no Governo Geral, vestida com as suas “capulanas”. Fazia também a compilação de revistas francesas sobre povos africanos. Ele era o pai da minha mãe e de mais cinco filhos, entre eles a Noémia de Sousa. A minha avó, que tinha como nome de registo Clara, mas que na família era conhecida pelo seu nome tradicional- Milidansa- também teve muita influência na família, manteve todas as tradições ronga na família, todos os filhos, netos e bisnetos fizeram todos os rituais de nascimento rongas, tal como descreve o Junod. O que não era normal numa família de pai goês, oficial do Banco Nacional Ultramarino, português portanto ( os seus filhos mais velhos- anteriores ao Estado Novo- foram estudar em Portugal). Eu não conheci o meu avó, só fui influenciado por aquilo que ele deixou na sua biblioteca. O meu inglês não era grande coisa, mas fui vendo as figuras e lia os títulos ( já dava inglês na escola) e isso foi importante para mim, porque eu queria conhecer as pessoas com quem eu vivia ( por exemplo a minha família da Catembe) que eram rongas, portanto eram parte dos Tsongas de que falava Junod. Comecei a descobrir coisas reais ( por exemplo as coisas ligadas aos curandeiros, rituais da morte, o lobolo- vários rituais, o casamento) a que eu assistia sem entender o significado, nem imaginava que alguém poderia escrever sobre isso, porque me pareciam coisas normais que aconteciam numa tribo ( naturalizada) Não tinha noção da importância disso como cultura ( o que os portugueses chamavam coisas dos cafres) e na verdade eu venho de uma outra cultura absolutamente colonial. Foi o facto de alguém- um antropólogo- dar a importância a isso, escrever sobre isso que me fez ver a importância disso como cultura- e a descobrir o significado disso. Isso foi importante para eu perceber que eu não era português, não pertencia ao mundo dos brancos, dos portugueses e percebi que tinha de me apropriar daquele mundo para existir, porque o outro não me dava o que eu precisa para poder sobreviver- uma pertença a um lugar- sabes que ali tens os teus, os outros não eram, uma identidade, ao mesmo tempo que tinha de me apropriar do conhecimento que era trazido pelos portugueses para não ser pastor de gado... É evidente que este pensamento de pertença e identidade vai evoluindo e começo a procurar outras referências desta identidade nos poetas moçambicanos, a minha tia Noémia, o Craveirinha, o Rui Nogar, a procurar artigos de jornal, principalmente no Brado Africano, de João Albasini, do próprio Craveirinha sobre aquela moçambicanidade de que ninguém mais

---

<sup>119</sup> Editada após a independência de Moçambique pelo Arquivo Histórico de Moçambique com o título de “ Usos e Costumes dos Bantu” é uma obra de Henri A. Junod, missionário, antropólogo sobre os povos que denominou por Tsonga, que abrangem o sul de Moçambique e África do Sul.

falava... Havia muita coisa que passava por ali, dos Craveirinhas<sup>120</sup> e não sei quantos, que eu ia lendo... eu era o mais novo daquelas pessoas que viviam ali à volta e que liam, então ia sempre lá buscar uns livros para ler...

- Mas ias lá buscar onde?

- Em casa das pessoas, ia lá pedir... tinha várias pessoas ali... por exemplo em casa da Lolita-filha do Ernesto e da Judite Bruheim, nossos tios que eram ali vizinhos, ela depois casou com o Eusébio- tinha sempre ali uns livros assim mais ... que eram proibidos...

- E dos Craveirinhas tu lias também coisas manuscritas, ou escritas à máquina?

- O que eu li dele eram coisa escritas em casa, à máquina...

- Que ele entregava à Noémia para ler?

- Não, eu passava lá em casa dele e lia, lá... a Noémia já não existia ali, ela foi embora quando eu nasci... porque ela embora quando? Em 52, acho... eu não tinha nascido ainda... mas apanhei foi os livros que livros que a Noémia<sup>121</sup> tinha deixado lá em casa... tinha vários... eu nunca mais consegui apanhar essa antologia de poesia moçambicana...

- *No Reino de Caliban*<sup>122</sup>?

- Não, não, essa só foi publicada depois da Independência... tem uma bem anterior, uma escrita com máquina, para ser publicada lá em Portugal, na Casa dos Estudantes do Império... foi parar lá uma cópia em casa...

- Dactilografada?

- Ya...

- Portanto antes de ser editada?

- Sim...

- Então era a tua tia Noémia que tinha feito a compilação?

- Não sei, ela estava lá na Casa dos Estudantes do Império... acho que ela mandou de lá para a minha mãe uma cópia... nunca mais apanhei esse livro... tinha poemas ali que não encontro em lado nenhum... nem sei o nome das pessoas, porque eram coisas apanhadas... poemas escritos em missões, por exemplo, que eram lindíssimos... coisas belíssimas! Sobre a questão do racismo, da humilhação, nas igrejas, nas missões, coisas muito bonitas que nunca encontrei, nunca mais li isso, nem sei se chegou a ser publicada...

- E que outros livros ela deixou?

- De escritores africanos da África ocidental, dos escritores negros americanos... esses apanhei... e os discos de vinil, dos cantores negros norte-americanos, os blues, os espirituais negros...

- E qual era a ideia que tu tinhas sobre ela, o teu imaginário a partir dessa literatura e dessas histórias familiares de que ela tinha estado presa, que estava emigrada e tal?

- Pronto, já fazia parte de nós essa coisa de que- mesmo sem utilizar a palavra- que éramos subjulgados ou colonizados por aqueles... isso já estava claro, fazia parte de nós... a polícia, a PIDE, já sabíamos tudo desde pequeninos...

- E portanto nesse momento, mesmo pequeno, tu já tens lado, estás do outro lado ...

- Sim! Isso aí era claro, digamos quase que obrigatório, na altura...

- Portanto as coisas já eram vistas como Nós e Eles...

- Sim, sempre! Mas sempre!!

---

120 O Plural do nome de alguém conhecido, é usado na linguagem popular moçambicana para designar todo o grupo dos seus companheiros, congéneres, contemporâneos ou pessoas que tenham com ele um vínculo identitário com aquilo por que ele ficou conhecido. No caso, refere-se aos escritores nacionalistas daquela época.

121 Noémia de Sousa, tia de Camilo.

122 Antologia panorâmica da Poesia africana de expressão portuguesa, de Manuel Ferreira, editada em 1975 em Lisboa, pela editora Seara Nova.



- E qual era a coisa mais marcava a diferença entre Nós e Eles?
- O racismo. O racismo era a coisa que mais me incomodava. A gente via o que se passava no dia-a-dia da cidade, desde que se apanhava o machimbombo para o liceu, no liceu, na saída com colegas do liceu, no regresso a casa de machimbombo, era só olhar para as coisas que se passavam à volta, era claro que vivíamos num estado de apartheid, um apartheid muito camuflado, mas via-se. Na minha turma no liceu quase só havia brancos, não-brancos eram só dois “canecos”, pertencentes à classe média-alta, um muçulmano e eu. No primeiro ano havia um negro, mas foi tirado, não sei porquê.
- E tu tiveste situações em que foste discriminado?
- Lembro-me só de não me deixarem entrar onde entravam os meus colegas de liceu. No hotel Cardoso, no Clube dos Lisboetas, que eram ao lado do liceu, bastava estar lá um guarda e dizia que eu não podia estar lá e mandava-me embora.
- E o que sentias, nessas ocasiões?
- Sentia raiva e vontade de abater esses gajos. Mas não era tanto por aquilo que se passava comigo, que eram coisas pequenas, mas mais por aquilo a que eu assistia, desde criança. Assisti a coisas horríveis, por exemplo não deixarem a minha mãe sentar no machibombo num lugar qualquer, tinha de se sentar no banco de trás, onde se sentavam os pretos e se esse banco estivesse ocupado, mesmo que o machimbombo estivesse vazio ela não podia entrar, porque aqueles lugares estavam reservados para os brancos. Era um apartheid não declarado, mas sempre presente no nosso quotidiano e muito complicado: nos bares, nesses sítios mandavam-nos embora, às vezes estávamos sentados e entrava um branco e mandavam-me sair para ele sentar. Era muito duro. Depois, claro, as pessoas revoltavam-se, principalmente ali na Mafalala, havia cenas de pancadaria difíceis por causa disso porque, claro, as pessoas começavam também a organizar-se, os mulatos ali da Mafalala criaram um ginásio, para musculação, com peso e alteres e aqueles jovens saíam dali para ir bater em brancos, nos bares. Aqueles mulatos todos iam para lá ... eram esses que de vez em quando iam lá para o Solar Familiar bater naquela gente toda! Eu acho que isso era um pouco aquilo que acontecia nos Estados Unidos, no Haiti, na África do Sul... aquele estilo. Criar gente fisicamente forte para enfrentar tudo, inclusivamente bater neles. Bastava um pequeno rastilho num bar -os bares eram sempre de brancos, não havia proprietários de bares mulatos, nem negros- para sair uma cena de pancadaria. Eles iam lá para ver, porque mesmo que não tivesse a ver com eles, bastava que houvesse qualquer coisinha com uma conotação rácica, eles partiam aquilo tudo. Depois os donos do bar chamavam a polícia de choque, que funcionava só para os negros e aquilo era uma pancadaria que nunca mais acabava, mesmo com a polícia, havia sítios onde a polícia não entrava, com medo.
- O teu irmão mais velho, o Paulo, também andava nisso?
- Não, ele não se metia muito nisso, ele era músico só...
- E o teu pai?
- O meu pai sim, quando havia essas coisas de racismo ele entrava logo, a discutir com toda a gente...
- E esse ginásio era num clube?
- Não, eram grupos de halterofilismo, ou de culturismo, em casa de algumas pessoas, como os Calianos<sup>123</sup>. Ia lá quem quisesse treinar, tinha pesos, tinha tudo para fazer halterofilismo. Mas aquilo era uma escola com regras, a alimentação era toda regrada, às vezes tinha algumas pessoas que sabiam mais, uns brancos que iam lá, explicavam qual devia ser a alimentação para os halterofilistas, uma espécie de clube já organizado, aquilo era mesmo rigoroso.
- Tu chegaste a andar nisso?
- Não, ia lá ver os treinos, mas não andava..... só o Paulo e o Guilherme.

---

123 Família de origem espanhola conhecida na Mafalala à época reportada por Camilo pela sua dedicação ao halterofilismo e culturismo.

- Tu não gostavas?
- Não, nunca me interessou, não achava muita piada andar ali naquilo... eu era muito magro, não conseguia andar ali... mas fazia alguns exercícios com o meu tio em casa, tínhamos lá uma banca de halterofilismo... eu fazia pesos... antes de nós fazia o Bito, nosso primo, esse aí é que era mesmo de culturismo, ganhava todos os campeonatos.
- E esse grupo dos Calianos foi o único que produziu campeões, ou havia outros?
- A maioria dos campões vinham da Associação Africana, também havia lá uma classe de ginástica que foi criada pelo meu tio Nuno<sup>124</sup> e pelos Calianos... o meu tio era o professor, porque ele era atleta e professor do Ginásio de Lourenço Marques, que era uma coisa só para brancos... e então ele fez lá na Associação Africana uma classe de ginástica, com os Craveirinhas, Damásios Lofortes<sup>125</sup> e outras pessoas ... eles tinham ligações ao governo português, tinham o Brado Africano que a PIDE não gostava muito, mas de qualquer modo tinham ligações a essas organizações... e como aquilo era para fazer uma coisa do estilo brasileiro ( estou a pensar que naquela altura no Brasil já se fazia isso com o futebol, a ginástica, a dança...) não deixar aqueles meninos suburbanos perderem-se nas ruas da cidade, tinha ali um lugar para pô-los que era a Associação Africana, que buscava talentos entre os miúdos pobres... e conseguiram doações para compra de equipamentos... aquilo foi doado por organizações portuguesas... mas ligadas à ginástica ou às maçonarias, Opus Dei, Rotary Club... esses gajos ligados ao desporto mas com dinheiro... então chegou ao momento em que a Associação Africana tinha equipamento de ponta, de super-qualidade, para ginástica aplicada! A ginástica foi uma grande aposta e resultou! Foi lá onde andou o meu irmão Guilherme- que chegou a ser campeão do Império e por isso é que foi treinar e estudar em Lisboa- o marido da Teresa Cruz e Silva e muitos outros...
- O Tarcitano era desse grupo?
- Era do grupo do meu tio e dos Calianos... era muito conhecido... o Tarcitano... o sr. Rodolfo, um mulato caneco, era de pesos e batia que não era brincadeira!
- O Tarcitano chegou à minha geração como uma figura... o meu irmão Paulo é que era muito fã dele, houve uma época, já depois da Independência, em que ele queria fazer culturismo, depois de ler uma reportagem que apareceu no jornal com o título: “Tarcitano, o ídolo do culturismo, vencido pelo racismo!”. Eu era miúda, nunca cheguei a perceber bem qual era a história...
- Então? Ele não era branco! Não deixavam o gajo participar em algumas coisas... quem participava nessas coisas ... o meu primo, o Bito, era branco... branquíssimo... (risos)
- Mas o teu tio, participava...
- Sim, por serem brancos! (risos)
- Ah, por serem brancos de cor, por serem claros!
- Sim! Claros, mulatos muito claros, cortavam o cabelo bem rapadinho e passavam por brancos! O Nuno como é que... vê só... era professor do Ginásio de Lourenço Marques? Sabes o que era isso?
- Ah, porque não percebiam que ele não era branco!
- Sim, era um branco! A maneira como vestia... o Nuno andava com os melhores fatos, de Paris! Paris, não era Portugal! O gajo vestia como... não havia brancos ali que vestissem melhor que o gajo... ficavam loucos com a maneira como ele se vestia... esse meu primo Bito<sup>126</sup>, a mesma coisa, onde o gajo entrava, parava tudo...

---

124 Nuno Abranches de Sousa, tio materno de Camilo, foi um dos percussores da Arte Gráfica em Moçambique; ficou também famoso como ginasta e professor de ginástica aplicada, tendo sido campeão do império português nos anos 50 e 60.

125 Damásio Loforte foi dirigente associativo da Associação Africana em Lourenço Marques.

126 Diminutivo de

- Achas que o teu irmão Guilherme<sup>127</sup>, também passava por branco?
- Não! Se era escuro como eu, como é que ia passar por branco?
- Mas foi lá para Portugal treinar ginástica, mesmo não sendo branco...
- Sim, mas aquilo já foi outra geração... ali já iam... iam muitos, o Mussá Tembe<sup>128</sup> não foi para Portugal? Aquilo era uma forma de afirmação, de mostrar que nós podíamos ser melhores do que eles, mesmo naquilo que eles consideravam que era “deles”...
- E essas pessoas que fizeram esses treinos depois foram para a Luta Armada?
- Não, foram para o exército português alguns, foram comandos alguns, juntaram-se à Frelimo quando a Frelimo entrou... acabaram com o 7 de Setembro...

## O OBSERVADOR EM MOVIMENTO

### Transitando ENTRE Fronteiras

- E no teu caso, qual foi a tua forma de afirmação, na adolescência?
- Os meus tempos da adolescência foram marcados pela aprendizagem da arte gráfica e da fotografia. Quando tinha 14 anos, comecei a trabalhar na *Fotogravura Afris*<sup>129</sup>, onde o meu irmão Paulo já trabalhava também. A *Clássica* da Beira<sup>130</sup>, que era uma grande empresa, pedia os trabalhos lá, zincogravura, fotogravura, nós fazíamos ali todo o trabalho, mandávamos e eles imprimiam lá... e era também através da *Clássica* da Beira que chegavam aqui livros diferentes! Tudo o que era proibido em Portugal chegava aqui através da *Clássica*! E a *Minerva*<sup>131</sup> punha à venda, apesar da censura. No meu tempo de juventude a *Minerva* era um lugar nobre da cidade, era o ponto de encontro das “cabeças pensantes”. Como a livraria ficava entre o jornal *Notícias*, *A Tribuna* e o restaurante *O Brilhante*<sup>132</sup>, onde se juntavam também, principalmente ao sábado, grupos de pessoas que discutiam o País, acabava por ser ali que jovens e velhos iam trocar impressões sobre questões políticas. Ali eu encontrava o Rangel, o Craveirinha, o Rui Nogar, o Ceita, o João Reis, o João Mendes e por vezes o Malangatana, o Aníbal Martins. Nessa altura também já era muito evidente a presença da polícia política e da censura nas nossas vidas e depois de a PIDE encerrar *A Tribuna*<sup>133</sup> onde o Craveirinha era o chefe de Redacção, ficou muito clara a necessidade de tentar fazer coisas diferentes, de usar a imagem para mostrar coisas que víamos e que nos chocavam e já

127 Guilherme de Sousa Ismael(1949-1954), irmão mais velho de Camilo, é jornalista e escritor moçambicano – sobrinho da poetisa Noémia de Sousa. Foi enviado aos nove anos para Portugal e viveu na Europa a maior parte da sua vida. Aos 18 anos exilou-se em Bruxelas, onde esteve até 1974. Regressou a Moçambique por um breve período, tendo sido um dos fundadores da AIM, mas acabou por tornar a Portugal tendo aí feito um curso de Cinema, enquanto colaborava no «JL», como crítico de cinema. Grande parte da década de oitenta passou-a em Londres, como jornalista da BBC; aí criou o programa semanal «Tribuna Cultural», dedicado à cultura africana e que dava grande destaque a Moçambique. Em vida, publicou dois livros de poesia. Deixou vários inéditos, em vários géneros ( Fonte: [www.alcanceeditores.co.mz/biografia/guilherme-ismael](http://www.alcanceeditores.co.mz/biografia/guilherme-ismael))

128 Aluno de Nuno Abranches de Sousa, Mussá Tembe foi na geração seguinte um famoso ginasta e dançarino de *marrabenta* da Associação Africana.

129 Oficina de produção de materiais gráficos situada no bairro da Malanga, em Lourenço Marques, onde trabalhou Nuno Abranches de Sousa e seus sobrinhos Paulo e Camilo de Sousa.

130 Famosa livraria na cidade da Beira.

131 Com sede na baixa da cidade de Lourenço Marques, a *Minerva* é uma antiga e prestigiada livraria e gráfica, cuja “ história acompanha mais de um século de mudança, de independência e de progresso do povo moçambicano”. ( Fonte: [www.veja.co.mz/index.php/lista-de-empresas/educacao-e-cultura](http://www.veja.co.mz/index.php/lista-de-empresas/educacao-e-cultura))

132 Restaurante-bar na baixa da cidade de Lourenço Marques, onde se juntavam intelectuais nacionalistas moçambicanos.

133 Jornal vespertino da cidade de Lourenço Marques, que não era a favor do regime colonial, onde escreviam vários intelectuais nacionalistas e de esquerda.

sabíamos que tinham que mudar. Com 14 anos, eu já tinha uma visão política que me permitia entender o funcionamento do sistema colonial. Nessa altura, comecei a trabalhar no *O Jornal*, do João Reis, a fazer fotografia profissional.

- Deixaste de estudar para ir trabalhar, com 14 anos?

- Não, de manhã continuava a estudar no liceu. E à tarde estudava com os meus colegas juntos no café Djambu: o Afonso Santos<sup>134</sup>, Fernando Mora Ramos<sup>135</sup> e outros. Todos os dias, depois de estudarmos, passávamos pela Minerva, à procura de uma coisa nova. E na realidade de vez em quando descobríamos coisas novas e ficávamos ali a ler, em pé, como se estivéssemos a escolher um livro, e acabávamos lendo aos poucos livros que não tínhamos dinheiro para comprar. Mas lembro-me de ter comprado o livro *A Invenção do Amor*, do Daniel Filipe. Fiquei fascinado, aquilo para mim era o maior canto de amor e revolução. Algum tempo depois, o pai do Afonso Santos, o Guilherme Afonso, disse ao filho para me dizer que estava à venda, na montra da Minerva o livro “Pátria, lugar de exílio”, de Daniel Filipe. No dia seguinte passei pela Minerva e já não estava. A PIDE tinha retirado.

Depois mais tarde entrou o cineclube, então eu via quer os filmes no cineclube, quer os filmes antes de passarem no cineclube- havia sempre uma sessão para se ver o filme que ia passar a seguir, para se organizar o debate e eu ia sempre lá ver. Aí já eram filmes mais arrojados, alguns proibidos em Portugal, mas aqui a PIDE não sabia muito bem que tipo de filme era e deixava passar: Eisenstein, Dziga Vertov, cinema russo principalmente, algum cinema latino-americano, então aí já era uma coisa diferente, com debate, com discussão, então isso começou a animar-me bastante.

- Mas esses debates já tinham um cunho político?

- Sim, bastante, nós víamos e chegávamos cada um à sua conclusão, não ficávamos a discutir Moçambique, mas cada um à sua maneira tirava as suas conclusões sobre o que se passava aqui. Com o meu grupo do liceu já era diferente, íamos às salas de cinema ver outro tipo de filmes, e depois ficávamos um grupo de 3 ou 4 amigos a discutir o filme sob o ponto de vista do que se passava em Moçambique. Eram filmes comerciais, mas interessantes, que lidavam um pouco com a questão racial, *Adivinha quem vem Jantar*, com o grande actor negro, Sidney Poitier, passou no cinema Infante e toda a gente da Mafalala foi ver o filme, porque era uma coisa louca ver um negro no cinema, num ecrã gigante, nos bares, em casa, toda a gente falava sobre esse filme, sobre essa relação entre branco e negro, foi uma coisa muito forte.

- E quando começaste a fazer fotografia profissional para *O Jornal*<sup>136</sup>, o que é que fotografavas?

- Comecei por a fotografar na rua Araújo, fotografava as mulheres que trabalhavam lá naqueles cabarets... tinha montes de fotografias delas. É pena que isso se tenha perdido, dava um bom álbum de fotografia! Mas fotografava-as em situações que não tinham nada a ver com os colonos...tinham a ver com elas, só elas, eram fotografias delas tiradas como pessoas, não aquelas fotografias delas como prostitutas, com os colonos, com o soldado português, mas elas, como mulheres, como pessoas. Assim com pose e tal, com a capulana, quando tiravam a capulana e tinham mini-saia... esses momentos “entre”... E depois dentro dessa linha fotografei os prostíbulos lá perto da Mafalala e no Micajuíne... depois fotografei naquele bar que depois foi a primeira Sede Frelimo em 1974<sup>137</sup>, aquilo era um bar de prostitutas e

---

134 Afonso Santos mais tarde se tornaria um famoso escritor e crítico de literatura moçambicano, com várias obras publicadas.

135 Fernando Mora Ramos é hoje um dos mais conhecidos dramaturgos e encenadores de teatro portugueses, com inúmeras obras escritas e encenadas.

136 Começou por ser um semanário e mais tarde se transformou num jornal diário vespertino em Lourenço Marques, dirigido por João Reis, conhecido intelectual de esquerda nos anos 60 e 70 em Moçambique.

137 Situado na Av. de Angola, que liga a cidade ao aeroporto.

soldados portugueses, chamava-se Vasco da Gama... eles achavam piada a esse miúdo que aparecia ali a fotografar... às vezes eu aparecia lá com o Craveirinha, íamos lá juntos à noite quando saíamos do Jornal. Depois fotografei o Xipamanine<sup>138</sup>, com enfoque nas raparigas brancas que iam lá para aquelas ruas sujas comprar capulanas nos indianos...

- O que e que querias mostrar com isso?

- Mostrar aquela cidade que aqueles colonos queriam tomar... e por isso iam lá para o Xipamanine...

- Portanto a ideia de que eles já estavam a sair das fronteiras que eles mesmos tinham desenhado e entrar do vosso lado?

- Sim.

- Mas tu vias isso como um perigo, um problema?

- Um perigo não, mas achava que era uma coisa folclórica, turística, de utilização das pessoas que estavam ali a vender os materiais tradicionais no mercado, as capulanas... comprar essas coisas exóticas dos “ usos e costumes”, como eles chamavam... eram aqueles meninos “queques” vindos de Portugal e que pensavam ser os donos de tudo, subiam em cima de tudo, sem nenhum respeito... meninos que não tinham nada a ver com nada, não pertenciam ali, nem queriam entender estavam ali de passagem... eram os amigos do Gulamo, que inventaram para ele o nome de Ali Monhé...

- Mas o Gulamo já não era teu amigo, nessa altura?

- Na verdade, tivemos uma relação boa, até aos 14 ou 15 anos. Mas depois começamos a separar-nos porque eu continuei a dar-me com os meus dois grupos, do liceu e de fora do liceu e por outro lado eu já não estava no liceu... eu deixei de ir às aulas e passei a fazer os exames fora, candidatava-me para os exames...

- Portanto como aluno externo...

- Sim.

- E porquê?

- Porque tinha decidido que não servia para nada aquilo que os professores davam lá, aquilo que eles davam eu também podia aprender em casa, nos manuais e noutros livros ... precisava de algumas coisas de matemática e física, mas isso podia aprender com os colegas, fora do liceu, só para fazer exames. O Gulamo e os outros continuaram lá, a gente já se encontrava mais raramente, eu encontrava-me ao fim de semana com o Fernando Mora Ramos e o Afonso Santos... tinha também o Pedro Paulo Pereira<sup>139</sup>, que depois passou a fazer parte do grupo... encontrávamo-nos no sábado à noite, bebíamos uns copos, umas *catembes*<sup>140</sup>, umas cervejas, uns penalties, uns *tricofights*<sup>141</sup>... íamos ao cinema, mas na verdade eu já estava um pouco a sair desse grupo, porque eu trabalhava já, enquanto que todos eles ainda estavam a viver à custa dos pais, incluindo Gulamo. O pai dele era uma pessoa de algumas posses, daqueles muçulmanos encaixados pela família, a família Sacoor, ele tinha um emprego na Permar, uma grande empresa de serviços de cabotagem, ele era um dos directores da empresa...

- Ele era um menino rico, portanto?

---

138 Um dos primeiros bairros periféricos a cidade de Lourenço Marques, onde habitava uma parte significativa da mãe de obra “ indígena” que servia a cidade, pequenos árabes e indianos e alguns negros “ assimilados”. No centro do bairro situava-se a igreja, um campo de futebol, um conhecido mercado de produtos locais e estava instalado o parque de estacionamento de viaturas e o dormitório dos trabalhadores que efectuavam a limpeza e saneamento da cidade de Lourenço Marques, que eram na sua maioria migrantes das províncias de Gaza e Inhambane. Neste bairro estava também situado o Centro Associativo dos Negros da Província de Moçambique.

139 Mais tarde tornou-se dramaturgo e professor de dramaturgia.

140 Catembe era uma mistura de vinho com Coca-Cola, bebida muito apreciada em Lourenço Marques.

141 Tricofight era uma mistura de vinho verdade com Ginger-Ale.

- Era relativamente rico. Eu é que o fui puxando para outras coisas mas chegou a uma determinada idade em que ele já queria ir para outros voos, ir para a Ponta do Ouro por exemplo, para onde nós não íamos, o máximo que nós íamos era ali para o Bilene... e dormíamos na rua, no jardim das casas e tal...

- Portanto havia uma diferença de classe entre vocês...

- Sim, sim, não só em relação a mim, aos outros todos, mesmo os brancos, eram de um nível social mais baixo, os pais eram pequenos funcionários do estado... e depois acontece que nesse momento, já para os 16 anos, começam a chegar de Portugal, porque a guerra estava a expandir-se, começam a chegar de Portugal muitos oficiais portugueses que traziam os seus filhos, a sua família... os filhos era pessoas já com 16, 17, 18 anos, que achavam que Moçambique era o máximo, por causa da *suruma*<sup>142</sup>, da aproximação com a África do Sul... em Portugal eles estavam bem mais atrasados do que nós em termos de música, em termos de roupas... a ligação com a Europa para nós era mais simples porque era feita através da Inglaterra, do que eles ali em Portugal... então eles vinham de lá com as suas coisas, o Maio de 68, mas o Maio de 68 burguês, não é? E criou-se nessa altura um grande grupo de gente, de *freaks*<sup>143</sup>, vestiam-se com aquelas roupas, as mini-saias, cabelo comprido... pronto, era um movimento que não tinha nada a ver comigo, eu estava noutra, ainda por cima trabalhava... essa era a grande diferença entre mim e eles e eles foram percebendo isso, que na verdade eu estava num outro momento... o Fernando Mora Ramos na altura até falou comigo sobre isso, que eles tinham falado entre eles e que se sentiam com muita vergonha de eu estar a fazer o esforço que fazia e eles continuarem a ir fumar para os cafés e tomar cafés e não sei quanto, que era uma situação completamente vergonhosa para eles... uma conversa assim interessante...

- Portanto para ti isso de ter ido trabalhar tão cedo, era por causa das condições económicas da tua família?

- Sim, sim...

- Por causa dessa coisa do teu pai nunca trazer dinheiro...

- Sim, claro...

- Então tu achaste que era necessário ires trabalhar...

- Sim, não estava na escola a fazer nada... o meu irmão Paulo já trabalhava, a Fina também... trabalhavam todos lá em casa, menos as minhas irmãs mais pequenas... então achava que não tinha que estar na escola, quando podia estudar sozinho em casa e trabalhar durante o dia... durante algum tempo ainda me mantive no liceu, a estudar à noite, mas depois achei que estudar à noite também não servia para nada, então desisti e passei a estudar sozinho, e funcionou...

Então isso aí criou um certo desequilíbrio ali nesses grupos... o Abudo Hunguana trabalhava, esse pessoal todo tinha que trabalhar, não tinha outra maneira de viver a não ser trabalhar...

Então isso aí o que é que criava? Que às vezes os pais convidavam ao fim de semana, faziam um lanche em casa e sabiam que eu trabalhava, então isso aí... eu era o ídolo daqueles pais, tinha uma profissão, trabalha... tinham-me um grande respeito... e o Ali Monhé na vida dele, nas passas... é aí que ele começa a chamar-se Ali Monhé, isso foi uma coisa que os *freaks* lá inventaram... eu sempre o tratei por Gulamo... então pronto, ele começou a ser o rei daqueles meninos e daquelas meninas que vinham lá de Portugal, tratava da *suruma*, tratava de tudo, organizava lá as tais festas, com os tais bolos de *suruma*... tinham sempre festas no sábado à

---

142 *Cannabis sativa*, muito usada em Moçambique em diversos meios sociais.

143 *Freaks* é uma palavra de origem inglesa que significa "aberração" na língua portuguesa, utilizada para qualificar algo que é fora do comum. Em Moçambique começou a ser usada no final dos anos 60 para designar os Hippies ou os jovens ( maioritariamente brancos portugueses) de classe média- alta que usavam drogas e tinham um comportamento fora do comum.

noite, ali pela Coop<sup>144</sup>, em várias casas... nem me convidava, eu era demasiado “straight”<sup>145</sup> para estar ali, como eles diziam...

- Não fumavas *suruma*?

- Não. E isso demarcou-nos bastante, porque eu achava que a nossa solução para as coisas não era o caminho dos hippies europeus, filhos dos colonos que vinham de Portugal para cá, que isso não era solução para nada para nós... fazer uma aliança com eles para quê? Só para o *freakessismo*<sup>146</sup>, para fumar passa, para beber copos porque eles tinham dinheiro para pagar copos e não sei quantos?

- Tu não bebias nessa altura?

- Bebia, então já tinha 16 anos... ao fim de semana juntávamo-nos sempre para beber umas *catembes*... ah, ali no liceu, com 15 anos, toda a gente tomava *catembe*, ou *tricofight*... até havia uma loja, uma cantina em plena Polana, no meio daquelas casas... próximo da casa do arquitecto Rego Costa, daquele palácio... quem não saí lá daquele bar era o João de Sousa, o João de Sousa era o dona daquele bar... o João de Sousa, o Paulo, os Barajonas, também da elite portuguesa... tinha assim uns já bigues, importantes no liceu, daqueles que estão já no 7º ano mas de há muito, que não conseguiam acabar aquela porcaria, faziam uma disciplina em cada 3 anos, os professores já tinham medo deles... aqueles já calejados, que nunca vão entender nada na vida e tal... então estavam sempre lá, a beber *catembes*... o João de Sousa era o primeiro, ele trabalhava na Rádio... na verdade não na Rádio, ele trabalhava numa agência de publicidade que fazia um programa logo de manhã cedo, que se chamava “ Bom diazinho”... era feito por essa agência de publicidade, mas transmitido pelo Rádio Clube de Moçambique... então ele punha as melhores músicas que havia na época, tudo o que era novo e não sei quantos... era assim o máximo aquele programa do João de Sousa. O gajo ia para lá, tá, tá, tomava uns copitos e depois ia para as aulas, de manhã cedo...

Então estas coisas aqui demarcaram-me um pouco com o Gulamo, e ficamos na verdade sem nos vermos... não tínhamos nenhum conflito nem nada, calhava às vezes encontrarmo-nos ao fim de semana no cinema, ou em casa de um amigo dele, um dos *freaks* e ele estar lá e conversávamos um pouco, mas mais nada... E é assim que ele desaparece... e eu pensei que... porque ele andava muito pelas Pontas do Ouro, pela África do Sul, pela Beira...

- A fazer o quê?

- Eh pá, negócios dele... porque a Beira era um sítio onde tinha muita fricalhada<sup>147</sup> vinda de Portugal... mas era mesmo, faziam excursões para a Beira para se juntarem lá em festas, nas casas da Beira... era tudo gente ligada ao poder... e nunca mais nos falámos, nunca mais nos encontramos, também ele não devia saber de mim...

---

144 Cooperativa de construção e imobiliária criada nos anos 60 em Moçambique, para a construção de vivendas e habitações para a classe média alta, no que resultou a abertura de um bairro situado na zona limite da cidade, perto do quartel.

145 Termo usado pelos Freaks para designar os jovens que não aderiam à sua cultura Hippie, eram bem comportados, vestiam-se convencionalmente e não usavam drogas.

146 Filosofia do movimento Freack.

147 Termo depreciativo para designar os grupos de Freaks

## PORRADA MANINGUE!<sup>148</sup>

Um dos primeiros lugares de que eu tinha ouvido falar onde havia as histórias de resistência, era o *Espada* e nessa altura comecei a frequentar aquilo, com amigos, como o Malangatana, o Ricardo Rangel... aquilo era um grupo grande, tinha também o Jorge Mabai Tembe<sup>149</sup>, algumas pessoas da Associação dos Negros da Província de Moçambique... eu era bem vindo, ficava ali com eles...

encontrava-me lá com o Rangel, o Craveirinha, Malangatana, esse grupo de mais velhos... eu adorava ir lá fotografar... de facto, aquilo era um Mundo!!!

- Como era?

- Aquilo era um descampado, de dia jogavam futebol ali... mas a partir assim das 19, 20 horas, aquilo era um mundo! As pessoas a treinarem boxe ... treinavam entre eles ali... mas de verdade! Ficavam ali a treinar... aqueles empregados domésticos, já grandes, de 18, 20 anos, iam lá treinar. Faziam halterofilismo, mas não com esses pesos normais... punham uma lata de 20 litros... punham lá dentro cimento...

- Cimento?

- Cimento! Aquilo não mudava... eram latinhas pequenas, assim cilíndricas e tinha uma barra de ferro... aquilo não havia mudança, o peso era aquele! Eram aquelas latas de margarina, *super-gee*<sup>150</sup>, que vinham nos barcos... então metiam ali cimento que roubavam nas obras, tiravam directamente da betoneira cimento com pedra, numa latinha, punham a secar... com um buraco ali no meio... então pronto, faziam um haltere e treinavam com aquilo! Mas treinavam mesmo... tinha gajos ali bigues<sup>151</sup>, que saíam depois ao domingo e batiam em toda a gente ali na cidade...

- Treinavam onde?

- Lá mesmo, aquilo era um descampado grande, tinha umas barracas e tinha música... aquilo ficava aberto à noite... era uma espécie de feira popular, tinha assim umas barracas à volta e aqui no meio tinha um sítio onde as pessoas podiam tocar música, dançar, podiam fazer o que quisessem...

- Tinha um palco?

- Acho que depois mais tarde teve um palco, mas antes era assim mesmo, no chão... tocavam, iam lá conjuntos tocar, conjuntos desses rafeiros... aquilo tinha cornetas, não tinha som amplificado normal, eram cornetas...os grupos organizavam-se e iam lá, levavam os seus instrumentos e tocavam, esses Fanny Pfumos<sup>152</sup> começaram por tocar ali, não ganhavam nada,

148 Conhecida expressão da gíria moçambicana, que significa forte pancadaria, ou uma grande “surra”. Os filmes de ação contendo cenas dessa natureza eram conhecidos por filmes de “ porrada maningue”. Na década de 70, Júlio Rito, dono de vários cinemas suburbanos que exibiam esse tipo de filmes, editou ele mesmo uma longa metragem exclusivamente com cenas de violência, feita com restos de vários filmes danificados durante as incontáveis projeções, a que intitulou “ Porrada Maningue” e foi record de bilheteira nos seus cinemas suburbanos.

149 Conhecido nacionalista, ligado à Frelimo na clandestinidade, que mais tarde fez parte do grupo de quadros que integrou do primeiro governo moçambicano, ligado à Agricultura.

150 Gordura vegetal, originalmente de fabrico indiano, muito popular na Tanzania, que era utilizada para confecção de alimentação de baixo custo.

151 Grandes.

152 António Mariva Mpfumo (Lourenço Marques, 18 de Outubro de 1928 - Maputo, 3 de Novembro de 1987), popularmente mais conhecido como Fany Mpfumo, foi um músico moçambicano, considerado o "rei" da marrabenta. Começou a cantar aos 7 anos de idade e, em 1947, com 18 anos, deixou Lourenço Marques e foi viver na África do Sul, onde mercê do seu talento cedo granjeou simpatia e projecção no mundo da música. ( Fonte: Wikipédia)

152 *Malangatana* Valente Ngwenya, nascido em Matalana, distrito de Marracuene a 6 de junho de 1936 foi um artista plástico e poeta moçambicano. Em 1963, publicou alguns dos seus poemas no jornal «Orfeu Negro» e foi



iam lá com o seu bandolim e viola, tocavam, iam embora...Até filmes passavam lá, vê só! Cinema ao ar livre, com direito a porrada! A sério! O Júlio Rito ! É pena ele ter morrido, ele é que conhecia bem a história do Espada! Aquilo era um sítio de diversão de Moçambique inteiro! Ver filmes, dançar, porrada... E o Júlio Rito era um deles... esses Malangatanas<sup>153</sup> não saíam de lá!

- Tinha combates de boxe?

- Tinha tudo o que era porrada! *O Espada* era uma coisa tipicamente sul-africana, por causa da influência da África do Sul... depois faziam trocas com a África do Sul, vinham gajos sul-africanos aqui ao Espada... fazer boxe, divertirem-se... não só boxe, luta livre também! O Rito não era só de cinema, também era empresário de porrada, de luta-livre e não sei quantos... começou ali, mas depois mais tarde, eu tinha já uns 10 ou 12 anos, ele organizava no pavilhão do Malhangalene, sessões de luta-livre... tinha até luta-livre de mulheres!

- Luta livre de mulheres?

- Ya, chamava-se assim mesmo! Eram duas mulheres a lutar...

- E os homens vinham lá assistir?

- Oh, ficava cheio! O gajo fartou-se de ganhar dinheiro com essa porcaria... vinham gajos de Espanha, Portugal, da Europa, assistir...e depois como essas coisas na África do Sul era proibidas, então vinham lá ao Espada, brancos e tudo, vinha assistir! Como também não havia apartheid declarado, esses brancos sul-africanos podiam entrar lá naquela zona dos pretos, pronto, iam lá assistir à “*porrada maningue*”... vinha todo o tipo de gente ali para o *Espada*, também artistas, intelectuais... aquilo foi um lugar importante de convívio ... e de resistência, uma resistência mais popular... vinha toda essa gente... o Malangatana era um dos frequentadores assíduos do *Espada*.

- E chamava-se *Espada* porquê?

- Acho que era o nome do dono do terreno, a família Espada, era uma família muito importante colonial... por acaso até um dos filhos desse Espada tornou-se advogado e era um dos advogados desses presos políticos, o Espada...

---

incluído na «Antologia da Poesia Moderna Africana». Nessa altura, é indiciado como membro da FRELIMO, tendo permanecido na cadeia da Machava até 1966. Em 1971 foi novamente detido, a fim de esclarecer o simbolismo do quadro «25 de Setembro», data do início da Luta Armada de Libertação Nacional, em 1964. Após a Independência, confirmou ter sido militante da FRELIMO na clandestinidade, fazendo parte da 4ª Região Militar a Sul do Save. Em 1976/1977 esteve detido num centro de reeducação em Nampula por suspeita de “comprometimento” com o sistema colonial português. Durante esse período, na impossibilidade de pintar, dedicou-se à recolha de artefactos de feiticeiros e curandeiros da região que estavam a ser retirados de suas zonas de origem e colaborou com a organização de colecções diversas no Museu *Nacional de Etnografia* de Nampula, único museu nacional moçambicano não localizado em Maputo ( Fonte: entrevista concedida por Malangatana a Isabel Noronha, aquando da pesquisa para o filme “Ngwenya, o crocodilo”, por esta realizado).

152 Bebida fermentada feita com o fruto do caju, muito apreciada em todos os locais de Moçambique onde existem cajueiros.

## BRANCOS-NÃO-BRANCOS

- Mas é interessante que tu descreves muito bem esse imaginário de estar do outro lado na situação colonial, mas pelas tuas descrições isso não parece ter um cunho de racismo... porque os brancos que estavam desse mesmo lado não eram tomados como inimigos?
- Não, não existia racismo... tinha brancos que a gente não os consideravam brancos, vinham lá, bebiam caju<sup>154</sup> ...
- Então “branco” não era uma categoria racial?
- Não, era uma coisa colonial... por exemplo este *cobrador da matchimba*<sup>155</sup>, era um pobre diabo que estava ali, ninguém fazia mal ao gajo, nem os *mabandidos*<sup>156</sup> nem ninguém, porque ele fazia parte dali...
- E como é que ele fazia parte?
- Eh pá o gajo vivia como viam as pessoas dali, era pobre, mas pobre mesmo...
- Então esses personagens vocês não consideravam brancos?
- Não, eram brancos de cor, mas estavam por ali, eles entravam numa festa como mais uma pessoa, não tinham cor...
- Então nessa tua lógica, naquela altura como é que se definia um branco?
- Eram os gajos que vinham de fora, mesmo que já vivessem aqui, mas que pertenciam àquela classe...
- Branco era portanto mais um marcador de classe do que de cor?
- Sim. Não tinha a ver com cor... nós até gozávamos quando víamos mulatos e pretos que se comportavam como os colonos... a gente dizia que eram brancos... os Baessas<sup>157</sup> e não sei quantos... brancos! Branquíssimos! (risos)
- Então nessa lógica o conceito de raça só por si não existia, estava associado a um estatuto de classe?
- Não, todos nós tínhamos amigos brancos, sem crise nenhuma! Não só os que viviam lá no próprio bairro, como os que viviam no bairro de cimento mas tinham relação com as pessoas ali...
- Não havia uma animosidade contra os brancos por serem brancos?
- Não, dependia de como a pessoa se comportava. Aqueles *maguerros* do Solar Familiar, por exemplo, que ficava ali na Praça 21 de Outubro, no Alto Maé, no Largo Albasini... só iam para lá *maguerros*, esses colonos ordinários, esses eram colonos, nem pertenciam ao sistema, eram colonos, desses matrecos e tal, juntavam-se ali e no Berlengas... eram daqueles gajos rudes, sempre a chamar preto para aqui, preto para ali, racistas até não poder mais! E de vez em quando os mulatos ficavam fartos desses gajos e dos insultos deles, juntavam-se e invadiam aqueles bares... partiam tudo! E não havia polícia nem nada que parasse os gajos, se a polícia viesse eles batiam na polícia também!
- E havia outro tipo de brancos, cantineiros, etc., que não se comportavam assim?
- Sim, havia, aqueles cantineiros do subúrbio, “faziam parte do mobiliário”, eram parte integrante já daquelas pessoas que viviam no bairro...
- Mas portanto, ninguém era catalogado à partida em termos raciais, a não ser a partir do seu comportamento?

---

155 “Cobrador da merda”, em tradução literal das línguas do sul de Moçambique.

156 Temidos grupos de negros que saíam do subúrbio correndo para a cidade em grande número, desafiando e batendo em todos os homens brancos que encontravam, incluindo polícias. O seu grito guerreiro, muito temido pela população portuguesa, anunciava a sua chegada a muitos quilómetros de distância, tão numerosos eram estes grupos.

157 Conhecida família de negros “assimilados”, na cidade de Lourenço Marques.

- Sim. Esses gajos do Solar Familiar, que era ali mesmo à porta da Mafalala, portavam-se mal para caraças, por isso aquilo era um foco permanente de pancadaria... o Berlengas, que era a porta para o Chamanculo<sup>158</sup>, também... era em frente à Associação Africana, tinha ali uma bar de esquina grande, era uma coisa muito conhecida, os tugas iam para lá comer “ camarão à Berlengas”! Era ali, era o Solar Familiar e era o Imperial<sup>159</sup>, lá no Alto Maé! E os mais pobres mesmo, que não tinham dinheiro para ir beber no Berlengas, iam para o bar Eusébio, no Micajuíne... esses eram os mais ordinários muito sujos, cuspiam no chão, passavam todo o tempo a dizer bojardas..

- E o Ponto Final<sup>160</sup>?

- O Ponto Final era um caso especial, porque aquilo era dos PIDES e desses gajos... esses já não eram uns quaisquer...

- As pessoas do teu bairro não entravam lá?

- Não, aquilo não tinha grande adesão de moçambicanos... eram portugueses, mesmo, eram colonos, daqueles do piorio mas já de um outro estrato, superior aos do Solar Familiar... já eram os que viviam naqueles prédios na Pinheiro Chagas<sup>161</sup>, no Alto Maé mas já a caminhar para o bairro Central e Maxaquene<sup>162</sup>...

- Pode-se dizer então que “ branco” era uma categoria que definia as pessoas que agiam de acordo com as regras do sistema colonial, os “ colonos”, os racistas, os que vinham para dominar?

- Sim. Não tinha nada a ver com a raça, tinha a ver com a posição política das pessoas.

- E vocês conseguiam distinguir isso assim de imediato?

- Claro! Dependia de como as pessoas se comportavam em relação a nós... eu andava no liceu e lidava ali com tudo... um pouco de todo o tipo de brancos, desde os gajos mais “fachos” que havia lá, até aos gajos de esquerda... percebias que havia diferenças, os posicionamentos em relação às coisas que aconteciam eram diferentes...

- Podes me dar um exemplo de posicionamentos diferentes?

- Por exemplo depois na escola, com esse grupo de amigos *brancos-não-brancos* que eu tinha lá na escola, começámos a reagir a essas coisas de racismo do sistema: entrávamos no machimbombo, sentávamo-nos e depois quando entrava uma mulher negra e o cobrador dizia que ela não se podia sentar, levantava-se um daqueles jovens brancos e dizia: - ela vai-se sentar aqui, no meu lugar, este machimbombo não sai daqui enquanto aquela senhora não vier sentar-se aqui neste lugar. Depois a senhora lá ia sentar-se, mas a pessoa ao lado levantava-se e ia para outro lugar, porque não podia estar sentada ao lado de uma pessoa negra. Então fazíamos isso, juntávamos um monte de pessoas e enchíamos o machimbombo de brancos e no caminho iam-se levantando para deixarem pretos sentarem-se.

- Por causa da influência da África do Sul, o modelo era o modelo sul-africano?

- Sim, o modelo era o sul-africano, mas era preciso ter em conta também o tipo de portugueses que vinham para Moçambique. Vinham muitas pessoas diferentes, com muito boa formação, com uma visão europeia bem forte de grande desenvolvimento, eram pessoas completamente diferentes, daqueles que vinham lá da “Santa Terrinha”<sup>163</sup>... era gente evoluída, escritores, professores, grandes engenheiros, grandes gestores, os melhores médicos portugueses estavam em Moçambique na altura... portanto foram essas duas coisas que se juntaram: um olhar europeu, trazido pelos portugueses e um olhar de luta anticolonial trazido

158 Bairro suburbano adjacente à Mafalala.

159 Conhecidos bares da zona do Alto Maé.

160 Conhecido bar na zona que era considerada a “ fronteira” entre as zonas habitacionais dos portugueses de classe média e os de classe baixa.

161 Uma das principais Avenidas de Lourenço Marques hoje Avenida Eduardo Mondlane.

162 Bairros da Cidade de Lourenço Marques.

163 Expressão utilizada para os portugueses que vinham de zonas recônditas de Portugal.

pelos sul-africanos e por outros modelos de países africanos que já tinham alcançado a Independência... e contando com o Oceano Índico, por onde vinham chegando mesmo antes dos portugueses outras culturas, sobretudo asiáticas... tudo isso tudo fez com quem Moçambique se tornasse um país muito especial, tanto diferente como dos outros países africanos anglófonos que são os seus vizinhos, como dos outros países de língua portuguesa... então foi esta mistura toda, eu penso, que formou muita gente e que criou pessoas especiais, né?

#### 4- O OBSERVADOR “DESPERTO”

##### UM OUTRO OLHAR SOBRE A FRONTEIRA DE MILIDANSA

O ser uma pessoa “ de fronteira”, ter crescido entre esses três mundos que se juntavam na Mafalala, ter convivido com essa gente muito especial, vinda de diferentes lugares, tanto da Catembe como do Norte de Moçambique, das Ilhas Comores e de Madagáscar, alguns brancos mais pobres, de alguns colonos, não colonos no termo estrito da palavra mas gente com alguma formação, que não eram exactamente aquilo a que se chama colonizadores, fez com que ganhasse um olhar que poucas pessoas tinham nessa época, onde juntavam todas essas coisas que tinha ouvido, que tinha observado. Por outro lado sentia uma necessidade de agir, achava que só o estudo convencional não servia para nada, era preciso fazer... o livro do Sartre, “ o Ser e o Nada” foi muito importante para mim, foi o Livro que levei comigo nessa passagem e fronteiras até Nachingwea... nessa altura já começava a achar importante fazer alguma coisa de concreto para mudar as condições de vida das pessoas, sobretudo dos camponeses. Nessa altura já tinha um pensamento político claro, andava a ler “ O Capital “ e discuti-lo com os meus amigos do liceu e comecei a levá-los comigo para a Catembe, por um lado porque eu tinha um tio anti-salazarista ferrenho, com que discutia também essas coisas por outro para eles conhecerem esse mundo rural que poucos na cidade conheciam. Ainda organizámos um curso de alfabetização e marxismo lá... tendo como livro de leitura de base “ O Capital”... (risos)

- E nessa altura, já tinhas portanto uma visão mais adulta das condições de vida e de produção na Catembe. Podes descrever-me como era o sistema de produção da quinta da tua tia, ela tinha gado?

- Sim, tinha bastante gado, tirava o leite todos os dias de manhã, enchia o vasilhame lá da cooperativa e deixava lá na estrada de terra batida. Quando o carro da cooperativa passasse, carregava aquilo, e vinha deixar no dia seguinte. Ela tinha uns *bidons*<sup>164</sup> suplentes, mas quando ele vinha no dia seguinte deixar já trazia os bidons desinfetados, limpos e tal...

- Portanto passava todos os dias, era um sistema diário...

- Claro, as vacas produzem leite diariamente...

- Ela fazia portanto parte da Cooperativa dos Criadores de Gado?

- Hum, hum...

- Que abrangia só aquela região sul?

- Eu não sei muito bem até onde ia... sei que na região sul , naquela zona do rio Maputo, Belavista, Catuane ( Catuane principalmente, era um grande produtor) e na região de Ressano Garcia e Goba... e abasteciam de leite aquela cooperativa... lembro-me que o Cardiga era o maior produtor de gado daquela zona... mas eu não tenho a certeza se aquilo se estendeu também ali à região de Xinavane, Magude, que eram dos maiores produtores de gado... acho

---

164 Recipientes de alumínio onde era mantido o leite.

que também sim, os Chibanzas<sup>165</sup> e não sei quantos, tinham também muito gado... acho que produziam também para a Cooperativa...

- E a Cooperativa como é que era organizada? Centrava-se na produção de lacticínios para venda?

Sim, eles produziam leite, tudo, todos os derivados de leite... a Cooperativa, ela própria era leite na verdade, leite, iogurtes, requeijão, queijo fresco, sorvete... e depois, acho que quando se criou a fábrica de lacticínios começou a abastecer a fábrica de lacticínios, já se produzia manteiga e queijo...

- Então o sistema de comercialização de produtos agrícolas e pecuários nessa altura estava mais ou menos bem estruturado?

- Funcionava bem, funcionava muito bem, tinha a Cooperativa de criadores de gado tinha os agricultores de cereais, o Instituto de Cereais, que ia comprar tudo o que eram cereais...

- Mas isso era através das cantinas, ou ia comprar directamente às pessoas?

Comprava às cantinas, as cantinas eram o intermediário, compravam, trocavam por sal, fósforos, petróleo, capulanas claro, velas, pilhas, bicicleta... esse tipo de produtos que não havia ali... acumulavam os grãos e o Instituto dos Cereais comprava...

- E o teu pai também fazia parte desse sistema portanto, do abastecimento de capulanas às cantinas...

- As capulanas sim, mas não tinha nada a ver com o sistema... isso depois era a própria cantina que depois fazia... o comerciante ia, inclusivamente criava zonas onde fazia comercialização, naquele dia as pessoas sabiam que ele há-de vir, vai trazer as capulanas, vai trazer... vai mudar a sua cantina para aquele lugar, naquele dia... então ponto, as pessoas juntavam-se e traziam os seus produtos e trocavam...

- Era uma espécie de feira, então.

- Era muita feira, para comprar algodão, para o milho, o gergelim, essas coisas todas... então o agricultor já não precisava de sair da sua casa a pé para ir até à cantina comprar as suas coisas, o cantineiro vinha lá, comprar...

- E depois eles compravam esses produtos e como é que eles entregavam às fábricas produtoras, elas tinham o seu sistema de recolha?

- Recolham, o Instituto de cereais, tinha várias organizações que recolham, metiam em silos e conservavam os grãos... porque o grande problema dos grãos é a conservação não é? Porque quando está nas mãos do agricultor, o bicho vai entrar lá dentro e destrói aquilo tudo... naquela altura, um agricultor familiar, desses que faz a sua machamba ali perto de casa, ainda ganhava bastante dinheiro, porque havia um sistema de comercialização bem organizado... as pessoas não eram pobres, não havia aquela pobreza assim... nos anos de seca, sim, mas nos outros anos as pessoas viviam da terra, não viviam mal, comiam o que a terra dava e ainda vendiam...

- E conseguiam pagar imposto ou o imposto desequilibrava essa relação?

- Não, pagavam imposto e... o problema do pagamento do imposto é que havia pessoas que não trabalhavam, como sempre, nem na terra nem... esses não tinham dinheiro para pagar imposto... mas quem trabalhava a terra tinha... dava...

- Então, essa ideia de que o imposto é que desequilibrava a coisa e fazia as pessoas migrarem?

- Quer dizer... aqueles que não queriam trabalhar a terra, claro, tinham que migrar... o grande problema era trabalhar a terra... eu lembro-me, aqueles camponeses ali da Catembe trabalhavam a terra e viviam daquilo, não viviam mal... viviam na sua palhota, mas tinham tudo lá, iam à mercearia comprar as suas coisas...

- Mas não dava para construir uma casa de alvenaria, ou dava?

- Alguns tinham, ali na Catembe alguns tinham casa de alvenaria, de madeira e zinco...

---

<sup>165</sup> Chibandza era o nome de uma grande empresa agro-pecuária no sul de Moçambique muito conhecida pelo seu gado. O nome Chibanza vem do nome do régulo da região.

- A da tua família era de quê?
- De madeira e zinco, só que era melhorada, era uma casa enorme... mas sempre de madeira e zinco ... era assim tipo palafita, era elevada... mas enorme. Na altura era a maior casa ali da região...
- E havia famílias de portugueses lá, colonos?
- Não, ali na Catembe não tinha. Colonos mesmo, não. Também aquilo não era uma área de grande produção, lá para a zona de Bela Vista isso sim, por causa do arroz...
- Mas os colonos eram organizados assim em colonatos, vinham em grupo, ou assim sozinhos?
- Alguns vinham sozinhos. Ali no sul ( na região dali da Belavista, do Maputo) não havia colonatos, eram famílias que vinham sozinhas e se fixavam ali...
- O Estado dava a terra?
- Alguns começavam por ser trabalhadores de agricultores locais e acabavam por adquirir a sua própria terra...
- Portanto a terra comprava-se, não era dada...
- Dependia, alguma era dada para incentivar a agricultura...
- Mas era dada como propriedade, ou para explorar?
- Era mais ou menos, era um mistura tudo aquilo... mas tinham sempre que comprar, ao fim de um certo tempo acabavas por comprar... compravas... pagavas lá um imposto sobre a terra...
- Mas era tua, podias passar aos teus herdeiros?
- Sim, sim!
- Não era um regime de exploração, como há agora?
- Não, registavas tudo em teu nome, como se fazia em Portugal...
- E essas terras que eram dadas aos portugueses, antes não tinham ninguém?
- Em geral, eram terras que não estavam a ser cultivadas... mas algumas tinham...
- Tu lembras-te de algum caso de pessoas que tivessem sido expropriadas para os portugueses ficarem lá?
- Não, não estou a ver...
- Então, lá naquele lugar, tu não sentias um potencial de revolta como sentias na cidade...
- No campo não! A cidade era mais violenta, aí sentia-se o poder colonial, no campo não... talvez no Chokwé, porque aquilo era um colonato propriamente dito, mas eu não ia ao Chokwé...
- Mas portanto, tirando o imposto de palhota e tirando essa relação que era preciso ter com as instituições de recolha para vender, a vida das pessoas não passava muito pelo sistema colonial propriamente dito?
- Não. Pagava-se o imposto, ias lá ao régulo que era o representante do colono e não precisavas de mais nada, enquanto aquilo estivesse tudo sereno...
- E nunca ouviste falar de revoltas?
- Não, não ali naquela zona.
- E a convivência de pessoas de diferentes raças, como é que era?
- Ali não havia muitas raças... naquela zona havia muito poucos brancos... já nem me lembro se havia brancos... havia o padre Boavida... quem mais é que tinha terras ali? A Esperança Martins era mulata... é, ali naquela zona da Catembe, até Mugazine tinha indianos...na Belavista sim, aquela zona em direcção à Belavista, ao longo da estrada, ali já eram brancos, até à Ponta do Ouro... e os restaurantes, ali ao longo da costa, eram tudo de brancos, tirando o Diogo, claro...
- Quando falas dessa diferença entre a Catembe e a cidade, em termos dessas questões da assimilação e da segregação, como é que era em cada um desses universos, como é que tu caracterizarias cada um?

- Eram diferentes: a Catembe era uma coisa mais tradicional, lidávamos com o régulo por exemplo, o régulo era amigo de casa tal como era o administrador. Por outro lado, estávamos inseridos naquela comunidade negra, que uma boa parte deles trabalhava lá na machamba, vivia um pouco da ajuda daquela machamba também... e era fácil estabelecer essa relação... sei lá, eu ia para a caça com aquelas pessoas, que eram guias, dávamo-nos bem, eu dormia lá nas palhotas quando íamos caçar, passava a noite com eles ... acho que eram mundos diferentes mas as pessoas conseguiam conhecer cada uma o seu lugar e ... não sei...
- Qual era o lugar da tua família nesse momento?
- Era ambígua, estava em todos os lugares, era desde a parte mais tradicional ronga, até depois os intelectuais assimilados, mulatos, brancos...
- E isso não causava nenhuma confusão? Vivia-se tranquilamente entre esses dois universos?
- Sim, sim!
- Não havia contradição, necessariamente?
- Não, não!
- Não havia essa ideia portanto de que quando tu te assimilavas que te desligar do outro mundo?
- A Igreja católica fazia muito isso, porque os assimilados eram obrigados a assumir o catolicismo e a igreja tinha um papel importante na aceitação daquele cidadão como assimilado ou não e então pronto, cortava qualquer relação entre aquele cidadão e a sua tradição, com as suas crenças, com a sua maneira de viver. Eu lembro-me que nós íamos para a Catembe beber caju e tal e tinha amigos negros que não iam, só bebiam vinho e tal...
- Então vocês estavam numa fronteira...
- Sim, ENTRE 3 MUNDOS...
- E estando nessa fronteira, acabavam tendo mais mobilidade do que as pessoas negras, que tinham que passar por essa espécie de prova, enquanto vocês que já pertenciam, podiam transitar mais facilmente entre esses dois universos, é isso?
- Sim, sim... entre vários universos... e lidávamos normalmente com muçulmanos, com católicos, com todos...
- A tua mãe, por exemplo, não precisava de ser assimilada?
- Não, ela nasceu de pai português...
- A tua avó também não?
- Não, porque casou com um português, não havia essa questão da assimilação... os assimilados eram aqueles que andavam à procura de um vínculo com os portugueses...
- Mas a tua mãe, considerava-se portuguesa?
- Ah, as duas coisas...
- Como é que ela se dizia?
- Mais portuguesa do que outra coisa... mas mantendo as suas tradições moçambicanas... fazia as coisas da tradição, as missas...
- E como é que tu próprio te vias no meio dessa situação toda, a ti mesmo, achavas que eras português, que eras ronga, que eras o quê?
- Achava que era tudo, pertencia a todos esses mundos! E dava-me bem com todos. E era uma coisa... eu entrava aí nos *canecos*<sup>166</sup> numa boa, tinha amigos, ia para os pescadores da Catembe e éramos amigos, todos ali, ia lá para o clube dos gajos... ia lá para os gajos no meio do mato, que viviam lá em Mugazine em palhotas- mas palhotas daquelas antigas, palhotas mesmo... tratavam-me muito bem, tinha sempre direito a galinha... e com os portugueses a mesma coisa, sempre me dei bem... pronto, tinha os meus problemas com alguns, como é normal, que eram ligados à PIDE, ao Poder, ao exército... mas de uma maneira geral não tinha muita crise...

---

166 Termo popular usado para designar os goeses.

- Portanto não tinhas um problema com a cultura portuguesa, com as pessoas de Portugal, tinhas um problema com a discriminação e as coisas concretas...
- Sim, da colonização! Isso sim, o apartheid que existia
- Mas tu sentias-te português, de alguma maneira?
- Não, não me sentia, claro!
- Nem culturalmente?
- Achava interessantes algumas coisa da cultura portuguesa, tinha até algumas coisa que eu achava muito interessantes... eu fiz até um curso de antropologia cultural portuguesa, eu devia ter 14 anos para aí... aquilo foram 9 meses, uma vez por semana, todos os sábados... era ali perto do hospital central, numa coisa que era a secretaria de educação... era um curso muito interessante, tinha aquelas coisas da história de Portugal, mas dava algumas pistas sobre cultura, sobre as raízes de Portugal, era isso fundamentalmente... na verdade era muito mais história, mas tinha alguma Antropologia, tinha lá um professor antropólogo português, já não me lembro como se chamava...
- Mas quando tu estavas a estudar isso, como é que tu te situavas? Tu pensavas que tu também fazias parte daquilo, ou estavas a estudar a história e a cultura dos outros?
- A mim interessava-me tudo o que eram esses cursos, eu estava lá! Não me interessava se era de Portugal, podia ser até de Espanha...
- Portanto, pensavas os portugueses como um outro povo?
- Sim, estava a estudar um outro povo. Eu não tinha nada a ver. Aliás, acho que estava a tentar estudar ali a Catembe, que era uma coisa que eu sempre tinha querido fazer... de onde vinham aquelas pessoas da Catembe...
- Os madeirenses?
- Não, os rongas!
- Ah, tu querias aprender aquela metodologia para estudar os Rongas da Catembe, é isso?
- Sim!
- E aprendeste?
- Aprendi, aprendi bastantes coisas, aquilo que era possível, também naquela altura a Antropologia em Portugal era um desastre, né? Mas andei lá naquilo, até recebi um louvor e tudo... estava sempre presente, uma vez por semana...
- Mas é engraçado, porque tu descreves muitas actividades que fazias nessa altura, mas parece que não davas tanta importância à escola, não é?
- Não, porque eu preferia tudo o que era... todas as outras coisas onde eu aprendia. Na verdade na escola não aprendia nada, aprendia a língua portuguesa, mas mais nada, não servia para nada o que eu aprendia ali... achava muito mais interessante por exemplo esse curso, do que qualquer outra coisa... o que é que eu fiz mais? Fiz mais outras coisas por ali... estavam lá uns assimilados, nesse curso de Antropologia cultural, do liceu António Enes, que eu não conhecia... e vinham de vários lugares, das missões...
- Mas o objectivo desse curso era que as pessoas depois fizessem estudos de Antropologia nas suas próprias comunidades?
- Não, era apenas um curso de Antropologia cultural... essa secretaria de educação tinha montes de coisas desse tipo, tinha esse de antropologia, depois tinha outro de artes, tinha de história... eram ateliers...
- Mas sempre sobre coisas de Portugal?
- Sim. Era mais para dar a conhecer Portugal às pessoas das colónias, passavam filmes, uma série de coisas... acho que o primeiro filme que vi do Manoel de Oliveira foi nessa época, aqueles filmes lá sobre o Douro, não sei quantos, foi nesse curso...



## “ O FOTÓGRAFO DE QUEM SE FALA”

- E quando começaste a trabalhar como repórter fotográfico para o Jornal, que fotografias publicavas?

- Os primeiros trabalhos fotográficos que publiquei no “ O Jornal” e ficaram conhecidos foram sobre desporto. Um torneio de futebol internacional, de Portugal, Angola, Moçambique. Nessa altura jogavam esses craques todos moçambicanos, grande parte era pessoal que andava pela Mafalala os Narcys, o Victor Morgado, o Simango que era vizinho ali de casa. Depois fiz o Campeonato Nacional de Atletismo, onde fotografei o Stélio Craveirinha, o Cândido Coelho, Daniel Firmino, todos ali da zona... fotografava fundamentalmente os craques não-brancos, para mostrar que os moçambicanos é que eram os campeões, os outros “estavam ali de passagem”. A nível jornalístico foi isso que me deixou famoso, o Craveirinha até escreveu um artigo para o “O Jornal” que se chamava “ O Fotógrafo de quem se fala”, que era um jovem fotógrafo, que estava a fazer coisas bonitas, dizia que era assim que devia ser, que os jovens deviam começar a fazer essas coisas, agarrar essas artes, seguir os passos dos mais velhos- referindo-se ao Rangel.

Na altura eu usava uma película que ninguém conseguia usar: Agfa de 1000 ASA. Era nova, nunca ninguém tinha usado, chegou às minhas mãos porque a Agfa fornecia materiais litográficos para a gráfica onde eu trabalhava... um dia o gajo disse: - eh pá tenho aqui uma película fotográfica nova, você que gosta de fotografia pode ficar com uma caixinha de 6 rolos para experimentar. Aquilo era uma coisa louca, fotografava sem luz, bastavam 2 velas para aquilo imprimir! Mas era complicadíssimo chegar ao banho certo de revelação, então fui testando aquilo, a temperatura, fui testando... porque aquilo em Maputo, era um calor terrível... fui pondo gelo.. não é que eu consegui fotografar, revelar e conseguir que a emulsão continuasse colada à película??? Porque a emulsão era tão espessa que se não fosse bem fixada à película, bem trabalhada com banhos, a emulsão saía assim do filme, ficavas com o celuloide na mão e vias as fotografias a ir embora...

Então eu ia para lá, para o Pavilhão do Sporting, sem flash, com uma máquina amadora que nem era Reflex... estavam lá aqueles fotógrafos portugueses todos, até o *Submarino*- o dono da foto portuguesa, que fotografava os brancos todos de Lourenço Marques, fazia as fotografias do Governo Geral e tudo isso... eles diziam: esse miúdo vem para aqui brincar, com essa maquininha amadora dele... e quando viram as minhas fotos no Jornal, várias páginas inteiras do “O Jornal” com fotografias minhas lá do Basquete à noite, ficaram malucos!!! E as pessoas passaram a comprar o “ O Jornal”, para ver as fotografias, porque era uma coisa diferente... e achavam muito interessante esse jovem, com cabelo grande, barba, por ali a fotografar sem flash e a publicar aquelas fotografias... até os jogadores iam lá ao jornal pedir para comprar as fotografias como recordação...

- Então foi assim que ficaste famoso?

- Sim, por ter conseguido “ domesticar” o AGFA- PAN 1000!

- E depois os outros começaram a usar?

- Não, os grandes preferiam ficar no clássico, no 400, com o flashão, não tens que escolher o ângulo em que vais fotografar, é só disparar ... e os mais jovens como o Mechedo, tentavam... mas desconseguiram! (risos)

- E que outros trabalhos fizeste depois disso?

- Depois fui fazer uma coisa na lixeira. Lembro-me que me emprestaram uma câmara profissional com película 6X9, fui lá fazer fotos da Lixeira entre o Xipamanine e a Av. de Angola. Fotografei as pessoas que viviam lá nos colectores do lixo, os catadores.

- Eram as tais pessoas que iam a casa da tua mãe e viviam no “depósito”?

- Sim, no “ depósito” do lixo. Fotografei vários... tinha alguns que eram meus amigos... o Naftal, nunca me esqueço desse nome. Era um varredor de rua, varria ali na Munhuana, de

manha cedo, com aquelas folhas grandes de Palmeira... varria na parte branca, a Mafalala eles não varriam. Ia lá sempre, sempre que estava grosso ia lá a casa. Naftal era um nome importante ali. Ia lá a casa fazia limpezas mais pesadas, mas no quintal, essas pessoas não entravam dentro de casa.

- E contava histórias?

- Às vezes contava, quando tinha outros amigos lá de Zavala<sup>167</sup>... mas geralmente ficava muito bêbado, ficava só por ali... Era igualzinho ao Chaplin, com um bigode igual ao do Chaplin, aquela cabeça. Igualzinho. O andar dele era igualzinho, andava com os pés assim, sapatos enormes que tinha encontrado lá, desconstruídos, amarrados com um fio qualquer. Toda a vida me fez lembrar o Chaplin, aquele personagem. E ele nunca tinha visto nenhum filme do Chaplin, um dia eu mostrei-lhe...

- Naquelas projecções do quintal?

- Sim!

- E foste então à procura do Naftal lá no depósito?

- Fui com ele, ele foi mostrar-me os amigos dele , onde ele vivia... aí não tinha problema nenhum de entrar lá, estava com eles... então fiz lá umas fotografias... entrei lá nas camaratas, com as fotografias lá da família, as fotografias deles que depois mandavam para a família, um pouco de tudo...

- E tu não achavas que eles podiam achar de ti a mesma coisa que tu achavas das portuguesas da capulanas?

- Não, porque já percebiam que havia uma diferença... o facto de recebê-los na nossa casa , de nos sentarmos juntos a ouvir as histórias deles, não tinha nada a ver com esse “ turismo”... e depois dei umas provas ao Naftal ... devem ter mandado para a família, porque ainda por cima não era aquelas fotos pequenas que eles costumavam fazer na praça, eram em 13X18...

## **O OBSERVADOR “DESPERTO”**

*Quando despertei* já conhecia tudo, todos aqueles lugares, o que haviam contado, o que fui vendo na cidade e no bairro, o que depois fui lendo, os filmes que fui vendo... mas acho que nisso tudo andei sempre à procura daquelas coisas que tinha escutado... e quando encontrei, tudo aquilo desfilava, eu tinha imagem daqueles lugares, porque as descrições eram muito bem feitas, eles descreviam aquilo tudo...

- O quê por exemplo?

- Como viviam, como era a casa, como era o rio, onde era a machamba, onde era o cemitério... faziam a descrição dos lugares...

- Uma descrição visual, portanto...

- Sim, claro... o machibombo que apanhavam até chegar ali, os outros que vinham a pé descreviam as casas onde dormiam no caminho... a questão do trabalho forçado, a questão da palmatória, a questão do chicote... fazia parte dos relatos dessas pessoas... a maneira como os colonos se vestiam, como falavam- eles imitavam os colonos lá a falarem... algumas revoltas, com mortes, com pessoas que tinham sido abatidas pelos colonos por se revoltarem, ou metidas lá naqueles cárceres privados das casas senhoriais, tinham sempre ali um sítio para meter um preto se se “ portasse mal”...

- E foste visitar, lá o sítio onde eles viviam?

- Sim, quando já tinha uns 13, 14 anos. Fui lá! Fui aqueles sítios todos!

---

167 Capital dos Chopes muito conhecidos pela sua música produzida por timbilas.

- Encontraste o Kundula<sup>168</sup>?

- Não, ele já não estava lá, acho que tinha ido para o Guijá... mas eu conhecia aquilo só pelas descrições que me tinham feito... eu sabia exactamente o que é que ia à procura, mas não sabia se aquilo era mesmo assim... o gajo até achava estranho, perguntava: mas já estive aqui antes? Não, estive numa outra plantação e cana, respondia eu para desviar a coisa...

-No fundo foste procurar fotografar o imaginário colonial que te tinha sido narrado na infância, substituí-lo por imagens reais?

- Exactamente. Fui fotografar uma açucareira em Xinavane, para uma agência de publicidade que tinha sido contratada pela açucareira para fazer fotografias. Avisei logo lá na agência de publicidade, que eram meus amigos, por isso é que fui eu a ir fazer o trabalho- era uma grande agência de publicidade, que por acaso se chamava Agência Colonial.. (risos). Eu já sabia que, pelos relatos que tinha ouvido lá no quintal em casa da minha mãe desde criança, que o trabalho do corte de cana tinha condições péssimas, então eu disse: eu faço os slides, mas depois vocês dão-me mais uns rolos de filme porque eu quero fazer umas fotografias para mim, para o meu arquivo... tinha lá um gajo um *freak* muito interessante, que disse : faz lá o que tu quiseres, lá na açucareira podes andar à vontade, não vai ter ninguém para controlar, fotografas o que quiseres... e fui, deram-nos lá um motorista, um mulato, e fui dizendo o que eu queria... eu sabia exactamente o que é que queria... então vamos lá ver o compound... agora vamos ver as pessoas que estão doentes por causa da cana... e o gajo foi, estava contente, a achar que aquilo era nice denunciar aquilo, pensava que ia passar no jornal... então foi ele quem me foi mostrar aquilo que eu já tinha ouvido dos relatos, guardava uma curiosidade por causa das descrições que eu tinha ouvido quase 10 anos atrás, que eram exactamente aquilo que eu fotografei: gente sem cuidados nenhuns, cheia de cortes nas mãos e nos pés- porque a cana corta e eles cortavam a cana descalços, com mãos nuas, com catanas... cheios de sangue, de infecções nos dedos, cheios de picadas de cobras - a cana chama muito as cobras- pessoas que tinham que amputar a perna ou a mão por causa de picadas de cobras ou de gangrenas... era tudo gente doente, uma coisa horrível... e recebiam um salário de miséria... muito próximo da escravatura... E percebi o que se passava, vi mesmo o que era o processo colonial... nem eram portugueses que estavam lá, tinha capatazes português, mas quem explorava a fábrica eram ingleses e sul-africanos boers... mas quem estava nos postos para lidar com as pessoas eram portugueses, eram eles que batiam, matavam, faziam qualquer coisa...

- Portugueses vindos de Portugal ou que já viviam aqui?

- Alguns que tinham vindo, outros que já viviam aqui como colonos... que nunca deixaram de ser colonos, aliás vimos que mesmo depois da Independência ainda havia gente dessa...

Mas aí foi o momento em que realmente eu vi que- também aí já tinha uns 16, 17 anos- que acabou, aqui de facto só com guerra, porque estes gajos estão em todo o sítio... não tinha militares lá, não tinha um único militar, era tudo gente lá da própria fábrica, polícias, capatazes... fiz slides 6X9, tirados com uma câmara Acclblad, custava uma fortuna... era uma câmara assim enorme, que ninguém aqui tinha, nem o Rangel...

- E nessa altura continuavas a ter os mesmos amigos da escola, ou já tinhas outros?

- Para além do grupo de amigos da minha idade, que eram todos brancos e uns poucos indianos, comecei a dar-me com um outro, de pessoas mais velhas, negras: o Abudo Hunguana, que estava sempre preso pela PIDE, mas acabava sempre por ser libertado porque era menor; o Leonardo Simão<sup>169</sup>; o Teodato Hunguana<sup>170</sup> que era mais velho, já tinha acabado

168 Familiar afastado de Camilo que quando mais jovem frequentava a casa de sua mãe e mais tarde se tornou trabalhador da Açucareira de Xinavane.

169 Membro da FRELIMO na clandestinidade e após a Independência Ministro da Saúde e Ministro dos Negócios Estrangeiros.

170 Intelectual Moçambique que Camilo conheceu na juventude e que volta a reencontrar no Centro de Preparação Político-Militar

o liceu e ido para a Europa. Encontrávamo-nos ali pelo parque do Liceu e ficávamos a conversar, sobre o País, sobre as crises, as prisões que havia- foi na época das grandes prisões da PIDE aqui...

- Como é que eles olhavam para ti, sendo tu muito mais novo que eles?

- Eu era muito mais novo, sim, eles já eram adultos, mas eles percebiam que eu vinha do mesmo sítio que eles, que eu estava no mesmo mundo que eles, fazia parte do mesmo grupo, ia com eles às festas – que não eram bem festas, bebia-se uma coisita, comia-se alguma coisa e ficava-se todo o tempo a falar do que se passava e principalmente sobre essa questão de a PIDE estar constantemente a prender pessoas que nós conhecíamos. Para além destes, eu tinha conhecido bem o Ebenizário<sup>171</sup>, que era amigo da família, íamos muitas vezes a casa dele, eu ficava lá sentado, na sala, a ouvir o que se passava lá, aquelas coisas.

- Como foi que soubeste da prisão dele?

- Eu estava a dormir, foram lá bater à porta, a altas horas da noite, a dizer que o Ebenizário tinha sido preso e não tinha voltado. No dia seguinte disseram que ele estava desaparecido, que a PIDE dizia que ele não tinha sido preso.

- E o que é que tu percebeste?

- Que ele tinha sido preso e provavelmente morto na cadeia, naquela altura já se falava muito daquelas mortes da PIDE.

- E o que é que tu sentiste?

- Sei lá, comecei a perceber que as coisas estavam a complicar-se cada vez mais e que ia ter de sair de Moçambique e encontrar outra forma de viver.

- Discutia-se abertamente isso, da saída de Moçambique?

- Era complicado, mas encontrava-se sempre sítios para falar, falava-se muito de sair e ir para a Frelimo, de fazer alguma coisa

---

171 Ebenizário Filipe Guambe nacionalista moçambicano, sociólogo, assassinado pela PIDE em Lourenço Marques

**Capítulo 3.**  
**CRUZANDO FRONTEIRAS**

**1. LET MY PEOPLE GO**

**Deixa passar o meu povo**

Noite morna de Moçambique  
 e sons longínquos de marimbas chegam até mim  
 -- certos e constantes --  
 vindos nem eu sei donde.  
 Em minha casa de madeira e zinco,  
 abro o rádio e deixo-me embalar...  
 Mas as vozes da América remexem-me a alma e os nervos.  
 E Robeson e Maria cantam para mim  
*spirituals* negros do Harlem.  
*Let my people go*  
 -- oh deixa passar o meu povo,  
 deixa passar o meu povo --,  
 dizem.  
 E eu abro os olhos e já não posso dormir.  
 Dentro de mim soam-me Anderson e Paul  
 e não são doces vozes de embalo.  
*Let my people go.*

*Noémia de Sousa*

Camilo- A Noémia era uma pessoa que eu só conhecia de ouvir falar. Primeiro, dentro de casa na minha infância, depois mais tarde pelo Craveirinha, Malangatana, Rui Nogar, Calane da Silva. Era uma pessoa muito presente, embora eu não a conhecesse, eu nasci em 1953, já depois dela ter partido para o exílio. Um ano antes, em 1952, ela tinha sido presa. E junto com ela tinham sido presas também, todas as outras pessoas adultas da minha casa - o meu pai, a Susana e outros familiares, que se encontravam lá quando PIDE chegou - excepto a minha mãe, porque estava grávida de mim e ainda a amamentar o meu irmão Guilherme. Foi ela quem salvou os poemas da Noémia. Quando a polícia chegou lá a casa, os poemas da Noémia estavam na gaveta de uma cômoda, onde sempre estiveram... e quando a minha mãe se apercebe da chegada da polícia, a primeira coisa que faz foi ir ao lugar dos poemas, pegar neles e metê-los dentro do saco de fraldas do meu irmão. E manda o meu irmão, com a empregada e o saco de fraldas, para casa do meu tio... disse aos polícias que a criança não podia ficar ali, no meio daquela confusão... a PIDE deixou passar a empregada com o bebé... e o saco de fraldas onde estavam todos os poemas da Noémia. Todos menos um que, segundo a minha mãe, ela ainda encontrou por ali e teve de engolir. E perdeu-se para sempre esse poema !!!

- E era sobre quê, esse poema?

- Não sei, ninguém nunca mais falou sobre isso. Mas a minha mãe falava muito da Noémia, a família falava dela, os amigos da casa falavam dela, ela estava sempre presente, não é?

- E qual era a imagem que te davam dela?
- Dentro da família, todos tinham uma grande admiração por ela, porque ela na verdade foi uma pessoa que se foi fazendo sozinha. O pai já tinha morrido, a mãe estava doente, os irmãos mais velhos estavam em Portugal, o outro irmão estava na Catembe... as únicas pessoas que viviam ali, na casa da Mafalala, eram a minha mãe e o seu irmão mais novo, o Nuno. A minha mãe que já era casada, tinha voltado para a casa da Mafalala quando a mãe dela adoeceu... então a Noémia, que era mais nova, foi uma pessoa que se foi construindo sozinha, ligando-se a grupos de intelectuais, criando o seu grupo de amigos, o Craveirinha, o Rangel, o Alfredo Margarido, o João Mendes - o João Mendes é importantíssimo nisto tudo – o João Albasini... e ela vai crescendo dentro desses meios. Antes de 1952, ela já trabalha como jornalista no Brado Africano, vai escrevendo os poemas, numa luta grande contra o racismo, numa luta grande contra a opressão colonial. Nesse jornal ela tem uma página dela, com o pseudónimo de Vera Micaia, onde publica alguns dos seus poemas e dedica a página a assuntos ligados à mulher no contexto africano e sobretudo no contexto de dominação colonial. Mas isto tudo muito jovem, mas muito, muito jovem mesmo! Na verdade os poemas dela que toda gente hoje lê e que lhe deram o estatuto de “mãe da poesia moçambicana”, foram escritos durante a sua juventude... ela só volta a escrever poesia 40 anos depois, a meu pedido... quando morre o Presidente Samora Machel. Então, ela era um exemplo ali dentro da família, era a pessoa que ainda muito jovem tinha partido, tinha ido à procura de um ideal... e isso era importante dentro da família para criar a ideia de que era preciso ir em busca de alguma coisa... e a Noémia foi a única que foi, com os seus próprios pés!
- Os poemas dela foram, portanto, uma referência importante para ti...
- Sim, mas não só os poemas... para além dos poemas dela, eu ia lendo muitos dos livros da sua juventude, que ela tinha deixado na casa da Mafalala, na biblioteca. Lembro-me perfeitamente de um livro que se chamava “O Capote”, do Nikolai Gogol. Eu sei que o livro era dela porque estava lá a assinatura dela... era um livro já todo amarelecido, velho... Eu devia ter uns 11 ou 12 anos quando li esse romance... e fui sempre pensando naquele personagem que me fazia ficar muito triste, mas sem saber muito bem porquê... depois, à medida que fui crescendo, fui pensando esse tal comunismo e essa tal União Soviética sempre na perspectiva desse funcionário... e foi muito importante para mim mais tarde, durante a formação do estado moçambicano, porque eu percebia que nós íamos acabar, se continuássemos a seguir o modelo soviético, por não sermos servidores modestos e honestos como o Akaki Anakievtch! Foi um livro fundamental para mim, até hoje me acompanha na cabeça.. e fiz tudo para que os meus filhos o lessem: o Karl leu, a Gu<sup>172</sup> leu, a Lara leu... porque é uma história sobre a humildade de um funcionário público, o seu dia a dia, sobre o ser humilde... é uma coisa que eu prezo muito, que eu fui buscar não só nesse livro, mas na família...!
- A Noémia era uma pessoa humilde como funcionária, como trabalhadora?
- Sim. Ela começou a trabalhar muito cedo, ainda jovem estudava e trabalhava. O irmãos mais velhos vieram para Portugal, mas fizeram os seus estudos pagos pelo pai, que ainda era vivo. Quando chegou a vez de vir a minha mãe e o meu tio Rui, o meu avô morreu, então não veio mais ninguém estudar aqui. Aos 20 anos, a Noémia já trabalhava em Lourenço Marques como escriturária e tradutora de inglês, nos escritórios do Gulamhussen, que era a maior armazenista que havia em Moçambique, conseguia estar à frente dos armazenistas portugueses... e ela era o braço direito dele... ele gostava muito dela, dava-lhe muito apoio nos estudos. Então, também por isso ela era uma grande referência na família...
- E era também uma referência para ti? O teres feito esse percurso, teres começado a trabalhar cedo?

---

172 Nome familiar de Camila de Sousa, filha mais velha de Camilo de Sousa.

- Não sei, talvez... essas coisas sempre têm alguma coisa no fundo que tem a ver... mas não directamente... não vou dizer que comecei a trabalhar mais cedo por causa do exemplo dela, eu comecei a trabalhar mais cedo porque achava que devia trabalhar, achava que era o caminho da vida... não foi exactamente por causa disso... ela trouxe-me outras coisas, que era olhar na verdade aquela situação colonial em que vivíamos, desde pequeno! Com a ajuda da minha mãe, mas desde pequeno que eu fui aprendendo a olhar o colonialismo. A maior parte das crianças da minha idade nem faziam ideia de que isso existia... existia o branco e existíamos nós, mas não tinham ideia do que é que significava esse branco, o que é que ele simbolizava em nós... e a Noémia, nos seus poemas já nos ia contando. E por outro lado, esta vontade de me relacionar com tudo o que é tradicional, vindo de nós próprios... era o que acontecia comigo com a caça na Catembe, que me fez juntar um pouco a este mundo nosso... quer dizer, eu poderia caçar e ser mais um menino que andava por ali, que tinha paixão pela caça... mas não, a caça fez com que eu entrasse dentro deste mundo que já estava na poesia dela. E nas conversas com a minha mãe, quando falávamos sobre esta questão da afirmação de que não somos brancos, não somos assimilados, somos aquilo que somos, somos mulatos, somos pretos, mas somos! Esta coisa da “moçambicanidade”, que ainda não tinha esse nome, mas já existia dentro dela, que foi passando depois para nós...

E então, estas referências que eu já tinha desde pequeno, aclararam-se quando li os poemas dela publicados numa Antologia publicada pela Casa dos Estudantes do Império em Lisboa... e todo esse universo foi se tornando mais próximo e mais concreto porque a gente recebia fotografias dela com os irmãos, com o Gualter, com a Alda Espírito Santo, com os amigos dela, eu já ia ligando os nomes aos poemas escritos naquela Antologia... do Gualter Soares tinha um poema que eu adorava e que ainda hoje gosto muito em que ele dizia que “o mundo é do tamanho de um amendoim” ... tinha poemas também do Craveirinha, que eu conhecia desde pequeno e sempre tinha sido amigo dela... e outras pessoas que fui encontrando depois e com que comecei a envolver-me, como o Rui Nogar... comecei então a ligar-me com esses grupos de pessoas, à questão nacionalista e foi aí que comecei a entender melhor o percurso dela e dos outros que tinham sido presos e os que tinham conseguido fugir... e dentro de mim começou a ganhar forma essa ideia de cruzar a fronteira...

- Fisicamente?

- Fisicamente.

- E quando é que começaste a pensar nisso?

- Quando tinha uns 15 anos...

- Qual era a fantasia?

- A ideia era sair e ir viver num outro sítio, onde não houvesse Apartheid... sair, ir para um sítio onde houvesse outras possibilidades, poder estudar, ter acesso a mais informação que aqui não tinha... era fundamentalmente isso, começou por aí.

## **1. Lourenço Marques - Lisboa, 1969**

- E começaste por tentar sair por que via?

- Por Portugal. Era o mais simples, porque tinha lá família. Então fui a Portugal de férias, legalmente, foi tudo legal, tinha passaporte português conseguido com muita dificuldade, com influências do meu pai, apesar de não estar em idade militar...

- E como foi essa viagem?

- O que mais me marcou, foi o encontro com o meu irmão Guilherme. Eu não o conhecia, ele tinha ido para Portugal quando tinha uns oito... era campeão de ginástica aplicada, campeão infantil do império português e recebeu uma bolsa para ir fazer ginástica em Portugal,

enquanto estudava... eu tinha uns quatro ou cinco anos quando ele foi para lá... a única coisa que eu me lembrava dele, era que quando eu tive aquela doença em que fiquei cerca de um ano deitado, um dia ele puxou-me a orelha com força... mas só me lembrava disso vagamente, de ter sentido uma pequena dor... ele lembrava-se disso como uma coisa terrível, de ter ficado com parte da minha orelha na mão, bocados de carne e sangue na mão... guardava uma grande culpa de me ter feito aquilo... (risos)... e nunca mais nos tínhamos visto, desde essa altura.

Então, para mim, a primeira vez que nos encontramos foi em Junho de 1969. Quando eu cheguei a Lisboa ele estava muito contente de me ver. Era uma coisa assim muito forte! A encontramos-nos no aeroporto, vimo-nos através do vidro e reconhecêmo-nos imediatamente... éramos muito parecidos fisicamente e falávamos da mesma maneira, apesar de nunca termos vivido juntos... e foi muito nice porque, pronto, ele era mais velho que eu... três anos de diferença. Na época parecia uma grande diferença, ele tinha dezanove anos, já tinha uma namorada... eu era um menino... ainda por cima na altura, lá em casa da minha tia chamavam-me Camilinho... a empregada chamava-me Camilinho, a minha tia também... o meu irmão ficava zangado... ! (risos) ... o gajo gritava por ali...” porra, não chamem isso ao meu irmão, ele já é grande!”. E pronto, eu fiquei com ele ali por Lisboa, andávamos todos os dias juntos, para todo o lado! E estou com ele em Lisboa, no dia em que Armstrong chega à lua! Fomos a casa de um casal amigo ver pela televisão, porque em casa da minha tia Camila não havia televisão, ela recusava-se a ter televisão, achava que aquilo era a pior coisa do mundo. Quem queria ver televisão, ia ao Café! O que eu achava bem e o meu irmão também. Então fomos a casa desses amigos ver o homem chegar à lua. Lembro-me da bebedeira que apanhei nesse dia, com dois ou três cálices de vinho do Porto, eu não bebia mais que isso... fui para casa numa boa, deitei-me e aquilo começou a rodar, a rodar... lembro-me de que vomitei toda a noite e o meu irmão tinha um balde, ficou toda a noite ali sentado, com o balde na mão, porque não queria que a minha tia soubesse que eu estava a vomitar de bêbado... vomitei, vomitei, vomitei, eu nem sabia como resolver a ressaca, foi o meu irmão que ficou ali a tratar de mim, toda a noite...

- Quando tu encontraste o teu irmão, já tinhas um imaginário em relação a ele?

- Não, foi a primeira vez que nos encontramos. Não havia imaginário nenhum, era tábua rasa, nunca tínhamos sequer trocado cartas...

- Na tua família não havia o hábito de escrever cartas?

- Havia, a minha mãe escrevia para ele e para as minhas tias... eu também escrevia para a minha tia Camila, mas era aquela coisa de criança... escreve lá aí qualquer coisa... não havia ainda uma relação, era só a minha mãe que falava dela e eu escrevia ali umas coisas... a minha carta ia junta com a da minha mãe... aquela carta de criança da escola... mas estabelecíamos uma correspondência... já com o meu irmão, não...

- Mas a tua mãe escrevia para o teu irmão?

- Sim, sempre!

- E não te falava desse teu irmão?

- Falava, mas muito pouco, quase nada... sabíamos que tínhamos aquele irmão... bom, os outros mais velhos conheciam-no...

- E correspondiam-se com ele?

- Não, acho que não... a minha mãe é que escrevia, sempre, todas as semanas ia uma carta... eu ia com ela ao correio, depois passei a ir eu sozinho, deitar as cartas...

- E a tua mãe lia-te as cartas dele?

- Sim, lia, ou dava-me a ler...

- E o que é que ele dizia?



- Contava as suas coisas da escola, da sua vida, dos seus passeios...enfim, carta de miúdo... da ginástica... mandava fotografias, trocavam-se muitas fotografias na altura... eu conhecia-o de fotografia...

- Mas tinhas uma curiosidade sobre essa figura?

- Sim... e mesmo sobre a tia Camila, desde criança que tinha muita curiosidade... de conhecê-la... mais a tia Camila, a Noémia só mais tarde é que começo a ler as suas coisas e aí começo a interessar-me por ela...

- E como é que foi o encontro com o teu irmão?

- Quando nos encontrámos em Lisboa? Ah, fazíamos montes de coisas! Íamos muito a eventos culturais que existiam na altura, ao cinema, ao teatro... depois íamos a casa de amigos dele, mais velhos, íamos conversar... eu ia mais ouvir... e as conversas aí já andavam à volta do que se passava... é aí que eu começo na verdade a entrar dentro do que se passava em Portugal, porque eu só conhecia o que se passava em Moçambique. E foi uma relação muito interessante, esta troca de informação entre o que eu trazia de Moçambique e o que ele ou os seus amigos me passavam... foi aí que estabelecemos uma relação forte! E os amigos dele estavam sempre a convidar, porque queriam ouvir as coisas lá do outro lado, dessa tal “guerra colonial”, que eles não sabiam exactamente o que era, porque aquilo era muito escondido em Portugal... eu lembro-me que na altura houve um grande ataque no Norte de Moçambique e eu conhecia o jovem alferes que estava a comandar esse grupo, lembro-me que era um Baessa... ele foi baleado nessa operação e falou-se bastante dele aqui... então eles ficaram admirados de eu conhecer: “porra, afinal isso é assim?” A gente pensava que eram só pessoas desconhecidas que morriam nessa guerra, afinal tu conheces? Pronto, foi um pouco passar esta informação sobre o que passava lá e perceber o que se passava em Portugal nessa altura e a luta desse lado...

- Qual era a luta desse lado?

- Oh pá, havia toda aquela questão dos estudantes de Coimbra, que estava fortíssima nessa altura... o presidente da Associação Académica de Coimbra tinha sido preso, havia grandes manifestações em Coimbra, essa polícia... feijão verde... como é que se chama? Guarda Nacional Republicana! Com cavalos, com tudo, coisas terríveis... então comecei a perceber até onde é que ia essa perseguição do Salazar aos comunistas e aos antifascistas... depois o meu irmão tinha amigos, uns que estavam para fugir, outros que já tinham fugido para França, para a Bélgica, para a Argélia inclusive... e ouvíamos as histórias dessas fugas, contadas pelas próprias famílias... isso aí é que foi interessante para mim, irmos também a casa de famílias... falava-se tudo muito baixinho... : ah, o fulano tal (um rapazinho) passou a fronteira... e não havia família que não tivesse um jovem que tinha passado a fronteira... e gente de todo o tipo... gente pobre, gente com algum status, gente de classe média... falava-se bastante sobre isso...

- Então começa aí o teu imaginário sobre passar a fronteira?

- Sim, também vem daí... e sei lá, em casa da minha tia Camila ficavam alojadas – refugiadas, escondidas - pessoas que iam passar a fronteira, pessoas que eu conheci em Lisboa e depois estive com eles na Bélgica... o Fernando, que vivia em Oeiras, a gente apanhava o comboio para ir a casa dele... esse partiu quando eu ainda estava cá, com a mulher, uma jovem de 18 anos... então eu ia ouvindo as histórias... e ouvia dos dois lados, ouvia também as histórias contadas pelos soldados portugueses que voltavam, que tinham estado na guerra e eram antifascistas... alguns deles que voltavam até já loucos lá do “Ultramar”, não só de Moçambique, mas de Angola, da Guiné... e isso aí abriu-me muito para a questão colonial... porque em Moçambique eu olhava para aquilo que se passava ali, mas não tinha uma ideia de conjunto do problema, é aqui que eu desperto para a questão colonial. Depois havia as leituras, líamos bastante... conheci também alguns jornalistas na altura... sei lá, foi um

momento importante para começarmos a pensar em sair... o Guilherme já estava a pensar na sua saída...

- E quando é que ele foi?

- ... deixa-me ver... acho que um ano depois... sim, ele era de 70... (em Bruxelas, mais tarde, nós conhecíamos as pessoas pelo seu ano de chegada e ele era de 70)

- E como é que ele foi?

- A salto! Todos passaram a salto! Naquela altura era assim... ele foi num grupo de jovens da idade dele... foi com o Serrano, que era um gajo do partido comunista... ele foi daqui para França, ficou em casa da Noémia em Paris algum tempo e de França foi para a Bélgica...

- E tu, nessa altura, quando estavas a passar férias em Portugal?

- Eu fui para França, conhecer a minha tia Noémia.

## 2. Lisboa - Paris, 1969

Para mim, ir ver a Noémia era uma coisa fundamental, fazia parte de mim olhar essa pessoa, saber quem é, como é e como as coisas se mexem... eu queria conhecer o Guilherme, conhecer a Noémia, conhecer o Gualter ... e como é evidente, conhecer a Europa do Maio de 68! E é então em 1969, que vou encontrá-la em Paris. Ela estava exilada e trabalhava no consulado de Marrocos em Paris, que era o maior consulado marroquino na Europa. E era casada com o Gualter Soares, que era oceanógrafo, também exilado político. Tinha uma filha, a Virgínia, que era pequenina

- E como é que foste de Lisboa até lá?

- Fui de comboio, normalmente. Não precisava de passar a salto, porque ainda não tinha idade para ser incorporado no exército português. Enquanto estava lá em Setúbal, em casa do meu tio Paulo, fomos combinando como é que eu iria chegar. A viagem de comboio na altura eram dois dias e ela não poderia ir me buscar à estação de comboio.

- Porquê?

- Ela estava a trabalhar... e mesmo que não estivesse não podia ir... a PIDE naquela altura era muito forte em Paris, tinha tudo sob controle... para a Noémia não era complicado, porque ela já era refugiada política, era exilada política, estava tudo limpo com o governo francês... mas eu não, eu ainda era para todos os efeitos cidadão português, era jovem, não era refugiado... e é evidente que a PIDE, que controlava todos aqueles que chegavam, ia olhar para as coisas, ia perceber a minha relação com ela... a PIDE perseguia bastante e já me conhecia ... portanto convinha que não me mostrasse por ali...

Então por meio de mapas, ela e o meu tio Paulo de Setúbal, lá acertaram como é que eu iria chegar a casa dela, em Paris. E foi incrível, porque mais uma vez ela me mostrou que eu já tinha idade - ainda que só tivesse 16 anos - para fazer as coisas sozinho. Tratou-me como se eu fosse um adulto, disse: o comboio chega a Paris na Gare tal, sais, apanhas o autocarro tal, depois o metro em tal lugar, depois sais na gare não sei quantos, apanhas um outro metro, sais ali, apanhas a rua não sei quantos, depois vais pela rua tal, depois procuras a Rue de Batignol e quando chegares, toca a campainha! Eu tinha o mapa, mas era a primeira vez que eu estava na Europa... tinha estado em Portugal, mas Paris era outro mundo... mas fui! Não foi ninguém buscar-me à estação, eu saí da estação e fui, assim com a minha mala, pelas ruas de Paris... segui aquilo tudo certinho e cheguei a casa! Lembro-me que ela fez um jantar maravilhoso em casa, só para nós e nessa noite conversámos muito, muito, muito, ela queria saber tudo sobre a actual situação de Moçambique... parecia uma daquelas conversas que a minha mãe tinha com aquelas pessoas que vinham da Catembe, de Xinavane, de Catuane, do interior de Moçambique que vinham lá para casa e ficavam toda a noite a contar-lhe como é que era lá... exactamente o mesmo tipo de conversa tive eu com a Noémia e o Gualter naquela noite!

- Já tu na posição daquele que chega...

- Exactamente! Lembrei-me muito disso, eu estava a fazer exactamente o mesmo papel! Estava a fazer a mesma coisa, porque tinha acabado de sair de Lourenço Marques e da Catembe, com uma visão já sobre a questão colonial. Então fiquei ali a contar, tal como os outros faziam, bocado por bocado, com todos os pormenores: como é que era o esquema colonial naquele momento, a questão do racismo, da discriminação propriamente dita, do sistema discriminatório instituído - que era mais importante do que racismo só - dos trabalhos forçados, da cana do açúcar, das estradas... fui relatando aquilo que tinha visto, eles iam fazendo perguntas, eu ia contando..., conversei muito com ela sobre o Espada, sobre o Xipamanine.. e sobre a Mafalala, claro! E passei assim uma noite inteira com a Noémia e o Gualter, a contar as coisas lá da terra de onde eu vinha, de onde eles já tinham saído há muitos anos ... ficámos toda a noite, não dormimos, fomos nos deitar já de madrugada... a falar, a falar, a falar... No dia seguinte ela foi trabalhar - ela não podia largar um minuto o seu trabalho, era o braço direito do cônsul de Marrocos em França e aquele consulado de Marrocos, era um mundo... então ela indicou-me o que é que eu podia ir ver - eu queria muito ver o Louvre, como é evidente... - saímos de casa juntos logo de manhã muito cedo, ainda era noite... e lá fomos os dois, apanhámos o metro juntos, ela mostrou-me (mais uma vez) como é que eu tinha de ir sozinho... eu fui para um lado, ela para o outro... passei o dia inteiro dentro do museu, vi coisas lindíssimas! Ao fim da tarde, fui ter com ela ao consulado de Marrocos, ela queria muito que eu fosse lá para ver a desgraça que era a emigração em França... o consulado estava completamente cheio, tinha centenas de pessoas por ali, desesperadas...

- Que pessoas eram essas?

- Imigrantes, gente que queria ir viver em França, uns por razões políticas e outros por razões económicas...! O trabalho dela ali era complicadíssimo, ali chegavam centenas de imigrantes marroquinos, exilados, refugiados... e ela era mãe de todas aquelas pessoas, todos os dias ouvia-os chorar, dizer que não tinham comida, não tinham leite para as crianças... ela recebia cada uma daquelas pessoas com todo o respeito e com toda a humildade e com muita humanidade tentava encontrar soluções para as situações mais incríveis... e percebi que ela era uma pessoa muito querida ali (foi agraciada mais tarde pelo governo marroquino pelos serviços prestados ao povo marroquino durante esse tempo...).

Depois fomos para casa, jantámos, novamente um jantar de família, muito bom... e depois do jantar foi a vez da Noémia e o Gualter contarem um pouco sobre a questão colonial no mundo e a questão nas colónias vista a partir de França, com os novos movimentos e novas ideias que apareciam ali. Eles tinham todo o conhecimento sobre as lutas de libertação, eu não tinha nenhum, em Moçambique só ouvíamos dizer... conhecíamos mais sobre o exército português do que sobre o movimento de libertação. Então passámos mais uma noite até de madrugada, fomos conversando sobre tudo isso e fui ficando com uma ideia mais clara... a partir daí abriu-se-me um mundo, esse mundo em que afinal a questão do colonialismo, do poder colonial e da ocupação era uma coisa muito mais ampla do que aquilo que eu via ali em Moçambique. Abriu-me novos horizontes, comecei a olhar para a questão colonial de uma outra maneira!

Tivemos uma conversa muito interessante sobre a Frelimo, que eu só conhecia de nome e das coisas que aconteciam em Moçambique relatadas pelos portugueses... os ataques “terroristas”, aquelas coisas... Na verdade foi a primeira conversa que eu tive sobre a Frelimo com pessoas que conheciam o movimento, conheciam as pessoas do movimento e podiam explicar o que era o mundo da Frelimo.

- E como é que eles te explicaram?

- Eles abriram as coisas: a Frelimo está a fazer um trabalho muito importante, é preciso haver um esquema de luta contra o exército português - porque sempre se colocou a questão da presença do exército português, na altura era uma coisa muito complicada essa questão da

ocupação militar, em França falava-se muito disso e todos estavam de acordo que era preciso acabar com a presença militar portuguesa - portanto, que a luta armada era fundamental... mas... que havia muitos jogos de poder lá dentro! E aí contaram-me as coisas: que já naquela altura havia graves problemas internos, muitos crimes dentro do próprio movimento, assassinatos - na altura tinham acabado de assassinar Eduardo Mondlane (o primeiro presidente da Frelimo), isto foi em Julho de 69 e o assassinato dele tinha sido em Fevereiro desse ano, era muito recente e em França falava-se muito disso...

- Então eles tinham a ideia de que esse assassinato podia estar ligado a pessoas lá dentro?

- Exactamente. Isso era o que o Gualter Soares sempre achou. Que era uma coisa de dentro da Frelimo. Ele era muito sério nisso, conhecia bem a situação interna do movimento, era amigo do Marcelino e outros e tinha discussões até altas horas da noite com eles, quando passavam por Paris ...contou-me tudo o que sabia, quer pelos Marcelinos, quer pelos dissidentes da Frelimo... toda a história do 2º Congresso da Frelimo... para mim até ali a Frelimo era a única forma de resolver a questão colonial, estava a levar com sucesso a luta armada, tinha grandes vitórias... e a Noémia e o Gualter puseram-me logo um travão: isso é verdade, mas não é só isso, é preciso olhar e ver o que se passa lá dentro... não disseram que sim nem que não, disseram que era preciso ter uma posição crítica... e aí percebi esse outro mundo... que na verdade sob o ponto de vista político a gente não pode dizer: este é o caminho, porque esta é a única forma de acabar com o sistema colonial ... ok, esse é o caminho, mas atenção que há muitas coisas aqui pelo meio, não é só irmos para ali de qualquer maneira... e então explicaram-me porque é que eles não tinham ido, por um lado porque achavam que era mais importante lutar a partir de fora, por outro lado porque também sabiam que ali não era um lugar para discussão de ideias e isso era complicado para eles e muitas outras pessoas... então ficamos, novamente até de madrugada, a falar, a falar...

E no dia seguinte, à noite, fui com o Gualter Soares, só os dois, ao *Quartier Latin*<sup>173</sup>. Ele queria muito que eu entrasse dentro do movimento dos exilados políticos e clandestinos que existiam em Paris. Na altura havia muitos, vindos de diferentes lugares de África, que estavam a fugir da colonização ou estavam a fugir dos novos regimes, estavam a ser perseguidos. Fomos a um bar muito pequeno, onde se juntavam os intelectuais e também esses grupos de exilados e principalmente os clandestinos... o bar chamava-se *Le Clan Destin!* ... Ele disse-me vamos sentar aqui, vamos tomar uma sangria... foi a primeira vez que eu tomei uma sangria... era muito interessante, tu entravas no bar e servias-te tu próprio de uma sangria, era oferta da casa... era uma coisa assim muito livre, muito aberta... mas era um espaço muito pequeno, em que se falava em surdina, com medo de gente infiltrada lá... aí conheci alguns amigos do Gualter que eram clandestinos, ele apresentou-me... ficamos lá a conversar um muito tempo, sobre o exílio, a clandestinidade e mais tarde sobre o “Maio de 68”. Depois ele disse: vamos dar um passeio por aí, vou-te mostrar o outro lado de Paris... então lá fomos ver o *Pigalle*<sup>174</sup>, aquele mundo, aquelas luzes, os néons... e foi isso. Ainda andei por ali uns dias a ver museus, às vezes com o Gualter, íamos ver umas exposições de arte, principalmente escultura, pintura, artes gráficas e desenho... as igrejas - *Notre Dame*, *Sacré Coeur* - pronto, andei um pouco a fazer isso, a conhecer a Europa, principalmente o renascimento... foi, na verdade, uma lição sobre a época renascentista!

Foi fundamental para mim encontrar ali, naquele momento, a Noémia e o Gualter. Com posições não muito afins, muitas vezes, mas com uma visão bem mais à frente da questão colonial ... do conflito interno e do que isso poderia significar na trajectória do movimento ...

173 Bairro de Paris conhecido pela sua multiculturalidade artística e intelectual por onde passaram muitos militantes dos movimentos nacionalistas africanos.

174 Bairro de Paris conhecido pela sua vida nocturna.

eles já previam que depois do assassinato do Mondlane - que tinha acabado de acontecer - que haveria outros assassinatos, não ia parar ali, ia ser um problema que iria continuar... eles olhavam para a experiência dos outros movimentos, conheciam bem a questão do Congo, do Quênia, eram pessoas ultra bem informadas sobre as lutas de libertação e os movimentos em África, começando pela Argélia e por aí fora... e foi esse olhar que passaram para mim: uma visão não estreita sobre Moçambique, mas mais ampla, sobre o mundo. Que o colonialismo não era apenas uma questão moçambicana ou africana, era mais complexa do que isso tudo.

- E quanto tempo ficaste lá em Paris?

- Uns dez dias. A Noémia ainda fez lá uns jantares com amigos, para me conhecerem... naquela altura não havia informação nenhuma sobre nada, era tudo oral, então quando chegava uma pessoa assim era... vamos lá! E ficavam ali a perguntar sobre todas as coisas, sobre o que se passava na verdade em Lourenço Marques, em Moçambique...

- E não se colocou a possibilidade de ficares ali com eles, estudar lá?

- Não, era muito complicado. A França nessa altura já não dava refúgio político às pessoas que vinham das colónias portuguesas e a PIDE estava com muita força em Paris. Mas foi muito importante para mim esta passagem por Paris, já tinha sido importante a passagem por Lisboa, mas em Paris passei a olhar o mundo de outra maneira.

-E tu mantiveste depois o contacto com a Noémia?

-Não. Nunca mais. Era impossível, era muito arriscado. Só volto a encontrá-la em Lisboa quando vou de novo em 1972, ela tinha beneficiado da amnistia do estado português e tinha regressado a Portugal...

### **3. Paris- Holanda, 1969**

Entretanto, lá da igreja da Munhuana, em Lourenço Marques, os padres holandeses – o padre Pedro e o padre Teodoro, que dirigiam a paróquia e eram muito amigos do meu pai, encontravam-se todos os domingos às 18 horas na casa da Mafalala para conversarem - souberam que eu ia a Lisboa e sugeriram que eu fosse conhecer a Holanda, ficar lá num sítio onde recebiam jovens de África, em Harlem... então eu fui...

- Era um seminário?

- Não era exactamente um seminário, era um sítio meio liberal, recebiam jovens que estavam a ser perseguidos nos seus países, tinham ali alojamento, para depois procurar lugar onde ficar... alguns ficavam depois para o seminário, outros seguiam o seu caminho... foi lá onde conheci pessoas do Angola Comité, que tinham vindo também fugidos, através da igreja... então eu queria aproveitar essa ocasião e ficar, pensava poder pedir refúgio político no Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, onde teoricamente se podia pedir asilo político. Só que eu era menor... e não tinha nenhuma pessoa maior, para dizer: ele está comigo! Então não consegui e tive de voltar para Lourenço Marques.... também já estava ver que as coisas lá em Moçambique não estavam a andar bem, eles já tinham começado a fazer perseguições em Maputo... o meu irmão Paulo começou a ser perseguido, começou a haver muita coisa à volta da minha saída... e eu achava que a minha mãe ia acabar também por ter problemas, não tinha qualquer dúvida que iam acabar por chegar a ela...

- Quando dizes perseguidos, o que era concretamente?

- O meu irmão Paulo foi chamado pela PIDE para prestar declarações, porque recebia correspondência minha... e o meu pai, também o chamaram... mas como ele... eu sempre te disse, eu não sei muito bem quem ele era, então não sei se lhe iam fazer alguma coisa... mas de todas as formas, era mais um aviso para mim...

- Mas quando tu foste, o teu pai estava de acordo?

- Ele não sabia muito bem o que é que eu pensava, nem sabia o que é que eu queria fazer... ninguém sabia...sabiam que eu vinha a Portugal, a França e depois à Holanda passear, mas sobre o que eu queria realmente fazer, ninguém sabia... senão nem me tinham deixado sair de Moçambique... ou apanhavam-me logo!
- Portanto tu achas que se o teu pai soubesse, imediatamente a PIDE também saberia...
- Não sei. Mas ele interveio junto da Administração Civil para me darem o passaporte, que estava há meses e meses parado, não me queriam dar...
- Então tu achas que se ele tinha capacidade de intervir para que saísse o passaporte, era porque tinha alguma ligação?
- Eu acho que sim! Ele até tinha um cartão de jornalista do jornal *Renovação* que era um jornal ligado ao sistema estabelecido... eu apanhei uma vez esse cartão... aquilo era um jornal publicado na Associação dos Naturais de Moçambique, mas não eram quaisquer pessoas que escreviam para lá, eram pessoas conhecidas, assim mais velhotes... que não eram da PIDE, eram pessoas até “bem vistas” mas...
- Mas o teu pai era jornalista?
- Não, ele não era jornalista! Mas tinha o cartão desse jornal... por isso é que era estranho... então eu achava que era melhor não lhe dizer nada do que eu queria fazer...
- Mas a tua mãe sabia?
- Sabia.
- E não dizia nada ao teu pai?
- Não.
- Ela também não tinha confiança nele, nesse aspecto?
- Não. Porque ele tinha amigos... era uma coisa muito estranha, ele tinha muitos amigos aí do poder... até iam lá a casa!
- Mas tu achas credível que os padres holandeses, que eram amigos dele e pelos vistos já estavam a fazer tudo para te meter dentro de um circuito que era onde tu precisavas de estar para entrar em contacto com os movimentos de libertação, sem ele saber?
- Sem ele saber. Isso era claro. Não tenho qualquer dúvida de que ele não sabia. Ele tratou do passaporte, mas era para eu vir de férias, ele achava que era importante eu vir conhecer a Europa.
- E qual era a tua ideia ao sair?
- Era lutar, porque dentro de Moçambique já era quase impossível, eu estava a ver o círculo muito apertado, eu sabia que estava sob vigia. Mas como não consegui refúgio político, achei que era melhor voltar, havia de encontrar outra oportunidade de sair, de uma maneira que não implicasse ninguém...
- Mas tu tinhas vontade de ficar aqui, nessa altura?
- Tinha, claro!
- E não havia nenhuma possibilidade de ficares a estudar aqui em Lisboa, ou na Holanda lá nos padres?
- Havia uma vaga possibilidade na Holanda, mas teria de ser através do seminário... se fosse para ficar no seminário não havia crise nenhuma, eles resolviam logo isso, eles financiavam a ida de pessoas das colónias para estudar lá nos seminários, fazer teologia ou filosofia ... mas eu não era uma pessoa de seminário...
- E a tua família em Portugal, não podia ficar contigo?
- Não, eles já tinham o Guilherme, já era um grande peso..

#### 4. Tenente Valadim - ( Tanzania ) , 1971

- E como foi a segunda tentativa de fuga?

- Tempos depois de voltar a Moçambique, tento uma saída por Niassa. Niassa faz fronteira com a Tanzânia e a minha ideia era tentar fugir por ali, ir para a Frelimo, juntar-me à guerrilha, sem ir para o estrangeiro. Um amigo meu, o N., com quem eu tinha uma relação boa na altura em que já era fotógrafo - conversávamos, trocávamos alguma informação escrita sobre a Frelimo, sobretudo “ A Voz da Revolução”, eu arranjava uns números lá na gráfica, mas ele também tinha uma maneira, através de uns amigos do exército português que traziam coisas lá do Norte - tinha-me dito: olha, tem um furo por Niassa, queres vir? Eu vou tentar por lá, não estou a ver outro caminho, vou tentar por lá! Conversámos bastante sobre isso, eu achava que era perigoso, porque diziam que a polícia tanzaniana quando apanhava essas pessoas que passavam a fronteira, matava; ou se fosse a polícia zambiana a apanhar, entregava-nos à PIDE... mas ele assegurou-me que não havia problema, que ele tinha lá os seus contactos. Então como eu tinha a minha irmã e o meu cunhado a viver em Vila Cabral, decidi tentar. O meu cunhado era piloto civil, trabalhava lá no Niassa. Na altura, os pilotos civis trabalhavam para os militares, porque a Frelimo não abatia os aviões civis. Então, como eu tinha lá a minha irmã e o meu cunhado, fui.

O meu amigo foi primeiro, pelos seus meios, combinámos que nos encontraríamos lá ... quando eu cheguei fiquei um tempo em casa da minha irmã Fina, a olhar para aquilo que se passava lá, a ver a situação, a tentar perceber como podia fazer. Era uma zona de guerra dura... o meu cunhado dava-se com todos aqueles militares, ele é que fazia as evacuações de feridos quando havia ataques da Frelimo, toda a gente tinha muito respeito por ele porque quando era necessário voar à noite para salvar pessoas, ele ia, mesmo sendo proibido... foi ele que me contou que o exército fazia aquilo a que chamavam “voos de porta aberta” sobre o Lago Niassa com os guerrilheiros da Frelimo que eram capturados...

-O que é um voo de porta aberta?

-É assim: tu recrutas um aviador civil, metes lá uns militares dentro do avião e uns presos e a meio, do caminho deitas fora os presos.

- E porque achas que ele teria feito?

- Por um lado porque era uma coisa que tu não podias negar se te mandassem fazer, sendo aviador civil numa zona de guerra... por outro, ele tinha descrições muito fortes daquilo.

- E como é que organizaste a fuga?

- Nessa altura, lá em Vila Cabral, estava o V., irmão de um outro amigo meu, que era comando e que eu conhecia lá da Mafalala... ele era também amigo do N., eram primos... portanto, dele, eu podia saber se o N. já tinha chegado a Tenente Valadim. Então, quando os comandos faziam operações, quando vinham lá do mato, ficavam uns dias em Vila Cabral e normalmente iam para um bar, o bar do Cristina - aquele Cristina que era dos Flechas, que foi depois um dos fundadores da Renamo, tinha um bar em Vila Cabral, tinha um negócio grande, mercearia, bar, loja de modas... e fazia agro-pecuária - então, eu disse: vou lá ao Cristina, à noite, ver se apanho o V..... na verdade encontrei-o e ele disse-me: ah, estive com o N., em Tenente Valadim...ele anda por ali a ver se arranja emprego, alguma coisa para fazer ali... E eu pensei: é o momento de ir para lá, ter com ele. Falei com o meu cunhado e disse-lhe que queria ir a Tenente Valadim, fazer umas fotografias...

-Não disseste que querias fugir?

- Não! Então, isso aí não se diz... senão ele não me levava!

- E a tua irmã, sabia?

- Não, essas coisas não podiam ser anunciadas... ninguém sabia! A Fina não fazia a mínima ideia...então o meu cunhado levou-me de avião até Tenente Valadim, que era um posto onde havia um quartel português, perto da fronteira com a Tanzânia. Segundo as informações do

V., o N. já estava lá há dois dias. Então eu pensei: o meu cunhado larga-me aqui, eu espero um tempo, para ninguém saber que eu vim com ele, encontro-me com o N. e fugimos juntos.

- Mas vocês tinham um plano de fuga?

- Ele dizia que tinha, eu não perguntei detalhes... essas coisas não se perguntavam, era melhor não saber, no caso de seres apanhado não sabias nada do outro... Então aterrámos, eu comecei a andar por ali, enquanto o meu cunhado punha as cargas no avião ... aquilo era uma coisa pequena, Tenente Valadim era um aquartelamento, com uma povoação à volta... um quartel com um aldeamento, uma pista de aterragem, aquilo tudo pertencia ao quartel... e começo a ver por ali uns militares da companhia do V., todos muito agitados ... aproximei-me para tentar perceber o que se passava e foi então que os ouvi dizerem: - eh pá, ontem matámos um gajo lá de Lourenço Marques, que estava a tentar fugir com um grupo de terroristas, demos-lhe um tiro na cabeça! Quando ouvi aquilo, fiquei logo apreensivo, percebi que a situação ali estava complicada, mas não liguei uma coisa à outra, não percebi logo que se tratava do meu amigo. Ainda continuei a andar por ali, a tentar escutar o que contavam... e é então que apanho o V. ... e é ele quem me conta que nessa noite tinha havido uma operação grande e que o N. tinha sido abatido, lá no mato quando ia a fugir... tinham-no abatido a ele e mais outros “terroristas”! Eu não disse nada, fui para junto do meu cunhado, fiquei ali ao lado do avião, quando acabaram de carregar, entrei e vim-me embora. Dois dias depois estava em Lourenço Marques... fiquei com um medo do caraças... E nunca mais vi esse V., só muitos anos depois...

- E tu achas que ele teve alguma coisa a ver com o que aconteceu ao N.?

- Não acho, tenho a certeza, porque depois ele disse! Ele pirou e contou isso... não a mim, mas a outras pessoas...

- Contou o quê?

- Contou que ele tinha abatido o N. Ele pirou da cabeça, depois... e contava isso a quem quisesse ouvir... estava pirado, mesmo!

-Se calhar por causa disso...

- Então...! Eram amigos desde crianças!

- Mas será que foi ele que denunciou o N.? Ou apanharam o N. e mandaram o V. abatê-lo por saberem que eram amigos?

- Não sei, isso não sei ... entretanto vim-me embora e só vi o V. muitos anos depois da Independência, já ele estava maluco...

- E falaram?

- Não falámos nada, ele estava louco! Acho que pouco antes da Independência ele veio aqui para Portugal... não sei se já estava maluco lá em Moçambique e depois veio para Portugal, ou se veio e depois foi enlouquecendo aqui... não tem nada a ver com a Independência, ele veio para Portugal como um membro do exército português... mas já estava pirado, aquela companhia dele lá no Niassa fazia das suas... Dizem que ele deu um tiro na cabeça do N.! ... Mataram-no assim, nem sequer o prenderam, mataram, logo. E quem matou está vivo. Cruzo-me com ele em Maputo...

- E achas que eles não sabiam que tu estavas ali para tentar o mesmo?

- Acho que que o V. tinha alguma informação sobre o nosso plano... e acho que essa informação partiu do próprio N.... como é que eles iam apanhá-lo assim de repente? Para mim, a informação partiu do N.... e até podiam saber por ele que eu estava a tentar também fugir, mas não podiam dar-me um tiro de qualquer maneira, por causa do respeito que tinham pelo meu cunhado... não sei, é daquelas coisas que ... mas ele fez questão de me dizer ali, em Tenente Valadim, que o N. tinha sido morto...

- Talvez para não ter de te matar a ti também...

- Ya, pode ter sido, também.. porque os comandos cercaram o N. ...e podem ter encurralado o V., levarem-no a ter de abater... podem ter até mandado abater porque sabiam que ele



conhecia... porque eram moçambicanos aqueles que estavam lá, conheciam os dois... mas ao mesmo tempo eu acho que o “ contacto” do N. era ele... ele pode ter tido que fazer para mostrar de que lado é que estava... mas não sei...

## 5. De Volta a Lourenço Marques

- E como foi esse teu regresso a Lourenço Marques?

- Voltei para a *Afris* (Oficina de Arte Gráfica) , voltei para o liceu - matriculei-me no curso nocturno para fazer as disciplinas do 7º ano, fui a umas aulas, mas fiquei farto daquilo e comecei a estudar sozinho para ir fazer os exames como aluno externo...

- E ninguém te perguntou nada, onde é que tinhas andado, o que é que tinha acontecido?

- Sim, mas ninguém sabia de nada... aos olhos das pessoas eu era uma pessoa inofensiva, um miúdo que anda aí a fazer umas fotografias... foi para lá com o cunhado dele, o comandante Braga, fotografar umas coisas lá no Niassa... ninguém imaginava que nessa altura eu já estava bem envolvido na actividade política...

- Em que consistia a tua actividade política?

- Na gráfica em que eu trabalhava, mesmo antes de tentar a fuga, eu já estava encarregue de fazer os fotolitos da “Voz da Revolução” para os serviços da psicossocial.

- E porque te encarregavam a ti dessa tarefa?

- Precisamente por eu ser... por um lado era miúdo e eles achavam que com aquela idade eu não ia entender nada daquilo... por outro, profissionalmente eu já era bastante competente. Então eu ia para lá fazer aquilo à noite sob a vigilância deles. Porque estávamos na câmara escura em vez de uma só cópia para eles, fazia também uma cópia para mim em película que ficava escondida numa caixa preta para não entrar luz... revelava depois de eles saírem e no dia seguinte fazia provas fotográficas. Não fazia muitas, porque não tinha dinheiro... o papel fotográfico era

caro, fazia uma cópia, passava para os amigos, eles passavam de mão em mão. Era uma maneira de termos algum contacto com a Frelimo...

Depois tinha esse grupo do cineclube, que era mais forte, já tinha contactos com a Frelimo, percebíamos que tinham... era um grupo de pessoas mais velhas, onde estavam o José Luís Cabaço, o Malangatana, o Adrião Rodrigues, o Almeida Santos, - que foi presidente da Assembleia da República em Portugal - e outros... a gente ia ver os filmes e depois conversar. Havia debates sobre os filmes...

- E que filmes o cineclube passava?

- Coisas que em Portugal não se podia ver... porque aqui os PIDES eram pessoas com pouca formação, era gente de baixo nível que eles mandavam para aqui... Só pessoas muito básicas é que eram enviadas para cá... Diziam eles: ali em Moçambique há apenas um pequeno grupo de brancos e negros, alguns mulatos e indianos nada mais do que isso, não entendem nada. O Cineclube passava por exemplo “A Mãe”... eles achavam que era um bom filme! Sei lá, passou o Couraçado Potemkin, que era proibido em todo o território português... que incluía Moçambique... mas passou porque eles acharam que não tinha nada... e “A greve”, “Para onde voam as cegonhas”, todos esses filmes... eles achavam que aqui era um lugar de pretos, que não entendiam nada: deixa lá eles verem isso... ninguém vai entender nada disso... nem eles mesmo entendiam... em Portugal era proibido, mas proibido mesmo! Vimos aqui cinema Soviético, da Hungria, um monte de filmes que teoricamente deviam ser proibidos. Mesmo quando eu fui para a Europa ninguém acreditava que eu já tivesse visto esses filmes aqui. Bom, dentro desse grupo, eu ia lá ver os filmes, participava dos debates... na altura eles achavam piada à participação desse pessoal mais jovem...

- E nesses debates já se abordava a questão colonial, a Independência, a Frelimo?
- A questão colonial e a Independência indirectamente, através da análise dos filmes, falava-se dessas questões metaforicamente, sem falar... mas nunca falámos sobre a Frelimo. Nunca mesmo! A única pessoa que me falou sobre Frelimo foi o Cabaço, porque percebeu onde é que eu estava ... depois tinha uma outra coisa, eles sabiam que eu era sobrinho da Noémia, trabalhava numa publicação “O Jornal” dirigida por João Reis que tinha sido preso pela PIDE (grupo do Rangel, Malangatana, Craveirinha) e que o Chefe de Redacção era o José Craveirinha. Aí, abria-se logo uma porta, eles diziam: este aqui é nosso!
- E o Cabaço já estava ligado à Frelimo nessa altura?
- Sim! O Cabaço trabalhava para a Frelimo na clandestinidade há muito tempo.
- E continuavas a fotografar?
- Sim, a fotografar e a publicar no “O Jornal”, fui evoluindo, ia fazendo mil e uma coisas, sobre o que ia acontecendo na cidade, sempre entre o universo político e o universo cultural mais profundo, fotografando as coisas mais moçambicanas que encontrava: no subúrbio, o Xipamanine, as capulanas, tudo o que não era na zona dos “brancos”. E continuava sempre a fotografar a Catembe, quase todos os números do “O Jornal” tinham alguma reportagem fotográfica minha sobre a Catembe. Mas eram dois mundos que pouco se tocavam, com raras excepções, como foi o caso da peça de teatro de Lindo Lhongo “Conferência Dramática sobre o Lobolo”, em que eu, além da reportagem fotográfica, fiz a fotografia de cena. Ia lá todos os dias aos ensaios. Eu achava a peça muito interessante, porque já vinha amadurecendo este pensamento de pertença e identidade, a buscar referências desta identidade nos poetas moçambicanos – a Noémia, o Craveirinha, o Rui Nogar - a procurar artigos de jornal - no Brado Africano, os artigos do João Albasini, do Craveirinha- sobre aquela moçambicanidade de que ninguém mais falava. Os ensaios eram feitos na Associação Africana onde havia um debate sobre nacionalismo, não se falava de Independência mas falava-se sobre o fim do regime colonial. O Norberto Barroca, arquitecto português, que encena a peça, quando termina a temporada convida-me para iniciar uma outra, mas logo no primeiro encontro que tivemos a PIDE andava lá à volta e nunca mais nos reunimos.
- E o que é que te fez tomar a decisão de sair, da última vez?
- Eu já estava decidido, aquilo era só um compasso de espera até encontrar uma nova oportunidade... mas houve uma coisa que me deu uma sensação de urgência, que foi ter ido fotografar o desfile militar do Kaúlza de Arriaga! Uma enorme parada militar portuguesa, no dia 10 de Junho. Mas uma parada militar forte, daquelas com carros militares, com cavalaria, para dizer: “Nós estamos aqui e não vamos sair!” Foi muito importante para mim estar no meio do Estado Colonial a fotografar... no meio daquela gente... eles não sabiam muito bem o que é que eu estava lá a fazer, era menor, era um fotógrafo amador mas eu tinha um cartão de jornalista, trabalhava para um jornal! Dava-me um grande gozo estar ali no meio, a fotografar! O Kaúlza de Arriaga estava lá... e eu estava lá no meio, a fotografar!
- E saíram no “O Jornal” essas fotos?
- Saíram! Com a Estátua do Mouzinho<sup>175</sup> por detrás do desfile, exactamente para brincar um pouco com a coisa...
- E o teres fotografado isso, trouxe-te alguma coisa, em relação à questão da guerra?
- Sim, percebi que na verdade eles estavam a ocupar militarmente o País, que não era uma guerra de brincadeira, não eram as “pequenas escaramuças” de que a gente ouvia falar... em Angola diziam que tinham sido “pequenas escaramuças” entre pretos e brancos... na Índia tinham sido também “pequenas escaramuças”<sup>176</sup>, não foi uma guerra... mas quando eu olhava para aquele aparato todo, comandos, paraquedistas, tropas especiais constituídas por cidadãos

---

175 Estátua equestre de Mouzinho de Albuquerque, símbolo da ocupação militar portuguesa de Moçambique, erguida na Praça Central da cidade de Lourenço Marques.

176 Combates insignificantes entre troços de exércitos inimigos.

moçambicanos negros, a marcharem em passo de ganso... era um aparato enorme, que vinha lá da 25 Setembro, subia ali pela Samora Machel até chegar à estátua do Mouzinho de Albuquerque, à Câmara Municipal... percebi claramente que aquilo era uma guerra de ocupação por um exército estrangeiro. Estava tudo dito ali!

- E foi isso que te deu o *clac* para passares a fronteira?

- Exactamente. Aí é que vi: se não sair, vou ficar aqui de vez...

- Ias ter que fazer a tropa?

- Sim, teria de fazer, deveria entrar na tropa um ano depois da minha fuga... ainda não estava na data em que tinha de ir à Inspeção militar... os que eram da minha idade, mas com meses de diferença foram...

## 6. Lourenço Marques- Lisboa-França- Bélgica, 1972

Uns tempos depois, no final de 71, o meu irmão manda uma carta para Maputo, a dizer: “Já fui embora”. Depois soube pela tia Camila, que de vez em quando telefonava para a minha mãe, que ele estava na Bélgica. É quando eu começo a pensar na possibilidade de ir ter com ele na Bélgica e dali ir para a Holanda, tentar de novo pedir o estatuto de refugiado. E coincidentemente... são incríveis essas coisas... aparece a tal oportunidade que eu já há muito esperava. O meu patrão lá na *Afris*, era uma pessoa interessante, tinha na parede do seu escritório uma fotografia do Fidel Castro jogando basquetebol, naquela altura, vê só... eu disse-lhe que queria ir de férias a Portugal e ele disse: - eu sei para onde é que tu vais! Eu sei o que é que tu queres fazer, mas não vai ser fácil... olha, vamos fazer assim: a Agfa está a promover, em Portugal, uns cursos para utilização de novas películas e nós somos dos maiores consumidores de película Agfa... então eu vou dizer que tu é que vais frequentar o curso. Em Linda-a-Velha!

Foi uma sorte incrível! Mesmo que eu não pudesse fugir logo, já estava em Portugal! Então eu fui. Ele disse-me: eu sei que não vais entrar nunca lá no centro da Agfa, estás a ir embora! Mas passou uma carta para que eu pudesse entrar nesse curso, deu-me algum dinheiro também. O meu cunhado, o Zé Miguel Sequeira Braga, é que pagou a minha passagem para Lisboa... e chamaram-no depois de eu ter partido, porque ele pagou a passagem com um cheque... mas foi logo libertado, porque era primo do Pimentel dos Santos, o então Governador-Geral de Moçambique. Uma semana depois, eu estava a passar a fronteira... de Portugal para a Espanha, para França e depois para Bruxelas.

- De comboio?

- Não, a pé, a salto!!! Quero dizer, primeiro fui de comboio... isso também é outra história... (risos) ... Chegado a Lisboa, eu não podia estar em casa das minhas tias em Algés...

- A Noémia já estava em Lisboa?

- Sim, tinha havido uma amnistia aos exilados políticos, em 1970 ou 71, ela tinha beneficiado dessa amnistia e regressado a Portugal, onde estava a trabalhar como jornalista. Vieram muitos exilados, naquela altura, foi uma leva grande...

- E o Gualter Soares?

- O Gualter não, não quis vir. Ele achava que era preciso demarcar-se fortemente do fascismo e que não viria. Ficou por Paris...

- Então, tu não podias ficar lá em casa das tuas tias porque a Noémia estava lá e a casa estava vigiada?

- Por essas razões todas juntas: eu estava numa situação muito complicada, a Noémia estava lá e a casa estava a ser vigiada... era mesmo... depois, tanto a Camila como a Noémia já eram conotadas como “passadoras”... aquela coisa de a minha tia Camila andar sempre com esses meninos que iam passar a fronteira, a escondê-los em sua casa... muita gente que tinha

passado a fronteira clandestinamente tinha ficado lá em casa delas, em Algés. Então, eu não podia ficar lá, era muito perigoso fazer uma fuga a partir dali... então ficou acertado que eu ficaria em Setúbal, em casa do irmão mais velho da minha mãe, o meu tio Paulo Abranches de Sousa, que era casado com a tia Teresa, uma senhora minhota. Ali passava mais despercebido, não tinha nada a ver com nada, andava com o meu tio... mas também não podia ficar lá muito tempo, porque aquilo ia começar a “cheirar mal”, a PIDE já devia ter informação de que eu não estava a frequentar o curso da Agfa, para o qual supostamente tinha vindo, já deviam andar à minha procura...

Entretanto, o meu tio tinha um grande amigo, que trabalhava com ele e a quem ele tinha ajudado em coisas de trabalho, a arranjar emprego, essas coisas... uma pessoa que acabou ficando quase da família, a gente tratava-o por “padrinho Jaime”. Era uma pessoa boa, mas era de direita. Nunca percebi que relação era aquela, porque o meu tio era de esquerda, trabalhava como arquitecto e engenheiro no porto de Setúbal. Então, eu estava ali naquela complicação, tinha de fugir imediatamente senão iam-me agarrar... e um dia a minha tia diz-me: o padrinho Jaime vem jantar connosco. Eu apanhei um susto: ih caraças, agora é que estou lixado! Mas pensei: bom, ele também não sabe de nada, é melhor não dar nas vistas e ir mesmo ao jantar, como se não fosse nada. Sentámos -nos, jantámos, comemos um bom bacalhau, bebemos um bons vinhos - nunca me esqueço desse jantar! Ele muito simpático comigo, eu já bem mais aliviado, quando nos sentámos na sala, para tomar o café e tomar um bagoço... e a minha tia começa: - Padrinho, o meu sobrinho precisa de sair de Portugal, imediatamente! Eu fiquei verde, não sei como é que consegui aguentar aquele momento! Só pensei: pronto, fui apanhado! Esta senhora, na sua inocência, acabou de lixar a minha vida agora mesmo! Mas ele respondeu, muito serenamente - nunca mais me esqueço dessa cena: - Mas D. Teresa, o que é que eu posso fazer para ajudar? - Ele precisa de sair imediatamente daqui, tem de atravessar a fronteira com a Espanha, para ir para França ou a Bélgica - disse ela. E o “Padrinho Jaime”, respondeu: - Muito bem, então eu vou tratar disso! E foi embora! Eu fiquei em pânico, toda a noite, pensando que a qualquer momento chegaria a polícia para me vir buscar... mas não aconteceu nada. No dia seguinte, de manhã, eu tinha um mapa com o trajecto da minha fuga ... mas um mapa, indicando que aqui é isto, aqui é aquilo, tudo marcado (!) – eles eram engenheiros, tinham tudo organizado - tinha os números telefónicos das pessoas com quem eu devia contactar e tinha dinheiro, para me apoiar! Eu pensei - agora é que eu vou ser apanhado! Ele tinha entregue isso à minha tia: - diga ao seu sobrinho que vai apanhar o comboio das tantas horas, vai sair em Castelo Branco às tantas horas e vão estar lá umas pessoas à espera dele, eles já sabem o que é... Para me prender, pensei eu. Isto é uma ratoeira! Mas eu não tinha alternativa, de um lado ou de outro eu ia ser preso! Também não podia ficar mais ali, principalmente depois de tudo isso, porque se me prendessem ali os meus tios iam ser implicados também... então, fui cortar o cabelo - eu tinha um cabelo assim grande, que dava muito nas vistas - e lá fui! Dormi uma noite em casa das minhas tias, em Algés... a Noémia também estava com muito medo, achava que aquilo poderia ser uma armadilha... tinha um medo desgraçado! Mas eu não tinha hipótese, ratoeira ou não, já não podia voltar atrás. No dia seguinte, apanhei um comboio da estação de Santa Apolónia em Lisboa para Castelo Branco. Chegado à estação vieram uns homens, vestidos de preto, com óculos escuros, dois gajos, com todo o aspecto de serem da polícia: - o senhor é que é o Camilo? – E agora, digo que sim ou que não? Mas bom, eu já não tinha nada a perder, disse: - sim, sou! - Então acompanhe-nos! Foi o sr. Jaime que nos disse para vir esperá-lo, vá andando por aqui, o carro é aquele. Eu fui, a tremer, achando que era ali é que ia ser abatido!!! Entrámos no carro - um carro daqueles pretos, com vidros fumados, tudo preto - eu sempre alerta aos movimentos deles, à espera do momento em que me iam (me?) matar... mas eles disseram: - quer comer alguma coisa? É melhor comer, porque nós só vamos passar a fronteira daqui a muito tempo... então sugerimos que se sente connosco ali naquele café... ali

tem um café bom, peça o que quiser, está tudo pago, não tem problema... e sugerimos que leve também algum álcool para beber no caminho, porque vai estar muito frio... era inverno. Qual é o álcool que gosta? Pode ser uma garrafa de whisky... então sentamo-nos ali no café, um deles foi comprar o whisky, eu fiquei a comer... eu aí, já meio confuso, a achar que por um lado eles não iriam gastar dinheiro com uma pessoa que iam abater e não conheciam de lado nenhum... mas por outro, que aquilo podia fazer parte da armadilha, não me queriam abater ali, para não dar nas vistas, só quando já estivéssemos lá no mato... quando começou a escurecer, estava já a chover um pouco, ele disse: - vamos embora, você vai ter que andar um bom bocado, vai ter de descer a montanha rochosa a pé, passar o rio Tejo, há uma pessoa que vai estar lá à sua espera... então andámos, andámos umas boas horas... pelas conversas deles eu percebia que eram contrabandistas... andámos, andámos, sempre no escuro e eu sempre a achar que a qualquer momento ia vir o tiro... mas nada... até que chegámos junto ao rio... então eles fizeram lá uns sinais de luzes e um outro homem lá do outro lado respondeu também com um sinal. Despedimo-nos ali, então eu descí, o homem do outro lado foi atravessando de barco para me apanhar. Entrei no barco e atravessámos o rio. Os outros ficaram a ver a travessia, até nós fazermos sinal do outro lado, só depois é que foram embora. E já do lado de Espanha começámos a subir a outra montanha toda a pé, a escorregar, a cair no caminho, aquilo é rocha mesmo, continuava a chover, cá não sei quantas vezes... e depois fomos ficar numa palhoça, que era a casa desse contrabandista... ele era muito estranho, tinha um olho caído... o olho inteiro, em vez de ficar dentro do orifício orbital, ficava fora... havia uma fogueira na palhoça. Ficamos lá os dois, calados, na fogueira. Estava um frio terrível, eu tirei a garrafa de whisky, não tínhamos nem copos, bebíamos pela garrafa, o olho do outro ficava assim junto ao gargalo da garrafa e deitava assim uma coisa horrível... então eu disse: - quero ir para a vila, para amanhã cedo apanhar um transporte... e ele respondeu: - não podemos ir para a vila agora, hoje é domingo, aquilo está cheio de PIDES... porque a polícia portuguesa entrava lá, em Espanha - se os gajos te apanham, matam-te! E depois tem os carabineiros... - a polícia espanhola - que se te apanham a passar a fronteira, nem querem saber, és clandestino, abatem-te logo! Vamos esperar um pouco. Então esperámos, ali quietos e calados na fogueira e quando já era noite mais alta, ele disse: - então vamos lá, mas vamos assim devagar bem escondidos por entre as moitas, disfarçados... ele conhecia as pessoas. Lá na vila, deixou-me num bar onde achava que eu estaria seguro e foi até a um outro bar. Quando voltou, disse-me: - tu não podes fazer esse trajecto que está marcado aí no papel... os PIDES amanhã vão revistar o comboio que vai para Cáceres, porque há pessoas que estão a fugir de Portugal de comboio... - então como é que eu faço? - Amanhã cedo, apanhas a camioneta que vai para Cáceres e não o comboio. E foi assim, salvou-me a vida, aquele gajo! Quando o bar fechou, ficámos os dois ali no frio, de madrugada, à espera que chegasse a hora de apanhar a camioneta. De manhã cedo, apanhei a camioneta e fiz a viagem toda, numa boa. Foi uma grande surpresa para mim, isso do padrinho Jaime... eu pensava que ele me estava a criar uma armadilha, mas afinal ele queria mesmo ajudar-me... eu nunca entendi porquê... como é possível ele ter-me ajudado daquela maneira? Com dinheiro, inclusive, ele pagou àqueles contrabandistas... era por ele ser padrinho da minha prima, da Clara? Eu nunca entendi isso... a minha tia nunca me explicou também, ela só dizia: - Camilinho, enquanto estiveres nas minhas mãos, estás sempre seguro! Foi uma situação muito interessante... e eu sempre a desconfiar, principalmente quando chegaram os contrabandistas e disseram para entrar no carro... porra, dois gajos que sabem o meu nome e que vêm assim, dizem vá andando que o carro é aquele.. oh, já fui!!! Mas afinal não, tinham todas as instruções, tudo o que era preciso fazer para eu fugir... nunca entendi muito bem aquilo... e depois porque é que ele, sendo de direita, era tão amigo do meu tio, o meu tio era de esquerda, aliás foi vereador pela câmara de Setúbal depois do 25 de Abril... foi vereador

pelo Partido Comunista Português, batia-se ali todos os dias, tinha uma reputação impressionante na cidade de Setúbal...

- E como foi o resto da viagem?

- Fiz toda a viagem de Espanha para França numa boa, só fui preso quando passei a fronteira de França. Fui detido por engano, estavam à procura de um árabe que não era eu e como eu tinha um passaporte português mas tinha assim este meu aspecto... eles prenderam-me! Fecharam-me numa cela, mas depois perceberam que não era eu e soltaram-me, pediram até desculpas... perdi aquele comboio que devia ter apanhado, mas apanhei outro mais tarde, fui até Paris, fiquei um tempo lá em casa do Gualter Soares, mas depois fui até Bruxelas, onde estava o meu irmão.

- Como é que foi a tua chegada a Bruxelas?

- Cheguei a Bruxelas às 4 da manhã. Porra, era noite e o meu irmão não tinha telefone em casa, era muito caro e ele refugiado... ele sabia que eu chegava nesse dia, tinha a hora da minha chegada, sabia que eu ia chegar no comboio tal, às tantas horas... mas como tinha havido aquela crise na fronteira com a França, então eu fui perdendo os diferentes comboios, fui-me atrasando e ele foi dormir... então eu cheguei a Bruxelas, saí da gare e não estava ninguém. Então fui sozinho, a pé, à procura da casa dele... peguei na mala e fui por ali... mas o incrível é que parecia que eu conhecia Bruxelas... fui parar a casa do meu irmão pelos meus pés! A única coisa que eu sabia era que ele vivia na *Rue Longue Vie*, em *Ixelles*. Saí da *Gare du Nord* e fui até a casa do meu irmão sozinho, não pedi ajuda a ninguém, parei em frente à porta da casa dele, o filho da puta, estava a dormir! A casa não tinha campainha... vi que estava uma luz acesa no segundo andar, num prédio de três andares... e fiquei ali a atirar pequenas pedras lá para cima, para a janela, para ver se ele acordava... mas nada, ele não acordava!!! Só me restava esperar pela manhã, mas estava um frio terrível e a nevar. Olhei em volta e vi um bar que estava aberto... era um bar pequenino, em frente à casa dele, chamava-se *Kalooum*... e fui lá sentar-me, carregando a minha pequena mochila... fiquei ali a beber cerveja, à espera que o meu irmão acordasse, para ir para casa...

- Tinhas dinheiro?

- Sim... tinha algum dinheiro que tinha trazido de Moçambique, das minhas economias que tinha ganho lá na *Afris*... recebi uma gratificação da empresa pelo tempo que trabalhei lá, o meu patrão deu-me o dinheiro para o curso, o meu amigo Zé Neto também me tinha dado algum dinheiro já em escudos portugueses, os meus tios Paulo e Camila também me tinham dado algum... já tinha trocado tudo isso para francos franceses e belgas... então fiquei ali no *Kalooum* até de manhã... era um pub, que só funcionava depois das 18 horas e ficava aberto até de manhã... era de um congolês, do Congo belga... um gajo negro, forte, grande mesmo, gordo, com barriga... ao longo da madrugada foi aparecendo gente... desde homens de negócios já residentes em Bruxelas, até refugiados... era fundamentalmente um bar de imigrantes: tinha refugiados do Congo, de Marrocos... moçambicanos não iam lá, porque viviam noutra zona... havia alguns da Guiné Conacri, do Senegal que tinham algum conhecimento sobre o que se passava na Guiné Bissau, ouvi pela primeira vez falar sobre Casamança, que era uma zona muito disputada entre os estados da região... havia refugiados da Tunísia... lembro-me de ter conhecido uma tunisina de esquerda, muito jovem,... mais velha que eu, claro... ela falou-me bastante sobre o Habib Bourguiba e a ditadura na Tunísia e sobre a África Árabe e a África em geral... foi muito interessante, ficámos a conversar até às 10 da manhã, quando eu fui de novo para a casa do meu irmão, chamei – Ó Guilherme! - já era de dia, podia gritar na rua sem ser preso - até eles perceberem que “deve ser esse gajo que chegou”. Então subi. O meu irmão era casado com uma jovem portuguesa, que também era refugiada política, filha de uma família de esquerda, do partido comunista, o pai dela era director de um jornal que depois foi proibido, *A República*.

- E como foi essa chegada?

- Para mim era um momento de grande alegria, principalmente por saber que estava longe de qualquer possibilidade de a PIDE me apanhar! Finalmente tinha conseguido “**cruzar a fronteira**”!!! Sabia que era preciso tratar de papéis mas pelo menos estava a salvo, ali, naquele lugar! E foi um momento de grande euforia, não há dúvida nenhuma! O Guilherme tinha avisado os amigos mais próximos - e alguns amigos meus que eu nem sabia que estavam em Bruxelas - tinha montado uma festa para se encontrarem todos comigo nessa noite. À tarde, a primeira coisa que fizemos, foi ir ao Alto Comissariado das Nações Unidas para os refugiados, o Guilherme disse que eu tinha de ir imediatamente anunciar a minha chegada ao ACNUR e entregar-me à Polícia belga. O Alto Comissário, era um austríaco, ele recebeu-me bastante bem... conhecia refugiados portugueses mas não de Moçambique, então ficou a conversar comigo durante cerca de duas horas, a querer saber qual era a situação política lá, como é que era a guerra... e ficou bastante sensibilizado pela maneira como eu lhe contei... apesar de ser um miúdo eu já tinha estado numa zona bastante complicada (Tenente Valadim), conhecia razoavelmente a situação político-militar.

Depois o Guilherme foi-me mostrar o bairro onde vivia, mostrou-me os principais locais, fomos andar um pouco de eléctrico e de pré-metro, para eu saber como me deslocar por ali, fomos à *Grand-Place*... andámos por ali a pé, a conhecer o centro de Bruxelas - nós vivíamos não muito longe da *Grand-Place*, andávamos apenas 15 minutos...

- Em que bairro ele vivia?

- Em *Ixelles*... hoje chama-se *Matongué*...

- Portanto o mesmo onde tu viveste depois...

- Sim, nós passámos a viver no mesmo prédio... porta com porta! Quando cheguei, vivi uns tempos em casa dele, depois quando comecei a trabalhar falei com a senhoria e ela alugou-me o apartamento em frente ao do Guilherme. Ela não tinha muito interesse em alugar a flat, estava fechada e em muito mau estado... ela era uma colona do ex-Congo Belga que tinha construído aquele prédio, mas não ligava muito àquilo, já tinha muito dinheiro e então... disse-me que se eu quisesse ficar com aquilo, tinha que reabilitar o apartamento, fazer lá algumas coisas.. pagava uma renda baixíssima, mas tinha de recuperar... pintar paredes, fazer o mínimo...

- E fizeste isso sozinho?

- Com o Guilherme e os amigos dele... pessoal do partido comunista português, da LUAR, da ARA todos foram lá ajudar a raspar, pintar... era uma casa com pé alto, era difícil eu sozinho fazer... então tirámos o papel de parede antigo, pintámos a casa toda... num fim de semana, pusemos a casa em condições de habitar...

- E mobílias?

- Ah, isso íamos apanhar no lixo! Toda a mobília que eu tinha em casa era apanhada do lixo! Andávamos pelas ruas à noite, a beber cerveja e quando voltávamos havia sempre alguma coisa na rua interessante... uma cadeira, um sofá, uma mesa... até televisão apanhámos na rua!

- E tinha casa de banho, a tua casa?

- Não! Só tinha uma retrete e lavatório, não tinha ( risos)... Para tomar banho, tínhamos que ir aos banhos públicos... pagávamos e tomávamos banho lá...

- O Guilherme também?

- Sim, não havia casas de banho nesse prédio... íamos tomar banho ali perto de casa, na estação dos comboios, na *Gare Central* ou na *Gare-du-Midi*...

- Todos os dias?

- Não, nem sempre... na Europa não se toma banho todos os dias... (risos) ... toma-se banho de vez em quando... nos outros dias lavávamo-nos e... mas pouco tempo depois, com o meu primeiro salário, comprei... um esquema, como se faz lá em Moçambique... numa bacia grande, aquecia água no fogão, deitava na bacia e tomava banho de caneca... numa boa!

- E onde ficava a bacia?
- Na cozinha! Tinha uma cozinha grande... era uma bacia grande, tipo celha...
- De madeira ou de plástico?
- De plástico.. verde... dava para sentar até... lavar a cabeça, ficava lá sentado...
- Então tinhas retrete, lavatório e banheira... quase uma casa de banho completa...
- Sim, mas na cozinha... e não tinha esgoto aquilo.. tinha de tirar aquela água da bacia com um balde e deitar na retrete...

- E como foi a tua integração lá?
- Fui conhecendo os amigos do Guilherme... nos primeiros dias era tudo assim tipo fricallhada, mais festa do que outra coisa... mas depois comecei a conversar mais com o pessoal da LUAR e fomos falando de coisas mais sérias, sobre a questão colonial, sobre as guerras...
- E qual era a perspectiva deles?
- Era iniciar um processo de luta armada, de guerrilha, em Portugal.... eles achavam que nós os moçambicanos éramos os que estavam mais avançados nisso, já estávamos a lutar... eles ainda estavam muito atrasados, mas queriam avançar rapidamente... eram as ideias que havia na altura e na verdade já havia armamento lá em Bruxelas...
- E qual era a tua ideia de luta concreta, o que é que pensavas fazer?
- A minha ideia desde o princípio era ir para a Holanda, mas a informação que corria em Bruxelas, inclusive nos jornais, era de que estavam a haver rusgas contra clandestinos na Holanda, estavam a perseguir principalmente os árabes clandestinos. Como eu nessa altura ainda não tinha papéis, estava a espera dos papéis das Nações Unidas, fiquei com um bocado de medo... já tinha a experiência da entrada em França, de confundido com um árabe... então decidi ficar por ali. O meu irmão também fez um bocado de pressão... então eu disse: não quero meter-me em mais confusões, já estou farto, vou ficar por aqui.

Por isso é que toda a gente dizia em Bruxelas que o único refugiado que em 2 meses teve o estatuto de refugiado político das Nações Unidas, com passaporte, fui eu! Os outros diziam: - porra, nós estamos aqui há meses e meses e não temos sequer o estatuto de refugiados, muito menos passaporte... o meu irmão nunca teve passaporte das Nações Unidas e já estava lá há muito tempo... aquele passaporte azul, permitia-me ir onde quisesse...

- E achas que isso era por estares perfeitamente inteirado da situação em Moçambique?
- Eu acho que sim, que o Alto Comissário viu “esse gajo não é um bandido”... porque havia jovens que tinham praticado pequenos delitos de direito comum, que iam para Portugal e de Portugal para a Bélgica e pediam refúgio político... ele percebeu que eu não tinha nada a ver com isso... acho que foi isso... dois meses depois, tinha todos os meus documentos, pedidos pelas Nações Unidas, entregues pela polícia belga, tudo certinho!!! Já podia trabalhar onde quisesse, tinha *permit de travail*<sup>177</sup>! E arranjei emprego imediatamente ( risos)...eu trabalhava como limpador de casas de banho, *no Banco de Bruxelles, na Grand Place! C’est pour ça que j’ai dit a ma mère: je travaille à la Banque de Bruxelles*<sup>178</sup>!!! E ela foi dizer a toda a gente: o Camilo, chegou a Bruxelas e já trabalha no Banco de Bruxelas! Mal ela sabia que eu limpava casas de banho das mulheres... arranjei esse trabalho facilmente por uma razão muito simples: a maior parte das pessoas que faziam esse trabalhos de limpeza eram árabes, da região do Magreb e os árabes recusavam-se a limpar as casas de banho femininas. O Banco tinha uma empresa privada que prestava serviços de limpeza ao banco, chamava-se *Cemstobel*. Mas como o Banco era uma coisa enormíssima, a limpeza estava dividida em *chantiers* e cada *chantier* tinha um chefe. Então o chefe do *chantier*<sup>179</sup> de limpeza das casas de banho, que era

---

177 Autorização de trabalho.

178 Por isso disse à minha mãe: trabalho no Banco de Bruxelas.

179 Secção de trabalho.



um espanhol... tinha dentes prateados... (risos) ... usava-se na altura... ele era uma espécie de cigano... no princípio pensava que eu era árabe, depois percebeu que eu falava português e não era árabe, mas “africano”, então perguntou-me se eu poderia fazer esse trabalho e eu disse: - não tem problema nenhum! Como é evidente, fui mal visto pelos árabes, que pensavam que eu também era árabe, mas passei a limpar as casas de banho das mulheres e ganhava mais por isso... e não tinha nada... quer dizer, aquilo era um pouco chato, porque algumas mulheres deixavam os pensos higiénicos no chão, apesar de haver um recipiente próprio para pôr os pensos, mas não usavam... (risos)... mas não foi por muito tempo, depois arranjei emprego como *cireur*... *cireur* já é aqui em cima! Eu era especialista em mármore, limpava aquelas enormes superfícies do banco de Bruxelas, aqueles grandes mármore... tinha carta, *une carte de cireur*<sup>180</sup>. Um tempo depois consegui outro emprego ainda melhor, entrei na empresa de transportes públicos (eléctrico, pré-metro e autocarros) de Bruxelas... depois de uma formação comecei como *receveur*, cobrador, no mês seguinte chamaram-me para o curso de motorista de eléctrico e pré-metro, um mês depois estava a conduzir... incrível, em tão pouco tempo estar a conduzir uma coisa enorme, por vezes de superfície e por vezes metro... Bruxelas não tinha metro na época, tinha uma coisa que se chamava pré-metro... e meses depois chamaram-me para fazer o curso de condução de autocarros... ainda conduzi autocarros antes de partir para a Argélia...

- E como era a tua relação com os outros moçambicanos que viviam lá na Bélgica, refugiados políticos?

- Moçambicanos, ali, quem eram? O Gulamo Sacoor, que era o único com quem eu tinha uma relação muito próxima, era meu amigo desde o liceu, desde a pré-adolescência no liceu. Então ficámos muito felizes de nos reencontrar, porque em Maputo já andávamos por caminhos diferentes... nunca imaginei encontrá-lo em Bruxelas! Ele tinha chegado antes! Nunca falámos sobre isso, toda a gente em Lourenço Marques pensava que tínhamos combinado, mas não, nunca falámos, não houve nada! E quando chego a Bruxelas, o Guilherme diz-me... olha, tens aqui um amigo, ele diz que te conhece muito bem, que andava contigo no liceu, estavam sempre juntos... eu não me lembrava de que o Gulamo era conhecido por esse nome pelos amigos dele... então na noite da minha chegada ele apareceu lá, com o Serginho e a Olga! E foi quando eu disse: - mas tás aqui a fazer o quê? Ah, já não dava mais aquilo e... eu achava que ele não estava lá por razão política nenhuma! A partir daí tivemos sempre uma relação muito boa, até eu ir embora. A Olga e o Serginho, eram pessoas que eu tinha conhecido já mais tarde, com dezasseis, dezassete anos... depois mais tarde chegou o Chibita<sup>181</sup>, que eu conhecia também dessa época em Lourenço Marques... ele chegou à Bélgica vindo da Suécia, onde estava refugiado antes. Eles tinham um amigo que se chamava Guimarães, que era um moçambicano embarcadiço, que estava lá refugiado... mas nunca me liguei fortemente a esse grupo, porque não tínhamos grandes afinidades... depois, eu era uma pessoa que trabalhava dia e noite, tinha pouco tempo para nos encontrarmos... o Gulamo às vezes ainda ia lá ao sítio onde eu trabalhava, almoçávamos juntos, conversávamos... com os outros era só nas festas...

- Que festas eram essas?

- Era geralmente em casa do Guilherme, ou na casa deles.. eles viviam todos juntos em Moulénbeek, um bairro de muita influência árabe... viviam todos na mesma casa, mas tinham vindo separados para Bruxelas.

- E como eram essas festas?

- Ah, era só beber cerveja e pouco mais do que isso...

- Não se discutia política?

---

180 Carteira de Encerador

181 Alcinha de Joaquim Salvador, refugiado em Bruxelas e mais tarde jornalista da moçambicana Revista Tempo..

- Muito pouco... havia muito pouca informação, quase nenhuma... comentávamos um pouco o que os jornais diziam e ficávamos por aí... política mesmo, eu só discutia com o meu irmão e algumas pessoas do ARA<sup>182</sup> e do LUAR<sup>183</sup> ... o Tinoco<sup>184</sup> fundamentalmente...
- Mas a tua relação com esses moçambicanos a relação era boa?
- Era boa, mas às vezes era um pouco complicada... eu era o único que na altura trabalhava, uns viviam de dinheiros que os pais mandavam, outros de alguns biscates ou “expedientes de ocasião”... ( risos) ... até às vezes me convidavam para fazer parte...
- Fazer parte de quê?
- Sei lá, daquelas coisas dos *freaks*... de novo os *freaks* do Ali Monhé, só que agora já na Bélgica! Alguns não tinham caminhos políticos perspectivados... o único que tinha um caminho claro, que tinha como objectivo chegar à Frelimo era eu. Eles já estavam lá há um ano, acho, mas não tinham estabelecido qualquer contacto... nem sequer tinha emprego. A primeira pessoa daquele grupo que chegou e imediatamente arranhou um emprego, fui eu... eles ficaram parvos: porra, mas já estás a trabalhar? Estou! Mas o que é que fazes? Limpo casas de banho... Ah, pois... Ah pois o quê? Ganho dinheiro, dá para pagar a renda de casa, dá para comer e ainda bebo umas cervejas ao fim de semana... o Serginho começou a trabalhar quando saí de Bruxelas, porque eu disse: porra, não dá para viver assim... então eu disse ao Serginho: vai lá para o sítio onde eu estava nos eléctricos, eu arranjo-te maneira de entrares lá... como eu era considerado uma pessoa séria lá, disse que tinha um amigo como eu e contrataram-no lá...

## 7. Bruxelas- Amsterdão- Frelimo, 1973

- E tu como é que tomaste a decisão de ir para a Tanzânia? Dentro da tua cabeça como é que isso foi construído?
- Eu achava que... eu tinha vindo de Moçambique, as coisas em Moçambique estavam a correr muito mal... a repressão era cada vez maior, contra todos... e o governo colonial mantinha-se intransigente, não mudava grande coisa, e eu percebia melhor do que os outros que viviam pelas europas... eu percebia que era preciso enfrentar o exército de ocupação colonial, enfrentar o poder colonial. Então era preciso fazer-lhes frente e foi isso que me levou a ir para lá... sabia que ia para a guerra e que era preciso enfrentar o exército...
- Mas nessas coisas da clandestinidade tu já tinhas ouvido falar da... da Quarta Região ao sul do Save<sup>185</sup> ...
- Sim aqui falava-se sobre isso... mas era uma quarta região que durou pouco tempo sob o ponto de vista operacional...
- Hum... nunca existiu?
- Existiu durante pouco tempo... em 1964...
- E depois foram presos os operacionais? Quem eram?

---

182 Abreviatura de Acção Revolucionária Armada, organização portuguesa cujo objectivo era a luta armada contra a ditadura fascista em Portugal.

183 Abreviatura de Liga de Unidade e Acção Revolucionária, movimento político-militar clandestino, fundado em Paris em 1967, que desde essa altura levava a cabo em Portugal acções militares armadas- ficou famoso pelo assalto à agência do banco de Portugal na Figueira da Foz- contra a ditadura fascista em Portugal.

184 Um dos dirigentes da ARA em Bruxelas.

185 Braço da Frelimo na clandestinidade, cuja tarefa era de mobilizar os jovens na então cidade de Lourenço Marques, em Gaza e Inhambane, criar células clandestinas da FRELIMO e recrutar combatentes para aderirem à causa da luta de libertação nacional. Joel Maduna Xinani, o seu representante foi assassinado pela PIDE.

-Era... o Matias Mboa <sup>186</sup>, esqueço-me sempre do nome desse gajo, esse foi logo assassinado pela PIDE...

- O Ebenizário?

-Não não... vinham lá da Tanzânia... para abrir a 4ª região em Lourenço Marques, na boca do inimigo... achava que tinha sido uma loucura fazer isso... foi um suicídio...

-Portanto tu já tinhas ouvido falar dessa história, tu já sabias?

-Sim, em Lourenço Marques falávamos muito sobre isso... a gente sabia que tinha sido apanhado um “terrorista” aqui em Lourenço Marques, com armas... e que o Matias Mboa foi apanhado no dia seguinte... então... mas não havia maneira, de no interior de Moçambique se fazer alguma coisa, de uma pessoa se ligar a essa 4ª região?... não iria funcionar, isto estava ocupado pela PIDE e pelo exército... aqui não se brincava... depois havia muitos moçambicanos colaboradores da PIDE. A única maneira era na verdade ir para as zonas libertadas onde havia possibilidade de enfrentar o exército...

- E como é que passaste essa fronteira, da Bélgica para a Tanzânia?

- Umhas semanas depois de estar em Bruxelas, fui a Amsterdão. O único contacto que eu tinha, era aquele de 1969, com aquelas pessoas do Angola Comité, que era um centro que juntava os movimentos de libertação, anticolonial, que fornecia informação sobre os movimentos de libertação - lembro-me que nessa altura, em 1969, vi lá uma brochura da construção da barragem do Cahora Bassa, que apelava aos países europeus envolvidos ao boicote da construção onde estava escrito que um dos objectivos da barragem era impedir o avanço da luta armada em Moçambique.

Saí numa sexta para apanhar o Comité ainda aberto. Fui de boleia, com pessoas interessantes, que eu não conhecia mas que me levaram até lá... Angola ficava num casa enorme, na Da Costa Stradt, cheia de gente, vinda de vários lugares de África...

- Foste ter com quem?

- Não fui ter com ninguém em especial, mas fui bem recebido. Disse que era de Moçambique e precisava de entrar em contacto com a Frelimo, eles disseram: olha, aqui em Amsterdão não há representação da Frelimo, mas em Bruxelas há uma pessoa de contacto da Frelimo. E deram-me os contactos da madame Pierson, que representava a Frelimo em Bruxelas. Então de regresso a Bruxelas, entrei em contacto com a ela. Fui a casa dela, ela foi muito simpática, cordial, ela era muito aberta, eu expliquei-lhe que tinha acabado de chegar de Moçambique e queria contactar o movimento, junto com um grupo de moçambicanos que já estava lá. Tempos depois, ela mandou-me uma carta dizendo que o Marcelino dos Santos viria, em início de 1973 e que ele aceitava encontrar-se connosco... Então chamei os amigos moçambicanos - o meu irmão Guilherme, o Gulamo, Serginho, a Olga, o Piricas (Gaspar Neves), o Guimarães e fomos lá, para a casa da madame Pierson, para a reunião como Marcelino dos Santos. Era um domingo de manhã. A casa da madame Pierson, era uma casa enorme, com um grande jardim - ela era filha de um alto oficial da polícia belga...

- O pai sabia o que ela fazia?

- Sabia e apoiava... na clandestinidade, sem a polícia belga saber, é claro...

- E esse encontro, como foi?

- Foi basicamente uma sessão de esclarecimento sobre a Frelimo, as prioridades da luta, a necessidade da guerra, de quadros para a guerra que era a principal frente na altura...

- Mas nesse encontro que tiveste com o Marcelino, ele explicou-vos o que era o movimento, como se actuava, o que era a guerrilha?

- Sim, foi uma sessão de esclarecimento sobre tudo o que se passava no movimento...

---

186 Matias Mboa, outro dirigente da Quarta Região militar, preso e torturado na cadeia da Machava, foi julgado e condenado a sete anos de prisão e mais seis meses de medidas de segurança, acusado de prática de actos terroristas.

- Com direito a perguntas e respostas?

- Sim. Estávamos ali para perguntar e ouvir... a sessão durou quase todo o dia... depois ele ia tendo conversas particulares com cada um, no jardim, em pé, enquanto comíamos uns petiscos... depois disso combinou-se que viria alguém da Tanzânia para nos contactar e fazer acertos sobre a nossa ida para lá... eu seria o elemento de ligação com a madame Pierson e avisaria os outros quando fosse o momento... depois soube, novamente por uma carta da madame Pierson, que essa pessoa seria Joaquim Chissano e dava o dia e a hora do encontro...

Fomos então de novo à casa dela, para o encontro de muitas horas com o Joaquim Chissano, em que se passou a questões práticas, mais individuais: explicar o motivo da adesão, preencher a ficha de adesão, dar a biografia, possíveis ligações com outras pessoas já ligadas ao movimento - no meu caso era a Noémia, o Gualter Soares... pessoas que eu conhecia em Moçambique, o Malangatana, Ricardo Rangel, Craveirinha, Rui Nogar... cada um escreveu várias páginas da sua biografia...

Explicou-nos como é que funcionava o movimento: percebam para onde vão, que não vão para a cidade mas para o interior de Moçambique, que vão para a guerra, que a guerra era um processo duro, que “não é um convite para jantar”... e pronto foi isso fundamentalmente... mas eu também já tinha lido bastante sobre outros movimentos, sabia do que se tratava a guerrilha e achava que conseguiria lidar com essa falta de condições materiais... explicou-nos que a nossa ida seria faseada, consoante as prioridades do movimento, mas eu seria o primeiro a partir.

- E vocês depois falaram sobre se queriam ir?

- Sim, todos queriam ir... quer dizer, todos queriam pelo menos aderir ao movimento...

- E como foi o resto do processo?

- A primeira pessoa a ir fui eu... depois mais tarde foi o Gulamo, no finalzinho de 73... depois foi a Olga e o Serginho, depois o Piricas e o Guimarães, já em 74...

- E como foi a passagem dessa nova fronteira, de Bruxelas para a Frelimo?

- Oh, os meus colegas belgas (na empresa de transportes públicos) ficaram muito chocados quando eu disse que ia embora, diziam, você daqui a pouco é inspector da empresa, vai voltar para África para fazer o quê? para morrer lá?... mas eh pá, aquelas coisas... eles estavam a considerar que eu seria um inspector lá da empresa, porque eu fiz aquilo tudo assim, num tempo record... 15 dias de curso para conduzir elétrico, um mês como motorista de elétrico, um mês como condutor de autocarros, já estava a subir uns degraus na empresa... quando eu fui entregar a carta, eles disseram: você tem toda a condição para chegar ao cargo de inspector... mas pronto, *c'est la Revolution!*

- Mas a decisão foi tua?

- Foi minha. Tive essas reuniões com o Marcelino dos Santos, depois com o Chissano, mas a decisão foi minha, ninguém me empurrou para nada.

- E o teu irmão?

- Ele esteve nessas duas reuniões, mas disse: eh pá, eu não vou. Porque ele era uma pessoa muito ligada a ideias libertárias e quando ouviu o discurso deles disse: não é por aí! E tinha razão, não é? Mais tarde dei-lhe alguma razão... por outro lado ele não tinha vivido em Moçambique...

- Mas ele criticava a tua escolha?

- Não, nunca me influenciou. Ele achava que a minha escolha podia ser a escolha correcta, ele dizia: eu lutei para tu ires... mas ele não quis ir. Estivemos nos mesmos encontros, mas ele não quis ir, ele dizia: - o que é que eu vou lá fazer, vou para a guerra?

- Mas ele manifestava as suas opiniões, nesses encontros?

- Não, não, a Frelimo não era suficientemente democrática, era um movimento de guerrilha, não havia a tal chamada democracia... não, nesses encontros não, mas depois a gente falava em casa, ele achava que aquele movimento era tão igual a todos os outros, que se

transformam em movimentos stalinistas ou maoistas, que os nossos ideais de libertários não eram iguais àqueles, estávamos em patamares diferentes. Ele pensava já muito longe, que ia encontrar uma coisa diferente... eu pensava que era preciso ir para a guerra, para encontrar esses ideais libertários... afinal era o contrário...

- E que experiência ele tinha, que lhe dava essa visão?

- Do trotsquismo e de outros movimentos... e ele tinha medo, ele era mais velho do que eu...

- E como te informaram que já era para ires?

- Aí a madame Pierson veio a minha casa trazer a informação do Chissano de que eu devia partir no dia tal... e que ela ia tratar da passagem e da estadia em Roma, e depois dali seguiria para Argel... depois veio entregar-me a passagem para Roma e os voucheres para hotel e comida e um dinheiro de bolso...

Na véspera da minha partida, um dos nossos amigos portugueses, da ARA, ofereceu-me um jantar a mim e ao Guilherme, no bar dele, “La Pantufe”. Ficámos ali a conversar muito tempo e quando o bar já não tinha quase ninguém, ele contou-me um pouco do que estavam a fazer na LUAR, os avanços que queriam dar ... e então disse-me que queria conversar comigo à parte e levou-me para a cave do bar... e disse-me: olha, eu vou mostrar-te isto, mas ninguém para além de ti sabe que isto está aqui... e foi tudo carregado por mim peça por peça... então abriu um frigorífico industrial e dentro estava cheio de armamento, novo, ainda metido em plásticos. Um frigorífico do tamanho de um pequeno quarto, cheio de armamento, de cima a baixo só armamento, tinha centenas e centenas de armas novas, para serem introduzidas em Portugal, para iniciar a luta lá...

- E os teus amigos moçambicanos, como reagiram quando souberam que tu já estavas para ir?

- Antes de ir me ir embora, ofereceram-me um presente...

- O que era?

- Roupas... da Lévi-Strauss...

- Calças?

- Calças, casacos, camisas... um monte de coisas! Tudo novinho!

- Não era caro, isso, na época?

- Era caríssimo... mas eles não tinham comprado... ( risos)

- Então?

- Tinham assaltado um depósito da Lévi-Strauss! Tiraram tudo! Disseram: leva tudo o que quiseres, para ti, para os outros camaradas! ( risos)... então eu fui para Argel vestido de jeans de cima a baixo! E quando cheguei à Tanzania... eram proibidas as jeans! A sério... cheguei lá, aquilo ficou tudo lá fechado numa mala, no Instituto moçambicano e só recebi quando fui para Pemba, depois de acabar a guerra, mandaram-me tudo embalado numa caixa de obuses...

Viajei com o passaporte das Nações Unidas de Bruxelas para Roma... fiquei só uma noite em Roma... à noite fui ver a *Gran Via*... era assim uma loucura, um banho de luz! E é claro, boa comida, um maravilhoso vinho! Mas foi só uma noite, na manhã seguinte apanhei o avião para Argel...

## Capítulo 4.

### ENTRE: As Novas Fronteiras do Homem Novo

#### BRUXELAS- ARGEL-DAR-ES-SALAAM, 1973

#### ARGEL

#### Escritórios da Frelimo

Cheguei a Argel à noite, entrei com o meu passaporte das Nações Unidas... o meu passaporte de refugiado político, de apátrida... fui para um hotel e no dia seguinte fui para a representação da Frelimo. A primeira coisa que fizeram quando cheguei lá, foi pedir-me os meus documentos... disseram-me que já não podia usar mais o passaporte das Nações Unidas... até aí tudo bem, era compreensível... mas o que eu não consegui entender, foi porque é que não podia ficar com os meus documentos, mesmo que não os usasse... que a Frelimo, logo à chegada, me retirasse todos os meus documentos! Tudo o que eu tinha, o meu passaporte das Nações Unidas, o *Permit de travail* belga, retiraram-me tudo!

- Como se não confiassem em ti?

- Isso!

- E o que fizeram com esses documentos?

- Não sei...

- E como viajaste, dali para a Tanzania?

- Fizeram-me um salvo conduto para viajar de Argel a Dar-es-Salam.

- Quando dizes fizeram-me, era quem?

- A Frelimo... fui aos escritórios da Frelimo em Argel... estavam em Argel, na altura, o Óscar Monteiro e o Jacinto Veloso.

- E como foi?

- Foi logo complicado, à chegada...

- Porquê?

- Oh pá... depois daquele tempo em Bruxelas, tu chegas ali e pensas que estás em casa, porque é a representação da Frelimo... como era o “nosso” espaço então, começo a mexer nas revistas que estavam por ali, a ver as fotos de Moçambique e por aí... e vem uma senhora e diz: o camarada não pode mexer aí! Não posso mexer aqui, porquê? Não pode, tem de pedir licença! Nem pode entrar nesta sala! Mas isto aqui é uma biblioteca, eu estou a ler o que se passa no meu país, estou à muito tempo fora... Sim, mas o camarada não pode estar aqui! Já aí comecei a ficar puto... mas não disse nada. Depois ela diz-me: o camarada não fala como nós. Nós, os moçambicanos, não falamos como o camarada fala... e a falar com uma pronúncia que nunca poderia ser a de uma mulher “branca” de Moçambique<sup>187</sup>. Eu pensei: na Argélia, uma “branca” a falar comigo dessa maneira... só pode ser porque ela mudou a sua maneira de falar depois de chegar aqui... então eu disse: - olhe, eu saí de Moçambique há relativamente pouco tempo, se calhar a senhora já saiu há mais tempo... e ela disse: - nós, aqui na Frelimo, não

---

187 Uma vez que os sentidos do termo “branco” são diversos e não coincidentes em Brasil, Moçambique e Portugal, convém aqui esclarecer que uma mulher “branca” (o uso das aspas refere-se ao uso do termo branco em Moçambique, que tanto se refere a cor e raça, como a alto status social) em Moçambique na época colonial, ainda que fosse ali nascida, a primeira coisa que coisa pela qual se distinguiu era pelo seu português, muitas vezes mais cuidado até que o português de Portugal. A maneira de falar português dos moçambicanos da Frelimo, a que a dita senhora se referia e ela mesma ostentava, era uma pronúncia forçadamente “indígena”, que não correspondia de forma alguma à sua maneira normal de falar português, mas àquilo que depois se convencionou chamar “português da Frelimo”.

falamos português assim! Eu comecei a achar que havia alguma coisa ali que estava errada: - olhe, eu falo assim, se a senhora... - Não me chame senhora! Chame-me camarada! Já a falar alto... eu aí comecei a ficar zangado: - olhe, eu não estou habituado a chamar camarada a qualquer pessoa, eu chamo-lhe senhora. Então começou aí o meu conflito com a Frelimo, logo na Argélia. Isto durante a semana, em que estavam a tratar dos meus documentos... fizeram-me um salvo conduto, falso, a única coisa que tinha certa era o meu nome, tudo o resto não... eu tinha nascido em Diego Garcia e estava a ir para Dar-es-Salam...

Uns dias, depois parti para Dar-es-Salam. Tive de mudar de roupa no avião, porque na Tanzania, naquela altura, era proibido usar jeans... ( risos)

- Era proibido porquê?

- Porque as jeans eram americanas, eram um símbolo do imperialismo, aquelas coisas da época...

- Já te tinham dito isso nos escritórios de Argel?

- Sim, já me tinham dito que não podia entrar na Tanzania com aquelas roupas... então comprei uma roupa em Argel, umas calças... daquelas calças que não podiam chegar até aos sapatos... aquelas calças muito usadas pelos árabes, afuniladas e ligeiramente abaixo do tornozelo... mas como eu tinha vergonha de andar com aquilo, só pus quando já estávamos quase para a aterrar em Dar-es-Salam...

## **DAR-ES-SALAAM**

### **Instituto Moçambicano**

- E estava lá alguém à tua espera, à chegada Dar-es-Salam?

- Sim, foram-me buscar ao aeroporto e levaram-me para o Instituto Moçambicano. Lembrome que cheguei lá por voltas das 11 horas. Aí mostraram-me onde é que eu ia dormir... e depois fui para a sala principal, onde havia uma mesa muito grande, onde as pessoas se sentavam para pequenas reuniões ou para conversar mas onde também se sentavam para almoçar, jantar, tomar pequeno almoço...

- Mas o Instituto Moçambicano era num edifício, era uma caserna, era o quê?

- Não era uma caserna, eram dois grandes edifícios... com algumas casas... era uma coisa grande... mas ali ficava pouca gente... não tinha militares, não tinha nada ali... eram só pessoas que estavam de passagem, ou para Nachingwea ou para o Bagamoyo... e os que ficavam lá eram, na verdade, só as pessoas que trabalhavam no Instituto.

- O que faziam?

- O Instituto naquela altura produzia a revista *A Voz da Revolução*... produzia panfletos, cartazes para distribuição... ali era fundamentalmente o departamento de informação e propaganda da Frelimo... tinha câmara escura, faziam-se as fotos ali... e tinha também quartos para as pessoas que viviam lá... mas nem todos os que trabalhavam no instituto viviam lá, eram poucas as pessoas que residiam mesmo lá... o Jorge Rebelo por exemplo não vivia lá, o Mbanze acho que sim...

- Não tinha alunos?

- Não, porque tinha acabado como Instituto, Centro Educacional... na altura aquilo era mesmo um sítio de propaganda da Frelimo, onde se faziam os recortes de jornal para guardar, de todas as notícias que eram publicadas pelo mundo... respondia-se a cartas, lidava-se com os grupos de apoio contra as guerras coloniais espalhados pelo mundo...e era a partir dali que se fazia todo esse sistema, digamos, de propaganda, de informação e propaganda. Trabalhava lá o Jorge Rebelo, de vez em quando o Marcelino dos Santos, o Mbanze que era o director

daquele Instituto, trabalhava a Pamela Santos... tinha uma série de gente... era um staff que funcionava para que tudo o que fosse propaganda da Frelimo chegasse aos diferentes lugares do mundo. Trabalhavam lá também os fotógrafos, as pessoas que trabalhavam na câmara escura... era isso fundamentalmente...

- Então tu chegaste nesse dia...

- Eu cheguei por volta das 11 horas... as pessoas estavam a chegar para almoçar e iam-se sentando naquela mesa grande... a primeira pessoa que encontrei foi o Marcelino dos Santos, que eu já conhecia de termos estado juntos em Bruxelas... cumprimentou-me muito bem, estivemos a conversar um bocado, como ele era amigo da Noémia, estivemos a falar sobre a Noémia...

- Ele não te disse nada em relação a ti e à tua chegada? A teres vindo lá para o movimento?

- Não... já tínhamos falado sobre isso em Bruxelas....

- Mas deu-te boas vindas, aquelas coisas?

- Sim, aquelas coisas triviais, mas tudo muito seco... depois apareceu o Sérgio Vieira, que se envolveu na conversa... nem foi uma conversa, foi uma daquelas coisas horríveis, à moda do Sérgio Vieira...

- Como foi?

- Ele chegou e perguntou: - É o camarada que acabou de chegar? Sim, sou eu. E então, vem de Bruxelas, não é? Sim, venho. Eu sei que é sobrinho da Noémia de Sousa. Sim, ela não pôde estar comigo, mas o marido dela, o Gualter Soares, veio de Paris para Bruxelas para se despedir de mim. Ele saltou do banco - eram bancos assim corridos: - “Esse bandido! esse traidor! ... e começa a gritar até não poder mais! Eu pensei: eh pá, há algum problema aqui... Veio o Marcelino dos Santos: - O que é que se passa? Eu disse: não sei, não percebo...

- Mas qual era o problema?

- Sei lá, os problemas do Sérgio Vieira com o Gualter Soares... porque o Gualter nunca se quis ligar à luta de libertação, achava que podia ter outro tipo de participação, sem estar exactamente na frente de combate... poderia dar todo o apoio à luta de libertação a partir de Paris, mas se mudassem algumas coisas dentro do movimento...

- Como quê?

- Ser um movimento menos conservador do que era a Frelimo ... um movimento mais aberto as pessoas, mais... que fosse capaz de juntar todos, várias sensibilidades...

- Então a contestação deles é que a Frelimo era um movimento autoritário e não democrático?

- Sim. Eles tinham vivido bastante tempo na Europa e tinham a ideia de que... aqueles ideais franceses... e queriam um movimento mais transparente, democrático...

- A Noémia nunca foi à Tanzânia?

- Não! Ali na Tanzânia entrava-se e não se saía mais! Nunca foi... nem a Noémia, nem o Gualter... na altura as pessoas que estavam na Europa não queriam ligar-se ao movimento por acharem que ele mantinha fortes alianças, com o partido comunista da União Soviética, da China...

- Mas eles concebiam um movimento armado que não tivesse esse tipo de apoio de leste ?

- Estou a falar de alianças ideológicas, não de apoio militar... podes aceitar apoio sem interferências daquele partido no teu movimento...

- Podes? É possível isso, tu receberes armas da União Soviética sem teres uma linha política pró-soviética?

- Na altura, recebia-se armas de todo lugar do mundo por causa da Resolução das Nações Unidas contra o colonialismo... até Israel dava armas à Frelimo...

- Então tu achas que essa aliança, não era necessária?

- É evidente que tinha de haver alguma coisa, mas não quer dizer que se tinha de seguir aquela linha, não precisavas de matar pessoas para ser igual à União Soviética...



- Mas tu achas que se matava pessoas para ser igual à União Soviética ou porque o poder gera necessariamente esse tipo de dinâmica?
- Exactamente, mas as pessoas foram aprendendo também lá, é por isso que eles querem sempre que os quadros dessas organizações vão estudar lá, porque vão aprender umas coisas... principalmente os de segurança...
- E quem achas que foram as figuras decisivas, para essa tomadas de posição ideológicas, depois da morte do Mondlane?
- Vários dirigentes da Frelimo... penso que o Samora, não... Ele era fundamentalmente um militar, formado no primeiro grupo que treinou na Argélia... foi esse grupo que abriu Kongwa<sup>188</sup>, toda a gente tinha medo de ir para lá, diziam era tudo resolvido a tiro... isso foi-me contado... diziam-me que até o Eduardo Mondlane, não entrava em Kongwa... aquilo era um campo de treino para militares, ou outros não entravam...
- E nesse conflito do Sérgio Vieira contigo, como é que Marcelino se posicionou?
- Não disse nada! Aí eu comecei a pensar: onde é que eu me vim meter?... entrei no lugar errado! Depois encontrei-me com o Daniel Mbanze que era Director do Instituto Moçambicano, que fez as honras da casa, deu-me as boas vindas, levou-me a visitar o Instituto... explicou-me como é que funcionava, tivemos uma conversa longa sobre as restrições... coisas rotineiras dos movimentos...
- Deram-te, portanto, as regras...
- Sim.
- E quais eram as regras?
- Que não se podia sair sozinho do campo do Instituto Moçambicano, só acompanhado, em grupo... que era preciso autorização para sair... o que era mais? Tinha horários de recolher, acordar, almoço, jantar... foi isso, fundamentalmente. Depois começámos a conversar sobre a situação da luta, ele foi-me contando o que se passava no movimento...
- E o que é que se passava de relevante, nessa altura?
- Naquela altura o grande esforço era mesmo a guerra... formar combatentes e ir para a guerra.
- Quanto tempo ficaste nesse Instituto?
- Fiquei no total uns 10 dias...
- E o que é que fazias lá? Como era o teu quotidiano?
- Nada... não havia nada programado para mim, então eu inventei... imprimia fotografias ... fiz umas propostas gráficas para a capa da *Voz da Revolução*... coisas assim desse tipo... melhorar algumas formas, tipos de letras... coisas gráficas, fundamentalmente...
- Então essa integração correu bem...
- Sim, parecia tudo tranquilo... até que uma semana depois, houve uma reunião geral ... fazia-se uma reunião regular do Instituto Moçambicano, acho que era uma vez cada 15 dias... uma reunião onde se analisava a vida do Instituto. A reunião era dirigida pelo Joaquim Chissano, que era na altura o responsável pela defesa e segurança da Frelimo e representante da Frelimo em Dar-es-Salam... estavam lá todos os quadros... toda a gente que vivia do e no Instituto Moçambicano... então, nessa reunião, estava-se a discutir o dia a dia do Instituto... E de repente, o Sérgio Vieira, disse: - Há um problema mais grave do que tudo isso, aqui no Instituto... nós temos aqui um agente do imperialismo internacional! E é um moçambicano!!! Ficou toda a gente assustada: mas quem é esse agente do imperialismo que está aqui? E ele apontou para mim, disse que era eu! E assim eu já estava rotulado! Logo à chegada! E de Agente do Imperialismo Internacional!!!
- E como é que ele justificava isso?
- Não justificava, só dizia que o meu comportamento era de um agente do imperialismo e que era preciso cortar isso pela raiz... e ficou ali numa coisa assim... uma coisa incrível!

---

188 Centro de preparação político-militar da FRELIMO na Tanzania.

- Mas de onde é que tu achas que vinha essa ideia dele?
- Não sei, as paranóias dele! Acho que ele percebeu logo - ou talvez imaginou, por causa do contacto com a Noémia e o Gualter Soares - que eu na verdade não era um jovem desses, tipo “homem novo”... eu sabia o que queria, sabia para onde queria ir... não aceitava que falassem comigo de qualquer maneira...
- E o que é que tu querias?
- Queria integrar-me no movimento, participar do que fosse necessário, desde a informação e propaganda até à guerra... mas não queria que ninguém me cavalgasse dentro do movimento... queria estar em pé de igualdade com os outros...
- Mas sabias que em qualquer movimento havia uma hierarquia a respeitar...
- Sim, sabia que em qualquer exército havia hierarquias... mas eu sempre pensei que as pessoas que estivessem dentro do movimento pudessem ter acesso à informação sobre o movimento de igual forma... aquela informação simples, como o que as pessoas faziam, o que acontecia no estrangeiro em relação ao movimento, o que estava a ser feito no interior e nas zonas libertadas. Alguma informação militar, aquela que não fosse de extremamente sensível, também devia ser divulgada entre os guerrilheiros, para se saber dos avanços da luta ... para mim fazer parte do movimento significava poder olhar as coisas que eram produzidas, que explicavam o que era o movimento, tanto para as pessoas de dentro, como para as de fora... ajudar a pensar como podíamos melhorar a qualidade dessa informação... mas de repente, parecia que não era suposto nós mesmos, os militantes, termos acesso à informação...
- O problema era portanto com a tua perspectiva de democratização da informação dentro do movimento?
- Sim... mas juntam-se aqui coisas: eu ter defendido o Gualter Soares, que ele dizia que era um bandido e eu achar que estávamos dentro de um movimento e portanto devia haver alguma democratização... e como ele era uma pessoa paranóide, juntou tudo na cabeça dele achou – ou pelo menos disse - que eu era um agente do imperialismo internacional! Eu na altura achava incrível existir uma pessoa paranóide desse tipo, num cargo de chefia dentro de um movimento de libertação. ( E só mais tarde, depois da Independência, é que entendi melhor quem era essa estranha figura). E o mais incrível era ninguém se opor a ele, ninguém o mandar calar... ninguém saiu em minha defesa naquele momento. Só quando saímos da sala, logo a seguir, o Mbanze veio ter comigo, pegou-me na mão e disse: não te preocupes com aquilo que o Sérgio disse, ele é assim... depois ficou a conversar muito tempo comigo... disse que ele é que era o Director do Instituto Moçambicano, ele conhecia as pessoas que tinha lá dentro e não tinha nada a apontar no meu comportamento, “nunca vi nada no seu comportamento que me indicasse que você podia ser um agente do imperialismo” ...
- Bom... mas o problema para mim não acabou ali, eu não percebia porque é que ninguém tinha saído em minha defesa, mesmo aquelas pessoas com quem eu tinha tido contacto antes de vir para a Frelimo e me conheciam... e ao mesmo tempo não entendia que poder é que o Sérgio Vieira tinha ali, ao ponto de todos os outros ficarem calados... então eu disse para mim mesmo: tens de ir embora daqui... o melhor é fugir daqui antes que me façam alguma coisa... por norma, nós não podíamos sair do Instituto Moçambicano, mas não estávamos vigiados... então no dia seguinte, fui a Dar-es-Salam, estudar as possibilidades de saída em caso de necessidade, se visse a minha vida ameaçada. Encontrei várias possibilidades e a partir daí passei a ter uma retaguarda, no caso de sentir que estava em risco de vida. E voltei para o Instituto disposto a sair logo fizessem mais alguma coisa contra mim...
- Mas é incrível que o Daniel Mbanze percebeu tudo! Percebeu que eu não tinha gostado nada daquela reunião e que eu ia fazer alguma coisa, percebeu logo... e quando eu regresssei de Dar-es-Salam, ele veio falar comigo... ficámos até à noite a conversar, ele dizia: - Camilo, eu sei que deves estar muito mal, mas tem calma, não faças isso, não saias daqui, porque esses aí podem te matar... porque ali naquele movimento, quando tu entravas não saías mais... só me

lembro de um único caso, do Chico Munhá, que vivia na Holanda e que um pouco antes de mim foi para a Tanzânia ... e foi expulso...

- Porquê?

- Foi expulso porque era um *freak*... foi para Bagamoyo, que era uma escola secundária, um internato... ele era professor... e chegou lá, tinha levado uma viola, então aquilo era festa todas as noites lá no campo da escola secundária de Bagamoyo! Ele não tinha remédio! Então foi expulso, mandaram-no de volta para a Holanda, foi “devolvido”... foi o único caso que eu conheci, os outros todos continuaram lá pelo movimento ou acabaram sendo eliminados... contavam-se essas histórias...

Então alguns camaradas explicaram-me quem era o Sérgio Vieira, que eu não conhecia de lado nenhum..

- O que é que eles explicaram?

- Disseram-me que o Sérgio Vieira era uma pessoa com problemas, com complexos, e que fazia isso com muitas pessoas que pudessem ter algum papel diferente no Movimento... que era um mau carácter... e disseram-me para eu não me preocupar com as palavras dele. E disseram-me: fica aqui connosco, a gente vai encontrar uma forma de contornar isso... mas foi muito complicado tudo aquilo...

## **BAGAMOYO**

### **Escola Secundária**

- Dias depois, o Daniel Mbanze diz-me: - olha, acho que seria bom ires visitar a escola secundária de Bagamoyo, é um sitio diferente, tem pessoas interessantes, vais gostar... então fui para Bagamoyo e fiquei lá uns três dias... e na verdade, ele tinha razão, era uma coisa diferente, era bem interessante.

- Como era Bagamoyo?

- Bagamoyo era uma escola secundária. Tinha as salas de aula e laboratórios, o internato para os alunos, as casas para professores, hóspedes e visitantes, onde fiquei. Era um lugar muito bonito, próximo da praia, com muitas palmeiras. Tinha uma disciplina militar, como todos os campos da Frelimo, mas era uma escola bem equipada, com bons laboratórios, equipamentos, tudo muito novo, tinha apoio principalmente dos países nórdicos e dos holandeses, tinha bons professores, pessoas bem interessantes, gostei muito da forma como era dirigido e como era o ensino lá. Tinha uma biblioteca interessante, que era aberta a todos os professores e alunos ... e que eu pude consultar à vontade! Assisti a algumas aulas, dadas pelos professores holandeses e moçambicanos. Falei com os estudantes, expliquei-lhes de onde vinha, da Bélgica mas também de Lourenço Marques, de onde tinha saído à pouco tempo e que eles não conheciam.

- E isso deu-te uma outra visão do que era a Frelimo?

- Sim, conversei bastante com os professores, com as pessoas que estavam por ali. Foi lá que eu conheci o João Ferreira, a Elizabeth Sequeira. Conheci alguns dos professores holandeses, que eram pessoas incríveis, que depois da Independência criaram os cursos de formação de professores... vinham lá também regularmente diferentes militantes dar palestras, sobre diversos temas, como agricultura, saúde, relações exteriores...

- E durante esse tempo tiveste alguma tarefa lá?

- Não, estava só de visita.

- No fundo o que o Mbanze fez foi mandar-te ir ter com os intelectuais do movimento para ver se te esclareciam, se a tua opinião mudava um pouco?

- Sim. À noite ficava a conversar com os professores. Tive longas conversas com o João Ferreira. Na altura, estavam lá também o Alberto Cassimo<sup>189</sup> e o Lobo<sup>190</sup>, que era ligado às relações exteriores da Frelimo... em geral eles ficavam em Dar-es-Salam ou andavam pelo estrangeiro, mas estavam lá nessa altura a dar palestras aos alunos.
- E sobre o que falavam?
- Quiseram saber de mim, de onde vinha, onde vivia em Lourenço Marques, aquelas coisas de uma pessoa que está a chegar. Falámos bastante sobre o movimento, o que se falava no estrangeiro sobre a Frelimo... eram pessoas bastante abertas, simpáticas... dava para colocar as minhas questões, eles foram esclarecendo, apaziguando aquela minha fúria do início por ser acusado de agente do imperialismo pelo Sérgio Vieira: diziam que era preciso dar tempo ao tempo, conhecer melhor o movimento, que nem todos os camaradas eram como o Sérgio Vieira, que não devia dar importância a isso.
- E como era a comida?
- Comia-se bem, a escola tinha machamba de milho e horta, que eram feitas pelos professores e alunos.
- A escola era auto-suficiente?
- Não, recebia apoios do exterior, mas em grãos era auto-suficiente.
- E qual foi a sensação com que ficaste da Frelimo, no final da visita?
- Que a Frelimo era um movimento interessante, bem organizado, era um pouco menos confusa no interior do que no Instituto Moçambicano... o Instituto Moçambicano tinha muita gente... era uma coisa... pronto, nunca percebi muito bem como é que aquilo funcionava...
- E voltaste para Dar-es-Salaam?
- Sim, voltei, três dias depois. Quando cheguei tive uma nova conversa com o Mbanze, que ficou muito contente por eu estar com uma nova visão sobre o movimento, disse que em Nachingwea ia ser ainda melhor, que aquilo era um campo militar, mais organizado, mais disciplinado.
- Já sabias que ias fazer treino militar lá? O que imaginavas que era esse treino?
- Sim, já sabia... não sabia muito bem o que era esse treino, mas já tinha ouvido falar de que era fundamentalmente fazer longas marchas, carregar peso e utilizar diferentes tipos de armamento para além da táctica e estratégia de guerrilha... estava preparado para isso.

---

189 “Quadro” superior da FRELIMO, que no pós-independência viria a ser o primeiro governador do Banco de Moçambique, encarregue da transferência de património físico e financeiro do Banco Nacional Ultramarino português, para recém criado Banco de Moçambique. Foi também Ministro do Trabalho, tendo falecido precocemente, em 1978.

190 José Lobo, “quadro” superior da FRELIMO ligado ao departamento de relações exteriores, que no pós-Independência viria a ser o primeiro embaixador de Moçambique nos EUA.

## 2. DAR-ES-SALAAM - NACHINGWEA, 1973

No dia seguinte, de madrugada, parti para Nachingwea...de machibombo... era uma viagem grande, com chuva, a estrada era horrível, de terra batida, lamacenta... o machibombo enterrava, tínhamos que sair do machibombo para *tchovar*... aquela viagem nunca mais acabava... os motoristas sempre a parar para ir beber “Cognagy” ...

- O que é “Cognagy”?

- É uma bebida espirituosa tanzaniana que parece gin... é branquinha, não sei de que é feita... mais tarde, em Moçambique, depois da Independência era muito comercializada em Moçambique... não sei de onde vem o nome, deve ser uma corruptela swahili para *cognac*... é uma bebida nacional da Tanzânia. No lugar mais recôndito da Tanzânia havia sempre *Cognagy*... uma garrafa pequena, bonita, de meio litro...

- E quanto tempo levou a viagem?

- Levou 2 dias, no total... era longe... Dar-es-Salaam fica no litoral-centro da Tanzânia, Nachingwea fica no interior-sul, mais próximo do rio Rovuma, na fronteira com Moçambique... eu achava que nunca mais íamos chegar a lado nenhum... aquilo tudo à moda swahili, com cabritos, galinhas...

Finalmente chegámos a um sítio onde pernoitámos, já era noite.

- E que sítio era esse?

- Não me lembro como se chamava o lugar... ficava entre Dar-es-Salam e Nachingwea...

- Estavas sozinho ou era um grupo?

- Eu estava sozinho, nessa viagem... então o machibombo parou para dormirmos... no único sítio que havia... uma daquelas casas com vários quartos... que eles chamam lá... *guest-house*!... mas de muito baixa qualidade... tinha putaria até não mais acabar! Camionistas, funcionários do governo em missão de serviço, um barulho... *sungura*<sup>191</sup>, ali, toda a noite! O quarto não era privado, era um quarto com não sei quantas camas... tinha de tudo o que possas imaginar lá dentro do quarto... tinha dança no bar, toda a noite, a música ficava ligada toda a noite... paravam camionistas, entrava putaria... e as camas eram metálicas! Eu nunca tinha dormido numa cama de ferro... ferro, ferro... o colchão eram as molas do que havia sido um bom colchão sem qualquer revestimento... fiquei louco com aquilo! Ali era interior, de dia era um calor terrível, mas fazia muito frio à noite... então aquela cama toda de ferro... aquilo fazia frio terrível! Passei a noite toda ali a tremer, no meio daquela confusão, daquela barulheira horrível...

No dia seguinte continuámos a viagem... de novo buracos, lama, a mesma confusão, enterrar, parar, descer, *tchovar*... eu achava que nunca mais ia chegar... só quando chegámos perto de Nachingwea é que a estrada era um pouco melhor... só chegamos à Vila de Nachingwea por volta das 15 horas.

- E como foi a chegada?

- Era um domingo à tarde, estava lá uma pessoa à minha espera quando chegou o machibombo... fiquei por ali, a ver um pouco da vila, enquanto esperávamos o resto do grupo... era um grupo de pessoas que tinham ido à vila para comprar coisas e passear... então, à medida que iam chegando juntámo-nos e ficámos a espera do camião que vinha de não sei onde, para irmos para o Centro. Entretanto ficámos ali a beber umas cervejas junto ao mercado. Como era um domingo à tarde, havia aquele ambiente de tarde de domingo na vila, os bares todos cheios - a Tanzânia naquela altura tinha bares em todo o sítio, com música, *sungura*... o que para mim era estranho, em Moçambique não era assim, tinha o ambiente do Espada mas era diferente, no Espada tinha pequenas barracas, mas eram como restaurantes,

---

191 Música popular da Tanzania.

mas tudo bem limpinho, não se comia na rua... ali não, compravas um espeto de carne na rua, comias na rua... eu nunca tinha visto aquilo, nem na cidade de Lourenço Marques, nem nas zonas mais rurais de Moçambique... aí comecei a entrar de facto nessa África mais profunda...<sup>192</sup>( risos)

- E conversaste com os outros?

- Nada de especial, eles não me conheciam, só contaram uma ou outra coisa do Centro... hoje é a última vez que vais beber uma cerveja, nós também estamos aqui a aproveitar... mas quando entrares ali, acabou!

- Qual era a ideia que eles te passavam do Centro?

- Ah, nada de especial, eles não estavam a treinar, eram guerrilheiros que executavam várias tarefas no campo e tinham ido no domingo à vila fazer alguma coisa.

Então, ao fim da tarde lá chegou o camião, um *Zyl*, esses camiões militares soviéticos... subimos e fomos para o Centro...

## NACHINGWEA

### Centro de treino

De Nachingwea até ao Centro era mais uma estrada de terra batida com alguns buracos, ainda era um bocado longe... e tudo à volta eram posições do exército tanzaniano...

- A defender o Centro, portanto...

- Sim! Parávamos várias vezes, para controle, verificavam tudo... depois passávamos pelas farmes que antigamente eram dos ingleses e dos alemães, onde estava o exército tanzaniano... só tinha lá o exército, mais nada... e era um enorme contraste com aquilo que se via à frente, já na zona do Centro da Frelimo: estava tudo plantado, cheio de milho, mandioca, mapira! Extensões enormíssimas, de centenas e centenas de hectares de plantações... feitas pelos guerrilheiros que treinavam no Centro de Preparação Político-Militar de Nachingwea! O Centro era abastecido por essas plantações. A única coisa que se comprava, lá no centro, era carne uma vez por semana. O resto era tudo abastecimento da machamba... os tanzanianos não acreditavam como é que conseguíamos produzir tanto!

- Portanto a Frelimo era auto-suficiente em comida?

- Sim, praticamente!

- Quem produzia?

- Nós! A comida que saía dali, era feita por nós, pelo batalhão que estivesse naquele momento a ser treinado, além do treino também produzia... mas já tínhamos uma agricultura mais ou menos mecanizada.

- De cada vez ficava um batalhão de mil homens em Nachingwea para fazer treino, antes de entrar em Moçambique?

- Sim, para fazer o treino... nem sempre eram mil homens ... quando eu estava lá eram mil mas variava...

- E quanto tempo de treino fazia cada batalhão?

- Variava, dependia do que era decidido pelas chefias e das necessidades das frentes de combate o que cada companhia ia fazer...

- E quando tu chegaste ao Centro ... como era Nachingwea... essa mítica Nachingwea?

- ... como te vou explicar...

- Fisicamente... eram casernas?

---

<sup>192</sup> Piada usando a ideia de África como um continente por explorar, que perdura desde a época colonial até à actualidade em muitos círculos de pensamento.

- Eram casernas... tinha de tudo: casernas de alvenaria, pré-fabricadas, grandes... isso era o Centro propriamente dito... depois, um pouco mais para dentro, eram casernas de pau-a-pique entre os cajueiros... tinha no meio do Centro um grande espaço para a Parada onde cabiam todos os pelotões e companhias... o Posto de Permanência logo à entrada, tinha zona da Presidência onde tinha a casa do Presidente, as casas dos quadros residentes, os escritórios, o refeitório das chefias as casas dos instrutores, as casernas do Destacamento Feminino... tinha a cozinha geral, e o espaço para os pelotões receberem comida, dois grandes armazéns, um para armamento e fardamento e outro para outros bens... um pouco afastado tinha um campo de futebol e um palco de madeira, com bancos para apresentação de actividades culturais...
- E como foste recebido?
- Cheguei à noite. Deram-me uma manta, um edredão, um saco cama... e disseram que iria dormir provisoriamente no palco aberto até que chegassem os outros recrutas e construíssemos a nossa própria caserna.
- No palco... ( risos) ... aquilo estava cheio de lacraus... fiquei lá durante... uma semana, 10 dias... a dormir nesse palco... à espera que chegassem os outros...
- Sozinho?
- Sim, dormia ali, sozinho... dormia ali ao relento...
- Não havia mais ninguém?
- Ali não... mas à volta sim ... tinha pessoas que já estavam incluídas nas suas companhias... tinham já construído a sua casa... mas eu ainda estava à espera que chegassem os outros que iam integrar a minha companhia...
- E durante o dia, o que fazias?
- Nada, só ficava à espera que chegassem os outros, que nunca mais chegavam. Mas foi durante esse tempo, exactamente porque não fazia nada durante o dia, que fui conhecendo pessoas ali... combatentes que chegavam do interior e ficavam ali uns dias, até lhes ser atribuída uma nova missão. Conheci o Cândido Mondlane, conheci o Dinis Moiane, o velho Dai e outros... não sei o que se passou, porque é que eles se aproximaram de mim, não era suposto... eu não passava de um desconhecido recruta...
- Talvez por te terem visto ali sozinho....
- Talvez... ou porque precisavam de conversar, sei lá... a verdade é que em pouco tempo estabeleceram uma relação de amizade comigo... o Diniz Moiane era um daqueles grandes falantes de português, daqueles assimilados que afina o português quando fala. Contava da guerrilha, tinha estado em várias províncias, era muito conhecido.
- Então por eles tu já tinhas uma ideia de como é que era a guerrilha...
- Sim, eles contavam-me como era... dos episódios, dos ataques, dos combates... um pouco de tudo... e todos me diziam: entraste aqui, a partir de agora, cuidado! Aqui não se brinca, aqui mata-se... depois já confiavam absolutamente em mim, não sei porquê... e foram-me contando as diferentes coisas da Frelimo... as peripécias todas do movimento, quem matou quem, o que aconteceu ali, o que aconteceu aqui... aquele está lá na Reeducação há tanto tempo, aquele está não sei onde, morreu não sei quem... contavam-me tudo o que se tinha passado... foi um processo muito interessante, uma espécie de lição de história, porque na verdade me contaram como se formou o movimento, até aqueles dias...
- E tu tens memória dessas histórias?
- Tenho, de uma boa parte... por exemplo do Filipe Samuel Magaia, do Paulo Samuel Kankomba, contaram-me tudo... aquilo que é a verdade verdadeira... não a “verdade escrita nos livros de história”...
- Queres contar?
- Depois podemos falar sobre isso...
- O presidente Samora vivia lá, em Nachingwea?
- Sim... sempre viveu lá... tinha uma casa..

- E tu tiveste algum contacto com ele?

- Sim...

- Nesses 10 dias do palco?

- Não, nesses dias não... só nos cumprimentávamos... era um sistema absolutamente militar... não se falava com ninguém... tu eras soldado, ficavas lá onde ficavam os soldados... não podias falar assim com uma pessoa... de vez em quando encontrávamo-nos no campo, mas não se falava, não trocávamos palavras, ninguém ali na guerrilha trocava palavras com um dirigente... a única pessoa com que eu falava, de vez em quando, era com o Chefe Adjunto, o Chipande... e com esses comandantes que vinham lá ter comigo, o Pachinuapa, o Cândido Mondlane... e toda a gente fica assim: mas como é que ele vai falar com o Pachinuapa, como é que vai falar com o Cândido Mondlane? Eu só podia falar com eles porque eles me iam lá buscar... mesmo mais tarde, quando já estava na minha caserna, eles iam lá e diziam: -preciso de falar com esse elemento! - e aí eu podia sair à vontade, estava acompanhado de um “quadro” como eles chamavam, de um comandante... então, à noite, ia sempre ficar ali com eles... eles sabiam que aquilo era uma tortura ir para a cama logo cedo, o sol quase que ainda não se tinha posto e já estávamos na cama, em silêncio....então eles iam lá buscar-me...

- Já eram teus amigos, portanto...

- Sim, fiz grandes amigos, mesmo grandes amigos, entre os militares! Pessoas muito mais velhas do que eu... lembro-me do pai do Tobias Dai, o velho Dai, como o chamávamos... uma pessoa humanamente de muito nível! Ele era o chefe dos transportes... quando ia lá à vila (nós não podíamos ir à vila) trazia-me sempre qualquer coisa... sei lá, uma coisa simples, mas que era um gesto incrível, naquela situação... sei lá, por exemplo uma manga! Toma lá, tens aqui uma manga! ... e o Cândido Mondlane, quantas vezes ficámos ali à noite a conversar... eu não poderia estar naquela situação de ficar ali à noite a ouvir as histórias, se não fossem eles... depois, eles tinham lá as suas cumplicidades e eu era convidado a participar desses momentos. Lembro-me que o chefe da cozinha, o Mondlane, fazia Maheu, era a única bebida alcoólica que se fazia lá no campo, fazia-se às escondidas... daquela farinha com que se fazia a comida de todos os dias, ele tirava um pouco para fazer um Maheu para a noite... fermentava durante uns dias... não era nada agradável, mas pronto, não havia mais nada para se beber, então bebia-se Maheu... de vez em quando, muito raramente, o Cândido Mondlane aparecia com uma garrafinha de alguma bebida que havia sido oferecida pelo presidente...

Esses meus amigos militares, mais velhos, acarinhavam-me muito... e ajudaram-me muito! Ensinaaram-me como lidar com as coisas complicadas do movimento... o Centro militar era, como qualquer outro, um ninho de víboras... e foram essas pessoas que assim, com muita humildade me foram contando... vamos lá sentar ali para conversar um pouco... eu pensava que queriam fazer propaganda ideológica, mas não, era para contar a verdade do que se passava ali dentro... porque eles sabiam que lá em Dar-es-Salam eu tinha reagido, então disseram: ... aqui é de outra maneira, aqui não se brinca, aqui é Nachingwea...! Mandam-te para Cabo Delgado e desapareces, ninguém vai saber... vão pensar que foi o inimigo, até podem dizer que foste abatido em combate... portanto não faças confusão aqui dentro... calate! Vai por aqui, cuidado com este, cuidado com aquele, não fales com aquele... nós estamos aqui, de vez em quando vimos aqui e tu podes contar-nos as tuas coisas... mas não contes a mais ninguém! Nós também só contamos isto a ti, como vês não há mais ninguém aqui...

- E tu contavas-lhes as tuas coisas?

- Não tudo... mas contava o que se passava no campo: fazem isto, fazem aquilo... e eles: aguenta lá... falta pouco tempo... na verdade, na altura o Cândido Mondlane queria muito que eu fosse trabalhar com ele, estava à espera que eu terminasse o treino para me levar com ele... Foram pessoas muito, muito amigas, ajudaram-me muito naquele meu processo de integração para eu começar a perceber onde é que eu estava, porque até ali, na verdade, não tinha aprendido nada... aquilo era uma coisa pesada, as pessoas pouco sabiam... diziam que a



Frelimo era a melhor coisa que havia no mundo, porque tinha bons quadros, grandes pessoas de combate... e na verdade tinha! Mas lá bem por dentro, havia muitas nas invejas, lutas pelo poder... e foi aí que eu aprendi a olhar o movimento... e aprendi bastante, foram lições de vida impressionantes!

### **Pelotão Mamba<sup>193</sup>**

- E depois como é que foi... chegaram essas pessoas que iam constituir o teu pelotão?
- Os que vinham do interior de Moçambique chegavam todos juntos. vinham em grupos, cada um do seu sítio... os do meu grupo vinham pela Zâmbia em camiões. Tinham atravessado a fronteira na província de Tete.
- Lembras-te da chegada deles?
- Sim, chegaram todos juntos, num camião, um *Zyl*. Ficaram lá na entrada do campo, no Posto de Permanência e foram descendo dos seus camiões. Eram muitos... eram umas cento e tal pessoas... saíam e faziam uma formatura - essa coisa de formar, marchar, já tinham aprendido no interior, nas zonas libertadas, antes de vir para Nachingwea - iam entrando um por um no Posto onde eram revistados e registados; quando acabavam de fazer o registo iam de novo para a formatura e iam a marchar para o *maganize* (o armazém, chamávamos assim por influência dos que tinham treinado na Argélia) e lá davam um cantil, manta, sabão, pasta de dentes quando havia... aqueles que vinham do interior já vinham com fardamento, mas recebiam mais um, de treino, aqueles fardamentos fabricados pelo movimento, portanto fabrico local... recebiam essas coisas e iam a marchar para o sítio onde ia ficar a camarata.
- Tu foste introduzido a eles?
- Sim, mas sem grande formalidade, apresentaram-me a mim, ao Macuáti (médico) e ao José Massinga, dizendo que nós também pertencíamos a esse grupo.
- O grupo tinha um nome?
- Disseram que o pelotão se chamava *Mamba*...
- Quantas pessoas eram?
- Eram 4 secções... de 12 pessoas cada fila... 4x12... éramos 48. Com os outros pelotões éramos 122 pessoas! Dormimos ali naquele lugar... não muito espalhados, todos muito próximos... No dia seguinte, de manhã cedo fomos cortar materiais para começar a construção da caserna onde iríamos dormir... foi aí que eu percebi que aquelas casernas de pau-a-pique eram feitas pelos próprios recrutas, para eles mesmos dormirem... entretanto, dormíamos ali ao ar livre, debaixo dos cajueiros enquanto construíamos a casa... a Tanzânia é uma zona de chuva, chove todos os dias, sobretudo à noite... então ficávamos em baixo dos cajueiros...
- E como é que foi a tua relação com esses teus colegas que chegaram?
- Era uma relação complicada... a maioria não falava português, alguns entendiam uma ou outra palavra... a maioria só falava nhungwé... vinham de Tete, alguns de Manica e outros de Sofala que falavam ndau ou sena... a relação era difícil...
- Mas não trabalhavam juntos na construção da caserna?
- Sim, trabalhávamos juntos, mas não dava para estabelecer uma relação... eram muitas pessoas, não trabalhavas todos os dias com as mesmas pessoas... não trocávamos uma única palavra, porque não falávamos as mesmas línguas... aquele pelotão era todo feito com pessoas de línguas diferentes... então as pessoas iam-se entendendo por algumas palavras das diferentes línguas, que eram iguais... falavam nhungwé, ndau e sena... e pronto, iam-se entendendo assim entre eles...
- E com quem é que tu falavas?

---

193 Cobra de pequeno porte, existente em todas as regiões de Moçambique, considera uma das mais rápidas e mortíferas

- Falava com os poucos que falavam português: tinha o Massinga, que tinha vindo dos Estados Unidos, era formado em direito internacional... tinha chegado o Macuáti, que era médico e que tinha sido enviado, pelo movimento, para a Bulgária para fazer medicina mas que tinha de voltar a fazer o treino militar... no total éramos 3 falantes de português, na companhia... só 3... e como é evidente, falávamos entre nós... o Macuáti, que era maconde, não falava algumas palavras de nhungwé ... o Massinga, que era de Massinga, em Inhambane, pouco entendia das línguas do Centro do país... as únicas pessoas com quem falávamos eram os instrutores, que eram pessoas de poucas palavras excepto no que respeitava a ordens militares e ensinamentos durante o treino...
- Então vocês fizeram a caserna... e durante esse tempo, faziam mais o quê? Já tinham começado o treino?
- Não tínhamos começado o treino mas logo pela manhã acordávamos ao som de apitos, fazíamos uma formatura e partíamos em passo de corrida para uma marcha de cerca de oito quilómetros. De seguida fazíamos uma sessão de exercícios de ginástica. Só depois partíamos para a mata para buscar os materiais de construção. Íamos construir uma caserna para sessenta pessoas... era uma coisa enorme...
- Como é que se constrói uma coisa assim?
- Construíamos! Pau-a-pique... estacas... primeiro fomos cortar as estacas, , cortar bambus, cortar capim... as estacas eram de árvores enormes, para fazer os grandes suportes... depois fomos construindo pedaço por pedaço... uns preparavam os bambus, outros as cordas... um outro grupo preparava a palha... depois foi tudo amarrado... eu não sei como é que aquilo nunca caiu em cima de nós... foi tudo construído por nós... e não caiu apesar das tempestades tropicais!!! Entrava água por todos os lados, mas isso não era nada... mas com as nossas mãos construímos ali a nossa casa... e o que fizemos mais?... fizemos uma grande vala à volta da caserna para que não entrasse água no chão e para a defesa contra cobras e lacraus... finalmente construímos as camas de pau e bambu... quando acabámos de construir percebemos que não íamos mais dormir debaixo de chuva... começámos o treino...

### **Treino de recruta**

- E como é que era o treino?
- O treino... no início era passar o dia a marchar, a correr. De manhã cedo (acordávamos às 4 da manhã) fazíamos mais ou menos 10 km de marcha em passo de corrida, portanto até às 5, 5.30... depois tomávamos pequeno almoço...
- O que era o pequeno almoço?
- Era um pão e chá... às 6.30 era a parada onde se juntava todo o batalhão e era anunciada a tarefa de cada pelotão para esse dia... às 7 horas estávamos cada grupo no seu lugar com os seus instrutores... a marchar, a fazer as diferentes maneiras de apresentar a formatura etc... no início marchava-se todo o dia... dependia do estágio em que estava cada grupo... havia uns curtos intervalos de cerca de 15 minutos para xixi e voltava outra vez... só marchar... direita volver, esquerda volver, abrir colunas... um passo em frente, dois passos à retaguarda...
- Todo o dia?
- Todo o dia. Com algumas corridas pelo meio...
- Não almoçavam?
- Depois, ao meio-dia... o almoço era farinha de milho com uma verdura... dentro da verdura deitavam alguma gordura, óleo alimentar, aquilo que chama *super-gee*, *aquela espécie de manteiga indiana*, que nós chamávamos “supagui”... e pronto era esse o almoço...
- Só verdura, sem amendoim ?

- Não... isso não existia... o amendoim não chegava a nós... era produzido lá, produziam-se quantidades enormes de amendoim... mas para o pessoal, para os soldados não... de vez em quando tínhamos... acho que era ao domingo, mas nem todos os domingos... tínhamos um bocado de carne... um pedaço de carne feita com *supagui* ... o que é que tinham mais? Era isso, fundamentalmente... era muita gente... carne ali, para todos aqueles soldados, seriam não sei quantos bois de cada vez... então...
- E depois do almoço, faziam o quê?
- Depois do almoço, voltávamos para a marcha, logo depois do almoço já estávamos a marchar outra vez... marchar ou aquilo que fosse o treino, dependia de cada uma das companhias... e às 4 terminávamos, era a hora do banho, cada um levava o seu baldezinho para ir ao poço buscar água para tomar banho...
- Tomavam banho onde?
- ... no mato, tinha lá um poço grande, tirávamos a água daí ... tomávamos banho, lavávamos roupa e assim por volta das 17.30 estávamos a ir buscar o jantar, que era a mesma coisa, farinha com uma verdura... e pronto, por volta as 18.30, estávamos todos na cama...
- E o que é que tu te lembras de sentir e de pensar nessa altura em que fazias isso todos os dias?
- ... a cabeça já nem pensava durante esse tempo, aquilo era difícil... um treino muito violento... eu não sei, talvez se tenha ido buscar isso na China ou no Vietname... era fazer a mesma coisa mil vezes...
- Fazer mil vezes que tipo de coisas?
- Sei lá... andar para frente e para trás, por exemplo... depois os instrutores eram arrogantes, como era evidente, mas isso fazia parte... eram muito arrogantes... tirando um ou outro, eram absolutamente arrogantes, não se podia falar nada... então, eu só falava à noite, lá com os meus amigos... eu dizia: não entendo isso que andamos a fazer aí, todo o dia a mesma coisa, não serve para nada... fazer uma coisa várias vezes para aprender, eu entendo... dez vezes ou vinte vezes para perceber o que é, como se faz... agora fazer mil vezes, para quê? E ainda por cima, aquilo que ficamos a fazer ali...
- E o que é que eles te respondiam?
- A única coisa que eles diziam sempre era: não fiques doente, isso é que é importante, porque isso depois é muito complicado de resolver... mantêm-te em forma, até acabares o treino, depois a gente resolve... então, ao fim de um certo tempo já sabias que era assim, que ia ser assim: acordar, marchar e correr... e que não valia a pena pensar em outras coisas, era aquilo... era melhor pensar que aquilo era uma coisa boa: dedica-te à marcha, a marcha faz bem!
- A quê?
- Dava uma resistência bem grande, para tudo, quer sob o ponto de vista físico e mental ficavas uma pessoa bastante resistente a mil e uma coisas... sentias-te preparado para o que quer que viesse à frente... percebi isso mais tarde...
- Mas tu ficavas como? Era uma coisa automatizada?
- Sim, chega uma altura em que aquilo já não te incomoda... fazes e está tudo a andar... eu fazia 10 km de manhã numa boa...
- Mas sentias-te bem?
- Sim... era o primeiro a chegar!
- Sentias-te bem com esse treino físico?
- Sim... a partir de certa altura... fazes aquilo sozinho... nem acreditas que és o primeiro a chegar... não fizeste esforço nenhum, só correste... era assim...
- Quanto tempo levou essa fase?
- Já não me lembro... acho que acabei por perder um pouco a noção de tempo...
- E passada essa fase, como é que foi, mais à frente?

- Depois, quando se avançou no treino, já tinha coisas mais interessantes, mais sei lá... coisas táticas, manobras mais interessantes... já não era só correr, correr, correr... era saltar obstáculos, andar com arame farpado, fazer essas coisas... pronto, aí já mudava um pouco... fazer saltos de grande altura... andar nos abrigos, construir abrigos... hei... isso também era outra tortura, construir abrigos...

- Com é que se construía?

- Com pá! Construíamos abrigos enormes... grandes, mesmo! Ficávamos todo o dia a cavar! Quando era abrigo, era assim, só cavar... fazer uma cova, tapar e voltar a fazer a mesma cova... abríamos um abrigo, tapávamos e no dia seguinte voltávamos a abrir o mesmo abrigo... eram coisas assim, que não faziam sentido... então, quando conversava com os meus amigos, eu dizia: eh pá, se é para abrir abrigos, vamos abrir em todo o campo, assim têm alguma utilidade... mas não, é só aquilo, outra vez isso de repetir uma coisa mil vezes, sem nenhuma finalidade... e eles continuavam a dizer: - eh pá, aguenta com isso!

- Mas o quotidiano continuava a ser só treino militar, ou faziam mais alguma coisa?

- Às vezes, de manhã, depois da corrida matinal e depois do pequeno almoço, não íamos logo para o treino, íamos fazer alguma actividade, íamos à machamba... ou íamos para a construção... essa parte era a melhor, porque construíamos montes de coisas, coisas úteis... além das casas, construimos uma lagoa, por exemplo... com peixe!

- Como é que se constrói uma lagoa?

- Oh pá ... cavar...

- Cavar até sair água?

- Não dali... fazes o buraco, um buraco gigante e depois metes água lá... então fica uma lagoa...

- Uma lagoa artificial?

- Sim, artificial... tínhamos uma lagoa grande, mandava peixe que nunca mais acabava! Também nunca comíamos esse tal peixe... mas tinha peixe, tilápias que nunca mais acabavam!

- E esses peixes e os amendoins, o que é que lhes acontecia, eram vendidos?

- Sei lá, pá! Deviam ser vendidos, porque mesmo que os chefes quisessem comer, aquilo era tanta quantidade que não conseguiam... acho que era vendido... aquilo uma produção enorme!

- Mas e porque é que vocês não podiam comer essas coisas que produziam?

- Porque... eh pá... vais fazer uma refeição de amendoim para 1000 pessoas? Não dá... aquilo é água com chicha... chicha era... imagina que agora lembrei-me do nome, chicha!

- O que era chicha? ...

- Chicha era *tseke*, com água, sal, *supagui*<sup>194</sup>... aquele óleo que aquilo depois não cozia o suficiente, dava diarreia... às vezes no campo ficava toda a gente com diarreia... aquilo era cocó em todo o sítio... ninguém conseguia chegar às casas de banho... o campo devia ter umas 10 latrinas, para 1000 pessoas... ninguém conseguia chegar lá a tempo... quando havia diarreias, ninguém conseguia chegar à latrina... então, eh pá faziam ali em qualquer lugar, antes de chegar à latrina... depois a água... aquilo era muito mal... tinha coisas que não estavam muito bem... as latrinas eram cá em cima, perto das casernas... e a água estava lá em baixo... então depois chovia e levava tudo para a lagoa, de onde a gente bebia a água... nós sentíamos o sabor do cocó dentro da água... sentia-se mesmo, nós dizíamos : eh pá, hoje não dá para beber água, quando havia aquelas grandes chuvadas levavam os cocós todos lá para baixo...

- Mas não tinha lá gente de Saúde em Nachingwea? A começar pelo próprio Samora?

- Sim, mas aquilo era muito “deixa andar”... esses gajos vão ficar aqui pouco tempo, então deixa andar...

---

194 Corruptela de *Super-Gee*.

- Mas o Samora não foi sempre muito estrito nessas coisas de saúde?
- Sim, mas ali era assim. Já nas zonas libertadas, não, era tudo rigorosíssimo, aquilo estava tudo estudado, como devia ser e tal... agora ali no campo de treino, não... ali era tudo de qualquer maneira... dizem que depois melhorou, que depois de eu ter saído melhorou, mas quando eu estava lá, era cada diarreia... tinha pessoas que não aguentavam... eu próprio dizia... eh pá, não vou mais para a caserna, fico aqui na latrina... e ficava, dormia ali ao lado, dormia... mas não era só eu... era um monte de gente, dormíamos, fazíamos cocó, dormíamos outra vez logo...
- Mas quem comandava o campo de Nachingwea?
- O campo? Na altura em que eu cheguei era o... como se chamava? Mungaca<sup>195</sup>... era uma pessoa do Centro do país, não sei se era de Manica, Sofala, ou de Tete não sei... falava uma das línguas ali do centro. E era muito conhecido porque... o centro tinha instruendos femininos e instruendos masculinos, os femininos ficavam lá num sítio próximo da presidência, porque eram poucos... então ele era conhecido porque a noite placava e ia atacar as moças do destacamento feminino... e... o comandante Munganca! Depois da Independência, logo depois, foi comandante dos bombeiros, aqui da cidade de Maputo ... não sei porque é que o puseram como comandante dos bombeiros...
- Tu chegaste em que mês lá a Nachingwea?
- Cheguei em que mês? Setembro de 1973...
- Era o Mungaca o comandante do Centro, até eu sair de lá era ele... depois soube que foi substituído pelo Aurélio Manave... foi quando começaram a fazer alterações lá... em 74 construíram muitas coisas novas... quando vi Nachingwea no filme, já não reconhecia, alterou-se muito!

### **Treino de guerrilha**

- E o teu treino para a guerrilha foi o quê, concretamente?
- Eu fiz um treino de comandos, porque a ideia do Samora, na altura, era criar umas companhias de comandos para abrir novas frentes... a minha companhia foi a primeira dessas companhias que foi treinada mesmo, como comandos... era o mesmo treino de guerrilha que todos os outros fizeram, um treino normal... fazes marcha, aprendes a disparar, aprendes a caminhar, a marchar... e pronto, mandavam-te para o interior... mas o meu treino foi muito mais completo, foi um treino de resistência...
- Como era?
- Era caminhar dia e noite... saíamos e ficávamos dois dias sem voltar a Nachingwea, ficávamos aí, no mato... mato absoluto, com animais ferozes, não tinhas nem sítio para te abrigares... aliás, um dos instrutores desapareceu durante uma marcha nocturna, nunca mais foi visto, foi comido por animais...
- Mas como era, concretamente, vocês saíam da base...
- Saíamos de Nachingwea, do Centro... começámos por sair por dois ou três dias, levávamos comida, o saco com comida, com farinha, açúcar e munições... um saco completamente carregado de munições que não íamos usar... ficávamos fora dois dias, sempre a andar, não parávamos para nada, só para dormir umas três ou quatro horas, de dia...
- Não cozinhavam? Não comiam?
- Cozinhava-se, nessas horas...parávamos, cozinhávamos, comíamos, dormíamos umas 2 horas e depois continuávamos a marchar...

---

<sup>195</sup> José Mungaca, primeiro comandante do Corpo de Salvação Pública em Moçambique.

- À noite?

- À noite. Era tudo feito à noite. De dia, dormíamos por vezes. Mas era principalmente a marcha que era feita à noite... com aquele peso todo... eu achava interessante até, caminhávamos bastante... mas depois, ninguém conseguia... os próprios instrutores não tinham nenhum sistema de orientação entre eles... então eu comecei a participar na orientação geográfica tentando saber onde estávamos e para onde devíamos ir...

- E tu sabias onde estavam, como?

- Orientava-me pelas árvores e pelas estrelas... chegámos a estar perdidos... da vez em que fizemos uma saída de 14 dias no mato, sem ver ninguém... só mato, mato, mato, mato... já não sabíamos com precisão onde estávamos... eu ajudei a orientar o grupo... tínhamos entrado já numa zona de elefantes... e leões, percebia-se isso porque ali havia uma zona de muitas zebras... então, onde há zebra, há leão... e tinha leopardos... a grande crise para nós eram os leopardos à noite... e então lá conseguimos fazer uma triangulação e fomos ter a uma posição tanzaniana...

- O que é uma triangulação?

- É criar três pontos num mapa fictício... crias três pontos na tua cabeça: quando nós saímos de um lugar, verificávamos a posição das estrelas... ou de árvores altas e com copas frondosas... não tínhamos cartas geográficas nem bússola... chegámos a andar em círculo, sem sairmos do mesmo lugar... dessa vez ficámos completamente perdidos durante dias, já não tínhamos água e não havia população na zona... era uma grande mata fechada sem população... tinha só algumas posições militares tanzanianas... militares...

- Nem tinham bússola?

- Não havia... quando se ia para o interior, davam uma bússola ao comandante... eu por acaso recebi uma... poder orientar-me, quando fui para Cabo Delgado... mas ali não, ali era treino... era assim... íamos assim mesmo...

- E quanto tempo fizeste de treino lá?

- Fiz até princípio de 1974. Normalmente eram três meses, eu fiz seis porque depois desse treino de comandos, ainda iniciei uma especialidade em explosivos... com os chineses...

- Como foi isso?

- Já tínhamos acabado o treino... durante aquele período de distribuição de tarefas para os pelotões este vai para aqui, aquele vai para ali... porque éramos muitos, éramos um batalhão, cerca de mil homens ali... e terminámos o treino praticamente todos juntos... eu tinha feito um treino mais longo, estava lá há mais tempo que os outros e então no dia em que acabámos o treino o presidente Samora disse que gostaria que eu fizesse explosivos...

- E porquê?

- Ah, não sei ! Achou que eu tinha cara para explosivos... então mandou-me cortar a barba ... que para explosivos não iria funcionar... (risos) ... e fiquei ali, com um grupo de chineses, que eram especialistas em explosivos...

- E como era o treino em explosivos?

- Quando começámos, era com pequenitas coisas, fazer explodir um vidro, uma janela... construir ali um explosivo, as misturas... fazer pequenas ligações... e a utilização de granadas, minas antipessoais e explosivos propriamente ditos... do tamanho de uma pequena barra de sabão... armadilhar aquilo, depois ligar o cabo, queimar o cabo, aquelas coisas básicas... e aprender a enterrar as minas...

- E gostaste?

- Sim, eu achava que era importante fazer aquilo... é sempre uma armadilha, mas eu achava interessante, achava que para a guerrilha e principalmente se se chegasse a uma fase de guerrilha urbana ia ser uma coisa fundamental... mas achei interessante e aprendi bastante com aqueles chineses... só que os explosivos entretanto, de 74 para aqui, mudaram da noite

para o dia... o que eu aprendi, neste momento qualquer criança no Afeganistão hoje sabe manipular...

- Mas não constitui um perigo para a pessoa que está a fazer?

- É sempre um perigo! Eles dizem: na manipulação de explosivos nunca ninguém sabe o que vai acontecer... se corre sem acidentes, tudo bem... mas mesmo os melhores especialistas, têm dias que não corre bem e vão... ninguém sabe porquê!

Mas é daquelas coisas que tenho pena, de não ter ido trabalhar com explosivos...

- Não tinhas medo?

- Por acaso não! Levava aquilo com um pouco de brincadeira... achava que era interessante fazer explosivos... é impressionante isso, eu pensava muito nos grupos de anarquistas... achava que um dia ia precisar daquilo... então animava-me...

### **Treino político-militar**

Depois havia o treino político-militar, era muito mais um treino militar do que um treino político... na verdade havia muito pouco de política, não se discutia nada, era apenas uma maneira de dizer que o treino não era apenas militar, que tinha uma componente política... porque se dizia que os guerrilheiros não eram apenas treinados para matar ou para atacar os soldados portugueses, eram também pessoas bem politizadas. O mais importante que era transmitido era a parte de geografia de Moçambique... tem tantas províncias, tantos distritos, os rios são estes... o que para os meus camaradas de treino vindos do interior era importante...

- E então, falava-se de quê?

- Por exemplo... quais eram os objectivos políticos da Frelimo. A luta contra o colonialismo. A definição clara do inimigo. A luta contra o racismo e o tribalismo. Falava-se da história de Moçambique a versão da Frelimo. Não havia uma discussão sobre o capitalismo, sobre o socialismo... não falávamos sobre os verdadeiros problemas políticos do país... também, talvez porque as pessoas nem iam entender... as pessoas sabiam que existia um inimigo português e acabou...

- Não iam entender ou não interessava?

- Não iam entender... primeiro, quem ia falar sobre isso? Os instrutores políticos eram os mesmos militares... e eles mesmos tinham poucos conhecimentos políticos?

- E tu, não podias contar?

- Sim, mas isso não existia... senão eles deixavam de ser os instrutores... acredito que fosse complicado quer para os instrutores que te davam as aulas, quer para os próprios receptores, que de Moçambique apenas conheciam a missão de onde tinham saído e pouco mais. Tinham ouvido os pais falarem do trabalho forçado, da palmatória e do “Imposto de Palhota” e da monocultura do sisal ou do algodão. Então, talvez para essas pessoas fazia sentido essa tal “preparação política”, explicar o que era o resto do país a pessoas que não tinham nenhuma ideia das províncias, da existência de outras etnias... de outras línguas e culturas... os *nhungwés* não sabiam que o rio Zambeze vinha dali e ia até ali, então isso era muito interessante para eles... de onde vocês vêm, está aqui no mapa... aqui são os macondes, aqui são os macuas... a ideia da construção de uma Nação, com várias etnias... porque de facto, a maioria das pessoas que estavam ali não sabiam que Moçambique era um território tão vasto e com uma tal diversidade... por exemplo, na minha companhia, o pelotão era na sua maioria constituído por gente que vinha do campo, camponeses que não falavam português, a maioria vinham de Tete, falavam *nhungwé*, um pouco de sena ou ndau... dois ou três falavam um pouco de português...

- Então como é que te comunicavas com eles?
- Comunicava por gestos... mas não só porque falávamos línguas diferentes, também porque não eram permitidas conversas no Centro... aquilo era muito complicado. Nós que escrevíamos português, ainda tínhamos o privilégio de ir à casa de cultura do campo... íamos lá trabalhar... eu escrevia algumas coisas para o jornal do campo, fazia a parte gráfica do jornal, fazias o stencils, imprimia, chamava-se *O Jornal do Campo*<sup>196</sup>... tinha autorização para ir falar com outras pessoas... entrevistávamos pessoas que estavam a fazer o treino... na altura tinham chegado por exemplo um pelotão de zimbabueanas que vinham treinar lá conosco... então fiz entrevistas com elas, por exemplo... e com outras pessoas que iam chegando... aquilo era uma descrição, Jornal do Campo mesmo... nem todos sabíamos as actividades que se desenvolviam dentro do Campo, então ia-se dando informação... davam-se também algumas notícias sobre a situação internacional... lembro-me que depois, quando acabou a guerra, fui encontrar um dos jornais que eu fiz no quartel de Mueda... o exército português tinha capturado o jornal e fazia parte dos arquivos da PIDE...
- Ficaste orgulhoso?
- Sim claro, eles acharem que aquilo era uma coisa importante... o que se passava lá no Campo...
- E tu não achavas?
- Bom, achava normal... eram notícias do campo... hoje o pelotão tal foi trabalhar na machamba e conseguiu colher tantos sacos de milho, portanto estamos quase a atingir o record de colheita... hoje foi feita a estreia de tiro do pelotão tal...
- Não tinha nunca questões de pessoas singulares... dos jovens que iam chegando, por exemplo...
- E à noite, não se conversava?
- Não, a noite era para dormir... entravas na caserna logo depois do jantar e quando entravas, era para dormir. Ninguém falava. Era uma norma. Depois, tinha uma outra regra que era complicada: que tu não podias andar sozinho, não te podias sentar sozinho, se quisesse descansar um pouco, estar um pouco sozinho, isso não existia! Estavas sempre com alguém... se querias sair daquele lugar onde estavas e ir até um outro lugar dentro do campo, tinhas que ir acompanhado, no mínimo por duas pessoas do teu grupo. Tinhas que sair em grupo, não existia andar sozinho... quando uma pessoa começava a ficar sozinha, iam logo ter contigo para saber o que se passava...
- Problemas psicológicos<sup>197</sup> ...
- Problemas psicológicos ou pior... fazer alguma coisa para o inimigo! Para mim era uma violência,... eu não estava habituado a estar com pessoas... eu sempre vivi sozinho, sempre fui ligado à solidão, à vontade de solidão... e ali não conseguia ficar sozinho, nunca... nem de noite, quando dormia...
- Não dormias sozinho?
- Não. Éramos 60 pessoas numa barraca de pau-a-pique, dormíamos dois em cada cama.
- Mas era por falta de lugar, ou era para controlar?
- Era porque numa barraca daquele tamanho, não havia possibilidade de cada um ter a sua cama... 60 camas, era impossível, a barraca ia cair em cima de nós... mesmo assim aquela barraca onde eu dormia, era a maior que existia no campo! Foi a primeira vez que se fez uma barraca tão grande para albergar aquele pelotão. Não podia ficar sozinho, mas também não se podia falar de qualquer maneira, com qualquer pessoa...
- E tu dormias com quem?

---

196 Jornal impreso em stencil, com informação sobre as actividades do Centro Político Militar de Nachingwea, que era facultado aos militantes da FRELIMO.

197 Consideravam-se “Problemas psicológicos” todas as idiosincrasias individuais que contrariavam o padrão de comportamento “Homem Novo”.



- Não sei... eu dormia com um dos miúdos que tinha vindo lá de Tete...
- E não sabias o nome da pessoa que dormia contigo?
- Na altura devia saber, mas não me lembro mais... não tínhamos qualquer relação, não era suposto termos... já não faço ideia... Quando acabou o treino, separámo-nos completamente, eles foram enviados a Zambézia e eu fui para Cabo Delgado, então nunca mais nos vimos, nunca mais... não faço a mínima ideia onde foram parar...
- Eram jovens?
- Eram jovens... tinham 17 anos... 16, alguns...
- Mas não houve nenhum momento em que soubeste quem era cada uma daquelas pessoas?
- Só durante a Narração do Sofrimento...

### **Narração do sofrimento**

- E a *Narração do Sofrimento*, o que era?
- Então, dentro do processo político da instrução político-militar, havia um item que se chamava *narração do sofrimento*. O que era a narração do sofrimento? Era o momento em que cada um dizia quem era, dizia o seu nome, por vezes pela primeira vez, porque o nome praticamente não existia, lá, nós éramos *elementos*.
- Como é que se tratavam as pessoas?
- Por camarada... depois do camarada às vezes vinha o nome, se era preciso distinguir entre duas pessoas, mas era o nome não significava nada, não éramos exactamente pessoas. E então ali na *narração do sofrimento* pela primeira vez falávamos um pouco sobre nós, como indivíduos: dizíamos o nome, de onde vínhamos, quem eram os pais... a escola que frequentou, religião, a Missão a que pertencíamos... praticamente todos eram católicos ali, no meu pelotão não havia nenhum que não fosse católico...
- Portanto vinham todos das missões...
- Portanto já tinham todos alguns estudos?
- Não tinham, eram camponeses, mas eram das missões... como te vou explicar? Eram camponeses que pertenciam a regiões da missão.
- Trabalhavam para a missão?
- Não, não trabalhavam para a missão... pertenciam à missão... era assim, demarcava-se uma zona e dizia-se: esta zona pertence à missão tal... Não quer dizer que todas aquelas pessoas frequentassem a igreja, mas praticamente todas iam. Mas não quer dizer que fossem lá estudar, eram católicos, camponeses, filhos de camponeses, e pertenciam àquela zona. Porque Moçambique esteve dividido em áreas de influência de paróquias... eu sou da paróquia tal, então para me identificar tinha que dizer: eu sou da Munhuana! Munhuana era uma paróquia, não um bairro... o bairro era a Mafalala ou o Alto Maé, mas quando se dizia: eu sou da Munhuana, significava “eu pertenço àquela igreja”. Então era assim que as pessoas se identificavam...
- E era uma espécie de biografia, o que narravam?
- Era... dizíamos quem éramos... e depois, cada um tinha que dizer porque é que estava na Frelimo, porque é que tinha ido para a luta. E dentro desse processo, tinha então a tal *narração do sofrimento*, em que o instrutor político - mais militar que político, a maioria das vezes era apenas um instrutor militar, sem qualquer preparação política - indagava sobre qual o motivo de teres aderido à Luta de Libertação... portanto tu tinhas que ter dentro de ti um motivo para teres ido, ainda que alguns tivessem ido parar lá por terem sido arrebanhados... como em qualquer guerrilha...
- Arrebanhados como?

- Levados das missões, no caminho... não é que tivessem muita vontade de ir... qualquer guerrilha faz isso... mas então as pessoas tinham que fazer uma descrição do que aconteceu com elas em relação ao colonialismo ou aos colonos portugueses, de forma a justificar a sua ida, a sua adesão à guerrilha, porque é que queria lutar: “foi porque o meu pai levou 10 palmatoadas do administrador... foi porque eu próprio levei chicotada não sei quando... e cada um contava a sua versão da história da sua relação com o colonizador... E essas histórias, na sua maioria, tinham alguma coisa a haver com a sua relação directa com o colono, não com o sistema colonial. A maioria das pessoas nem sabia muito bem o que era isso de sistema colonial, tinham apenas uma vaga ideia de que aqueles brancos não pertenciam àquele lugar, que batiam, violavam as mulheres, ouviam isso dos pais, desde sempre... E pronto isso era a *narração do sofrimento*, era preciso ter tido um grande sofrimento para aderir à luta... evidentemente, para grande parte das famílias moçambicanas a situação era essa e aqueles jovens da minha companhia ficavam muito contentes de poder contar isso. E aí eu ia percebendo algumas coisas, aquilo era contado em nhungwé mas tinha um instrutor muito interessante, o Fernando, que era de Tete, que traduzia para mim, o Massinga e o Macuáti, o que os outros iam dizendo, para nós podermos perceber. E para mim era muito interessante perceber a história de cada um e como o confronto com o colono se dava naqueles lugares do interior, que eu já tinha ouvido falar quando chegavam à casa grande na Mafalala as pessoas vindas do interior e que relatavam junto à minha mãe os maus tratos infligidos pelos colonos. Mas o grande problema dessa *narração do sofrimento*, é que era quase obrigatório tu teres tido algum confronto não com o sistema, mas um confronto que se tivesse dado na relação física com o colono... discutia-se apenas: o colono bateu-me, o colono não me deixou ir à escola, o padre fez isto, mandou-me embora.. não tinha nada a haver com o sistema, não se discutia o sistema. Para a maior parte dos instruendos aquilo funcionava muito bem, porque era a realidade com que eles se tinham confrontado e a ideia era que cada um percebesse que os outros tinham sofrido o mesmo que ele, apesar de estarem noutros lugares, isso criava uma espécie de comunhão de sentimento, que deveria servir de motivação para a luta. Agora, o problema é que para alguns de nós essa fórmula não funcionava... deveríamos poder dizer uma coisa diferente... mas não, éramos quase obrigados a dizer isso... nós não podíamos ter aderido à guerrilha se não tivéssemos sido agredidos pelo colono. Agora, uma pessoa como eu, vinda de Lourenço Marques, do subúrbio de Lourenço Marques ia dizer que tinha tido uma confrontação física com o colono? Não tinha... eu estava ali porque era contra um sistema político. O Massinga estava lá porque era contra a ocupação... o Massinga nem sequer teve confrontação nenhuma... foi para a Suíça estudar através da missão e da Suíça para os Estados Unidos e daí para a Tanzânia... tinha ido para a Frelimo em 1962, era um dos fundadores do movimento. Depois saiu, foi para os EUA estudar e nessa altura tinha regressado... tinha alguma confrontação física com o colono?

Então, a *narração do sofrimento* era essa... o meu sofrimento era esse: como explicar aos instrutores políticos que o meu problema não era pessoal, não era com o colono nem com a administração, era com o sistema? Isso era um sofrimento tão forte como o outro... como explicar? Eu só dizia: mas eu não tenho, não sei... então tem que pensar, tem que dormir, pensar bem e depois vem nos contar na próxima aula... e esse assunto nunca acabava, tu ias dormir a pensar nisso e acordavas a pensar nisso, o que dizer, como explicar...

- E tu contavas o quê?

- Sei lá... depois cansei-me daquilo e inventava qualquer coisa... porque eu tinha de ter uma razão concreta... já nem lembro o que inventei...

- E da tua escola primária, não tinhas cenas de racismo para contar?

- Na minha escola andavam brancos, pretos, estávamos lá na mesma escola, estudávamos todos juntos...

- Mas na escola nunca levaste reguadas? Palmatoadas?

- Sim... mas levavam todos... não haviam brancos e pretos... nas palmatoadas não haviam brancos e pretos. Na minha escola, pelo menos... levavam todos! E eu era o único que não levava, na verdade...

- E não podias dizer o que tinhas visto isso acontecer com as outras pessoas? Isso que contaste da tua mãe, de que ela tinha de se sentar nos últimos bancos do *machimbombo* e se esses bancos estivessem cheios não podia entrar... isso não era suficiente?

- Sim... mas não tinha sido comigo...

- Tinha que ser na primeira pessoa?

- Sim, um sofrimento como os outros tinham... eu disse porque eu vi ... porque eu senti... os portugueses fazem isto, no meu bairro acontece desta maneira... mas a sua experiência, camarada... a minha experiência é essa mesmo, de eu ver, olhar todos os dias para isso... mas não camarada, ainda não nos contou porque é que veio para aqui... mas eu não posso inventar nada... quer dizer, eu fugi, eu andei pelo mundo para chegar aqui, atravessei fronteiras a pé... não fui levado por ninguém, vim para cá de livre vontade, porque quis vir, percorri dois continentes para poder chegar aqui e aderir à guerrilha... só por causa do ódio que eu tenho de ver o que esses portugueses fazem em Moçambique, no meu país... mas não... o camarada Camilo nunca sofreu nada? Eu dizia... sofri de ver... mas não é isso, queremos a sua experiência... e era complicadíssimo... contei que tinha ido a Xinavane... tinha visto como eram tratados os cortadores de cana da açucareira de Xinavane, achava que aquilo era trabalho escravo e que não era possível continuarmos assim, que era preciso acabar com aquilo... e a questão do analfabetismo, que não estava de acordo com essas coisas... fui contando mil coisas que eu tinha visto, que eu sabia que se passavam ... mas aquilo não servia, porque eu não tinha sofrido na pele, directamente... não tinha saído sangue, não tinha... então, eu não era... eu não tinha sofrido nada do colonialismo... não havia sofrimento. E como é que eu estava ali? Porquê?

- Se não tinha havido violência física...

- Então pensei para mim, mas eu estou aqui num treino político-militar, a parte política é para contar a violência física que houve contra mim? E se não houve essa violência, a parte política não interessa? A parte ideológica não interessa? Na verdade o treino militar era muito bom... super-bom... mas não tinha pouco mais do que isso. A parte política, era muito fraca... havia umas aulas de vez em quando, em que aparecia um dos dirigentes políticos que falavam um pouco mais profundamente sobre a luta contra o colonialismo... mas apenas falavam, não havia espaço para uma discussão...

Então, eu achava que essa *narração do sofrimento* era também violenta para quem devia fazer essa narração... que era obrigar-nos a inventar uma coisa que não era. Nós estávamos ali por razões ideológicas e políticas e não por termos sofridos na pele aquilo... Eu estava habituado a falar, a falar e a discutir com toda a gente...

Uma coisa complicada que me obrigaram a fazer na *narração do sofrimento*, foi dizer qual era a minha tribo. Eu que era uma pessoa destribalizada... pouco ligava à minha tribo, gostava das histórias que a minha mãe contava sobre a minha avó e a sua tribo, os rongas do Sul, achava fantásticas aquelas histórias dos curandeiros, dos régulos, aqueles rituais todos, da matança do boi, tudo aquilo... gostava daquilo. Mas na realidade, eu nunca estive ligado a uma tribo... Perguntavam-me: quem tu és? A resposta que me vinha era: sou moçambicano! Não dizia logo sou rongga, não... sou moçambicano! Foi o que eu disse a primeira vez que me perguntaram... mas moçambicano... e não tem tribo? Eu disse: tribo? Aqui não temos tribos, disse eu... Sim estamos para destruir as tribos, mas cada um tem a sua tribo. Eu disse: sim, mas eu não tenho... Como não tem? Onde é que nasceu? Nasci em Lourenço Marques... então você é rongga! Não, não sou... então a partir de agora, passa a ser rongga! Para nós aqui, você é rongga! Ouviram todos? Este é um rongga... não queria dizer... e eu assustadíssimo com aquilo...

eu pensava que tinha vindo para um sítio onde a tribo tinha desaparecido... então pronto, lá me deram uma tribo... Depois pediram para eu contar sobre a minha tribo, sobre os rongas... Eu disse: eu conto a minha experiência, não estou a dizer que é a da minha tribo. Conto de ouvir a minha mãe falar daquela tribo, a que pertencia a minha avó... a minha avó sim, era daquela tribo, mas eu não... eu já sou de outras tribos também... sou de um bairro que tem gente de muitas tribos, sou de uma cidade que já não tem tribos... E eles sabiam... O próprio Xitimela, era de que tribo? E então deram-me a tribo! E as pessoas ali, todos os outros, *nhungwés*, *senas*, *ndaus*, já me chamavam ronga... era o único ronga que estava lá... porque o Macuáti era maconde, o Massinga era *bitonga* ou *mátswa* ou era *chope*? Só sei que era de Massinga, mas não sei qual era a tribo...

Outra coisa, foi que na própria narração de sofrimento, que era o único momento que tínhamos para falar, para falar de nós mesmos, disseram que eu tinha de mudar a minha maneira de falar, porque falava de uma maneira igual à dos colonos. Eu disse: estou a falar português, não posso inventar outra língua... não sei falar de outra maneira... e agora, o que é que eu devo fazer? Vou embora? Falo à maneira dos colonos?!?! Eles diziam: fala como os padres. Mas eu não sou padre nem sequer religioso, não tenho religião. Então diziam: o camarada não tem religião? Como é possível? Eu dizia: fui batizado na Igreja Católica... ah, então é católico! Eu disse: não sou católico, apenas fui batizado na igreja católica, mas não sou católico, não frequento a igreja... mas se é batizado, o camarada é católico... eu dizia: não sou! É!! Diziam: todos aqui foram batizados, então são católicos, agora como é que o camarada foi batizado e não é católico?

- Não existia a ideia das escolhas relativamente à religião?

- Não, não existia, então eu era católico... eu sai do treino com dois rótulos: católico e ronga! O que para mim era estranhíssimo, católico e ronga num treino, militar, de guerrilha ainda por cima num movimento que era contra todas essas coisas...

- Pronto, lá me deram a tribo e a religião... e queriam que eu acreditasse naquilo, que era ronga e católico! É incrível... foi nessa coisa da narração do sofrimento, eu percebi que pessoas na Frelimo acreditam nas coisas como acreditam..... acreditam como os religiosos... como as seitas religiosas... assumem uma determinada coisa e acreditam naquilo até à morte... lembro-me que de vez em quando passavam comandantes ou comissários políticos que vinham lá do interior... e pronto, iam lá falar um pouco para esses novos guerrilheiros... então, uma vez o Pachinuapa foi lá falar, numa dessas sessões, com o meu pelotão... e ele estava a falar que tínhamos que acreditar nas coisas e tal... pronto, com ele já dava para falar um pouco diferente do que era com os instrutores... então eu perguntei: - nós todos os dias desde que começámos o nosso treino - e já passaram muitos meses- dizemos todos os dias a mesma coisa, as mesmas palavras de ordem, as mesmas canções, não inventamos nada... todos os dias a mesma coisa. Não há uma maneira de falarmos de outras coisas? De fazermos alguma coisa diferente do que fazemos todos os dias? Já sabemos que quando acordamos temos que fazer isto, cantar aquilo... já sabemos que as palavras de ordem são estas... e não há mais nada, só temos isso? E ele disse: - camarada Camilo, veja bem... nós somos como, por exemplo, a igreja católica... quantas Ave Marias rezamos todos os dias? Desde que nascemos, rezamos todos os dias... o Pai Nosso? Mudou? Não mudou! Então porque nós temos que mudar? E eu aí percebi o que era o movimento... que era também feito de dogmas, tudo fechado como se fosse uma congregação religiosa! Ele disse mesmo: - quantas Ave Marias é preciso rezar durante uma missa? Quantos Pai Nossos? Não é todos os dias a mesma coisa? A missa não é todos os dias igual? Mas é preciso fazer todos os dias aquela missa, sejam 3 vezes, sejam 6 vezes por dia, para as pessoas perceberem o que é... eu achei interessante essa comparação entre o movimento e a religião... a católica, neste caso...

- O que achavas de interessante nessa comparação?

- Essa comparação explicava muita coisa! A questão dos dogmas... do uso da repetição de um discurso sem grande sentido para te convencer de que tu eras uma coisa que não eras... de te forçarem a assumir uma identidade que não era a tua...

- Porque era preciso as pessoas se desligarem da sua verdadeira identidade?

- Acho que esse processo faz parte de todos esses movimentos de guerrilha não é? É preciso desmontar o eu... para montar o colectivo, criar o tal “homem novo” que não existe... que só pode existir dentro do colectivo... no livro do Orwell, 1984, é muito claro... é preciso anular tudo o que tu tens dentro de ti, para te poderes juntar ao movimento... a partir daí tu deixas de ser tu e passas a ser o movimento, já não falas em teu nome... Já não dizes “eu penso”... não, estás sempre a dizer: “nós pensamos que”... eu lembro-me, era assim... eu próprio deixei de dizer: “acho que devíamos fazer”... não... dizia: “nós, a Frelimo, achamos que é assim”. Retiras logo tudo... não existes mais!

Nunca soube onde se foi buscar isso, da *narração do sofrimento*...

- E os teus amigos da Bélgica, esses com quem foste ao encontro com o Marcelino dos Santos em Bruxelas, voltaste a vê-los lá em Nachingwea?

- Só o Gulamo Sacoor, que chegou ainda em 73, com o Piricas....

- Quando ele chegou a Nachingwea, tu ainda estavas lá?

- Sim, eu é que o recebi...

- E como é que foi?

- O Ali Monhé integrou-se muito mais rápido do que eu, porque ele começou logo a fazer os seus negócios! Ninguém tinha cigarros mas ele arranjava sempre... e *suruma* não faltava...

- Mas ele tinha boa relação com os camaradas de base?

- Sim, isso sim... depois saíam para comprar pão e ficavam lá por aquelas barracas da Vila de Nachingwea... aí ele meteu-se logo e juntou-se bem, com aqueles que faziam negócios na vila. Que vendiam várias coisas...

- Que vendiam o quê? quem eram?

- Havia todo o tipo de pessoas na Frelimo... motoristas por exemplo, faziam transporte de equipamento militar pesado da Frelimo... tinha várias pessoas que lidavam com o armamento... com bens alimentares etc... uma vez fez-se uma grande operação na Vila de Nachingwea, com soldados tanzanianos, andaram de casa em casa nos bordéis e descobriram uma quantidade razoável de armas e munições... mas também diversos bens que eram oferecidos por várias organizações internacionais de apoio à causa da Frelimo... era um grupo grande, foram todos para a reeducação...

- o Ali Monhé também?

- Não, não, ele estava bem comportado... só tinha pequenos negócios de *suruma*, trocar roupas por tabaco... ele já conhecia os motoristas todos, eram amigos dele... traziam tudo o que ele queria da vila... ele também tinha dinheiro, chegou já com dinheiro... isso fazia muita diferença...

- Tu nunca entraste nesses grupos, nesses esquemas, ele nunca te propôs nada?

- Não, ele sabia que comigo não podia contar... desde a nossa adolescência que ele sabia que não era possível eu conviver com isso... por acaso aí ele era limpíssimo, contava-me sempre as peripécias dos seus negócios quando estávamos em Bruxelas, os problemas que tinha, contava sempre umas histórias engraçadas... ia com os motoristas para a vila, lá para aqueles sítios, onde se bebia... ali em Nachingwea, não havia qualquer hipótese de beber...

- Tu passaste aquele tempo todo sem beber?

- Sim, só quando vinha lá o Cândido Mondlane ou outro comandante, que às vezes traziam uma garrafa de whisky que o Samora tinha oferecido, ou uma garrafa de vinho... então bebia, mas bebia o quê? Um calicezinho... uma garrafa daquelas durava o quê? Um duas semanas... (risos) ... era só um bocadinho... bebia-se também Maheu...

- Mas tu gostaste de estar lá em Nachingwea?
- Não, e sim. Não era um lugar muito agradável... podia-se ter o rigor do treino e do campo, mas não daquela maneira... permitir que te pudesses sentar num sítio, pudesses ouvir música... não nos dias de semana, mas ao fim-de-semana, ouvir um pouco de rádio... mas não, domingo depois do almoço a nossa diversão era assistir a jogos de futebol, entre equipas formadas pelos instruendos. Era sempre a mesma coisa... a gente já sabia quem ia ganhar quem ia perder...
- E não havia “Actividades Culturais”?
- Nos dias de celebrações, sim... eram assim os dias mais diferentes... mas eram aquelas coisas sempre iguais, canções, danças...
- E tu nunca te cruzaste com essa gente que fazia cinema lá?
- Quem?
- Esses que foram filmar lá, como o Bob Van Lierop<sup>198</sup> ...
- Ah, não, porque esses entravam em Moçambique, mas não passavam por Nachingwea, era proibido... saíam de Dar-es-Salam para Mutuára, de Mutuára para Newala e dali para o interior... os tanzanianos não permitiam que eles entrassem em Nachingwea...
- E o Troate ou o Maquinasse<sup>199</sup>, não te davas com eles?
- Não estavam lá... ou estavam no interior ou em Dar-es-Salam a revelar fotos que tinham trazido do interior... com o Maquinasse ainda me encontrei algumas vezes...
- E tu nunca trabalhaste como fotógrafo?
- Não mas depois do treino, quando fui para Cabo Delgado, andava sempre com uma máquina fotográfica, tirei muitas que entreguei... entregava ao camarada Soares, que levava para Dar-es-Salam para revelar.
- E nunca viste essas fotos?
- Não, nunca vi.
- A máquina era tua ou da Frelimo?
- Era da Frelimo... uma máquina alemã, Exacta... tinha também uma russa, uma Zenit... e uma Prátika...
- Não houve nenhuma coisa que tivesses gostado?
- ... ao fim de um tempo já não desgostava de estar ali... depois chegou uma altura em que o treino não passava de uma rotina... tornou-se mais agradável quando iniciámos o treino de táticas de guerrilha e tiro. Depois, tudo mudou quando fui para Cabo Delgado, aí era muito interessante, sempre coisas diferentes... apaixonavam-me as Zonas Libertadas, a vida das pessoas, o seu dia a dia. O contacto com os Macondes, a sua cultura, a sua língua, os seus hábitos, a escultura a gravura e a cerâmica... mas quando fui para Cabo Delgado já não fui com o meu pelotão, eles partiram para abrir a frente da Zambézia..
- E como foi, quando eles foram e tu ficaste?
- Quando acabámos o treino, eu fiquei ainda uns dias no Centro, antes de ir para Cabo Delgado. Tive de arranjar um outro lugar para dormir, porque o meu pelotão já tinha partido e já tinham chegado novos recrutas para ocupar a nossa caserna, construída por nós. Mas como já era “quadro”, fui ficar na casa dos quadros, uma casa de madeira e zinco, lá dentro dos comandos.
- E como é que era a casa dos quadros? Como é que era a dinâmica ali?

---

198 Robert Van Lierop, escritor, fotojornalista e cineasta negro americano que realizou, em 1971, o filme “A Luta Continua” nas zonas libertadas da FRELIMO. Após independência, em 1975, realizaria o documentário “O Povo Organizado”.

199 Artur Troate e Daniel Maquinasse, eram dois dos fotógrafos da FRELIMO e do presidente Samora Machel durante a Luta de Libertação Nacional. Maquinasse viria a morrer na queda do avião presidencial que vitimou Samora Machel, a 19 de Novembro de 1976.

- Já era diferente... eram camaratas, na minha camarata éramos uns 10, 15..
- ... tínhamos lá a nossa cama, já não dormíamos em bambu ou palha e já não dormíamos dois a dois... era diferente...
- Lembras-te de alguém que estava lá nessa altura?
- Era gente misturada... gente que estava de passagem... tinha a casa dos instrutores e as casas para quadros que tinham tarefas no campo, estavam de passagem, tinham reuniões com o presidente... então ficávamos nessas camaratas...
- E ali já era permitido falar entre vocês?
- Aí já nos conhecíamos, éramos iguais, falávamos... mas nada de especial falava-se pouco, porque... sabes... era tudo controlado... de vez em quando um ou outro dizia uma coisa mais dura, mas nada de muito importante...
- Porque não tinham confiança uns nos outros?
- Era mais porque havia um grande autocontrole entre as pessoas... depois no interior é que já se falava abertamente, aí as pessoas falavam, criticava-se isto e aquilo... por isso as pessoas não gostavam muito de Nachingwea, toda a gente queria ir para o interior apesar da guerra...
- Portanto era o lugar de maior controle?
- Sim. Era muita gente... e o “diz que disse”, o boato, faz parte desses campos...
- Então o não se poder falar era para impedir isso?
- Também. O único lugar onde conversávamos um pouco, normalmente, com os outros quadros era quando íamos lá para a casa de cultura ... mas quem é que vinha ali? Era um grupo pequeno... Vinha o Mangureira, o Sérgio Vieira... ele vinha lá sempre, porque era ele quem decidia o que ia ser publicado pelo Jornal do Campo... era assim... as discussões políticas eram na verdade feitas nessa casa, com estas pessoas que vinham da Europa e outros quadros... sentávamos ali, falávamos um pouco... falámos um pouco dos Marxs, dos Lenines...
- E aí, entre esses quadros, discutia-se quais os processos políticos mais adequados para lidar com a situação política específica do país?
- Não, isso não se discutia nunca! Falava-se pouco sobre a Frelimo!
- E como é que uma pessoa se sente no meio disso?
- Eu retirei-me desse convívio porque achava que não levava a nada...
- Sim, mas enquanto estavas lá?
- Sentes que estás a ser utilizado e que querem ofuscar o que tens de teu... o ser individual é literalmente ofuscado. Havia outros que achavam isso importante, porque nunca tinham falado muitos deles e então era uma oportunidade de existirem como indivíduos que nunca tinham existido nem iriam existir mais, então ali existiam... não como indivíduos, mas existiam... mesmo pessoas que pensavam um pouco mais para a frente, adaptaram-se completamente àquela forma colectiva de pensar... isso, eu gostava de saber como é possível...
- Os outros quadros do movimento, passavam lá por Nachingwea?
- Raramente.
- Mas o Samora sim?
- Samora sim, vivia em Nachingwea. Ele sempre foi da linha militarista... os outros ficavam em Dar-es-Salam...
- Então havia uma separação clara entre militares e dirigentes intelectuais?
- Sim, antes de 1969... quando houve a grande crise no Instituto Moçambicano... porque é que os intelectuais não vão para a guerra e nós vamos... e aí é quando começa a obrigatoriedade de todos passarem por Nachingwea e fazerem o seu treino militar... mas como havia aquela crise com o governo tanzaniano, que não aceitava que os não-negros entrassem na região militarizada de Nachingwea... estava mais ou menos resolvido... então, houve camaradas que

só mais tarde foram fazer o seu treino em Nachingwea. E outros, foram para Nachingwea, mas muito mais tarde...

- Como foram os teus contactos com o Samora, quando foi que falaste com ele pela primeira vez?

- Em Nachingwea, quando acabou o treino...

- E como é que foi essa conversa?

- Nada de especial... lembro-me dele ter dito que queria que eu fosse para a União Soviética e que ia organizar isso...

- E tu querias ir para a União Soviética na altura?

- Na altura para mim era tudo igual... não sei, ir para a União Soviética seria seguir uma carreira militar e na altura achava que podia ir... mas depois fui para Cabo Delgado e também senti-me muito bem por lá, foi uma experiência muito importante para eu conhecer Moçambique... conhecer Moçambique e conhecer esse movimento onde eu estava metido, porque se fosse para a União Soviética nunca teria conhecido a Frelimo... seria mais um que vinha para aqui com a cabeça de um militar soviético... mas acabei não indo, entretanto o Pachinuapa falou com o Samora para eu ir para Cabo Delgado...

- E o Massinga e o Macuáti, foram também para Cabo Delgado?

- O Massinga... Massinga não entrou comigo... só fui eu e o Xitimela com companhia de novos guerrilheiros, nós os dois não fazíamos parte da companhia, estávamos por conta do Pachinuapa... o Massinga e o Macuáti vêm mais tarde... já depois da assinatura do Acordo de Lusaka..

- E o Ali Monhé foi para o interior?

- Foi para a Zambézia, quando iniciou a ocupação da Zambézia... ele era Comissário Político.



## Capítulo 5.

### CRUZANDO A ÚLTIMA FRONTEIRA ANTEVENDO NOVAS GEOGRAFIAS

#### Nachingwea- Cabo Delgado, 1974

- E quando foste para Cabo Delgado, aí já foste em grupo?
  - Fui com outros militares: o Xitimela que era meu instrutor e outros militares que tinham começado o treino depois de mim... mas que tinham feito daqueles treinos rápidos e portanto já estavam a partir... era um grupo grande...
  - Quantas pessoas?
  - Era muita gente... no total devíamos ser acima de 200 pessoas, que entravam por grupos. No grupo onde eu me integrei (porque não era o meu grupo, o meu tinha ido para a Zambézia) éramos uns 60...
  - E eram pessoas que tu conhecias?
  - Não, não conhecia ninguém... havia esse contingente de soldados e alguns quadros que eu também não conhecia, ligados à Educação e à Saúde, que iam para trabalhar nas zonas libertadas. Na verdade, nesse grupo eu só conhecia o Xitimela, que tinha sido o meu instrutor.
  - E qual era a missão desse grupo?
  - Era reforçar os “avanços”... as tropas que estavam em zonas mais avançadas, que ainda não eram zonas libertadas, eram novas frentes que se estavam a abrir... o comandante dos “avanços” era o Domingos Fondo<sup>200</sup>, que já estava lá na frente... naquela altura, os “avanços” estavam na região de Ancuabe, estava-se a abrir essa frente... e era preciso levar armamento e guerrilheiros para reforçar essas frentes. Quem entrava, levava sempre armas e munições.
- Partimos de Nachingwea em carros militares até Newala mais para sul, bem próximo do Rio Rovuma. Newala era um lugar de trânsito para quem vinha do interior de Moçambique e de quem pretendia atravessar o Rovuma para Moçambique. Era propriamente um lugar de trânsito: muita gente, população, militares, pessoal da saúde da educação... pessoas que não se viam há muito tempo encontravam-se por ali... tinha uma vila próximo...
- Chegados aí, eu e Xitimela organizámos as nossas coisas para pernoitar. A travessia do rio seria do dia seguinte. Disseram-nos que o exército português tinha bombardeado na noite anterior. Tinham morrido algumas pessoas da população e havia alguns feridos... era a população que estava a fazer o transporte de armas e munições para o interior de Moçambique.
- Fizemos fogueiras, separados em pequenos grupos. E logo que caiu a noite, enquanto estávamos à espera do jantar, vimos luzes de *very-lights*<sup>201</sup> e ouvimos tiros de morteiro e canhão... as tropas do aquartelamento de Omar Nambiriau (Namatil), que era o posto mais avançado dos portugueses junto ao rio Rovuma, estavam a bombardear de novo os locais de travessia do rio! Ficámos ali a ver... era um espectáculo de luz e som... visto de longe, né? e nós a pensarmos: amanhã é a nossa vez, o que vai acontecer? E já sabíamos o que nos esperava, porque aquilo era todas as noites, já sabíamos... entre as 18 e as 19, mais ou menos, que era normalmente quando as pessoas passavam a vau, não falhava, começava o bombardeamento. Mesmo que não estivesse a atravessar ninguém, eles bombardeavam.

---

200 Um dos principais comandantes militares da FRELIMO, na altura comandante dos “avanços” ( frentes de combate ).

201 Sinal luminoso bastante forte que é disparado por um pistola, para iluminar momentaneamente uma região em que é preciso identificar a presença de soldados inimigos.

Ficámos toda a noite ali... à volta das fogueiras, cada grupo de guerrilheiros cozinhava aquilo que tinha trazido nas suas mochila... conversámos bastante contando episódios da guerra... cada um contando as suas façanhas, as aventuras da guerra, os combates, os sacrificados! Tudo com muitos risos, toda a gente ria da guerra!

- Porque é que riam?

- Não sei, deve haver uma explicação psicológica para isso... *comme c'est jollie la guerre*<sup>202</sup>... deve ser para afastar os medos, uma defesa do sistema, sei lá...

Mais tarde passámos a conversar sobre como seria a nossa travessia no dia seguinte. Não podíamos perder de vista o facto de sermos um grupo grande, cerca de 200 guerrilheiros armados e alguns quadros. Como vamos passar, perguntava eu: passamos aqui... não, passamos ali... discussões até não poder mais! Eu não sabia nada daquilo, porque nunca tinha passado... estavam lá as pessoas de reconhecimento que eram os especialistas, que só faziam isso, a travessia das pessoas tendo em conta as movimentações do exército português... eles diziam: ah, hoje o inimigo vai atacar no lugar tal... aquelas coisas, que por vezes são inventadas... às vezes acertavam... mas tudo baseado em conjecturas: como atacou ontem, já não vai atacar hoje... hoje bombardeou ali... se calhar amanhã vai atacar lá, se atacar... então vamos por ali... então lá decidiram: vamos passar pelo lugar tal. Mas não vamos passar às 18, passamos mais tarde, que o inimigo a essa hora não vai atacar... mas ninguém tinha a certeza de nada... aquelas conjecturas que ninguém sabe exactamente de onde vêm e que umas vezes acertam, outras vezes não dão em nada...

### **Newala-Rio Rovuma, 1974**

No dia seguinte, de manhã fui dar um pequeno passeio pela vila com o Xitimela e alguns outros quadros. Tomámos umas cervejas e conversámos sobre a nossa viagem e o trabalho que cada um ia fazer em Cabo Delgado. Era interessante ver a vontade que todos tinham de regressar a Cabo Delgado para continuar as suas tarefas. Alguns eram de outras província mas todos com muito ânimo e muita alegria.

Depois do almoço iniciámos a nossa longa caminhada para a margem do Rio Rovuma. Ia sempre com o Xitimela. Nessa altura o ambiente já era diferente, eu já não era recruta, já era “quadro”, portanto entre nós já não havia aquela distância da hierarquia militar... já comprávamos *nipa*<sup>203</sup> ali na população, cada um tinha o seu cantil de *nipa* e lá íamos conversando pelo caminho, enquanto marchávamos... apesar de ele ser o chefe do grupo, já conversávamos como amigos... então, foi muito interessante, porque quando entrámos nessa caminhada, que levou umas três ou quatro horas até ao ponto de concentração, ainda na Tanzânia, junto ao rio Rovuma, eu disse que gostaria de esclarecer uma coisa que desde a altura do treino não saía da minha cabeça: cada vez que eu olhava para ele, grande, com aquela maneira de ser dele, rude, eu sempre tinha a sensação de já o ter visto... e o nome dele, também me dizia alguma coisa... tinha uma vaga ideia de o conhecer, mas não sabia de onde... com o Diniz Moiane, também tinha tido a mesma sensação, mas já tinha tido ocasião de perguntar, naquelas nossas conversas à noite e ele contou-me que tinha trabalhado, no diário de Lourenço Marques, um jornal do arcebispado de Lourenço Marques. Mas com o Xitimela, só agora é que podia falar normalmente, já numa relação de poder diferente. Então a uma certo momento da caminhada, decidi perguntar:

- Ó camarada Xitimela, eu conheço-te... mas não sei de onde...

---

202 Célebre frase de Guillaume Apollinaire.

203 Nome por que é conhecida, na região Norte de Moçambique, a aguardente de destilação caseira.

- Sim, é possível... mas só pode ser de Lourenço Marques... conheces-me mesmo de Lourenço Marques?
- Mas de onde?
- Do Jornal *Notícias*<sup>204</sup>.
- Hei Xitimela, és aquele do jornal *Notícias*?
- Sim, aquele mesmo!!!
- Eh pá, não pode... como é que vieste até aqui?
- Vim a pé! Desde a Machava (prisão de Lourenço Marques) até aqui! Até Kongwa ! Vim a pé, nunca entrei dentro de um carro... vim a pé!!!
- Mas qual era essa história do jornal *Notícias*?
- A história é que... ele era um bandido, que estava a ser procurado pela polícia... naquela altura a polícia fazia como nos EUA, punha um anúncio no jornal...
- *Wanted*...
- *Wanted*... Procura-se vivo ou morto! Isso foi em 1963, ou 1964... talvez ainda consigamos encontrar esse jornal...
- Mas o que é que ele tinha feito, para ser procurado dessa maneira?
- Não sei, mas era crime grave... no jornal *Notícias* vinha a fotografia dele...
- Ahhh, tinha a cara dele, no jornal!
- Sim, a cara dele! Procurado pela polícia. Por isso é que eu tinha a sensação de o conhecer... então durante a marcha, foi contando... ele fazia parte de uma gang perigosa em Lourenço Marques...
- Porquê?
- Não tinha nada a ver com política. Ele começou a ter a ver com política já na Tanzânia... ele era um caso! Eu gostaria muito de fazer um filme sobre a história do Xitimela... porque aparentemente não tinha nada na cabeça, era só bruto... mas era um ótimo instrutor e bom combatente.
- Porque é que lhe chamavam Xitimela?
- Porque era enorme, do tamanho de um comboio... e bruto! Ele entrava num sítio e partia tudo,... ao pontapé, à chapada, partia tudo, ficava possesso... Toda a gente tinha medo dele. Ele foi-me contando, naquelas longas horas de marcha a história dele...
- E como era a história dele?
- Ele envolveu-se em vários crimes, matou, assaltou... fez mil e uma coisas lá por Lourenço Marques... em princípio não tinha nada contra o Estado Colonial, apenas não gostava dos colonos, fez isso porque precisava de dinheiro... foi preso e foi para a Machava e fugiu... ele e mais três... fugiram, vieram por aí a subir o país, a pé... os outros foram capturados, mas o Xitimela conseguiu fugir a pé até à Tanzânia! A fugir de tudo e de todos...! A fugir da polícia suazi, da sul-africana, dos rodesianos, dos zambianos, dos tanzanianos, sempre a fugir... sempre em fuga... dos tanzanianos foi pior, encontrar um escritório da Frelimo, ele dizia que tinha levado cerca de um mês na fronteira, sempre a fugir, a fugir... até chegar à Frelimo, o único lugar onde a polícia portuguesa e as outras que o perseguiam não podiam chegar...
- E depois, chegou lá e disse o quê?
- Que era aquele que estava no jornal, trazia aquele recorte de jornal no bolso, já todo amarelecido, todo amarfanhado, de ter andado a dormir em cima dele ao sol e à chuva durante meses...
- Era o passaporte dele... (risos) ...
- Sim, o único passaporte que ele tinha... a única identificação... (risos)
- E o que é que fizeram com ele?

---

204 Principal matutino da cidade de Lourenço Marques, fundado em 1926 e que se mantém até à atualidade.

- Então puseram-no a treinar em Kongwa... tornou-se depois um membro da guerrilha... porque ali aproveitavam todos... havia militantes que tinham ido para a Frelimo, por razões que não tinham nada a ver com a Independência... mas foram todos aproveitados...
- Depois da Independência foram aproveitados pela CIA...
- Sim, pela CIA... mais tarde, porque não tinham qualquer ideologia... o Xitimela era assim... e pronto...

## A TRAVESSIA DO ROVUMA

Quando chegámos ao rio Rovuma, parámos num dos pontos de concentração. Não era sempre o mesmo ponto onde os guerrilheiros se concentravam, havia vários, dependia do que era indicado pelo reconhecimento, o mais apropriado para atravessarem soldados, para atravessarem os quadros e para atravessar a população que carregava material bélico.

- E porque é que eram essas diferenças?
- Era pelo grau de dificuldade ao atravessar... os quadros estavam menos habituados a essa travessia, tinham mais dificuldade na mobilidade, não estavam habituados a passar uma noite dentro da água, no rio... por vezes também havia canoas para os quadros... mas dependida, o meu grupo restrito atravessou a pé, com as botas penduradas no pescoço... depois, claro que as pessoas se juntavam por afinidades... então eu fui sentar com o Xitimela... a bebermos a nossa *nippa* e a conversar... foi a primeira noite que estivemos assim a conversar a sério, foi antes da entrada em Moçambique... talvez por causa da situação, ou porque já tinha ganho confiança em mim durante as conversas no dia anterior então ele contou-me... foi a única pessoa que me contou, os problemas havidos na organização do 2º Congresso da Frelimo... pena não se contarem estas coisas da história, o que houve para trás... esta coisa dos raptos e assassinatos de pessoas por razões políticas, não é de hoje, vem de longe na história da Frelimo, vem do 2º Congresso... o Xitimela é o herói do 2º Congresso!
- Porque é que ele é o herói do 2º Congresso?
- O Xitimela era um poliglota... falava todas as línguas do país... ele foi operacional em praticamente todas as províncias. Treinou gente de todas as províncias e era um grande comandante, um homem sem medo... Então, quando foi do 2º Congresso da FRELIMO, ele é enviado pelo Eduardo Mondlane, para ir da Tanzania até ao Sul de Moçambique e passando pelo Centro, com duas missões: uma ir buscar delegados para estarem presentes no 2º Congresso... delegados de todas as províncias do país... vir levá-los, um por um... acompanhá-los, escoltá-los até Matchedje<sup>205</sup>, onde se realizou a reunião do Congresso.
- A pé?
- A pé! Mas ele tinha uma segunda missão: dessas pessoas que ele ia buscar, que tinham direito a estar no 2º Congresso, ele devia eliminar algumas no caminho... ele contou-me... ele disse: eh pá, tinha de ser assim nessa altura...
- Mas porque é que essas pessoas deviam ser eliminadas?
- Não conheço as razões, mas acredito que deveria ser porque não havia interesse por parte da estrutura da Frelimo na altura, que eles tivessem presentes no Congresso. Principalmente as pessoas do Centro do país, porque havia aquela crise com o Uriah Simango...
- Então as tais pessoas que o Uriah Simango dizia que deviam estar presentes ao 2º Congresso e não estavam, eram as que o Xitimela tinha eliminado?
- ... eram algumas...
- O Uriah Simango sabia que esses delegados já não existiam?

---

205 Região da Província de Niassa, no Norte de Moçambique, onde se realizou o 2º Congresso da Frelimo.

- Não sei como é que se passou depois... mas o que é certo, é que ele não os encontrou lá ... a grande contestação do 2º Congresso pela ala do Uriah Simango e o seu grupo, foi a ausência de representação do Centro, ele queria declarar que aquele Congresso não tinha qualquer valor, porque não tinha representantes das províncias do Centro... os de Gaza, os do Sul, estavam todos lá representados...

- Ahhh, ele considerava que tinha que ter uma representação de todas as etnias... todos tinham que estar representados!

- Sim, era suposto ser um congresso de moçambicanos, portanto de todas as províncias... então, tirando os representantes de todos os moçambicanos que viviam na Tanzania, os refugiados que estavam nos campos de Rutanda, Zanzibar<sup>206</sup> e os guerrilheiros da Frelimo, também foram aqueles que o Xitimela arrebanhou para lá... eu nem sei o que foi feito depois desses delegados, acho que acabaram por ficar por lá... mas ele foi buscá-los a casa, um por um!

- Mas eles já faziam trabalho para a Frelimo dentro do país, lá onde viviam?

- Sim, já... já faziam... faziam parte daquele grupo que, quando o Mondlane esteve em Moçambique em 1961, já tinha recrutado aqui... eram pessoas que já tinham relação com o movimento. Mas é isso, o Xitimela contou-me essa heróica viagem dele, de vários meses... a escapar novamente de tudo e de todos... porque isso era tudo clandestino... a escapar da policia rodesiana, da policia swazi, da Zâmbia... não chegaram a entrar na Tanzania, passaram pela Zâmbia e entraram directo em Niassa. E então, quando alguns pensavam que o Uriah Simango ia ganhar o Congresso, estão lá pessoas que ninguém conhecia, que vinham do Sul... vinham de outras províncias... e não eram poucos...

- E não estavam aqueles que deviam estar para o eleger, a ele...

- Sim, para o elegerem... isso portanto já era assim... estamos a falar em 1967/68.

- E Xitimela era o único a fazer isso?

- Não sei... mas sei que ele estava responsabilizado por ir buscar os do Sul e eliminar alguns do Centro... e se calhar foram eliminados outros, que eu não sei... mas o que é certo, é que ele levou até lá apenas os delegados que interessavam à ala no poder! Acho que essa manobra foi importante, foi decisiva para o resultado do Congresso

- Ele falou das pessoas que eliminou? Com nomes?

- Com nomes! Já não me lembro dos nomes, foi pena que na altura não dava para estar a escrever, foi contado à noite antes da travessia... mas nunca ninguém falou sobre isso... mais tarde, tentei puxar algumas conversas, com o outros camaradas sobre a questão, mas fugiam sempre ao assunto, quer dizer nunca me disseram nem que sim nem que não: - falaremos disso em outra altura. O que é certo é que todos diziam: sim, sim, os delegados do Sul estavam todos presentes... mas ninguém dizia como é que eles chegaram lá... e porque os do Centro não estavam...

Então, chegaram as pessoas do reconhecimento, que explicaram como é que iríamos atravessar. Tirámos a roupa e colocámos nas nossas mochilas e entrámos dentro do rio, com as botas penduradas no pescoço. Fizemos uma caminhada de cerca de uma hora atravessando o rio a vau...

- Uma hora dentro da água?

- Dentro e fora da água... o rio nem sempre fica completamente cheio em todo o percurso... tínhamos um guia que nos acompanhava, dentro do rio, levou-nos até um certo ponto e depois deixou-nos.

- Não houve bombardeamento, portanto...

- Não, já tinha havido o bombardeamento antes de nós passarmos... eles bombardeavam todos os dias... acho que era conforme os seus informadores... mas havia também uma contra-informação do nosso lado...

- O que era contra-informação?

- Eram informações dadas por pessoas que estão lá para desinformar, que passavam informações falsas... então tivemos sorte... não fomos bombardeados directamente, podíamos ter sido... mas as pessoas com quem eu ia conhecia perfeitamente os lugares, os abrigos...

- E quando vocês atravessaram o rio Rovuma, foste junto com o Xitimela?

- Sim, fomos sempre juntos... Naquele momento eu já era chefe, ele estava a acompanhar-me e mostrar o caminho utilizado pelos guerrilheiros... a tarefa dele era levar-me até à Base Central e entregar-me ao Pachinuapa.

- A travessia do rio é larga?

- Não era muito larga... mas era um caminho sinuoso com água e canaviais difícil de caminhar... por outro lado não seguíamos em linha recta, andávamos com cuidado seguindo os guias.

E quando chegámos ao outro lado começou a longa caminhada ... fizemos a marcha toda, até à Base Beira... noite e dia...

- Portanto vocês tinham feito duas noites de Nachingwea até ao rio Rovuma?

- Um dia e uma noite. Depois a segunda já foi a travessia, depois da travessia uma caminhada de um dia com poucos momentos de descanso até chegar à base. Era muito, muito, muito difícil!

- Porquê?

- Porque a marcha era efectuada numa zona inóspita, de montanhas... não tinha nenhuma população ali naquele lugar... eram montanhas pedregosas, caminhos muito escondidos, era difícil de passar... tinha caminhos que eram abertos na pedra, só passava uma pessoa de cada vez, tínhamos de esperar que as pessoas fossem passando, o que demorava mais tempo...

- Mas era difícil só por causa do tempo de marcha, ou porque corriam também o risco de ser emboscados?

- Pelos portugueses? Não, naquela altura já não... eles tinham aquele aquartelamento de Nametil, atacavam nas margens do Rovuma e depois dali para dentro já não conseguiam, porque tínhamos as nossas posições... ali só podiam tropas de Mueda para atacar, mas esses já atacavam com aviação... pela aviação sim, quando andas por ali, de dia, estás sempre sujeito a ser atacado, por acaso não nos atacaram, mas atacavam, por isso é que não se podia parar e tinha de se ir rápido, por causa da possibilidade de bombardeamentos... e ali, naqueles trilhos estreitos da montanha, se houvesse um ataque, seria um desastre, ficávamos encurralados...

- Mas portanto o perigo era só a aviação, no terreno não...

- Não, nessa altura eles já não andavam a pé... Andavam assim de vez em quando os comandos, faziam umas emboscada, mas a tropa normal não... andavam só dentro das suas rotas, para transportar, para abastecer...

- Portanto de carro...

- De carro. Mas essas tropas, na verdade já não eram tropas que combatiam a guerrilha, eram tropas que defendiam o seu abastecimento, apenas. Portanto morriam enquanto defendiam o abastecimento, não tinham voz activa, eram atacados.

- Portanto eles já estavam numa situação defensiva, nessa altura, em Cabo Delgado?

- Absolutamente defensiva. Vinham ali pelas estradas... não iam já fazer ataques. Eram os comandos, os “flechas”<sup>207</sup>, os “mandiocas”<sup>208</sup>, os GEPs<sup>209</sup>... esses aí, sim, faziam. Mas a tropa

---

207 Membros nativos enquadrados por oficiais do *Exército Português* e por agentes da PIDE que recebiam treino de forças especiais. Forças não convencionais capazes de viver em combater no terreno como guerrilheiros em acções prolongadas e com grande autonomia de métodos de combate, com o decorrer da

normal, que devia ir para o combate, já não ia. Iam só se houvesse alguma coisa pontual: no quartelamento tal, avariou o gerador, temos de levar um gerador para lá... aí sim, iam, sempre à espera de ser atacados... quando havia uma emboscada, eles iam... já não era uma tropa de ataque, ofensiva.. depois os outros é que atacavam, força aérea e os comandos... os comandos atacavam porque gostavam de atacar...

- Portanto vocês iam com medo de ser atacados...

- Mais ou menos... não se pensa nisso o tempo todo... eu ia ali com o Xitimela, ele estava absolutamente à vontade, tinha um conhecimento grande daquele terreno, já tinha feito aquele trajecto centenas de vezes... então ia-me dizendo: aqui estamos em tal sítio, falta ainda subir a montanha de tal lugar... depois, ali vamos atravessar um riacho... e sempre bem disposto, sempre a conversar... pelo caminho, ia-me mostrando as árvores de Cabo Delgado, os frutos, o que se podia ou não comer, o que era a mata em Cabo Delgado... ele foi impecável!

- Ele não tinha medo de entrar em Moçambique e ser apanhado pelos portugueses, já que estava a ser procurado?

- Não. Os portugueses já nem se lembravam disso... teriam outras coisas em que pensar... como guerrilheiro, sim... mas ele sabia que nunca os portugueses iam conseguir apanhá-lo.

- Porquê?

- Porque era daqueles que toda a gente achava que “tinha alguma coisa”, que não era possível matá-lo...

- Era daqueles espiritualmente protegidos?

- É, andava por aí... nunca se deitava no chão para lutar (placar), lutava em pé! Ficava ali à chapada àqueles que tinham medo, que tinham medo de ir para a frente enfrentar o inimigo! Ele e outros... havia uns assim... o Cândido Mondlane também, o Domingos Fondo... não se escondiam! Iam para a frente, a disparar, não se escondiam nunca. Eram muito famosos esses nossos comandantes, mesmo entre os portugueses!

### **Base Beira- Base Central- Zonas Libertadas, 1974**

- E tu foste para Cabo Delgado porquê? Porque é que te separaram dos outros da tua companhia?

- Segundo me disseram, porque o Raimundo Pachinuapa pediu ao Presidente Samora: disse que precisava de um quadro para trabalhar na província de Cabo Delgado (nas Zonas Libertadas) e queria que fosse eu... o Pachinuapa tinha muito poder e era muito acarinhado pelo Presidente...

- Foste escolhido por ele, portanto...

- Sim, eu fui tirado quando já estávamos a entrar no camião que nos ia levar para a Zâmbia, para depois sermos enviados para a Zambézia. Eu já ia partir, já tinha tudo organizado, as minhas coisas todas... depois foram-me lá tirar, tiraram-me e fiquei... e uns dias depois estava a ir para Cabo Delgado...

- Mas porque é que eles te queriam?

- Porque era sempre bom ter uma pessoa que pudesse trabalhar ao nível da organização... a nível de mobilização, de informação e propaganda, já me conheciam e sabiam que podiam contar comigo... o Pachinuapa, nunca tinha falado com ele, falámos algumas vezes *en passant*... o Cândido e outros é que me conheciam bem... mas o Pachinuapa percebeu que eu

---

Guerra do Ultramar os Flechas revelaram-se uma das melhores forças anti-guerrilha ao serviço de Portugal ( Fonte: [www.guerracolonial.org](http://www.guerracolonial.org))

208 Parte destas forças nativas, era treinada especialmente para se infiltrar nas bases subterraneamente, ganhando por isso o nome de “mandiocas”.

209 Grupos Especiais Paraquedistas, do exército português.

poderia ir trabalhar com ele... que poderia ser uma mais-valia nas Zonas Libertadas. O Comandante Mabote<sup>210</sup> também queria muito que eu fosse trabalhar com ele... mas o Pachinuapa, junto do Samora, estava acima de todas essas pessoas... e como era secretário de uma província importante na geopolítica da guerrilha... os outros eram comandantes militares, o Pachinuapa para além de ser um importante comandante tomava conta das áreas da mobilização. Informação e propaganda, educação, saúde... e a administração das Zonas Libertadas... que eram cada vez mais extensas e com necessidades cada vez mais particulares... então fui para Cabo Delgado para trabalhar directamente com o Pachinuapa e fiquei por ali, lá entre a Base Beira e a Base Central.

- E como foi a chegada à Base Central?

- Depois de ter estado em Nachingwea aquele tempo todo, depois daquela situação de passagem do rio Rovuma com os bombardeamentos, daquela marcha de mais de mais que um dia pelo interior de Cabo Delgado, era uma coisa muito agradável! Havia nos arredores .... população... não na base, mas já um pouco afastada... era mais interessante do que estar em Nachingwea, tinha comida... dormia-se melhor, apesar de haver guerra à volta, era muito mais agradável! Na verdade, Nachingwea era um “sufoco”... por isso os comandantes iam a Nachingwea só para receber ordens... não gostavam do dia a dia do campo de Nachingwea! Então, a partir daí, e através do Pachinuapa, fui conhecendo outros quadros que trabalhavam ao nível central na Província. Lembro-me do Malichocho<sup>211</sup>, que era Comissário Provincial, do José Nhumali, da Educação e de tantos outros...

- E como foi, concretamente?

- Primeiro, fiquei um tempo na Base Central, fui vendo como é... se organizava o trabalho... ficávamos a ver as mensagens que se recebia dos vários lugares da província... ajudar a organizar coisas para dar ordens aos comandantes e aos responsáveis dos sectores, do que se devia fazer... mas eu queria conhecer Cabo Delgado, então comecei a andar, o Pachinuapa arranjou-me um guarda-costas, então eu ia... fazer trabalho político... andava por diferentes lugares da província, pelas diferentes localidades das Zonas Libertadas controladas pela Frelimo, a fazer trabalho político... (risos) .... fazer aquilo que ... (risos)... a mesma coisa...

- Aquilo que tu tinhas criticado, foi o que te mandaram fazer...

- Sim, tinha de fazer... (risos)...

- E em que consistia esse trabalho político que tu fazias?

- Ia reportando o que se passava, fazia reuniões com os militares, fazia reuniões com a população para explicar o que se estava a passar, o que era preciso fazer naquele momento... era preciso fazer o transporte de material no Rovuma... ia eu mobilizar o povo: temos uma carga lá no Rovuma, precisamos de tantas pessoas... então lá se organizavam as coisas com os líderes da população...

- Quando dizes população, era nas zonas libertadas?

- Sim, nas zonas libertadas... então, combinava-se a hora, quem é que ia dirigir a operação, então iam mulheres e homens carregar material...

- E como é que era a tua relação com essa população?

- Era ótima! Mas uma pessoa acaba por ser um pouco usada, eu percebi isso depois... quero dizer, chegava lá uma pessoa como eu, um não-preto, que para eles era um branco, muzungo, fardado, com kalashnikov, com guarda-costas, a dizer: vamos caminhar até ao Rovuma porque temos necessidade de trazer munição para abastecer os avanços... era uma festa! As pessoas ficavam cheias de dúvidas por aparecer um parecido com os colonos a dizer essas coisas! E as pessoas iam com todo o gosto rindo da situação... Essa coisa das cores, é impressionante... ou do colonialismo...!

---

210 Sebastião Marcos Mabote foi um dos principais comandantes militares da guerrilha da FRELIMO. Após a independência foi nomeado Chefe de Estado Maior General do Exército.

211 Anibal Malichocho era o Comissário Político Provincial da FRELIMO em Cabo Delgado.



Eu ia sempre acompanhar a partida, não ia até ao Rovuma, mas no dia da partida, estava lá... conversando com homens e mulheres no meu maconde esquisito... saíamos juntos, eu andava uns cinco quilómetros com eles e depois ia para a minha vida... era assim...

- Então tu já fazias trabalho de Comissário Político nessa altura...

- Sim, naquela altura sim.. eu fui lá para isso... para ir tratar dessas coisas... mobilizar, informar as populações e não só sobre os desenvolvimentos políticos na altura e os novos desafios...

- Mobilização, Informação e Propaganda...

- Sim... um grande esforço... um esforço que era preciso fazer naquele momento, trazer mais armas e munições... porque a ideia era encher todos os paíóis de Cabo Delgado com armas e munição pesada... para nós a guerra não tinha acabado... havia sim um compasso de espera... era preciso aproveitar esse momento... e era preciso explicar aos guerrilheiros e principalmente às populações que a guerra não tinha acabado... que não podia haver qualquer espaço para relaxamentos... que era preciso trabalhar mais e mais para a expulsão do exército de ocupação...

- Para quê carregar tantas armas e munições?

- Para fazer grandes ataques... de grande envergadura! Já estavam a ser feitos, mas era preciso ter a garantia de que havia munição suficiente para se poder ocupar!

- E os guerrilheiros não carregavam material, portanto...

- Não. Os guerrilheiros não carregavam material em longas distâncias, senão não faziam a guerra... o povo é que carregava o material... o guerrilheiro só carrega na sua mochila, o material bélico de que necessita para a sua missão, senão não consegue andar no dia seguinte... aquela coisa de carregar material é complicado, por isso é que naquela zona de Cabo Delgado havia ou ainda há muitas pessoas com hérnias, artroses, aquela gente toda com problemas, foi pelo tempo que carregaram material, colocar na cabeça quilos e quilos e andar trinta, quarenta quilómetros num só dia... as mulheres, ficavam carecas, de andar com aquelas caixas na cabeça...

- E o que elas pensavam disso tudo?

- Entendiam...

- Entendiam para que é era?

- Entendiam perfeitamente... quando os portugueses bombardeavam, as suas casas, entravam nas suas aldeias, violavam, queimavam, matavam crianças, elas sentiam! Não, ali não era guerra ideológica, era guerra na pele: eles matam, nós também vamos matar! Não, ali não havia qualquer dúvida... não havia ideologia nenhuma...

- Então as mulheres estavam com a Frelimo?

- Sim, completamente! Quando digo mobilização, quero dizer, tu também precisas de alguém que te diga: vamos lá! Era só isso, porque ir, iam sempre! As populações sabiam: vamos morrer aqui! Sabes o que é? Cada casa tinha um abrigo, cada palhota tinha um abrigo... a aviação quando bombardeava, não perdoava ninguém!!! E as mulheres sentiam mais... porque... matavam muitas crianças, matavam muitas mulheres quando voltavam do poço para buscar água depois de caminharem um dia e uma noite... não há dúvida nenhuma que elas eram umas heroínas! Não estou a falar do Destacamento Feminino, estou a falar das mulheres do Povo, lá de Cabo Delgado... eram bombardeadas no caminho, caíam em emboscadas era terrível!

- E nessa altura, já eras “quadro”, portanto...

- Sim!

- E qual era a diferença entre um “quadro” e um soldado?

- Era uma diferença muito grande!

- Qual era?

- Para além das responsabilidades, que não eram poucas, tinha um guarda-costas, um camarada que me guiava nos caminhos entre as bases e as localidades, e que me carregava a minha mochila. Andava sempre com ele, onde quer que fosse... era o meu guarda-costas...
- Os outros não podiam andar sozinhos?
- Não, tinham de andar em grupo, secção ou pelotão... eram grupos militares... eu já não, eu dizia: hoje vou trabalhar em tal lugar. E ia, só com o guarda-costas... às vezes ia só eu e o guarda-costas, outras vezes levava mais 2 ou 3 soldados...
- Quais foram as primeiras tarefas que recebeste, como “quadro”?
- Foi mobilizar ali as pessoas para carregamento de material ali para a zona da Base Central e Base Beira...
- E como é que era a cena? Dá-me lá uma imagem visual de como era quando chegavas a uma aldeia... chegavas tu e o guarda-costas...
- Chegava a um lugar onde tinha toda uma estrutura administrativa da Frelimo montada, eles já sabiam que eu ia chegar, através do nosso sistema de comunicações via rádio, organizavam a população para fazermos um comício. Por vezes dormia, só íamos falar com a população no dia seguinte. Visitava o Centro da localidade e reunia com os responsáveis sectoriais para me aperceber do que estava sendo feito nas diferentes áreas, problemas e procura de soluções. No dia seguinte ia visitar áreas de produção, machambas, olaria, construção de casas, escolas e centro de saúde... ver onde as pessoas viviam, o que é que comiam, comia lá com o povo, em casa de uma pessoa... para estabelecer também uma relação, mostrar que em Moçambique não há só pretos, os brancos, mulatos e indianos não são todos colonos, não são todos soldados portugueses, também há outros do nosso lado, que lutam e sofrem como nós...
- Portanto ali eras visto como branco...
- Sim. No princípio era visto assim, depois as pessoas começaram a se habituar a mim, já entrava, já dormia lá na casa deles... às vezes eram distâncias muito grandes, então eu dividia a minha marcha trajectos de cerca de cinco a seis horas, então dormia sempre em algum lugar que arranjava por ali... quando eu não conseguia o guarda-costas conseguia, ele era maconde... mal falava português, estava a aprender português comigo... e ele ensinava-me a falar maconde... aprendi até bastante com ele, depois aprendi mais quando fiquei um tempo em casa da família do Macuáti...
- Em que aldeia era?
- Eles viviam, se não estou em erro, na aldeia M’peme<sup>212</sup>... eu costumava ir lá, ficava lá com eles, dormia, eles preparavam sempre umas coisas especiais porque o irmão mais velho do Macuáti (médico) era um dos responsáveis pela telecomunicações da guerrilha.
- E comiam o quê?
- Tinha sempre um petisco, galinha, carne de porco bastante - eles eram católicos - tinha sempre um porco ou um javali... que faziam num tipo de forno artesanal que era comum nas missões católicas...
- Macaco não?
- Sim, comi macaco, em casa deles... macaco faz parte, é como comer galinha ou cabrito, faz parte! A única coisa que eu não comia, eram os sapos... aqueles sapos grandes!
- Come-se, aquilo?
- Come-se! Aqueles sapos!!! Eu ainda pensei que era capaz de preparar as patas...
- Coxinhas de rã?
- Sim, mas não tinha ingredientes para dar assim um sabor diferente... nas zonas libertadas a comida era boa, preparada com cuidado, diversificada...
- Então as pessoas viviam bem nessas zonas, do ponto de vista alimentar?

---

212Aldeia do Planalto de Mueda.

- Sim! Não havia fome nessas zonas... sobre isso não havia dúvida nenhuma, não havia fome! As pessoas comiam aquilo que produziam, mandioca, castanha, muitos citrinos - o Planalto de Mueda é uma zona de citrinos, muita laranja, limão, toranja, melancia... o que é que tinha mais? Tinha tudo mangas, cajus, bananas... depois tinha os óleos, não tinha azeite de oliveira mas tinha óleos muito saborosos de fabrico caseiro: de girassol, *mafurra*, de milho ...
- Gergelim?
- Gergelim! É uma riqueza grande do Planalto o gergelim... óleo de *mapira*<sup>213</sup>, que é um azeite finíssimo... eu adorava comer galinha assada na fogueira e que era untada com esse óleo... comia-se bem! Quer dizer, os macondes ali não comiam todos os dias isso, comiam folhas e a *xima*<sup>214</sup> aquela xima assim um pouco azeda, que eu gostava muito também...
- É feita de quê?
- Mandioca ou milho, mas é feita de uma maneira muito especial... é posta ao sol, numas esteiras grandes, vai-se deitando água e assim vai azedando...
- Uma espécie do que se come nos etíopes, *njera*<sup>215</sup>?
- Uma espécie de *njera*! O sabor é o mesmo da *njera*... eu gosto muito...
- Mas qual é a razão por que fazem isso, em vez de comer assim como no sul?
- Não sei... “Usos e Costumes”<sup>216</sup>!.. (risos) ... aquela farinha tem de ficar ali uns dias... vai sendo molhada, depois seca, depois molha outra vez... é um processo o tratamento dessa farinha... comíamos também uma mistura de farinha de *mexoeira*<sup>217</sup>, com *mapira*...
- Pode ser para tirar o glúten... farinha *glúten free* tradicional.. (risos)
- Olha pode ser, porque fica assim uma farinha mais leve, não fica muito pesada, como a outra! É levezinha, pode se comer sem nada... só com um bocado de piri-piri<sup>218</sup>, um pouco de sal...
- E fazem aquela *apa*, como na *njera*?
- Não, só assim na panela.... também faziam bolos...
- Bolos de quê?
- De mel e laranja, por exemplo... iam apanhar mel... há muito mel no planalto... iam apanhar o mel e faziam bolos, naqueles fornos também, em baixo da terra... ficavam deliciosos!
- Imagino, deve ser saboroso...
- Bolos com laranja, as laranjas eram muito doces, misturavam com mel e farinha... não levava leite... apenas frutas locais...
- E tinham horta?
- Toda a gente fazia horta! Todas as casas tinham uma hortazinha, tinham a machamba e uma pequena horta do dia a dia, todas as casas...
- E depois o que é que tinha mais, uma zona libertada, tinha escola?
- Tinha os Centros Pilotos, que eram as escolas melhoradas e com internato... e pequenas escolas, mais básicas nas localidades... as pessoas aprendiam a ler e escrever português... e tinham todas as outras disciplinas de uma escola primária normal... Nos Centros Piloto o ensino era mais desenvolvido com professores com muito boa formação teórica e prática para além de política.
- O que quer dizer Centro-Piloto?

---

213 O seu nome comum é sorgo, e é também chamado milho-zaburro no Brasil, *mapira* em Moçambique e *massambala* em Angola.

214 Farinha de milho cozida em água e sal.

215 Pão ázimo de origem etíope, feito de trigo.

216 Piada sobre o termo colonial utilizado para referir as culturas nativas africanas, a que os portugueses não davam o estatuto de “culturas”.

217 Mexoeira é a designação mais comum em Moçambique de um milho africano, também muito divulgado na Índia (*bajeri*). A planta tem nomes distintos nas línguas moçambicanas ( Fonte: wikipédia)

218 Pimenta nativa, vermelha ou verde.

- Eram as escolas por excelência das Zonas Libertadas. As crianças iam para lá, viviam lá, porque alguns tinham perdido os pais na guerra ou eram filhos de combatentes que não podiam tomar conta deles porque estavam na guerra, então eram recolhidos para esses Centros Piloto onde lhes era dada a instrução básica, a instrução primária. E que funcionavam bastante bem sob o ponto de vista de educação formal e a partir dali seguiam para outros centros mais avançados como a escola secundária de Bagamoyo, já na Tanzânia. Quando terminavam a escola de Bagamoyo eram enviados para a guerra e depois de algum tempo de estarem na Luta eram enviados para o estrangeiro para continuarem os seus estudos.

- E supostamente esses eram os “quadros” que iriam trabalhar no País já independente?

- Sim, primeiro na Luta de Libertação e mais tarde no país independente... muitos deles foram continuar os seus estudos nos países de Leste, fizeram cursos com armas pesadas, de inter-armas, tiveram uma formação a nível de engenharia, outros a nível de medicina, outros de instrução militar avançada, também em filosofia, em economia etc...

Então, durante a Luta eu costumava ir aos Centros Piloto onde conheci muitas pessoas com quem ainda hoje me dou bastante, que eram miúdos - eu quando fui ao Centro Piloto Luanda tinha 20 anos, eles tinham 10, 15 anos no máximo. Conheci nesses Centros belíssimos professores.

- E tinham alfabetização de adultos, também?

- Sim, em todos os lugares. Muita gente aprendeu a ler e a escrever nas zonas libertadas... todos os sítios tinham alfabetização de adultos... fazia-se ao fim do dia... se não houvesse nenhum ataque... à noite já não se podia fazer, porque não dava para acender a luz do candeeiro...

- E tinha mais o quê, Centro de Saúde?

- Sim, Centro de Saúde.. e tinha um sistema administrativo montado, tinha uma administração...

- Que era feita por quem?

- Pelos Secretários das aldeias, das localidades...

- Mas eram aqueles que estavam lá desde o tempo colonial?

- Não, eram da Frelimo...! Tinham treinado, todos, eram militares... todos tinham ido fazer treino... saíam ali da zona - eles conheciam bem o lugar - iam fazer treino e voltavam. Muitas vezes o treino era ministrado localmente. Nem todos iam treinar em Nachingwea. Depois era colocados naqueles lugares, eles é que controlavam aquela população, mas eram militares ao mesmo tempo...

- E as “estruturas” que havia, do tempo colonial, o que é que aconteceu com essas pessoas?

- Esses ficaram nos “aldeamentos”!

- Ah, esses não vieram para as zonas libertadas?

- Não, os Cabos, os Cipaiois... os que faziam parte do sistema administrativo colonial permaneceram do lado dos portugueses... tinham medo da Frelimo...

- Então, aquilo eram zonas como se fossem zonas de ocupação, de ocupação militar...

- Militar e administrativa.

- Mas como é que era, primeiro começava por ser militar e depois entrava a parte administrativa?

- Não, entrou sempre junto a parte administrativa, para controlar as pessoas, fazer o Centro de Saúde, ter a Escola...

- Mas eu pergunto era o processo de formação de uma zona libertada...

- Sim, primeiro tinhas de fazer o exército português fugir da região e criar um perímetro de segurança para que eles não pudessem invadir... ficarem bem longe nos seus quartelamentos... senão estariam sempre a atacar...

- E como é que se fazia isso?

- Militarmente, iam ocupando os espaços, até que eles já não conseguiam chegar onde tu estavas... colocavas várias pequenas posições, postos de sentinela, postos avançados, então os portugueses ficavam muito longe, bombardeavam com morteiros mas ficavam longe... às vezes lá conseguiam chegar e atacavam esses locais... normalmente essas localidades administrativas eram montadas em zonas estratégicas, de forma a que não fosse fácil lá chegar... montanhas difíceis de escalar, em que a guerrilha tinha controle, tu não podias chegar ali sem que te vissem, então... o Centro N'gapa<sup>219</sup>, por exemplo, era um sítio que ficava num vale, cercado de montanhas... andávamos quilómetros, só para descer! Mas nós na altura subíamos e descíamos várias vezes ao dia... descias, descias e lá em baixo, no vale... tinha uma aldeia! Tinha vida! Quem passasse por ali pensava: ah, não deve viver ninguém ali... mas tinha uma aldeia, muita gente que vivia ali! Não ouvias um único ruído, não ouvias nada! Mas era tudo com um nível de organização incrível. Fazia-se transporte de armas... porque as armas eram transportadas pelo rio Rovuma, pela população, até uma localidade, por exemplo N'gapa. Ali largavam, porque não podiam entrar dentro das bases, o povo... ficavam longe, só entravam nas localidades, que eram também uma espécie de bases, mas não tinham só militares, tinham também povo, que era defendido por militares... da localidade para as bases, os militares que estavam lá é que transportavam... percursos curtos, mas transportavam eles, o destacamento feminino e os militares...
- Portanto essas localidades eram zonas protegidas pelos guerrilheiros mas que tinha a sua própria vida, os seus próprios caminhos... os portugueses já nem chegavam perto. As pessoas viviam ali, tinham lá os seus haveres, as suas machambas, as escolas, o centro de saúde, a maternidade... eram pessoas independentes do estado colonial...
- Então a única diferença na estrutura física de uma zona libertada e de um aldeamento é que não estava vedado...
- Não era vedado...
- Mas a estrutura física, como ela estava desenhada, era idêntica...
- Não, não era idêntica... o processo era completamente diferente, o aldeamento era construído pela administração colonial para que as populações que aí habitam-se servissem de tampão para os defender contra ataques da guerrilha... e por outro lado para terem mão de obra para o trabalho forçado nas estradas ou nas plantações absolutamente controlada... nas zonas libertadas as pessoas construíam elas mesmas... as suas casas, o hospital, a escola, o centro de saúde, o escritório da administração tudo era construído pelas pessoas...
- Mas eu pergunto em termos da estrutura, como ela estava desenhada, era parecida?
- Não, não tinha polícia, não havia trabalho forçado... eram aldeias que eram defendidas pelo exército de guerrilha... claro que tinha os serviços de educação, de saúde, como qualquer outra administração...
- Qualquer outra administração em termos “modernos”, porque uma administração em moldes tradicionais seria diferente dessa...
- Como é que seria em termos tradicionais?
- Não tem essas infra-estruturas, não tem uma estrutura de estado, tem um poder mais local...
- Sim, nesses termos seria como queria o Kavandame<sup>220</sup>, que era contra a criação das cooperativas, dizia que cada um devia vender como quisesse, não tinha nada que ir entregar a sua produção a uma cooperativa, para a cooperativa ir vender em nome dele... então dizia: cada um vai à Tanzânia, se conseguir vender por mais vendeu... ele era a favor da liberalização absoluta do comércio, que foi o que veio a acontecer mais tarde em Moçambique... e isso na altura era um grande pecado, querer liberalizar a comercialização

---

219 Localidade nas Zonas Libertadas, no Planalto de Mueda.

220 Lázaro Kavandame, que seria considerado traidor, preso e eliminado pela FRELIMO após a Independência, junto com um grupo de outros “reaccionários”.

agrícola... o mesmo acontecia com as esculturas ... aquela zona do Planalto produzia esculturas, que eram exportadas para a Tanzânia...

- Através das estruturas da Frelimo?

- Sim.

- Então um escultor não podia ir vender as suas obras?

- Não. Entregava a uma cooperativa que depois ia vender no mercado tanzaniano... depois pronto, não sei como é que se fazia com o dinheiro... e o Lázaro Kavandame e os outros, do Conselho dos Velhos - achavam que cada um devia fazer os seus negócios, ir lá, vender, comprar produtos para vender aqui nas zonas libertadas... pronto, seria um comércio informal... mas os outros não queriam... Então gerou-se um grande conflito...

- E ele foi preso, foi para a Reeducação?

- Não chegou a ir, entregou-se às forças portuguesas...

- Em que ano?

- Para aí em 1970, 71... eu ainda estava em Maputo, quando ele se entregou...

- Mas esse poder local ainda existia nas zonas libertadas?

- Não, já tinha sido desmantelado... isso foi tudo com os portugueses para os aldeamentos, mantiveram essa estrutura nos aldeamentos. Essa nossa estrutura não era a do estado colonial, era uma estrutura moderna, um pouco baseada na experiência Tanzaniana e era essa que era implementada ali...

- Mas funcionava bem?

- Funcionava com perfeição! Eu andei muito por ali, visitei tudo, andei a ver a comercialização da castanha, o transporte da castanha para a Tanzânia, a distribuição das vendas pelas pessoas que tinham colocado lá a castanha ou outros produtos... não se exportava só castanha, exportava-se mapira, milho, amendoim e até mel - o planalto era riquíssimo...

- E a organização da produção era em moldes comunitários?

- Era, para exportação. As pessoas faziam a sua produção e depois entregam aos serviços de comércio da Frelimo que exportava para a Tanzânia e depois distribuía os lucros, cada um tinha uma caderneta e recebia o que lhe correspondia.

- Não havia machambas comunitárias?

- Havia uma machamba comunitária, mas era mais montada para abastecer as visitas, o centro de saúde, o enfermeiro, os professores, as parteiras... para alimentar estas pessoas que não podiam ir à machamba porque estavam a dar aulas, ou a atender no posto de saúde... ou as visitas que vinham à localidade...

- Mas esse modelo das zonas libertadas é então o mesmo que mais à frente vai ser implementado nas aldeias comunais?

- Sim...

- Portanto uma aldeia comunal supostamente devia ser isso...

- Sim, era como uma zona libertada... quer dizer, não havia igreja ali, mas nas aldeias comunais já havia igreja e mesquita, construída de alvenaria... ali as pessoas rezavam, mas era nas suas casas, havia pessoas que rezavam, tinha os seus santinhos, as suas figuras, as suas cruces...

- Não era proibido rezar...

- Não, porque eram todos baptizados na igreja católica... o planalto maconde era muito católico

- Mas nas zonas libertadas havia padres?

- Não, só conheci um padre na Frelimo... quer dizer, tirando os que foram sendo eliminados pelo caminho... só conheço o padre Couto, que era do Niassa, tinha estado a estudar no Niassa, depois foi estudar em Roma e aí aliou-se à Frelimo e foi para a Tanzânia...

- Mas ele não celebrava missa?

- Acho que ele celebrava, lá na Tanzânia, nas igrejas tanzanianas onde ele pertencia... tu não podes ser padre sem pertencer a uma comunidade, onde vives naquele momento...

## Capítulo 6 NO LIMBO DA HISTÓRIA

### Cabo Delgado, 1974

Uma das primeiras coisas que ouvi contar, quando cheguei à Base Central, foi do grande ataque que tinha havido ao quartel de Mueda, a 31 de Janeiro. Os camaradas contavam tudo, em detalhes, porque tinha sido um ataque muito forte e foi a primeira vez que a Frelimo usou com grande sucesso mísseis terra-terra, um míssil conhecido por “grade”, de fabrico soviético. Contaram-me que foi feito um reconhecimento minucioso, durante vários dias, para verificar como é que se ia fazer o ataque... para saber onde colocar as “armas estratégicas” as rampas para o lançamento dos mísseis. Era preciso transportá-las... era um armamento muito pesado, tanto a base de lançamento como o próprio obus... então durante alguns dias, enquanto se fazia o reconhecimento o quartel foi sendo cercado... e foram destacados para lá vários pelotões de várias especialidades pois essa arma não se deslocava de qualquer maneira, não era um simples grupo que levava, era preciso muita gente para a transportar e operar e ter uma retaguarda segura... também pretendia-se fazer um ataque de grande envergadura. O ataque foi efectuado na noite de 31 de Janeiro e houve imensas baixas por parte do exército português...

Mais tarde, em Agosto, quando eu já estava no quartel português em Mueda durante as conversações locais, os oficiais todos falavam desse célebre ataque de 31 de Janeiro. Diziam que parecia uma “festa de Natal”, pela quantidade de luz que foi projectada sobre o quartel por causa do “122 milímetros”, que era como eles chamavam àquele canhão. Que parecia dia no quartel de Mueda. As tropas portuguesas que nunca tinham estado em contacto com um projectil daqueles, entraram em pânico e meteram-se nos abrigos, mas mesmo assim alguns abrigos foram destruídos pela potência dos obuses. Então, nessa altura em Mueda, eles consideraram que o ataque de 31 de Janeiro foi a gota de água na guerra em Cabo Delgado, pelo tipo de armamento que estava a ser usado, que eles nunca imaginavam que a Frelimo tivesse... aí, perceberam que o Vietname estava muito perto.

- E tu achas que esse ataque foi decisivo para o 25 de Abril?

- Foi um dos elementos importantes... o avanço na Guiné Bissau e esse ataque ao quartel de Mueda em Moçambique... o quartel de Mueda era como se fosse um Quartel General, porque Cabo Delgado era a província mais importante de Moçambique sob o ponto de vista militar. O Quartel General era em Nampula, mas o quartel de Mueda era o Centro das operações em Cabo Delgado... foi em Mueda que foi lançada a operação Nó Górdio<sup>221</sup>, o núcleo da operação foi Cabo Delgado...

Foi depois desse grande ataque que a guerra começou na verdade a acabar...

---

221 A 10 de Junho de 1970, o exército português lançou uma contra-ofensiva de grande dimensão: a Operação Nó Górdio. O seu objectivo consistia em erradicar as rotas de infiltração dos combatentes ao longo da fronteira com a Tanzânia e destruir as suas bases em Moçambique. Esta operação durou sete meses, e mobilizou no total 35.000 militares, entre unidades de elite como pára-quedistas, comandos e fuzileiros. A operação, que envolveu milhares de soldados, concentrou o seu foco no planalto de macondes e revelou-se num completo fracasso. Na realidade, a guerra de guerrilha intensificou-se e estendeu-se para outras zonas do território nacional, com base na actuação de em pequenos grupos de guerrilheiros. A grande concentração de tropas portuguesas nesta operação enfraqueceu as frentes do Centro do País, o que permitiu o avanço dos efectivos da FRELIMO para constituição e consolidação de novas bases em Tete, Manica e Sofala ( Fonte: wikipédia)



- Quais eram os sinais de que a guerra estava a terminar?
- Começou a haver menos ataques por parte do exército português, menos operações ofensivas, passou a haver só operações esporádicas ... mas mesmo assim, ainda continuou a haver ataques por ali, o exército português continuava a atacar, os comandos portugueses nunca deixaram de fazer operações!
- Mesmo depois do 25 de Abril?
- Sim, até ao Acordo de Lusaka. Eu andava nessa altura pelo interior de Cabo Delgado a fazer trabalho político, junto às populações das zonas libertadas e aos guerrilheiros das bases, desde o início de 1974. Quando se deu o 25 de Abril, a ordem dada pela direcção do movimento foi reforçar militarmente todos os sistemas de defesa e de ataque! Nessa altura, estava-se a fazer uma grande ofensiva em todas as províncias, a ideia era que o inimigo estava fraco e deveríamos aproveitar aquele momento para atacar. E nessa altura, estava a entrar em Cabo Delgado e na Zambézia, um grande contingente de tropas formadas em Nachingwea.
- Antes ou depois do 25 de Abril?
- Começou antes do 25 de Abril, mas continuou depois. Porque para nós, o 25 de Abril era uma coisa distante, não marcava nada na Luta Armada... depois do 25 de Abril não acabou a guerra! Isso é um grande equívoco... o 25 de Abril, militarmente, não significou nada para a questão da Luta de Libertação. Depois do 25 de Abril, apenas começaram a haver alguns contactos no terreno entre a Frelimo e algumas chefias militares portuguesas, naquela região de Mueda-Nangade... já se avançava para alguma coisa, mas não era nada ainda oficial. Não houve nenhum cessar-fogo depois do 25 de Abril. A posição política da Frelimo era que só depunha as armas quando Portugal aceitasse a Independência total e completa de Moçambique ... e não havia nenhuma indicação de que o novo governo português ia aceitar a Independência... até os partidos de esquerda falavam apenas em “autodeterminação dos povos das colónias”... nunca em Independência Total e Completa...
- Mas já estavam independentes todos os outros países africanos...
- Sim, mas eles achavam que o caso português era diferente (ainda hoje dizem que o sistema colonial português não era tão mau como os outros, nem sequer havia racismo... ( risos)... só falavam em autodeterminação...
- Então houve o 25 de Abril e eles não saíram?
- O 25 de Abril em Moçambique não alterou nada no cenário de guerra... Portanto, não se tendo ainda chegado a um cessar-fogo, militarmente a decisão da Frelimo era: vamos continuar!
- Mas houve diferentes situações no terreno, diferentes posições do exército português localmente, não?
- Sim, dentro dos quartéis havia diferentes militares, com diferentes sensibilidades. Na altura já havia muita gente de esquerda, dentro do exército, principalmente pessoas do Partido Comunista Português, que tinham como posição terminar rapidamente com a guerra. Mas nem todos tinham essa posição: havia a questão das tropas especiais, que tinham sido treinadas para um objectivo e não conseguiam pensar de outra maneira, mesmo perante uma nova situação; havia aqueles soldados de base, muitos deles ignorantes, de baixa formação político-ideológica, que tinham vindo para África para matar os pretos e não deviam fazer acordo nenhum com pretos comunistas... esses eram os mais perigosos, porque nunca se sabia o que é que eles podiam fazer e que alianças podiam ir buscar; e finalmente, havia os soldados moçambicanos no exército português... esses na sua maioria estavam a favor da Frelimo, tirando alguns casos, principalmente aqueles ligados às tropas especiais, que não aceitavam de maneira nenhuma entregar os quartéis e o país à administração da Frelimo... provavelmente também com medo de represálias em relação a eles... e também porque com a entrada da Frelimo terminariam os seus privilégios... mais tarde assistimos a isso: aqueles moçambicanos

que serviram no seu exército enquanto era preciso foram deixados à sua sorte quando acabou a guerra...

- E essas diferentes sensibilidades o que é significavam concretamente, no palco de guerra?
- Na verdade significavam mais conflitos entre eles, dentro do exército português, do que conosco. Eu lembro-me que quando chegámos a Mueda, houve militares que nos receberam muito bem e outros de forma muito rude. Eles estavam muito divididos e o controle era muito precário, naquela situação, a qualquer momento podia descambar, os próprios oficiais tinham medo, por isso preferiam que ficássemos sempre na zona dos oficiais, onde a segurança era maior...
- E o que é que vocês imaginavam que ia acontecer, com todo esse “caldo” de sensibilidades?
- Sabíamos que fundamentalmente, o exército português estava com medo da guerra e estava a sentir que era preciso aceitar a derrota, o que os punha numa situação complicada. Muitos deles gostariam de continuar a atacar, de manter aquela guerra, por causa dos privilégios, mas do ponto de vista estratégico estavam numa situação muito difícil, já tinham perdido muitas posições, as zonas libertadas estavam a expandir-se...
- Já tinham pouca mobilidade no terreno...
- E pouca moral combativa... também porque o ano de 73 já tinha sido muito mau para eles, tinha havido muitas baixas do lado deles porque a Frelimo estava mais reforçada, atacava com mais vigor e eles estavam bastante desorientados.. é por isso que penso que o ataque de 31 de Janeiro foi uma pedra fundamental, quando eles perceberam que nem os abrigos os podiam defender...

A Frelimo estava nesse momento numa situação de força, tinha-se juntado uma grande quantidade de tropas que treinadas em Nachingwea, havia bastantes quadros militares vindos dos países de Leste e da China formados em diferentes áreas de táctica e estratégia bem como em manuseamento de armas mais modernas. Se a guerra continuasse Cabo Delgado iria tornar-se toda ela uma Zona Libertada... o exército português não aguentava mais e a administração colonial sem esse suporte teria de se retirar... o exército estava todo ele a desmembrar-se, já não havia combates, tirando um ou outro caso de grupos de soldados portugueses que ainda queriam combater... soldados portugueses e estranhamente alguns moçambicanos... e isso é uma coisa interessante, que era preciso perceber, porque é que alguns grupos moçambicanos no exército colonial ainda queriam continuar a combater os “terroristas”...

E portanto, naquele momento continuava a ser feito o avanço de guerrilheiros da Tanzânia para Cabo Delgado, atravessando o rio Rovuma e transportando equipamento militar... em qualquer guerra é assim que se faz: o inimigo está fraco, vamos atacar! Ninguém diz: o inimigo está fraco, a guerra acabou. Nem pensar!

- E tu o que fazias nessa altura?
- Continuava com o trabalho político. Na altura além de trabalhar junto às populações das zonas libertadas, também trabalhava junto aos guerrilheiros nas várias bases e posições da Frelimo. Como o 25 de Abril era uma coisa de que se falava muito, uma das tarefas que eu tinha nessa altura, era explicar às pessoas em Cabo Delgado, que isso do 25 de Abril era lá para eles em Portugal, não era conosco. A nós cabia continuar com a luta para a expulsão do exército de ocupação colonial! 25 de Abril?!?!

Nós vamos continuar e vamos reforçar cada vez mais as nossas posições no terreno. Uma das coisas que nós colocávamos - e eu coloquei muitas vezes lá nas conversas com a população e com os guerrilheiros - era que nós não sabíamos exactamente o que era aquele golpe de Estado, nós só sabíamos com toda a certeza que era um golpe militar e estava ligado ao facto de os portugueses estarem a perder a guerra em África... mas militarmente, nós pensávamos

sempre na possibilidade de eles estarem a preparar alguma coisa para ver se nós deste lado relaxávamos, para depois nos atacar de surpresa... porque por outro lado, continuavam os ataques às nossas forças em alguns pontos da província, o que nos indicava que para eles, a guerra não tinha acabado. Foi nesse contexto que se decidiu atacar Omar Nambiriau (Nameltil).

### **OMAR NAMBIRIAU, 1º de Agosto de 1974**

#### **Ataque ao quartel**

- A questão de Omar Nambiriau - a zona ficou conhecida por esse nome porque havia lá um comerciante com o nome de Omar Nambiriau mas na verdade administrativamente os portugueses chamavam de Nametil... então, o que foi o cerco de Nametil nas vésperas de 1º de Agosto de 1974?

Omar Nambiriau tinha um significado muito importante para a Frelimo: quando os guerrilheiros vinham da Tanzânia para entrar em Moçambique, a pé, à noite, atravessar o rio Rovuma, eram constantemente bombardeados pelas tropas portuguesas, a partir do aquartelamento de Nametil, que era a posição mais avançada da tropa portuguesa junto ao rio Rovuma... morriam muitos camaradas, perdia-se muito armamento que estava a ser transportado...

Depois do 25 de Abril a situação manteve-se... portanto não existia de maneira nenhuma uma situação de paz.

Portanto, aquilo era militarmente uma situação complicada, estávamos a ser sempre atacados por essa posição... fazia todo o sentido atacar ou desmantelar aquele quartel... Omar Nambiriau ficou na história de Frelimo, não tanto por causa daquele cerco e a captura daquele aquartelamento português, mas porque foi um lugar onde houve muita luta, muitas mortes, para tentar impedir o avanço da Frelimo em Cabo Delgado... eu não acredito nisso que dizem de que já estávamos em conversações... conversações como, se eles continuavam a bombardear o rio Rovuma e os camaradas nossos que passavam pelo rio Rovuma para o interior de Cabo Delgado? E isso, eu, estive presente num dos bombardeamentos, já depois do 25 de Abril. Da primeira vez que passei o rio Rovuma bombardearam e depois do 25 de Abril bombardearam também... e era um bombardear constante, nós já sabíamos que era assim! Nós ficávamos na base a ouvir os bombardeamentos, eram sempre à noite, mesmo que não estivesse a passar ninguém eles bombardeavam...

- E qual era a base que ficava próxima dali?

- Era atrás do aquartelamento, nós tínhamos a base já dentro de Cabo Delgado, eles estavam junto à fronteira, nós estávamos atrás, mais para o interior de Cabo Delgado...

- E eles não sabiam?

- Sabiam, claro, o exército português tinha informação sobre as nossas posições mais importantes.... só que não conseguiam chegar lá... eram denunciados, eram abatidos a caminho.

- Portanto, da vossa parte havia assim um ódio especial àquele quartel, porque era ele que vos atacava, directamente...

- Era o primeiro, quando a se atravessava... a primeira vez que eu ouvi o som de morteiros e de canhões foi exactamente quando atravessei o rio Rovuma, para entrar em Cabo Delgado! E fomos bombardeados exactamente por aquele aquartelamento! Eles abatiam camaradas que tinham acabado o treino, nem tinham conseguido entrar em Cabo Delgado... e a própria população, odiava aquele quartel ... tu vais a Cabo Delgado e pergunta às pessoas daquela época, como é que era Omar Nambiriau, eles contam-te! Quando estavam a trazer material que iam buscar em Newala, na Tanzânia, quando desciam pelo rio Rovuma eram

constantemente bombardeados pelo aquartelamento de Nametil! Aquilo foi um acto de guerra. Como qualquer outro! Não há nada que discutir... ah, porque estávamos em conversações... conversações quais, se eles continuavam a bombardear? Só ali é que eles estavam autorizados a bombardear? Então, vamos acabar com Nametil! Aquilo foi uma manobra militar de defesa, absolutamente legítima! Eles atacavam-nos regularmente! Aquilo foi um ataque com juros...

- E como é que foi esse ataque, da tua perspectiva de quem estava lá?

- Uns dias antes desse 1º de Agosto, chamaram-nos, aos quadros que andávamos dispersos pelo interior, para a Base Beira (já não me lembro se era a base Beira ou a Base Central), para nos reunirmos lá. Então eu soube pelo Secretário provincial de Cabo Delgado, Raimundo Pachinuapa, que íamos organizar um ataque ao aquartelamento de Nametil; que seria em princípio uma coisa sem grandes problemas, mas que era preciso estarmos ali todos.

Então criou-se um posto de comando à distância estabelecido, eu não tenho a certeza, se na base Beira ou Base Central, que era comandado pelo Pachinuapa. E um outro posto de comando, criado pelo Mtumuke<sup>222</sup>... foi um grande trabalho, aquele posto de comando foi criado durante vários dias, muito próximo do aquartelamento... havia muitos guerrilheiros a cercar do quartel, mas eles nunca se deram conta, porque era tudo feito à noite, na mata, na montanha, ninguém sabia o que se estava a passar... havia essa montanha e o quartel estava em baixo. Fez-se o cerco: os guerrilheiros desceram, cercaram e na noite de 1º de Agosto, foi lá abaixo um camarada com um megafone e falou, disse que eles estavam completamente cercados, que não valia a pena disparar, verter sangue, que deviam render-se! Porque estavam **COMPLETAMENTE CERCADOS!** Não tinham qualquer hipótese!

- E eles renderam-se?

- Renderam-se!... depositaram as suas armas e saíram do quartel...

- Quantos eram?

- Não me lembro exactamente quantos eram, mas era uma companhia, teoricamente são 120 homens. Renderam-se, saíram do quartel, foram bem tratados, deram-lhes comida e água, e a Frelimo pegou neles e levou para a Tanzânia... atravessaram o Rio Rovuma, nessa noite... foram recebidos do outro lado na Tanzânia (eu não estava lá, fiquei em Cabo Delgado)

- Não mataram ninguém?

- Não, não houve derramamento de sangue, não houve nada, foram entregues à Cruz Vermelha Internacional. Uma situação limpa, por parte da Frelimo. E foi assim... ainda bem foi daquela maneira, não houve tiros nem sangue, não houve nada...

- E a tua posição, durante o ataque, qual era?

- Eu estava com a Pachinuapa, que era o comandante da província de Cabo Delgado, a acompanhá-lo à distância, estávamos a seguir tudo por rádio... era um ataque mais psicológico, apesar de termos armas pesadas para qualquer eventualidade... O posto de comando da montanha, em frente ao quartel, ia reportando as movimentações todas. O cerco e a rendição dos portugueses, só escutámos pelo rádio-transmissor... foi uma festa!!!

O grande problema foi na manhã seguinte. Cedo, fui com outros com outros camaradas, mobilizar as pessoas à volta do quartel para não se aproximarem, porque naquela coisa de saída podia ter havido soldados que tivessem armadilhado alguma coisa... não era bom haver povo ali à volta, muito menos a entrar no aquartelamento. Então fomos para lá, estivemos a falar com aquela população... porque o povo, como povo, quando percebeu que os soldados tinham saído, começou a correr lá para o quartel, logo de manhã, para ver o que tinha acontecido... e nós a avisarmos a população: não entrem no quartel, pode estar armadilhado...

---

222 Atanásio Salvador Mtumuke, actual Ministro da Defesa em Moçambique.

queriam ir lá buscar comida e outras coisas... e nós a impedir que entrassem, aquele povo todo que tinha andado anos ali a sofrer, de repente não tem nenhum soldado português ali, é evidente que tem vontade de ocupar aquele lugar...

Durante essa situação apareceu a Força Aérea Portuguesa... Sobrevoaram o aquartelamento e lançaram uma bomba de Napalm nos arredores! E isso não fala: que o exército português, já depois do 25 de Abril, fez um ataque com Napalm sobre a região circundante do aquartelamento de Nametil!

Foi a primeira vez que eu vi Napalm a longa distância... eu nunca tinha percebido... tu ouves a bomba a cair muito longe... e o fogo vai a correr... alguém está a correr para fugir e o fósforo está atrás de ti... para te queimar! Parece uma pessoa! Vai atrás de ti, para te fazer arder... foi a primeira vez que eu vi pessoas queimadas com Napalm... uma das mulheres, eu vi... fui para lá e ainda encontrei uma mulher assim forte, toda com ferimentos de Napalm... morreram ali... algumas populações!

- Já não tinha guerrilheiros ali, nessa altura?

- Não, os guerrilheiros ainda não tinham entrado no quartel de Nametil... numa situação dessas, ficas à espera da ressaca... todos sabiam que iam bombardear por retaliação, por isso dizíamos às pessoas para não irem para lá... porque é a primeira deles: ocuparam o nosso quartel, vamos bombardear destruir aquilo com eles lá dentro! Mas não havia ninguém, havia apenas povo à volta! Os portugueses vieram e meteram 300 kg de Napalm... do sítio onde eu estava ainda ouvi o som... e sente-se o cheiro do fósforo a arder! (silêncio)

E vê, eles podiam ter bombardeado com bombas normais, aquelas de 50 kg, normais em ataque militar... os militares não usam Napalm, usavam os americanos no Vietname... e os portugueses em Moçambique! E estás a ver... Napalm, porque tinha povo... queriam eliminar a população que estava ali, eles sabiam que não havia guerrilheiros dentro do aquartelamento de Nametil...

- Isso seria porque aquele povo tinha apoiado a Frelimo durante esse tempo todo?

- Não sei, isso seria interessante saber porque é que lançaram Napalm!!!... já depois do 25 de Abril... onde estavam esses capitães de Abril, para impedir um bombardeamento de Napalm? Nunca mais consegui limpar essa imagem da mulher forte queimada com Napalm...

Aquele foi o último bombardeamento português, no dia 1 de Agosto de 74, em Omar Nambiriau.

Foi esse ataque de Omar que obrigou a que, o governo português, decidisse acabar com a guerra... mas, a violência da reacção portuguesa, para mim foi um prenúncio do difícil processo de descolonização que iríamos viver...

- E então, depois do bombardeamento, que aconteceu?

- Não aconteceu mais nada... não voltaram a atacar... depois tomámos conta do aquartelamento e mais nada, as forças desmobilizaram e voltaram para os seus postos. Aquele aquartelamento não era uma coisa importante sob o ponto de vista de ocupação militar, mas era preciso defender o que estava lá, tinha geradores, carros... o povo, quando assalta, não brinca, saca tudo o que puder... eh pá, mas aquilo era uma coisa impressionante, aquilo tinha frigoríficos assim grandes, de grande capacidade, tinha comida, tinha bebidas, sei lá... aquilo que tinham esses aquartelamentos, tinham comida para não sei quanto tempo!

- E quando vocês ocupavam o povo respeitava, já não entrava?

- Não, aí já não entrava. Era povo das zonas libertadas, tinham muito respeito pela Frelimo e seguiam as suas orientações.

## **QUARTEL de NANGOLOLO, Agosto de 1974**

### **Abandono do quartel**

Depois do ataque ao aquartelamento de Omar, acho que os portugueses perceberam que, definitivamente, a guerra estava perdida. Logo depois, ainda no mês de Agosto, aconteceu uma história incrível do quartel de Nangololo.

Nangololo não era exactamente um quartel, era uma missão católica, que foi ocupada pelo exército português durante a guerra colonial.

Há pessoas que dizem que foi lá que começou a Luta de Libertação, a versão oficial da Frelimo diz que foi em Chai, mas de qualquer modo Nangololo ocupou sempre um espaço importante na Luta de Libertação ou na guerra colonial. Ficou primeiro conhecida por um episódio que se deu em 64, em que foi ali morto um padre... e até hoje não está claro o que aconteceu, o exército português dizia que tinha sido a Frelimo e a Frelimo dizia que não, que ele era amigo, nunca ia matá-lo... mas tudo leva a crer que foi exactamente por ele ser um amigo dos macondes, que o exército português o emboscou e matou... depois disso houve vários ataques da Frelimo ali naquela região, a região de Miteda e os padres acabaram por abandonar aquela missão. Então o exército colonial ocupou-a, tinha lá uma companhia permanente.

Mas Nangolo ficou na história de Moçambique por um outro motivo: aquele quartel foi entregue pelo exército português no terreno, à Frelimo, depois do 25 de Abril, espontaneamente! Foi muito interessante...

- E como é que se deu isso?

- Não sei exactamente como foi, mas eu na altura estava ali na zona, não sei se na base Central ou na base Beira e soubemos que ia haver uma movimentação das tropas portuguesas de Nangololo para Mueda... que eles tinham pedido à Frelimo, localmente, para se retirarem pacificamente, com o seu armamento e as suas coisas pessoais. E que fariam isso numa hora acertada connosco, para não serem atacados.

- Mas isso já era resultado de conversações?

- Sim, mas de conversações locais, pequenos encontros que já existiam... e que dependiam muito do oficial português que estivesse à frente da unidade militar. No caso de Nangololo, era um jovem Alferes, de esquerda, que resolveu retirar-se, porque entendeu que a guerra já tinha terminado.

- Mas tu não sabes quem é que esteve na origem dessas conversações?

- Não, directamente não sei, mas há-de ter estado o Pachinuapa, por trás, pelo menos... e na verdade as tropas retiram-se e vão para Mueda. Durante o dia, com os seus carros, as suas armas...

- E vocês viram eles passarem?

- Sim. Era uma coisa pacífica, sem problema nenhum... eu não estava perto de Mueda, mas sabia que eles estavam a caminho de Mueda.

- A Frelimo aceitou bem isso?

- Sim, perfeito.

- Sempre que houvesse situações dessas, eram bem aceites?

- Aquele foi o único caso. Pronto, eles retiraram-se, não fizeram nada... e nós não fizemos nada, também... foi tudo absolutamente organizado, tudo pacífico.

- E depois deles saírem, vocês ocuparam o quartel?

- Depois o pessoal estava com muito medo de entrar no quartel, porque ninguém entrega um quartel assim, daquela maneira!

Eu cheguei ao quartel de Nangololo logo depois deles terem partido. Fomos lá porque era necessário preservar o lugar, impedir que o povo comesse a invadir o quartel que os portugueses tinham abandonado... porque aquela missão, era um lugar sagrado para os

macondes e era natural que vendo as tropas portuguesas saírem, a população quisesse ir lá à sua igreja, ao seu local...então era preciso fazer tudo para que aquela população não chegasse lá...

- Porquê?

- Porque o quartel podia estar todo armadilhado! Era normal, num caso desses... não nos conhecíamos de lado nenhum... éramos inimigos, não tínhamos deixado de ser inimigos... e é evidente que havia por lá algum armamento, havia munição, obuses, tinha canhões... o material de guerra, o material pesado, estava todo lá... os carros e as armas ligeiras eles tinham levado, quando se deslocaram para Mueda, mas o resto estava tudo lá...

- Mas interessava-vos tomar o quartel assim como estava para servir de base vossa?

- Não, não havia grande interesse, nós tínhamos as nossas bases a toda a volta... aquele quartel estava completamente cercado... aliás, o oficial daquela unidade militar teve uma atitude absolutamente de estratégia militar: é melhor sair antes de eles atacarem... porque havendo um ataque ali seria um verdadeiro massacre, o quartel estava completamente cercado! Eles já não saíam dali há muito tempo!!!

Eles foram embora, cercámos o local, ninguém podia entrar lá, foram lá os nossos especialistas verificar se as coisas não estavam armadilhadas... mas a grande luta era contra o povo, que queria ir lá VER NANGOLOLO! E nós fizemos um perímetro grande de segurança, para ninguém chegar perto. Depois de os especialistas verificarem que não havia nada, lá entrámos! E foi um espanto aquilo: o quartel estava absolutamente limpo! Tinha as camas feitas, tinha tudo bem organizado, limpinho, com os frigoríficos completamente cheios de comida, os armazéns, tudo impecável! E com mais medo ficámos: alguma coisa há aqui, há uma armadilha nisto tudo... então continuámos... já entrávamos lá dentro, mas não ficávamos lá, entrávamos, víamos e saíamos... até que os especialistas foram vendo espaço por espaço e disseram: não há armadilha nenhuma, está tudo bem! Era uma coisa assim impressionante!!! Então entrámos...

Nangololo era um lugar bonito, fica assim na montanha e vê-se os grandes vales lá de cima... Na verdade aquilo não era quartel nenhum, era uma Missão Católica: tinha Igreja, as casas dos padres, a escola primária, o espaço dos catequistas... tinha tudo o que tinha uma Missão Católica. E era uma missão importantíssima dentro a igreja católica... e que teve uma grande influência na “cristianização” dos macondes naquela região, no Planalto de Mueda, a missão de Nangololo tinha formado catequistas, tinha dado instrução primária (ainda que colonial) a muitas crianças do planalto. E tinha uma coisa assim caricata e muito interessante: os militares quando ocuparam a Missão, colocaram na porta da Igreja um canhão! E era muito interessante ver aquilo, porque era um casamento perfeito entre a Igreja e a Guerra Colonial, estava ali claro! Depois, na Igreja propriamente dita, na nave da igreja, que servia de caserna para os soldados portugueses, as paredes estavam completamente forradas de fotografias pornográficas... da entrada até ao altar... os oficiais ocupavam os quartos que antes eram dos padres...

Contaram-me depois, quando já estávamos no quartel de Mueda, que foi o Alferes... não me lembro do nome dele, mas devia ser uma pessoa bem sensível que nesse dia ele diz às tropas: vamos abandonar o quartel! Mas o quartel vai ser todo organizado! Quero as camas feitas, tudo limpo, tudo para ser entregue aos guerrilheiros! Mas isto ainda muito antes de se pensar em... isto aqui estou a falar em... Agosto de 74, tá a ver...! E saiu de lá com as suas tropas e foi para Mueda! Ele disse: abandonei o quartel, façam o que quiserem!

E nós de facto encontrámos tudo direitinho! Os frigoríficos cheios de comida... os bacalhaus, os vinhos... Aquilo era uma coisa impressionante, tinha comida e bebida para vários meses... tinha vários geradores de electricidade... à noite, em Nangololo, ficava dia!

- E o que é que vocês fizeram depois com o que estava lá dentro?

- Fomos usando. Tinha algum material de guerra, que foi guardado nos paióis que existiam, passamos a ocupar aquela zona, tínhamos lá um escritório, uma localidade que fazia parte das Zonas Libertadas. O Centro-piloto Luanda era ali perto, já eram mais fáceis os contactos, já se andava na estrada a pé, não se andava mais nos caminhos, eles tinham inclusive desminado aquilo ali à volta... facilitou em muitas coisas ali naquela região. Eu lembro-me que enquanto estávamos a ter aquelas conversações locais, eu ficava muitas vezes em Nangololo, dormia lá. Não gostava muito de ficar lá, mas de vez em quando pernoitava lá.

- E a comida o que é que fizeram?

- Ah, isso é impossível controlar completamente... o povo sempre arranja maneira de ir buscar comida... quando a gente menos esperava, já estavam a entrar num armazém... mas fomos usando para o Centro-piloto Luanda, que era ali perto... era fundamentalmente ração de combate, carne, peixe... pronto, aquelas coisas dos quartéis portugueses, que tinham um abastecimento completamente desfasado da situação de guerra em que estavam, todo o tipo de comidas e bebidas, era impressionante... aí é que eu vi o esforço do exército português para manter aquela guerra... era tecnicamente impossível manter aquilo! A quantidade e a qualidade de comida que existia lá... os peixes e mariscos de alta qualidade, os whiskys de todas as marcas e de todos os preços... o esforço que o exército português tinha de fazer para ir abastecer um quartel que tinha 120 pessoas! E sendo atacados, todos os dias, quando iam abastecer!

- Mas era fundamental, ter isso tudo, para manter a moral dos soldados mais em cima?

- Sim, todos os quartéis portugueses tinham isso! Tinham de tudo o que tu possas imaginar, para conseguirem manter a sua prontidão combativa... senão ninguém ia combater... eu acho que uma das coisas da guerra colonial é que os portugueses perderam a guerra pela barriga! Enquanto nós nos alimentávamos com um pau de mandioca umas verduras e umas frutas locais, eles precisavam de bacalhau, vinho, batatas... tinham de ter sempre carne... peixe... boas feijoadas, bons enchidos...

- Peixe seco?

- Não, peixe fresco! Não comiam peixe seco, a não ser bacalhau... vinha peixe de Mocimboa da Praia...

- Vinha como? Em camiões frigoríficos ali pelo mato?

- Sim, essa era uma grande crise para eles, que eram as colunas militares para alimentação do exército... era onde morriam muitos militares... não era na verdade na guerra, era no abastecimento à guerra, era aí que as colunas eram atacadas... o grande esforço do exército colonial era despendido no transporte de comida...

- Devia ser uma festa, quando atacavam essas colunas...

- Havia sempre coisas boas! Os vinhos... iam logo uns para a Tanzânia... eu lembro-me que o presidente Samora oferecia sempre ao Presidente Nyerere... Mateus Rosé de que ele gostava muito... então sempre que havia um ataque, quando se assaltava um quartel, lá ia uma grande carga de Mateus Rosé para o presidente Nyerere!... quando fomos para o quartel de Mueda eu comia na messe dos oficiais da força aérea e a comida era melhor que qualquer restaurante de luxo de Lisboa!

- E depois dessa ocupação do quartel, o que fizeste a seguir?

- Continuei o meu trabalho político, junto àquelas populações ali à volta do quartel. Depois houve uma outra coisa muito engraçada e interessante que aconteceu ali, mais tarde... dentro



do meu trabalho político, eu achava que naquela altura era importante mostrar às crianças que viviam nas Zonas Libertadas quem era o inimigo... porque para elas, o inimigo quem era? Era uma coisa que não conheciam. Que conheciam pelos bombardeamentos, quando havia algum ataque e matavam algum familiar... então o inimigo era esse... mas quem era esse inimigo? Onde é que ele vive? As crianças não tinham nenhuma ideia, nunca tinham visto, porque elas viviam num outro mundo, que eram as Zonas Libertadas da Frelimo... não sabiam o que era um carro, não existia isso no seu imaginário... sabiam o que era um helicóptero, o que era um FIAT (avião de caça da força aérea portuguesa)... Então, quando os soldados abandonaram Nangololo, eu lembro-me de ter sugerido levarmos as crianças do Centro-Piloto Luanda, para irem ver o quartel dos portugueses... o quartel que estava naquela missão que eles sempre tinham ouvido os pais falar, a missão de Nangololo!

- Uma espécie de visita de estudo?

- Sim, tipo visita de estudo. Então fomos lá, com as crianças, os professores do centro, tudo bem organizado... e uns quilómetros antes de chegar à Igreja, tinha uma coisa incrível: uma escultura grande feita em pau ali no meio do mato! E era uma escultura de Cristo na cruz, talhado em madeira!

- Em pau-preto?

- Penso que era pau rosa, mas era uma escultura maconde, talhada por um mestre da zona encomendada pela Missão... Mas era uma coisa grande, enorme, via-se a grande distância...

Eu achei aquilo o máximo, ali no meio do mato, uma escultura de Cristo e fui lá mostrar àquelas crianças do Centro, que nunca tinham visto nada daquilo... só tinham ouvido falar da missão de Nangololo, que os pais falavam... e os professores, também queriam muito que eles fossem lá ver a célebre igreja de Nangololo, onde os pais tinham sido baptizados...

Então quando chegámos àquela zona eles viram aquela coisa enorme, disseram:

- Ah, mas esses portugueses dele, não são bons... então deixaram o Spínola aqui? Foram embora e deixaram aqui o Spínola deles? Porque é que não levaram o Spínola?

Pensavam que o Cristo era o Presidente de Portugal! Eu fiquei espantado... achei que aquilo era mesmo um outro mundo ... como explicar que aquele não era o Spínola? Nem valia a pena, porque depois como é que ias dizer quem era o outro?

Era mesmo um outro mundo, essas crianças estavam num outro universo... tinham nascido nas Zonas Libertadas, sob controle da Frelimo, tinham crescido ali, onde não havia igreja e não tinham qualquer ideia do que era a religião, o que eram os católicos, o que era o Cristo...

- Elas eram o “Homem Novo”! (risos)...

- Talvez! (risos) ...

- E o que aconteceu depois disso?

- Depois foi um processo relativamente rápido... lembro-me que vieram ainda duas famílias de agricultores da região de Balama/Morrola, que haviam sido capturados pelos nossos camaradas que actuavam na região de Montepuez/Namuno, com quem eu estive na base Cahora Bassa ainda no Planalto de Mueda...

- E porque é que foram capturados? Eles não eram civis?

- Eram... a ideia não era fazer mal nenhum a essas pessoas, mas na altura estes agricultores, que segundo informações locais tinham forte relação com as tropas portuguesas, deslocaram-se para uma região em que a guerrilha estava a actuar... eles sabiam que não podiam ir para aquela região mas decidiram ir... eram homens, mulheres e crianças... aí os nossos camaradas no terreno capturaram-nos... eles foram enviados para norte, andaram do local onde foram capturados até ao planalto de Mueda a pé, foram uns dias de viagem... é claro que foi uma coisa violenta para eles principalmente por causa da caminhada e pela incerteza do que iria acontecer com eles nas mãos dos “terroristas”...

- Eu estava na Base Central, quando fui enviado para a nossa base Cahora Bassa que ficava a cerca de vinte quilômetros para recebê-los... disseram-me para ir ter com eles, porque estavam assustados e em estado de pânico, não queriam comer e passavam o tempo a chorar.... saí de manhã cedo e fiz a viagem com o meu guarda-costas e três soldados, cheguei lá por volta do meio dia...

- E como foi, quando os encontraste?

- Quando lá cheguei, eles tinham passado a noite nessa base... então estavam lá, sentados, assustadíssimos...

- Então tu foste mandado para os tranquilizar, para cuidar deles...

- Para os tranquilizar, sobretudo, eles estavam em pânico absoluto, achavam que iam ser fuzilados e que as mulheres seriam violadas... eles estavam à espera, tinham-lhes dito: hoje há-de vir o chefe, para falar convosco, etc... quando me viram chegar ficaram ainda mais assustados... porque não sabiam quem eu era... viram guerrilheiro não-preto, fardado, armado com uma kalashnikov, com guarda-costas... pensaram: este é que veio para nos matar! Então, as primeiras palavras que me disseram foi: camarada comandante, nós podemos morrer, mas por favor deixem as crianças vivas! Aí eu expliquei porque eles estavam ali e que ficassem calmos: vamos sentar aqui e conversar... não sabiam se eu era moçambicano, se era o quê, estavam aterrorizados com a minha presença lá... entretanto eu trazia comigo, dos quartéis de Nametil e Nangololo, alguma ração de combate portuguesa... então fui lá falar com eles, perguntei como é que estavam, se estavam a ser bem tratados... e aí eles perceberam que eu falava português e começaram a ficar mais descansados, mas ao mesmo tempo assustados... como é que aqui, no meio desta gente, tem gente que fala português e melhor do que nós? Aquelas coisas dos tugas, na altura achavam que nós éramos todos uns analfabetos... então sentei-me com eles, tirei umas latas de choco-leite da ração de combate, uns refrescos, dei às crianças... eles já um pouco mais à vontade... expliquei que não havia nenhum problema, que iam ser entregues a uma organização humanitária internacional e que depois iam poder escolher para onde queriam ir...

- E que é que eles contavam do que tinha acontecido?

- Ah, eles tinham muito medo de falar sobre o que se passou no caminho... não falaram nada, disseram que sempre foram muito bem tratados pelo grupo que os levou até lá, que estavam cansados, que tinham mataquenas... chamei o socorrista para vê-los... depois foram entregues à Igreja Católica...

- E eles escolheram ir para onde?

- Voltaram para as suas terras, em Balama e Morrola portanto em Moçambique!

- Portanto, esses não queriam ir embora...

- Não, eram daqueles que tinham vindo lá das “berças”, nem sabiam mais onde era Portugal, falavam português muito mal... ficaram por ali... Voltei a encontrá-los na região de Namuno, já depois da Independência... fizeram uma festa incrível, prepararam um cabrito (da sua criação) assado no forno de lenha, almocei com eles, lá nas suas terras, numa pequena aldeia perdida no Norte de Moçambique... foi nessa altura que encontrei naquela aldeia uma menina, filha de portugueses de lá, que não falava uma palavra de português, só falava macua... e andava ali pelo meio do mato, descalça, brincando com as outras crianças locais... chamei-a e ela não me entendeu, respondeu em macua... eu não acreditava que seria possível uma menina loira de olhos azuis não falar uma palavra de português, nem bom dia, nem boa tarde, falava com os pais em macua...

- E os pais falavam macua portanto...

- Naquela altura as pessoas chegavam e falavam um português que para nós era praticamente *inentendível*... depois aprendiam a língua local! No Limpopo<sup>223</sup> por exemplo, qual era a

---

223 Referência ao colonato do Limpopo, na província de Gaza no Sul de Moçambique.

pessoa que não fala changane? Não havia! Eles chegavam e imediatamente aprendiam a falar! E naqueles lugares estavam mais isolados.. faziam parte do povo... pronto, a Administração não gostava muito, não permitia muito essa relação, mas eles eram povo... iam à escola local... essa menina, ainda não tinha entrado na escola, ia entrar nesse ano, mas ia entrar como qualquer outro macua, que sai de casa com a sua língua materna... a língua dela era o macua! Não sei o que é feito dela, bem gostaria de a ouvir ela falar hoje...

## **QUARTEL DE MUEDA, Agosto de 1974**

### **Conversações locais**

- E tu entraste no quartel de Mueda quando?
- Em Agosto de 74... antes do Acordo de Lusaka, mas quando já havia conversações locais...
- Tu fazias parte dessas conversações locais?
- Sim, na altura em que entrei, nós estávamos a organizar....
- E como é que era? Como é que se organizavam essas conversações?
- Havia contactos por cartas deixadas nas picadas, falando com os alferes - principalmente os alferes - dizendo: então encontramos-nos às tantas horas no local tal... e encontrávamo-nos, no meio do mato... depois é que o comando de Mueda se envolveu... porque eles queriam mesmo acabar com a guerra, eles estavam ali completamente cercados por nós, já não podiam sair do quartel... então começaram: vamos pelo menos resolver aqui, entre nós....o que havia na verdade eram encontros a nível de comandantes das bases da Frelimo com algumas chefias de quartéis portugueses, principalmente ali na região do Planalto de Mueda, onde a guerra era mais intensa...
- Mas como é que isso se dava e porquê?
- Estas coisas... as pessoas na guerra vão-se conhecendo, mesmo que sejam inimigos, vão sabendo: o comandante dali é fulano tal.. também sabias do outro lado: o Alferes daquele sítio é fulano tal... e chegavas até a vê-lo passar, porque nem sempre se atacava as colunas... umas vezes não havia condição para atacar, deixava-se passar... e as pessoas vão criando assim alguma relação, mesmo à distância... sei lá, como o Samora e o Ramalho Eanes, a um outro nível, durante a guerra conheceram-se... o Ramalho Eanes estava à procura do Samora para abatê-lo, nunca conseguiu encontrá-lo, mas conhecia-o... conhecia-o bem, e até tinha por ele uma certa curiosidade, admiração e respeito, mesmo sendo inimigo... pronto, na guerra há sempre essas coisas. Então, ali no terreno não havia nenhum oficial do exército português que não conhecesse o Pachinuapa, que não tivesse muita vontade de saber quem era esse Pachinuapa, quem era esse Cândido Mondlane, que era um mito lá em Cabo Delgado... e pronto, são estas pequenas coisas que fazem com que as pessoas depois acabem por falar e dizer: vamos lá parar com isso ...
- Mas como é que se processa isso, como é que se chega a essa fala?
- No princípio eu não estava exactamente nas conversações, não sei muito bem como é que foi, mas sei que eles falaram com os comandantes, o Mtumuke, o Pachinuapa, o Malichocho... isso era feito por estas pessoas, do comando provincial... depois ele dizia: olha, hoje vocês vão partir para tal lugar, a vossa missão é esta... então sabíamos que encontraríamos as pessoas do exército português em pontos previamente estabelecidos... íamos a pé, até ao ponto, levávamos connosco uma pessoa de reconhecimento, para que não houvesse qualquer confusão levávamos nós uma bandeira branca, bem alta, para se puder ver de longe que éramos nós, para não haver crises de outras pessoas que não soubessem e que fizessem algum ataque... ficávamos lá, à espera... na verdade esperávamos muito pouco tempo, ainda

estávamos a caminho eles já estavam a ver que nós vínhamos, eles ficavam ansiosos... uns minutos depois já estavam lá, com as Berliet's<sup>224</sup>... então encontrávamo-nos ali...

- E como é que era o ambiente do encontro?

- Nós estávamos ali, eles chegaram ao lugar de encontro, estacionaram as Berliet's no meio do mato, saíram, cumprimentamo-nos todos, ficámos ali a conversar, entre nós todos, cada um para seu lado, antes de entrarmos nos carros para partir para Mueda... o Dírio Ramos era quem comandava aquele grupo que veio ter connosco e eu era o responsável pelo meu grupo. E então os dois estabelecemos logo uma relação, éramos os dois responsáveis... e ele disse: vamos tirar uma fotografia, para recordar este momento! E é na verdade das poucas, senão a única fotografia que há de um encontro entre soldados portugueses e guerrilheiros no mato, após o 25 de Abril.

Depois disso, entrámos nas Berliet's.

Lembro-me que o motorista de uma das Berliet's era o Belmiro Simango!

- A sério? O famoso basquetista?

- Ya, ele era lá da Mafalala! Ele ficou espantadíssimo quando me viu... eram abraços e mais abraços... claro que o Simango não me deixava ir com mais ninguém... devia ter ido num jipe, com o Dírio Ramos mas o Simango disse: não, ele tem de vir no meu carro, eu conheço-o há muitos anos, conheço a família toda dele! Aquelas coisas, da Mafalala... então fui com ele... fomos lá para o quartel, mostraram-nos o sítio onde íamos dormir, onde íamos comer... foi uma festa! Era de festa em festa! E o Simango sempre comigo, a partir dali ele era a estrela daquele grupo todo, porque conhecia um dos guerrilheiros, e no quartel, ele já não ia para o sítio onde ficavam os cabos, ia para a messe dos oficiais, para ficar comigo...

- E as conversações iniciaram-se logo?

- Sim, desde o início fomos conversando, entrámos dentro do quartel e fomos conversando logo ali... e decidimos, todos sem armas... nós entrávamos dentro do quartel, depositávamos as nossas armas e todos os portugueses tinham as suas armas depositadas, não havia ninguém armado dentro do quartel... de forma a que não houvesse possibilidade de um daqueles malucos começar a disparar... então todos depositávamos as armas, fechávamos e começávamos a conversar...

- E conversar como era, sentavam-se...

- Sim, sentávamos, tinha lá as messes dos oficiais, íamos falando... as posições que havia ali à volta, como é que isso devia ser tudo coordenado... eles falavam depois por rádio com os seus comandos, nós falávamos com os nossos comandos militares, e pronto... e ali em Mueda, foi tudo ultra-pacífico! Era para ser o sítio mais violento que havia, de repente ficou o sítio mais pacífico. E entretanto, começou logo a evacuação dos militares....

- Portanto isso em que mês, Agosto?

- No final de Agosto. Eles começaram a ir para Pemba, já não atacávamos as colunas...

- Portanto essas conversações eram no sentido de vocês deixarem eles saírem sem atacar...

- Sem atacar, porque já tínhamos chegado a algumas coisas certas: eles não atacavam ninguém, foi feito um trabalho também com os civis das Zonas Libertadas para não atacarem... o problema eram os civis, os civis descontrolam-se e podem atacar...

- Os civis tinham armas?

- Sim, claro, eram milícias... tinham todos uma arma, podia ser uma *azagaia*<sup>225</sup>, uma *espera-pouco*<sup>226</sup>, podia ser *mauser*<sup>227</sup>, mas todos os civis tinham... não tinham kalashnikov, mas

---

224 Baseado no modelo *Berliet Gazelle* francês, a *Berliet Tramagal* foi um dos veículos mais utilizados pelas forças armadas portuguesas nos anos 60 e 70, em particular na Guerra Colonial ( Fonte: wikipédia)

225 Lança curta de arremesso.

226 Espingarda de carregar pela boca, assim chamada pela demora no tempo de recarga.

227 Marca de espingarda de origem alemã

tinham armas... e os macondes são aguerridos... podiam começar a disparar aí de qualquer maneira...

- Então foi possível fazer todas essas evacuações sem acidentes...

- Sim, não aconteceu nada! Logo que se acertou... então depois do dia 7 de Setembro, ficou tudo resolvido... ali em cabo Delgado, não aconteceu nada de especial... começou-se as evacuações para Pemba, para Mocímboa da Praia... para os militares começarem a sair... foi relativamente rápido..., era o sítio que mais militares tinha em Moçambique...

- Mas e como é que foi para ti entrar lá no quartel de Mueda, tinhas medo, tinhas...

- Não, porque era gente já com alguma formação política, não eram uns pategos<sup>228</sup>... bom, também eles fizeram uma coisa boa, não nos juntaram com soldados rasos, juntaram-nos com oficiais, então falávamos a mesma linguagem... nem nos deixavam entrar lá no bar dos soldados... porque aquilo podia rebentar a qualquer momento... então eles diziam: vocês têm aqui os nossos oficiais da força aérea e os nossos oficiais do exército, estejam à vontade...

- Mas vocês dormiam lá dentro do quartel?

- Dormíamos!

- Quando dizes nós eram um grupo de quantas pessoas?

- Não éramos muitos, era um grupo de... umas 10 pessoas, 12 pessoas...

Depois toda a gente já nos queria conhecer, fizemos algumas sessões de esclarecimento lá...

- Como é que eram essas sessões de esclarecimento?

- Eram interessantes... alguns militares de esquerda organizavam o encontro, era facultativo, quem quisesse ia lá ouvir... ficavam a ouvir-nos falar sobre a guerrilha, o que é que pretendíamos, explicávamos que “não estamos a lutar contra os portugueses, estamos a lutar contra o exército português de ocupação”... pronto, o discurso de época... e era isso... mas havia conflitos lá... principalmente com alguns moçambicanos dos grupos especiais...

- E como é que vocês viam esses moçambicanos que estavam no exército português?

- Era complicado, porque na verdade estás num lado e depois tens moçambicanos do outro lado... eu achava na altura que era melhor encontrares-te frente a frente com um militar português do que com um moçambicano... achava e na verdade confirmei isso quando cheguei a Mueda, estava lá um moçambicano, maconde, que era terrível, era absolutamente contra a Frelimo, contra nós, contra a guerrilha... dizia coisas horríveis... como: eu sou capaz de gastar uma bala para matar um leão, ou uma gazela... agora para matar um guerrilheiro desses que estão aqui sentados, da Frelimo, não gasto balas, apanho com rede, como se faz com os animais...

- Com rede?

- Sim, houve um tempo em que em Niassa e Cabo Delgado, alguns moçambicanos colaboradores do exército português, querendo mostrar bons serviços aos seus patrões montavam armadilhas com redes de caçar animais para apanhar guerrilheiros...

- Armadilha, um buraco com rede lá em baixo?

- Sim... ele dizia: nunca gastei uma bala com um da Frelimo... e nós estávamos sentados ali...

- Mas apanhavam com rede de depois matavam?

- Matavam, claro! Nunca mais me esqueço daquele maconde... gritava no meio da sessão, quando nós estávamos a falar, para nos impedir de falar... tinha de ser retirado pelos soldados portugueses... ele andava sempre no bar... e a gente ia lá, convidavam-nos para ir tomar uma cerveja ao fim do dia e ele, se não estivesse lá, havia de aparecer, sabia que nós andávamos ali e ia lá... então foi por isso que deixámos um pouco de andar entre aqueles soldados mais básicos e passamos a ir para a messe dos oficiais da força aérea, onde tínhamos uma segurança muito maior e era assim um pouco apartada do resto do quartel...

---

228 Palavra depreciativa usada para designar portugueses de origem rural e sem instrução.

- E vocês ficavam com medo que ele fizesse alguma coisa?
  - Sim, os próprios portugueses tinham muito medo que ele pudesse fazer alguma coisa... ficava bêbado, então era complicado... uma vez entrou ali pela messe dos oficiais e estava para dar uma confusão, mas pronto, tinha lá a polícia militar também... ele era terrível...
  - E era o único moçambicano negro, que havia nesse quartel?
  - Não! Havia muitos, então... tinha moçambicanos amigos, como o Belmiro Simango, tinha várias companhias...
  - E desses moçambicanos tinham alguns que estavam a vosso favor?
  - Sim, a maioria... havia alguns dos comandos, que não estavam de acordo... o que nós tínhamos medo era que esses se juntassem e quisessem fazer algum golpe ali dentro....e por isso os portugueses estavam preocupados com a nossa segurança lá dentro, porque havia muita gente que não nos queria lá... agora aqueles soldados portugueses que vinham lá da “metrópole”, esses sim, queriam muito que a gente ficasse ao lado, porque era ter a certeza de que não iam mais ser atacados...
  - Lembras-te de alguns nomes, lá do quartel de Mueda?
  - Das pessoas que estavam comigo? Não, não me lembro... mas tenho algumas fotografias... daquela fotografia que tenho não me lembro do nome de nenhum deles, lembro-me das caras, mas não sei os nomes...
  - Mas portanto não eram comandantes, eram pessoas ao nível de sargentos...
  - Sim, ao nível de secções e pelotão... chefes de pelotão, que comandavam 30 homens... mas já não me lembro dos nomes deles...
  - E tu eras o único comissário político, ou havia outros?
  - Eu não era exactamente comissário político, era um guerrilheiro que também fazia trabalho de informação e propaganda política... aliás fui para lá um pouco nessa condição, de falar...
  - Portanto tu fazias algum trabalho diplomático, quando envolvia portugueses...
  - Sim! Naquela altura tinha um papel importante...íamos nas Berliet's, nos carros deles para o quartel de Mueda e lá então tínhamos encontro com o comandante de Mueda... e íamos falando sobre os passos que seriam importantes para a transferência do quartel...
  - E que passos eram esses?
- Primeiro o reconhecimento do quartel, porque eles na verdade pretendiam sair definitivamente, mas não queriam abandonar aquele quartel... então iam-nos mostrando tudo o que o quartel tinha... e era isso que nós estávamos lá a fazer... então foi uma coisa na verdade de estabelecimento de uma relação de amizade, mostrar as coisas, mostrar como tudo funcionava, assim nessa linha, sem grandes políticas, sem nada... dizer: a guerra acabou, agora vamos... vocês podem dormir aqui... dormíamos sem armamento, eles também, estávamos todos desarmados, os soldados portugueses guardavam o armamento no armazém, fechavam, nós também guardávamos o nosso armamento lá, ficávamos com uma chave conosco... quando saíamos novamente, levávamos as nossas armas... e andava toda a gente desarmada dentro do quartel...
- Isso foi em que mês, a entrada no quartel de Mueda?
  - Foi em Agosto, logo depois de Omar...
  - Quem era o oficial?
  - Ah, não me lembro do nome... o Cesinando, Tenente Coronel Cesinando, era de Pemba... ele é que estava no topo disso... mas estava em Pemba, não estava em Mueda... em Mueda estava um outro, que não me lembro do nome... e era isso que nós fazíamos... alguns de nós passamos a estar lá, mantínhamos as nossas posições à volta para que não houvesse a possibilidade de eles fazerem alguma loucura e também não ficávamos lá todo o tempo... ficávamos um bocado, depois saíamos...
  - E como é que era para ti entrar nesse ambiente, depois de tanto tempo no mato?

- Não sei... eu já estava tão habituado àquela coisas da vida nas Zonas Libertadas, que até achava estranho estar ali... a sério! Tirando a comida que era melhor, não me sentia muito bem ali... A única coisa que tinha era... eu lembro-me que cheguei lá cheio de mataquenhas e então um paramédico viu-me e disse: eu vou tratar disso! Eu disse: não, não é preciso, eu vou chamar aí um soldado nosso, ele vai-me tirar isso... mas vai tirar como? Tira com um pau e põe um pouco de petróleo ou gasóleo! Ei, vais ficar com os pés infectados e vai doer, não, eu vou fazer isso com anestesia... então, ele levou-me para o hospital... estive a tirar-me as mataquenhas, com anestesia! Desinfectou aquilo tudo... e ia lá, todos os dias, fazer o penso... porque eu cheguei a um ponto em que já... andava por inércia, já não tinha sequer dor, aquilo comia os pés e eu já nem ligava...
- Bom, tiveste os pés tratados por um português... (risos)...
- Por um português! E às mataquenhas!!! (risos)... nunca mais... aquelas mataquenhas<sup>229</sup>... já nem doíam, no princípio doíam, depois já era assim...
- Mas não usavas meias?
- Usava tudo, mas quando ia dormir não punha meias... Dormia, ali, quando me levantava, punha os pés no chão e as mataquenhas atacavam... até costumava deitar água debaixo da cama... a cama era assim alta, de bambu e então aqui por baixo deitava água, que é a única maneira de elas não entrarem dentro da tua palhota...
- Elas só entram onde está seco?
- Onde está seco... as mataquenhas são um flagelo... as crianças principalmente sofriam muito... ficavam com os dedos dos pés em sangue... amarravam os pés com panos...
- E com o Dírio Ramos, como é que foi depois?
- Andámos por ali, conversávamos todas as noites, andávamos sempre os dois... ficávamos a falar as revoluções, a esquerda, a Europa, o mundo, as coisas que iam acontecendo... ele era uma pessoa muito interessante... tivemos uma excelente relação, enquanto ele estava em Mueda, depois a companhia dele foi despachada para Portugal... nunca mais nos encontramos... só voltamos a encontrar-nos na verdade em 2000, quando ele foi ao Instituto de Cinema em Maputo procurar por mim...

### **Base Central- Nachingwea- Base Central, Agosto de 1974 Novos “quadros” para o “avanço”**

Estávamos no final de Agosto. Ainda não tinha sido assinado o acordo de Lusaka. Eu estava em Cabo Delgado e os portugueses estavam a abandonar os quartéis e era preciso que fossem ocupados pelas FPLM<sup>230</sup>.

E então eu fui chamado a Nachingwea e o presidente Samora Machel deu-me a missão de acompanhar um grupo de quadros que estavam a sair do treino militar em Nachingwea, para ocupar esse quartéis. Era necessário ocupar, sob o ponto de vista militar, para tomar conta do armamento que tinha ficado, da munição que estava lá, o espaço dos quartéis em geral: geradores, equipamentos de refrigeração, hospitais militares, uma série de elementos que era necessário que quadros da Frelimo pudessem se ocupar deles.

---

229 Pulga da areia que vive nas plantas e erva seca. As mataquenhas fêmeas penetram na pele do hospedeiro e põem os ovos (regra geral a volta das unhas e entre os dedos). Devem ser retiradas com ajuda de um instrumento aguçado, mas como todo o cuidado, dos seus ninhos na pele sem rebentar as bolsas que formam em volta, caso contrário os seus ovos se espalham pelo pé do hospedeiro.

230 Forças Populares de Libertação de Moçambique, braço armado da FRELIMO.

Fui chamado por mensagem, nem sabia que era o presidente Samora que estava a chamar-me, o camarada Pachinuapa disse-me que tinha que ir a Nachingwea... fiz dois dias de marcha até Newala, só com o meu guarda-costas... Pernoitei em Newala, porque atravessei o rio ao fim do dia e cheguei à noite em Newala. No dia seguinte apareceu o chefe-adjunto Alberto Chipande, que nos conhecíamos de Nachingwea, e fui de carro, no jipe dele, até Centro de Nachingwea.

Dormi lá e no dia seguinte o presidente Samora falou comigo, junto com o chefe-adjunto. E disse que eu tinha como missão acompanhar os quadros que iam receber os quartéis que estavam a ser deixados pelos portugueses.

- Porquê tu?

- Talvez porque já conhecia o suficiente Cabo delgado e porque já tinha estado nos quartéis, suponho que deve ter sido o Pachinuapa que tinha informado. Então é lá que me apresentam alguns dos quadros: O Mangureira, que já conhecia de Nachingwea, porque quando eu fui para Cabo Delgado ele estava a chegar do interior de Niassa, onde já estava em operações há uns meses, ele tinha chegado antes de mim. Tínhamos conversado na casa da cultura. Uma outra camarada, a Dr<sup>a</sup> Fernanda Machungo, uma médica que tinha acabado o treino militar, tinha vindo de Portugal onde tinha acabado o curso de medicina (ela ia reforçar os quadros de saúde na província... até à altura o único médico nas Zonas Libertadas era o Macuáti). Tinha mais três engenheiros que vinham da Roménia, alguns outros da Ucrânia. Isso eram quadros superiores que iam comigo. Depois tinha quadros técnicos de nível médio, mecânicos, electricistas, técnicos de frio e outros... esse era um grupo grande, de umas 15 ou 20 pessoas.

Depois de me entregar a missão, o Presidente Samora chamou-me à parte e ofereceu-me duas fardas pessoais dele, disse: - Vais passar a usar esta farda! O camarada Pachinuapa informou-me do teu trabalho em Cabo Delgado. E foi tudo, ele não era de muitas falas.

Era uma farda diferente de todas as outras, uma farda cinzenta, fabricada não sei em que país... que só ele é que usava.

- E o que é que sentiste?

- Um grande orgulho! Era um reconhecimento por parte do presidente Samora do meu trabalho, que eu era uma mais valia... saí dali e fui mostrar logo a toda a gente, aos meus amigos militares que estavam por ali !

No dia seguinte de manhã, partimos com esse grupo de carro até ao rio Rovuma, sem pernoitar e nessa mesma noite passamos a fronteira de Moçambique. Iam connosco também pelotões de soldados acabados de treinar, uns 3 ou 4 pelotões, que tinham terminado os seus treinos e vinham também connosco, já com a missão de ocupar as posições que iam sendo largadas pelos portugueses. Era muita gente, umas 200 pessoas... iam com os seus instrutores, com os seus comandantes, com uma missão diferente da nossa, mas acabávamos por nos encontrar nesses quartéis. Ali já andávamos mais à vontade, todos armados, com medo de qualquer coisa, mas já não tinha nada a ver com a situação anterior... o aquartelamento de Omar já tinha sido tomado, portanto já não havia o perigo de eles nos bombardearem à passagem do Rovuma... e a aviação já não fazia ataques.

- Como foi a viagem com essas pessoas?

- Fomos caminhando, eu ia com esse grupo mais restritos de quadros superiores. Eu já conhecia os caminhos, já conhecia tudo, até à base Beira que era o nosso destino. Fomos conversando pelo caminho, fui-lhes contando como era a situação dos quartéis. Tínhamos de parar muitas vezes para descansar, porque apesar de serem pessoas que tinham feito treino, não estavam habituados aquelas marchas longas que eu fazia todos os dias lá em Cabo Delgado. E pelo caminho ia-lhes ensinando as boas práticas da marcha longa...

- Que são o quê?



- Não parar muitas vezes, não descansar sentado, parar e continuar de pé, beber o mínimo de água possível... ia explicando que era longe... que tínhamos que subir e descer montanhas... Os soldados tinham acabado a recruta, tinham acabado de fazer o treino e mesmo assim não conseguiam caminhar tantas horas. Então foram ficando no caminho, porque já não conseguiam andar, ficavam, extenuados, deitados no chão... lembro-me que um dos quadros que ia comigo esteve bastante mal... e... o presidente Samora tinha-me oferecido aquela farda completa, excepto botas porque não me serviam... mas tinha um cantil, da farda, novíssimo... então quando um dos camaradas desfalece, ficou muito mal... e não havendo maneira de ferver água para lhe dar um chá com açúcar, tive de usar o cantil que o presidente me tinha oferecido para pôr na fogueira e lhe fazer um chá... deixou de ser um cantil, saiu a tampa, a tinta... e ele, que sabia que tinha sido o presidente a oferecer-me aquela lembrança, ficou muito sensibilizado com aquele gesto que eu tinha feito por ele... e foi aí que estabelecemos uma relação de amizade... ficamos à espera que ele recuperasse as forças, estávamos a ficar atrasados e eu não queria que andássemos à noite naquela mata, por causa dos animais... então, peguei na mochila e na arma dele, além da minha mochila e arma... ali não tinha guarda-costas, porque ele não podia atravessar o rio, porque não era propriamente militar, era militar-povo... então fiz o resto da marcha toda, que eram muitas horas ainda, com a mochila dele, a minha e as duas armas, até chegarmos à base Beira...

Com a Fernanda fomos conversando pelo caminho, eu ia-lhe contando as coisas das Zonas Libertadas, como era a organização, as coisas da saúde, coisas que eu achava que lhe podiam interessar... mas ela estava desesperada porque nunca mais chegávamos... e não era só ela, quase todos... pediam para parar, lá parávamos... eu dizia que era mau parar, que só dava para parar 5 minutos...

- Porquê?

- Porque nas marchas longas não se deve parar muito mais do que isso... o mais que parávamos, era, depois de 3 ou 4 horas de marcha, 15 minutos... se precisares de fazer paragens para recuperar um pouco, não deves parar mais de 5 minutos, porque senão perdes o ritmo, vais ficando cada vez mais cansado... quando os músculos arrefecem, já não querem andar mais, mesmo parando, tens de continuar a mexer as pernas, para os músculos não arrefecerem... mas bom, lá conseguimos chegar à Base Beira. Apresentei o grupo às estruturas e eles foram distribuídos por vários lugares da província.

Depois fui como grupo, para o quartel de Mueda, onde nós já tínhamos o nosso espaço para dormir, organizado pelo próprio comando português do quartel de Mueda. Já estávamos organizados por especialidades: os engenheiros, médicos, técnicos... tudo ali, bem separado... Fizemos uma reunião e distribuimos as tarefas. Estava lá um comandante recém nomeado, nosso, para Mueda, que era o comandante que depois reportava ao Pachinuapa. Portanto eu ali tinha terminado a minha missão.

- E vocês ficaram no quartel de Mueda até quando?

- Até uns dias antes do 7 de Setembro...

- Saíram, antes do 7 de Setembro?

- Sim, saímos no dia 5 porque já se previa que haveria alguma coisa... e nós saímos então dos quartéis, foi isso! O Pachinuapa mandou-nos recuar: sair do quartel imediatamente! Foi no dia 5... então saímos, fomos novamente a pé para as bases, cada um para a sua base... foi isso! Então, no dia 7 de Setembro, eu estava na Base Central. Estávamos à espera de novas ordens... como é que as coisas estavam a correr em Lourenço Marques com a tentativa de golpe feita pelos colonos, PIDEs e alguns sectores do exército... eu lembro-me que estava com o Rádio sempre ligado, tínhamos criado um sistema de antena para o meu rádio, para ouvirmos todas as estações e irmos discutindo o que se estava a passar...

### **Mueda- Mocímboa da Praia, Setembro de 1974**

- Dois ou três dias depois, recebo a missão de ir a Mocímboa da Praia. Enquanto nós íamos para Mueda, outro grupo tinha avançado para Mocímboa da Praia. Portanto, apesar de ainda não existirem ali as comissões militares, já havia camaradas nossos no quartel, para iniciar a ocupação. Mas estava lá ainda o exército português todo! Ainda não tinha saído ninguém. Então eu parto de Mueda, com o meu guarda-costas, que tinha ficado em Cabo Delgado à espera na Base e fomos juntos, eu e ele, a pé, de Mueda até Mocímboa da praia. São cerca de 120 quilómetros. Dormimos no mato, e continuámos ao amanhecer, até chegar a Mocímboa da Praia ao anoitecer.

Cheguei a Mocímboa, receberam-me, mostraram-me o meu quarto e fui para a messe dos oficiais. Antes do jantar, convidaram-me a sentar numa grande sala aberta ... e fiquei lá a conversar com eles ... toda a gente queria saber dessa Frelimo... e como tinham encontrado um falante de português não paravam de fazer perguntas... encontrei um moçambicano goês, alferes, que estava muito preocupado em saber se a Frelimo ia fazer como o Idi-Amin, expulsar os indianos... eu ri-me e disse que não íamos expulsar ninguém... pensava eu... Fomos jantar na messe dos oficiais e voltámos de novo àquele lugar, para tomar um digestivo e continuar a conversar... e durante a conversa perguntaram-me quem é que me tinha trazido de Mueda...eu disse que tinha vindo a pé... gargalhada geral...dormi em Diaca... eles não acreditavam...

E não mandou um helicóptero trazê-lo aqui? Os hélios estão lá todos parados! E daqui vai para onde? Vou para Pemba... E como é que vai? Vou a pé... eles riram até não poder mais... Nem pensar... então, no dia seguinte, organizaram um helicóptero para eu ir visitar Mocímboa da Praia: vamos dar uma volta de helicóptero... e aí eu aproveitei e perguntei: e dá para passarmos por Palma? Já que tinha helicóptero ia a Palma, eu estava a ver os quartéis e assim ficava a saber o que se passava lá em

Palma, que já tinha informações de que estava numa situação complicada.

Cheguei de helicóptero, falei lá com o comandante do quartel, que me recebeu bem e explicou a situação... a situação não era boa, havia pouca informação do comando português para Palma e aqueles soldados ainda estavam numa situação de quase guerra... enquanto eu estive lá o pessoal, estava assim todo aparte... não era como em Mueda, em Mocímboa da Praia... talvez por ser a primeira vez que estava a chegar alguém da Frelimo...

### **Mocímboa da Praia- PEMBA, Setembro de 1974**

- Dali voltei a Mocímboa e arranjaram-me um avião para eu ir com mais quatro outros camaradas que já estavam em Mocímboa, para Porto-Amélia. Fui de avião de Mocímboa da Praia para Porto-Amélia. Cheguei a Pemba, era um domingo à tarde. Éramos o primeiro grupo de guerrilheiros da Frelimo a chegar à cidade, íamos preparar as condições para a mudança do Comando Provincial para lá.

- Comando militar?

- Tudo, secretário provincial, comandantes militares... íamos ver os quartéis e lugares de alojamento para os quadros.

- E como é que foi essa chegada?

- Tinha alguns militantes ou simpatizantes da Frelimo, que sabiam que nós íamos chegar. Estavam no aeroporto à espera... eram pessoas que trabalhavam no governo do distrito de Cabo Delgado, mas que eram simpatizantes da Frelimo. Eram pessoas principalmente negras e mulatas. Fomos para casa de um deles almoçar... já não sei se era o Micas ou o Maia... o almoço foi muito cordial, em que fizemos uma espécie de sessão de esclarecimento... os vizinhos viram-nos chegar a vieram também, para querer saber, conhecer... e foram as primeiras pessoas de Pemba com quem estabelecemos relação, que se manteve até eu vir embora de Cabo Delgado. Era um ambiente festivo, foi-se juntando gente...

Já havia quartos para nós na messe dos oficiais. Dormimos lá e na manhã seguinte fomos ter o primeiro encontro com o comandante militar de Cabo Delgado, no quartel de Porto Amélia. Foi um encontro cordial e fomos então ver os diferentes quartéis da cidade, ver os lugares de alojamento, fomos ao governo da província e ver onde iríamos estabelecer o nosso primeiro escritório, que foi no antigo tribunal de Porto Amélia, pois tinha sido acabada de construir a Casa da Justiça e esse tribunal estava vazio e era mesmo em frente ao governo da província, então ficamos lá. Uns dias depois chegaram o Pachinuapa, o comandante provincial Domingos Fondo, o Malichocho, que era o Comissário Político Provincial e outros quadros militares e de áreas técnicas.

- E como é que era o vosso quotidiano, na cidade de Porto Amélia?

- Na verdade nós mantínhamos a nossa disciplina como se estivéssemos no mato. Para nós a diferença era que tínhamos electricidade, água corrente e umas camas melhoradas. Acordávamos muito cedo, marchávamos, corríamos... era diferente porque fazíamos ginástica na praia...

Iniciámos logo um esquema de trabalho político, principalmente de esclarecimento. Pemba por ser uma capital de província que foi o auge da guerra, tinha muita desinformação sobre a Frelimo, havia muita gente contra a Frelimo, havia uma presença muito forte de tropas portuguesas, principalmente de tropas especiais. E era preciso começar a juntar simpatizantes ou militantes para trabalharem connosco pelo menos na cidade e fazer algumas sessões de esclarecimento, quer na cidade de cimento quer nas áreas suburbanas. E havia sempre uma questão, que muitas vezes não se coloca mas na realidade estávamos a chegar um grupo de macondes, a uma região absolutamente *kimwane* e *macua*. E íamos passar a ser os dirigentes daquela província. Então era preciso esclarecer, explicar as razões da luta, por causa da desinformação portuguesa junto àquela população.

- Mas sentiam-se bem vindos?

- Tu percebes onde estás... não é que alguém te rejeite, mas percebes uma certa frieza na relação... então envolvemo-nos num trabalho diário e permanente com a população, na organização dos bairros, procurar simpatizantes que nos pudessem representar nos bairros, que servissem de elo de contacto entre nós e a população dos diferentes bairros. Iniciamos então um processo de implantação da Frelimo em Porto Amélia, criando as estruturas de base.

- Grupos dinamizadores?

- Isso aparece depois... havia os secretários dos bairros, os responsáveis pelas áreas da cultura, mobilização, informação e propaganda... era isso, no princípio... ainda não havia OMM<sup>231</sup>, nem OJM<sup>232</sup>, mas havia representante das mulheres e dos jovens.

- Basicamente a mesma estrutura das zonas libertadas

- Sim, implementar aquela estrutura das zonas libertadas, mas sem militares...

---

231 Organização da Mulher Moçambicana.

232 Organização da Juventude Moçambicana.

## Capítulo 7

### No feminino, em jeito de Conclusão:

#### O frasco de *pickles* ou “As Mães do Império”

Entretanto, tomou posse o Governo de Transição, a 21 de Setembro. Um pouco depois o camarada Raimundo Pachinuapa foi nomeado governador da província e eu continuei a trabalhar com ele, como membro do Comité Político-Militar provincial e Chefe do Departamento Provincial de Informação e Propaganda e mais tarde, dois anos depois Secretário do Trabalho Ideológico da Frelimo na província de Cabo Delgado. Com base naquela experiência que tínhamos das Zonas Libertadas, foi bem simples mobilizar as pessoas, organizar as aldeias, as localidades, os distritos nesses novos lugares até há pouco sob a exclusiva administração colonial portuguesa. As coisas foram se montando e posso dizer que rapidamente, tínhamos toda a província de Cabo Delgado estruturada e a Frelimo implantada como Frente em toda a província de Cabo Delgado, numa nova situação, depois de terminar a guerra, nas zonas que antes eram ocupadas pelo inimigo. E posso dizer que, do meu ponto de vista, de trabalho político-partidário ao nível de base, Cabo Delgado era a província mais bem estruturada do país. Nas outras províncias o trabalho de implementação da Frelimo também decorria de uma forma bastante rápida. Portanto, como as estruturas já estavam todas a ser montadas a nível de Moçambique, já não havia necessidade de se manter armazéns e mais armazéns com coisas da Frelimo na Tanzânia. Então começaram a organizar lá os equipamentos e materiais pertencentes à Organização e entre eles pertences pessoais devidamente identificados, que iam sendo enviados para Moçambique. No meu caso, que era mais simples porque eu estava perto da Tanzânia, enviaram os meus pertences num barco que fez o percurso Dar-es-Salaam-Mtwara-Pemba, que trazia alguns refugiados moçambicanos que estavam na Tanzânia há muito tempo e agora queriam regressar ao seu país, que já não estava ocupado pelos portugueses.

- Mas essas pessoas tinham fugido de Moçambique porquê?  
 - Tinham fugido dos portugueses!  
 - Mas fugiam porquê, fugiam dos aldeamentos?  
 - Fugiam do trabalho forçado... então, aquele era um estado de ocupação! Fugiam do trabalho forçado, da palmatória, do imposto de palhota, da cultura forçada do algodão, do sisal, do açúcar... toda a gente, naquelas zonas fronteiriças, que podia fugir de Moçambique fugia, senão parar à construção de estradas ou outro trabalho forçado qualquer... antes de existir a Frelimo, já essas pessoas se refugiavam na Tanzânia... foram desde sempre para a Tanzânia e até para Zanzibar, a ilha... então quando a Frelimo se começou a estruturar em Moçambique, já sem a presença dos colonizadores, começaram também a vir esses refugiados.

E veio esse barco, de Dar-es-Salaam, fazendo uma escala em Mutuara, com destino a Pemba, que era o porto mais próximo de Moçambique. Trazia ex-refugiados e trazia muitas coisas que estavam lá nos escritórios da Frelimo na Tanzânia, porque estavam a esvaziar os armazéns da Frelimo em Dar-es-Salaam e Mutuara. E largaram tudo em Pemba, em Cabo Delgado, porque a viagem não continuava... acabava no primeiro porto Moçambicano ... largaram tudo aquilo ali!

Então, pedimos um armazém no porto e foi tudo armazenado lá. Tinha desde equipamentos hospitalares, materiais militares e não bélicos, até roupas dessas doadas pela Suécia e outros países, comida, sei lá, tinha um pouco de tudo. Então eu tinha que ir lá verificar o que era aquela carga e a sua colocação. Eram pequenos contentores, caixas, malas...

E qual não é o meu espanto, quando vejo entre essas coisas, uma caixa de obuses de fabrico soviético, verde-oliva, com aquelas letras russas ... e no meio, um papel colado dizendo: para Camilo de Sousa - Pemba...

- É aquela caixa de obuses que ainda temos lá em casa, em Maputo?

- Sim, essa mesma! Então abri a caixa e lá dentro, em cima de um monte de outras coisas, tinha a minha mochila!!! Era uma mochila grande, linda, diferente de todas as outras, que eram mochilas militares... era a mochila que eu tinha trazido da Bélgica e que me tinham retirado quando eu quando cheguei à Tanzânia! Eu fiquei louco com aquilo... carreguei aquela caixa de obuses para casa... a caixa, só ela, pesava mais do que tudo o que tinha lá dentro... levei a caixa no carro para casa e comecei a tirar o que estava lá dentro... era roupa que eu tinha trazido da Bélgica, incluindo os meus fatos da Levi- Strauss que não se podia usar na Tanzânia, o meu sobretudo para os frios europeus, etc... e tinha os meus livros... os livros que eu tinha levado para Nachingwea... mas depois não se podia ler lá....

- Não se podia ler?

- Só se lia o que estava na casa da cultura, não podias ter um livro teu... então eu disse: se não posso ler, pelo menos guardem-me os livros ... e de facto, guardaram... [risos]

- Que livros eram?

- Já não me lembro dos outros, só me lembro de tirar do meio deles o livro que sempre me acompanhou na vida, desde os 17 anos e ainda hoje o tenho religiosamente guardado: *L'être et Le Neant*, de Jean-Paul Sartre. Eles tinham guardado...

- E que mais vinha lá na caixa?

- Vinham também os cadernos de notas e as canetas com tinta à prova de água que eu tinha comprado em Bruxelas, com o intuito de escrever um diário sobre a minha experiência na luta pela Independência do meu próprio País... mas também não era permitido levar isso para o campo de treino... abri tudo, pus a apanhar sol ... as páginas quadriculadas dos cadernos estavam amarelecidas, mas sem uma única linha escrita...

E no meio daquilo tudo, descubro uma carta da minha mãe. Percebi logo pela letra ... ela escrevia-me sempre, enquanto estive em Bruxelas... então começo a ler e ela diz: “meu filho, mando-te um frasco de *pickles*, daqueles feitos por mim, que eu sei que tu gostas!”. Então percebo que ela tinha mandado um frasco de *pickles* para mim, de Lourenço Marques para Nachingwea!

- E nunca te disseram nada sobre isso, lá em Nachingwea?

- Na altura, a única coisa que eu sabia era que tinha chegado uma encomenda para mim, que tinha sido destruída, o que era normal...

- Porquê?

- Então, estás numa zona militar de alto risco e vem uma encomenda da zona do inimigo, de Lourenço Marques, direccionada para ti... é porque alguma coisa se passa! Ou é para te matar a ti, ou é para tu matares alguém, não é? Então destruíram, é evidente... eles disseram-me que tinham recebido uma coisa que nunca tinham visto, que estava dentro de uma garrafa com água ... e destruímos... [risos]... mas só quando abri aquela carta, é que entendi o que era a tal encomenda! Em desespero absoluto, sem saber nada de mim e porque chegavam a Lourenço Marques as mais terríveis notícias sobre a guerra, a minha mãe manda o tal frasco de *pickles* para a guerrilha. E o frasco chegou a Nachingwea!

Tenho até uma história escrita para um filme sobre isso, que se chama “As Mães do Império”, que é sobre como as mães cujos filhos estavam na guerra, eram capazes de fazer coisas extraordinárias, quase impossíveis... Na altura isto aqui era tudo cercado pela polícia colonial, tu não te mexias de qualquer maneira... o que aquela mulher foi capaz de fazer para me mandar isso... sabendo que podia ser presa, que parte da nossa família já o tinha sido... mas ela disse: “eu vou mandar” e mandou! O frasco viajou o mundo inteiro, de mão em mão, até chegar a mim... tinha dado a volta ao mundo, tinha viajado pela Europa, por África, para

chegar a Dar-es-Salaam e depois a Nachingwea... e nunca chegou a mim... chegou só a carta ... e mesmo essa, só me foi entregue depois de ter acabado a guerra e eu já estar em Moçambique! Só mais tarde é que ela me explicou que foi através de uma médica moçambicana minha amiga, que tinha estado comigo em Bruxelas, e a quem eu tinha pedido que quando ela voltasse a Moçambique fosse dar verbalmente à minha mãe a notícia de que eu tinha partido para a Tanzânia, que a ajudou a enviar o tal frasco. E é incrível, que dentro daquela caixa de obuses, ainda vinha a carta da minha mãe que acompanhava o tal frasco de *pickles*...

- E o que é que dizia mais a carta?

- Ah, aquelas coisas de mãe... “meu filho, meu filho... volta vivo...”.

- Deve ter sido uma grande angústia para ela, esse tempo...

- Sim... ela já era velhota... eu penso muitas vezes nisso... que eu fui a pessoa que mais violentou a minha mãe na vida... ela estava muito contente por eu ter fugido e orgulhosa de eu ter ido lutar pela Independência... mas por outro lado ficou com uma tristeza enorme por não saber o que se passava comigo... porque não sabia se eu estava vivo ou estava morto... quando eu saí da segunda vez tinha 19 anos e ela pensava que tinha acabado o meu ciclo, que eu ia morrer lá pelas matas, de fome, doenças, as coisas todas da guerra ... e acho que ela entristeceu de uma maneira terrível por não saber... eu quando pensava nela imaginava-a sempre a ouvir aquele poema que sempre ouvíamos juntos, que mais me marcou e a marcou a ela também... um poema do Fernando Pessoa... “O Menino de Sua Mãe”...

- O que dizia esse poema?

- É um poema sobre a guerra , sobre a morte de um soldado...

- Ainda sabes?

- Sim, claro... [Camilo declama o poema]:

*No plaino abandonado  
Que a morna brisa aquece,  
De balas traspassado  
— Duas, de lado a lado —,  
Jaz morto e arrefece.*

*Raia-lhe a farda o sangue.  
De braços estendidos,  
Alvo, louro, exangue,  
Fita com olhar langue  
E cego os céus perdidos.*

*Tão jovem! que jovem era!  
(Agora que idade tem?)  
Filho único, a mãe lhe dera  
Um nome e o mantivera:  
”O menino da sua mãe”.*

*Caiu-lhe da algibeira  
A cigarreira breve.  
Dera-lha a mãe. Está inteira  
E boa a cigarreira.  
Ele é que já não serve.*

*De outra algibeira, alada*

*Ponta a roçar o solo,  
A brancura embainhada  
De um lenço... Deu-lho a criada  
Velha que o trouxe ao colo.*

*Lá longe, em casa, há a prece:  
«Que volte cedo, e bem!»  
(Malhas que o Império tece!)  
Jaz morto, e apodrece,  
O menino da sua mãe.*

**Fernando Pessoa**

... ela achava que eu ia morrer... ela pensava que a guerra ia durar ainda muitos anos, os portugueses faziam uma grande propaganda disso e ela pensava que a guerra nunca ia acabar... não sei a medida desse sofrimento dela, as notícias que chegavam lá eram terríveis...

- E como é que foi o encontro com ela, em Maputo?

- Ela foi-me esperar ao aeroporto, sabia que eu chegava... foi lá uma companhia, os meus irmãos, o Zé Miguel e a companhia dele, o Paulo e os amigos, um monte de gente lá com ela, esperar-me... foram todos para o aeroporto, aquilo era uma “delegação” enorme... até os empregados da casa... foi tudo para lá!... e eu a correr por ali, não podia ficar lá, tinha de ir nos carros do protocolo e da segurança que estavam ali ... foi quando o Pachinuapa foi tomar posse como Governador no Governo de Transição, então fomos juntos. Não podia ficar em casa dela, porque tinha que ir lá para o local definido pelo protocolo... mas estivemos sempre juntos, ela foi à tomada de posse do Pachinuapa... pouco tempo depois o Pachinuapa convidou-a a ir a Pemba.

- Mas chegaste a estar com ela em casa?

- Sim, fui lá almoçar, ela fez a comida que eu gostava... tinha feito um caril, daqueles assim dela, não muito temperado, daqueles leves... um arroz puláu... uma maionese que deixaram de se poder afirmar plenamente, às de camarão... e *pickles* claro, que tinha feito há muito tempo, à espera que eu chegasse... ela contou-me das coisas que se tinha passado no tempo em que eu estive fora... disse que sofreu muito... e contou-me do confronto com os outros... nós tínhamos uns primos, que viviam muito próximo da nossa casa... e uma dessas primas, ia lá regularmente, conversar... uma prima directa da minha mãe, de primeiro grau, casada com um militar português, moçambicano mas comando do exército português... E um dia houve um almoço em casa dessa prima e a minha mãe foi, como ia sempre. Almoçaram e ele diz para a minha mãe: - “Onde é que está o Camilo? Eu sei por onde ele anda! Se eu conseguir apanhá-lo, eu vou-lhe dar um tiro na cabeça!”. A minha mãe nunca mais entrou naquela casa. Nem quando eu voltei, depois da Independência.

- E como é que foi voltar àquela cidade, depois de teres cruzado essas fronteiras todas, chegar ali, numa outra situação?

- Quando eu fui lá pela primeira vez, eu estava dentro de um sistema que não era o meu... não era a minha cidade... para já, fui viver ali na zona da Ponta Vermelha, que eu tinha um medo de entrar lá durante o período colonial... e depois ficava ali naqueles esquemas, reunião às tantas horas, depois mais outra reunião... depois veste aquela roupa, depois veste a outra, agora fardado, agora de fato... portanto não tive tempo sequer para olhar para a cidade... só mais tarde é que fui lá, olhar a minha cidade...

- E quando voltaste à Mafalala?

- Ah, aparentemente não tinha mudado nada... na verdade tinha-se passado só um ano e pouco, embora a mim me parecesse uma vida... mas já se notava que havia algumas mudanças, por causa da Frelimo, que se envolveu muito ali na Mafalala... também porque o 7 de Setembro, a tentativa de golpe dos ultras portugueses foi cortada por pessoas da Mafalala... a Mafalala já era um outro mundo, já não era aquele que eu tinha deixado... para o bem e para o mal, já não era exactamente o mesmo mundo... havia muita gente nova, colocada lá pela Frelimo que eu não conhecia e os meus amigos tinham que me apresentar: “Ah, cuidado que este aqui é seu chefe, vem lá da Tanzânia”... mas tinha sempre lá os meus primos, Mangueiras, o Ginho, o Rangel... andava com eles... mas talvez eu já não era também exactamente a mesma pessoa...

Na verdade, eu na altura fiquei um pouco agarrado a Cabo Delgado. E desliguei-me um pouco de Lourenço Marques... Cabo Delgado era aquilo que eu queria naquele momento, era trabalhar... e ver as coisas funcionarem, sabes? Ia a uma aldeia, a uma localidade, falava com as pessoas, ia, via, reunia discutíamos e chegávamos a um consenso, como vamos fazer... quinze dias depois ia lá, e aquilo estava a andar... era muito interessante, ver como as coisas evoluíam, como as coisas progrediam... e sempre estranhei como é que as coisas depois regrediram... porque era impressionante, eram as mesmas pessoas com quem eu falava antes e dizia: olha, vamos fazer isto... eles sugeriam: não, vamos fazer de outra maneira... ok, vamos lá fazer então, um bocado da minha parte, um bocado da tua... e as coisas andavam, quando eu voltava a passar de novo as coisas já tinham andado... venha ver... e as coisas iam andando... uns anos depois, toda essa força anímica desapareceu... as pessoas caíram numa passividade, deixaram de... não sei porque é que isso aconteceu, qual foi o fenómeno...

Era incrível, fazíamos coisas espectaculares ali... é verdade que estávamos a descobrir um país, mas ao mesmo tempo estávamos a construí-lo... e víamos, que não éramos só nós que estávamos a vir de fora, eram a próprias pessoas que estavam à espera que alguém dissesse: “Vamos para a frente, sem medo, vamos lá construir o nosso país!”. E íamos, não havia tempo para nada, não se dormia... era preciso ir à localidade de não sei quantos, para ver não sei o quê, dizíamos: “vamos, porque isto tem de ser visto de dia... ali podemos ir à noite, então vamos à noite”... chegávamos lá à noite, reuníamos com as pessoas à noite e depois dizíamos: “E agora, voltamos? Não, mas há um outro lugar que é preciso ver amanhã... então vamos de carro agora durante a noite, vamos dormir lá e amanhã trabalhamos”... tudo assim, ninguém se importava de onde estava, como estava, era: “vamos fazer!”. E fizemos na verdade, coisas extraordinárias... depois, eu também tinha a capacidade de me aliar a pessoas com mais conhecimento que eu, em diversas áreas... na saúde, na agricultura, nas obras públicas... fui buscando ensinamentos daqui e dali e pronto, fomos avançando. Eu, ali em Cabo Delgado, sinto e tenho muito orgulho nisso, de ter feito o que fiz, com qualidade... com erros, mas com muito trabalho, com humildade ... e sempre respeitando os outros.



## Um Homem e Uma Mulher na Fronteira

### PEMBA, Dezembro de 1982

“Sou um homem de fronteira”, disse-me Camilo quando o encontrei pela primeira vez, em 1982, na cidade de Pemba. Estou aqui de passagem, vim só para buscar uma certidão de nascimento do meu filho Karl, que nasceu aqui depois da Independência e agora vive com a mãe em Portugal, explicara-me. Vou passar por lá a caminho da Holanda, onde vou viver. Estou a ir-me embora”, disse-me, em meio ao som da música de Melanie “*Ils on changé ma chanson*” que ele tinha pedido ao grupo dos seus antigos pupilos da rádio para pôr a tocar bem alto e se escoava através da varanda da casa do seu amigo Reis para a rua, atrás do sol que se punha, inaugurando a festa de despedida daquele estranho personagem. Estremeci. Não podia acreditar que alguém pudesse ter semelhante postura provocatória de um sistema que eu considerava onipotente e com a capacidade de silenciar todos nós. Desde 1977, quando a FRELIMO se tornara partido, que eu não ouvia ninguém falar o que quer que fosse contra os seus desígnios, a não ser em surdina. E mais estranho ainda era que quem o fazia agora abertamente, era o mesmo homem que há pouco vira descer de um carro do cinema móvel do Instituto Nacional de Cinema. Olhei em volta e verifiquei que eu era a única pessoa ali que parecia importar-se com isso: os seus antigos colegas e amigos riam e brincavam com tudo aquilo e contavam as mais incríveis histórias de quando ele trabalhava como Comissário político, de quando tinha criado a rede provincial de correspondentes populares, das aldeias comunais, dos amigos que ele tinha tido que mandar para o campo de reeducação e das pessoas que ele tinha ajudado a fugir de lá, das notícias rurais incríveis que recebiam dos correspondentes populares e passavam no emissor inter-provincial, das que não tinham podido noticiar sobre fuzilamentos sumários. Histórias que pelos vistos todos conheciam, pois iam sendo completadas por uns e outros. E todos riam, das histórias engraçadas, mas também das terríveis e dramáticas. Falavam alto. Riam alto. Eu sentia ali uma zona de liberdade ou de imunidade que desconhecia, mas que não sabia se me era extensiva, se me incluía. Por isso fui muito sucinta quando o Camilo me perguntou o que eu fazia ali. Disse apenas que acabara de chegar, tinha vindo à boleia de Maputo, com a Paulinha, uma amiga do Reis e minha amiga, para passar férias ali. “À boleia? Mas vocês não sabem que há guerra”? Havia ali uma crítica implícita da nossa leviandade. Sim, mas não passamos pelas zonas complicadas... tentei eu justificar a injustificável falha de querer ser uma adolescente normal que viaja à boleia para conhecer o seu país, mesmo em tempos de guerra. A curiosidade dele acaba aqui, pensei, vendo-o afastar-se. Só então olhei para ele: para além da grande cabeleira, trajava umas jeans novas e uma camisa de caqui de mangas curtas com presilhas nos ombros, uma bolsa de cabedal a tiracolo e sandálias de cabedal dessas que se vendiam nas feiras de Lisboa. Uma estranha mistura que não cabia na imagem de um “quadro”, mas que também não tinha o ar descuidado que tinham os freackys mais velhos que geralmente em Maputo frequentavam esse tipo de festas onde se ouvia música e conversava mais do que se dançava. E quase me assustei quando o vi regressar trazendo numa mão o seu copo reabastecido de brandy 5 estrelas de fabrico nacional, na outra uma garrafa de cerveja média sem rótulo, que colocou ao lado da minha, já vazia, sem dizer nada. E estremeci, quando ele se sentou na murada da varanda, ao meu lado. De repente senti-me completamente desconfortável nas minhas jeans sujas de quase uma semana de viagem, a minha T-shirt vermelha descolorida e amarrotada e as minhas sandálias de cabedal feitas no sapateiro Solanki, o único do meu bairro que não fora embora com a Independência e que continuava a fazer sandálias por encomenda, mas que eram agora de um couro duro e nada bonito, que balançava desengonçadamente cada vez que eu mexia os pés suspensos no vazio. Além de não ser uma mulher bonita, tinha perdido

qualquer espécie de elegância, restava-me apenas a magreza de já vários anos de fome. Bebi apressadamente a média para ver se apagava em mim aquela mistura de vergonha e ansiedade. Quando pousei a garrafa, ainda mais envergonhada por a ter bebido quase de uma vez só, ele não pareceu achar estranho que ela estivesse já vazia, perguntou-me se queria outra. Eu respondi que eu mesma iria buscar. Saltei para o chão, aproveitando para exibir um dos meus poucos trunfos físicos, a destreza atlética de nadadora de competição que tinha conseguido representar Moçambique nos primeiros jogos africanos em que o nosso país se apresentara como País Independente, disse-lhe quando regresssei, trazendo-lhe mais um brandy 5 estrelas. Ele perguntou se eu ainda nadava, eu respondi rindo que sim, que nunca se desaprende, mas que já não competia, que não queria ficar quadrada e gorda como as minhas colegas que faziam pesos. Ele disse que quando amanhecesse, podíamos ir juntos à praia. Eu fiquei feliz com o convite e a segurança que ele me dava que não tentaria nenhuma abordagem apressada nessa noite. E não tentaria também depois, porque ia partir no dia seguinte para a Ilha de Moçambique, onde vivia a sua irmã. Então relaxei e sentei-me de novo de um salto no muro da varanda, ao seu lado. Ele perguntou-me o que eu fazia. Eu respondi que estava no segundo ano do curso de formação de professores para a 10 e 11ª classe, de castigo por não ter aceite uma bolsa para ir estudar História na Checoslováquia. Ele disse que não desgostava de História, mas que preferia Filosofia, que ainda tentara frequentar esse curso em Bruxelas, quando estava lá refugiado antes de partir para a guerrilha, mas que não conseguira conciliar os estudos com o seu trabalho por turnos. Eu disse que o que eu gostaria mesmo era de estudar Psicologia, mas a ministra Graça Machel tinha dito à minha mãe, que lhe pedira audiência para solicitar autorização para eu ir estudar em Lisboa à custa do meu pai que tinha reforma como médico português, que Psicologia era um curso burguês e essa ideia de ir estudar por conta própria no estrangeiro, mais burguesa ainda. Ele olhou-me pela primeira vez de frente e disse: devias ter ido sem pedir! Fiquei siderada. Nunca me tinha sequer passado pela cabeça que essa era uma opção. Desobedecer às ordens do Estado era para mim algo impensável. Mas talvez fosse isso que meu pai esperava que eu fizesse, quando me ofereceu a viagem de férias a Lisboa nesse ano. Ser considerada antipatriota, colonialista, reaccionária, “fugista”, poder ver-me vedada a possibilidade de regresso ao meu país, eram ameaças grandes demais, por isso pedi licença, expliquei-lhe. Ele riu e perguntou se eu acreditava realmente que era alguma dessas coisas. Eu disse que ultimamente já não sabia mais quem era, nem em que acreditar. De repente, sentia vontade de contar àquele homem desconhecido o drama que se vivia na minha família desde a Independência. Que o meu pai, então com 75 anos, médico reformado depois de 50 anos de carreira no sistema de saúde pública português, profundamente ligado à ideia de portugalidade e com casa em Lisboa, queria ir embora; e que a minha mãe, profundamente ligada à teologia da libertação e aos ideais humanistas, crente de que estávamos a entrar numa época de maior justiça e igualdade, escolhera “ficar”. Que depois disso, eu e os meus quatro irmãos crescêramos entregues a nós mesmos. O meu pai sentado na sua cadeira da sala desde a hora em que terminava de dar consultas ao final da manhã, lendo ininterruptamente tudo o que encontrava, o que lhe iam emprestando e o que ainda havia à venda nas livrarias, até só sobrarem como novidade os nossos novos livros escolares, com novas ideias, novas imagens, uma ideologia que não partilhava mas que procurava silenciosamente entender. Parava de vez em quando a leitura para tentar sintonizar, a horas certas, as emissoras estrangeiras e nós adormecíamos com os sons proibidos a subirem pelas paredes da sala até ao nosso quarto, a agigantarem os nossos medos de sermos também nós tomados por colonos reaccionários. Terrores nocturnos que não acalmavam nem quando a nossa mãe chegava e percebíamos que não estava perdida nos corredores da Revolução, mas simplesmente em mais uma das intermináveis reuniões do Hélder Martins, onde planeavam o que seria o sistema nacional de saúde moçambicano, de que ela era responsável pela formação dos quadros que iriam substituir os portugueses que tinham ido embora. Que a minha irmã

Teresa, 11 meses mais nova que eu, tinha agora 16 anos, pesava apenas 36 quilos e eu não sabia o que fazer para que ela não sentisse tanta culpa de comer a parte das bolachas que lhe cabiam na divisão equitativa que a minha mãe fazia do pacote que nos cabia no racionamento alimentar, por cinco pratinhos, não se incluindo a ela própria nem ao meu pai, que tomavam só café com leite ou chá quando não havia café. Que as tentativas do meu irmão mais velho, Paulo, de conciliar a sua imagem de aluno brilhante com um sistema em que brilhar era sinónimo de mentalidade burguesa, o tinham empurrado para um desespero sem nome; que as suas brincadeiras juvenis de substituir os enunciados dos testes dos professores na reprografia da escola, a que todo o liceu achava graça mas que quase lhe tinham custado campo de reeducação, tinham tomado formas de agressão autolítica depois de ter estado três dias preso numa esquadra da polícia em Nampula, onde ele participava voluntariamente do primeiro recenseamento geral da população. Que os dois delitos que ele tinha cometido e que eu não sabia exactamente que “punição” tinham tido dentro daquela esquadra, tinham sido sair de Nampula sem guia de marcha para visitar a sua namorada que estava na brigada de Nacala, e ter sido apanhado a namorar na praia de Fernão Veloso. Que Paulo, que tinha então 18 anos, só mais 10 meses do que eu, voltara irreconhecível e varava as noites de Maputo em tentativas insanas de ver pela janela do 13º andar a sua namorada que saíra da cadeia civil em Maputo só muitos meses depois e casada com o agente da segurança que a mandara prender. Que eu tinha ido embora de casa há poucos meses, porque não conseguia mais ser testemunha passiva do seu sofrimento, que para mim não era banalizável, como diziam, pela quantidade de suicídios que tinha havido já entre os seus colegas de escola, mas não sabia o que fazer para o ajudar a não querer morrer. Que fugira desse desejo de sair pela porta traseira da vida, que começara a sentir que podia também acabar por tomar conta de mim. Mas que continuava a ir uma vez por dia ver especialmente a minha irmã mais nova Raquel, que na altura tinha ainda 11 anos e que eu sentia uma terrível culpa de estar a abandonar, porque na verdade mais ninguém tomava conta dela. Ia também lá comer porque era ali que tinha o meu “abastecimento” e que não podia transferi-lo para a minha nova residência, que era uma casa vazia cujos três habitantes haviam ido para as províncias, o dono da casa, engenheiro de águas para Nacala porque faziam parte do grupo a quem Samora Machel designara de “40 quadros imprescindíveis à Revolução”, a amiga que me acolhera, professora de Educação Física formada na RDA tinha pedido transferência para o Songo, onde conseguiria alimentação para a sua filha recém nascida, na loja dos cooperantes da HCB. Que eu atravessara o país à boleia em busca desses novos amigos com quem eu imaginava ser possível manter uma relação, apesar da distância geográfica. E que essa espécie de fuga para a frente era talvez uma tentativa de encontrar no medo da guerra algo mais concreto e palpável que os indizíveis medos que me habitavam desde o 7 de Setembro de 1974, quando percebi que não se podia mais estar em dois lados ao mesmo tempo, que era preciso escolher. Não percebia porque ele se ria de eu não ter conseguido, “simplesmente”, “ir embora”. Sentia raiva e não sabia o que lhe dizer. Por isso o deixei ali sentado na varanda e aceitei o convite de um dos seus pupilos para dançar. Há muitos anos que aprendera que a melhor maneira de dar vazão a essa angústia que me tomava quando tinha vontade de dizer algo indizível, era mover o corpo, descarregar fisicamente essa tensão na água, na estrada, na pista de dança. Quando voltei, trazia uma nova cerveja gelada e mais um brandy para ele, como pedido de desculpas. Já não sentia raiva: afinal ele não sabia nada de mim, muito menos que eu não podia “ir embora” nem sabia que palavras usar para falar de uma coisa que não se dizia. Disse-lhe apenas, esboçando um sorriso, que estava a tentar gostar do curso onde me tinham colocado. E que até gostava das aulas de português da Manuela Sousa Lobo, onde podia escrever qualquer coisa sem ser censurada e das de literaturas africanas da Fátima Mendonça, onde aprendia um mundo que pouco conhecia. Entrámos então em temas intelectuais em que eu me sentia à vontade e ele também. Era bem mais fácil para mim falar dos assuntos que nos preocupavam na terceira

pessoa. Falámos da diferença entre a negritude na poesia do Rui de Noronha, primo directo do meu pai, onde ela era apenas, nos anos 20, um grito angustiado perante a situação de discriminação, e da negritude na poesia da Noémia de Sousa, irmã da sua mãe, nos anos 40, onde já se viam traços de nacionalismo. Eu perguntei-lhe se sabia porque o Rui de Noronha tinha morrido tão cedo. Ele perguntou-me se eu tinha ideia do que poderia ter sido o conflito identitário de alguém cujo pai goês recusara casar-se com a sua mãe, apesar de ter vivido com ela e ter tido dois filhos, pelo simples facto de ela ser negra. Sem saber, Camilo estava a explicar-me porque eu durante toda a minha infância de filha do Dr. Cordato Noronha, médico goês que chegara a Inhambane em 1928 para estabelecer e inaugurar o hospital daquele distrito, famoso oftalmologista e inspector de saúde mais tarde, só conhecera os meus primos indianos e meio-brancos e só no liceu descobrira que conviviam com primos meus mulatos de Inhambane, sem saber sequer que eram da minha família. Se não fosse a Independência, nós não estaríamos a conversar nesta varanda, disse eu, tentando vincar a minha posição revolucionária. Nisso concordamos, respondeu ele, por isso eu lutei, por isso aqui estamos, mas isso não basta. E começou então a enumerar os motivos por que se estava a “ir embora”: a sua incompatibilização gradual com o poder da FRELIMO, o ter tido que assistir sem nada poder fazer ao assassinato de camaradas amigos acusados de traição; o ter tido que mandar, por ordem indiscutível do Partido para o campo de reeducação camaradas de luta e amigos; o ter sido suspenso de todas as suas actividades em Cabo Delgado durante um ano, por ter manifestado uma opinião frente ao novo governador da província; o ter tido, recentemente, um filme seu sobre os Campos de Reeducação censurado e mandado arquivar. *“Ils ont changé ma chanson”*, concluiu. A minha eles não tinham mudado, porque eu nunca tinha chegado a saber qual ela seria, pensei, olhando pela varanda à procura do sol que tardava a nascer, embora o relógio de pulso dele já marcasse 4.30. Se um dia a tua tia Noémia vier cá, levas-me a conhecê-la? Claro, mas não creio que ela venha, nem sequer foi convidada para a festa da Independência. Ele percebeu o meu olhar de decepção e concluiu : mas se fores a Lisboa e eu estiver lá levo-te a conhecê-la. “Vamos ver o nascer do sol na praia”? ouvi atrás de nós a voz da Paulinha a perguntar. Eu mando preparar o Coleman e dou-vos boleia, mas não fico lá com vocês, já não aguento essas directas, disse o Reis. Não faz mal, o carro do cinema móvel que me vai levar à Ilha deixa-as aqui em casa, disse o Camilo. Pela primeira vez lhe sorri abertamente, olhando-o de frente. Gostara da forma paternal como ele nos tratava. Há muito que não me sentia protegida por ninguém e já nem me lembrava de como era ser tratada como adolescente, num país onde todos começámos a ser adultos muito cedo. Já no carro, enumerei os muitos trabalhos que já tinha feito nas actividades de férias: com 13 anos, trabalhara um mês a empacotar fósforos, numa fábrica estatal; no ano seguinte num centro de saúde para tuberculosos, a contar comprimidos e coloca-los em bolsinhas de papel; no ano seguinte no laboratório da fábrica de cerveja; além disso participara do corte de cana de açúcar na Maragra e na plantação de cajueiros e construção de capoeiras na aldeia comunal 3 de fevereiro. E mais que tudo, com 14 anos vivera longe dos meus pais, na Beira, num hotel, durante os três meses que durara o estágio de natação para os Jogos Africanos. Ele olhava para mim espantado. Parecia não saber o que era ser jovem em tempos de socialismo. Mas eu também não tinha palavras para lhe explicar esse filme, mais do que as legendas simplificadas que aprendêramos a colocar nas coisas.

Nadei o mais que pude em direcção ao sol nascente. O mundo de cores desbotadas que todos os dias os meus olhos viam nascer, turvados de álcool e neblina matinal, ficava para trás. Vi-o acenar preocupado por eu estar tão longe, quando me deitei de costas sobre as ondas. Essas cores são as únicas que nunca desbotavam, disse quando de regresso passei por ele e me deitei na areia branca e fina da baía da praia do Wimbi , olhando em contraluz para a silhueta desse homem que olhava o nascer do sol, vestido com um fato de banho de natação vermelho, de sandálias calçadas e uma pulseira de prata no tornozelo.

A última coisa que me lembro de pensar antes de adormecer, foi que os seus ombros eram desproporcionalmente largos em relação às suas ancas e pernas finas e me perguntara que tipo de desporto ele teria feito na juventude, para que o seu corpo tivesse ganho aquela forma.

Só voltaria a vê-lo dois anos depois, estranhamente de novo do lado de cá da fronteira. Nessa altura eu era já um quadro partido.

**BIBLIOGRAFIA:**

- ABU-LUGHOD, L. (1991) *Writing against Culture*. In *Recapturing Anthropology: Working in the Present*, ed. Richard Fox., NM: School of American Research Press, Santa Fé.
- ALEXANDER, J. C. (1987) *O Novo Movimento Teórico*. RBCS nº 4 vol 2.
- ALLENDE, I. (1985) *De Barro estamos hechos*, <http://www.cuentosinfin.com/de-barro-estamos-hechos/>
- APPIAH, K.A. (1997) . *Na casa de meu pai*. Contraponto, Rio de Janeiro.
- BARNES, J. A. ( 1969) *Redes sociais e processo político*, in Feldman-Bianco ( org) *Antropologia das sociedades contemporâneas. Métodos*. Editora UNESP, São Paulo.
- BEHAR, R. (1996) *The vulnerable observer*. Beacon Press, Boston.
- BEHAR, R.(2015) *Read more write less* - <http://savageminds.org/2015/02/02>
- BEHAR, R. (1993) *Translated Woman : crossing the border with Esperanza's story*. Beacon press, Boston.
- BELTING, H. ( 2007) *Antropología de la imagen*. Kartz Editores, Madrid/ Buenos Aires.
- BELTING, H. (2006) *O fim da história da arte: uma revisão dez anos depois*. Cosac Naify, São Paulo.
- BENJAMIN, W. ( 2006) *Passagens (1927-1940)* , editora UFMG, Brasil.
- BENJAMIN, W. (1994) *O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*.In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Editora Brasiliense, São Paulo.
- BENJAMIN, W. (1994) *O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*.In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Editora Brasiliense, São Paulo.
- BOISSEVAIN, J. (1974) *Friends of friends: networks, coalitions and political manipulation and coalitions*. Basil Blackwell, Oxford.
- BOISSEVAIN, J. (1968) *The place of non-groups in the social sciences*. *Man*, n.3.
- BORDIEU, P. (2005) *Esboço de Auto-análise*. Editora Schwarcz Ltda, São Paulo.
- BRAH, A. (1996) *Difference, Diversity, Differentiation*. In: *Cartographies of Diaspora: Contesting Identities*. Routledge, London/ New York.
- BRUNO, F. (2014) *Interrogações de e para um arquivo*, Unicamp. Cadernos de Antropologia e Imagem 3/ UFRJ, núcleo de Antropologia e Imagem- N. 1.
- CLIFFORD, J.; MARCUS,G.E. (1986) *Writing Culture: the poetics and politics of ethnography*. University of California Press, California.
- COMAROFF, J & COMAROFF, J. (2010) *Etnografia e imaginação histórica* . Tradução de Iracema Dulley e Olivia Janequine. In: *Proa- Revista de Antropologia e Arte* ( on-line). Ano 02, vol.01, n.02, novembro. [Http:// www.ifch.unicamp.br/proa](http://www.ifch.unicamp.br/proa).
- COOPER, F. ( 1966) *Decolonization and African Society: the labour question in French and British Africa*. Cambridge University Press
- COSTA, S. ( 2006) *Desprovincializando a sociologia*. RBCS nº 60 vol. 21.
- COUTINHO, J. V. ( 2000) *Uma espécie de ausência. Viver na sombra da história*. Edições Cotovia, Lisboa.
- CRAPANZANO, V. (1985) *Waiting. The Whites of South Africa*. Vintage Books, New York.
- CRISTIN, A. (2000) , *Poétique du Blanc, vide et intervale dans la civilisation de l'alphabeth*. Leuven: peeters-Vrin.
- CRUZ E SILVA, T. ( 2001) Radcliffe-Brown, A. R. 1973<sup>a</sup> [1924]*O irmão da mãe na África do Sul*. In: RADCLIFFE-BROWN, A. R. *Estrutura e função na sociedade primitiva* . Petrópolis, Vozes, pp. 27-45. 1973b [1940]*Os parentescos por Brincadeira*. In RADCLIFFE-BROWN, A. R. *Estrutura e função na sociedade primitiva* . Editora Vozes, Petrópolis.
- DAS, V. ( 1995) *Critical Events, An Anthropological Perspective on Contemporary India*. Oxford University Press. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História, New Delhi/ Fortaleza.
- DEVEREUX, G.(1977), *De La ansiedad al método en las ciencias del comportamiento*, Editora Siglo XXI editores. Coyacán/Buenos Aires.
- DIDI – HUBERMAN, G. ( 2103) *A imagem sobrevivente*. Contraponto Editora, Rio de janeiro.

- DIDI – HUBERMAN, G. (2013) *Diante da Imagem*. Editora 34, São Paulo.
- FARGE, A. (2009) *O Sabor do Arquivo*. Edusp, São Paulo.
- FOCAULD, M. (1984) *What is an author?* In Paul Rabinow, ed Foucault Reader. Columbia University, New York.
- FRAZER, J. G. (1944 ) *Magia y religión* . Fondo de cultura económica. México/ Madrid/ Buenos Aires.
- GEERTZ, C. (1978) *A interpretação das culturas*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.
- GEERTZ, C. (1988) *Works and Lives- The Anthropologist as Author*. Stanford University Press, Stanford.
- GEERTZ, C. (2001) *A situação actual*. In: *Uma Nova Luz sobre a Antropologia*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.
- GEERTZ, C. (2001) *Os Usos da Diversidade*. In *Uma Nova Luz sobre a Antropologia* Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.
- GEERTZ, C. ( 2001) *O Futuro do Etnocentrismo*. In *Uma Nova Luz sobre a Antropologia*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.
- GLUCKMAN, M. (1961) *Anthropological problems arising from the African Industrial Revolution*. In: SOUTHALL, A. ( org) *Social change in modern Africa*. Oxford University Press, London.
- GROSSI, P. ECKERT, C. FRY, P. ( 2006) *Conferências e Diálogos: saberes e práticas antropológicas*. ABA, 25ª Reunião Brasileira de Antropologia. Editora Nova Letra, Goiânia.
- GUIMARÃES ROSA, João ( 2008) . *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.
- HALL, S.( 2006) *Da Diáspora, Identidades e Mediações Culturais*. Editora UFMG. Belo Horizonte
- HARRIES, P. ( 1981) “ *The Anthropologist as a Historian and Liberal: H.A. Junod and the Thonga*”. In Journal of Southern African Studies, vol. 8, n. 1.
- HARRIES, P. (1989) “ *Exclusion, Classification and Internal Colonialism : The Emergence of Ethnicity Among Tsonga Speakers of South Africa*” In VAIL, L. (org.), *The Creation of Tribalism in Southern Africa*, Currey University of California Press, London.
- HOAGLAND, S. L. (2010) *Giving Testimony and the Coloniality of Knowledge* . In: *Conversations in Philosophy, Volume 2: Crossing the Boundaries*, ed. Ochieng’-Odhiambo, F., Roxanne Burton and Ed Brandon. Cambridge Scholars Press, Newcastle.
- HOBBSAWM, E. RANGE, T. ( 1983) *The invention of Tradition*. Cambridge University Press, Cambridge.
- <http://flanagens.blogspot.com.br/2012/03/cascas.html>
- <http://muse.jhu.edu/books/9780801464065>
- [http://muse.jhu.edu/browse/publishers/cornell\\_press](http://muse.jhu.edu/browse/publishers/cornell_press)
- <http://warburg.library.cornell.edu/>
- [http://www.academia.edu/4863657/Archives\\_of\\_Memory\\_Walter\\_Benjamins\\_Arcades\\_Project\\_and\\_Aby\\_Warburgs\\_Mnemosyne\\_Atlas](http://www.academia.edu/4863657/Archives_of_Memory_Walter_Benjamins_Arcades_Project_and_Aby_Warburgs_Mnemosyne_Atlas)
- <http://www.culturaebarbarie.org/sopro/outros/atlas.html>
- INGOLD, T. (1995) *Humanidade e Animalidade*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 28 (<http://www.ampos.org.br/portal/publicações/rbcs/0028/rbcs2805>)
- JOHNSON, C. ( 2012) *Memory, Metaphor, and Aby Warburg's Atlas of Images*. Cornell University Press, New York.
- KRISTEVA, J. in Catherine Clément e Julia Kristeva, ( 2001) *O Feminino e o Sagrado*, Editora Rocco, Rio de Janeiro.
- JUNOD, .A. (1996) *Usos e Costumes dos Bantu*. Tomo II. Arquivo Histórico de Moçambique. Documentos 3. Maputo.
- JUNOD, H. P. (1934) *Henri-A. Junod – Missionnaire et Savant ( 1863-1934)*. Lausanne, Mission Suisse dans L’Afrique du Sud.
- KUPER, A. (1976) “ *Radcliffe-Brown; Junod and ‘The Mother’s Brother in South Africa’*. In *Man*, vol. 11, pp. 111-115.
- KUPER, A. (1978) *Antropólogos e Antropologia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1978-*Antropólogos e antropologia* . Editora Francisco Alves, Rio de Janeiro.
- KUPER, A. (1988) *The Invention of Primitive Society*. Routledge, Londres.
- KUPER, A. (2002) *Cultura, a Visão dos antropólogos*. EDUSC. S.P

- LACAN, J. (1966) *Au-delà du "Principe de réalité"*. In: *Écrits*. Seuil, Paris.
- LATOURE, B. (2012) *Reagregando o Social*. EDUFBA-Edusc, Salvador.
- MACAGNO, L. (2000) *Do assimilacionismo ao multiculturalismo – educação e representações sobre a diversidade cultural em Moçambique*. UFRJ, Rio de Janeiro.
- MARCUS, G. E. CUSHMAN, D. (1982) *Ethnographies as texts*. *Annual Review of Anthropology* II:25-69.
- MARCUS, G.E.; FISHER M. J. (1986) *Anthropology as culture critique: an experimental moment in the human sciences*. University of Chicago, Chicago/ London:
- MILLS, C. W. (1975) *A imaginação sociológica*, Jorge Zahar Editor, Rio Janeiro.
- MUDIMBE, V. Y. (1994) *The idea of Africa*. Indiana University Press, Indiana/London.
- MURDOCK, G. (1959) *Africa, Its People and Their Culture History*. McGraw-Hill, New York.
- MURPHY, J. (1976) *Introduction: a Quarter Century of American Anthropology*. In: (Ed.) *Selected papers from the American Anthropologist* (s.l.): American Anthropological Association.
- NADEL, S.F. (1951) *The foundations of Social Anthropology*. Cohen and West, London.
- OBEYESEKERE, G. (1994) *The Apotheosis of Captain Cook. European Mythmaking in the Pacific*. Princeton University Press. Bishop Museum Press. New Jersey.
- PAXSON, M. (2005) *SOLOVYOVO, The Story of Memory in a Russian Village*. Woodrow Wilson Center Press, Washington, D.C./ Indiana University Press, Bloomington & Indianapolis
- PEIRANO, M. (1997) *Onde está a antropologia?* MANA 3(2).
- PRICE, R.; PRICE, S. (1995) *Enigma Variations*. Harvard University Press, Cambridge.
- PRICE, R.; PRICE, S. (1992) *Equatoria*. Routledge, New York.
- PRICE, R.; PRICE, S. (1991) *Two Evenings in Saramaka*. University of Chicago Press, Chicago.
- PRICE, Richard. (2002) *First-Time: The Historical Vision of an Afro-American People*. 2<sup>nd</sup> ed. University of Chicago Press, Chicago.
- PRICE, R. (2001) *Invitation to Historians: Practices of Historical Narrative. Rethinking History*, v. 5.
- PRICE, R. (2000) *Le bagnard et le colonel*. Presses Universitaires de France, Paris[ [Links](#) ]
- PRICE, R. (2000) *Memória, modernidade, Martinica* (fragmentos de um livro). *Ilha: Revista de Antropologia*, v. 2, n. 1.
- PRICE, R. (1992) *Novas direções na história etnográfica. Estudos Afro-Asiáticos*, n. 23[ [Links](#) ]
- PRICE, R. (1998) *The Convict and The Colonel*. Beacon Press, Boston. [ [Links](#) ]
- RABINOW, P. MARCUS, G. , FAUBION, J., RECS, T. (2008) *Designs for An Anthropology of the Comtemporary*. Duke University Press, London.
- RABINOW, P. (1977) *Discours of power: on the limits of ethnographic texto: Dialectical Anthropology* 10
- RABINOW, P. (1986) *Reflections on Fieldwork in Marocco*. University of California Press, Berkeley.
- RAMOS, A. (2012) *O Índio Hiper-Real*  
[http://www.ampocs.org.br/portal/publicações/rbcs\\_00\\_28/rbcs28\\_01.htm](http://www.ampocs.org.br/portal/publicações/rbcs_00_28/rbcs28_01.htm)
- REIS, E. (1989) *Reflexões sobre o Homo Sociologicus*. RBCS nº 11, vol.
- RIAL, C. (2008) *Visualizando a Antropologia: Estética e Autoconsciência cinemática*, in *Diálogos Transversais em Antropologia*,/ Vânia Zikán Cardoso, organizadora,USFC/PPGAS, Florianópolis.
- RORTY, R. (1987) *Objectivismo, relativismo e verdade. Escritos Filosóficos*. Vol 1. Editora Relume Dumará. Rio de Janeiro.
- SAHLINS, M. (1997) *O Pessimismo Sentimental e a Experiência Etnográfica : Porque a Cultura não é um objecto em Via de Extinção* MANA 3(1).
- SAHLINS, M.( 1985) *Ilhas de História*. Jorge Zahar editor, Rio de Janeiro.
- SAHLINS, M. (1981) *Metáforas Históricas, Realidades Míticas*. Jorge Zahar editor, Rio de Janeiro.
- SAID, E. (2004) *Humanism and democratic criticism*. Palgrave, New York.
- SAID, E. (2004) *Fora do Lugar*. Companhia das Letras, São Paulo.
- SAMAIN, E. (2011) *As "Mnemosyne(s)" de Aby Warburg: Entre Antropologia, Imagens e Arte* 30 - *Revista Poiésis*, n 17.
- SANGREN, S. (1988) *Rhetoric and the Authority of Ethnography*. In: *Current Anthropology*. vol.29.
- SCHUMAKER, L. (2001) *Africanizing Antropology: fieldwork, network and the making of cultural knowledge an Central Africa*. Duke University Press, London.
- SHARPE, J. (1992) *A história vinda de baixo*. In: BURKE, M. *A escrita da história*. *Novas Perspectivas*. Editora Unesp, Salvador.



- STOCKING Jr., G. W. (1992) *The Ethnographer's Magic and Other Essays in the History of Anthropology*. University of Wisconsin Press, Madison. [ [Links](#) ]
- STRATERN, M. (1987) *Fora do contexto*. Editora Terceiro Nome. São Paulo.
- STRATERN (2006) *O Efeito Etnográfico*. Editora.cosacnaify.com.br.
- STRATERN, M. (1996) *Cutting the Network*. The Journal of the Royal Anthropological Institute. Vol 2, nº 3. The Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland.
- TAUSSIG, M. (1987) *Shamanism, Colonialism, and the Wild Man: A Study in Terror and Healing*. Chicago: University of Chicago Press. [ [Links](#) ]
- THOMAZ, O. ( 2006) *Raça, Nação e Status: histórias de guerra e “ relações raciais” em Moçambique*. São Paulo, *reviusp* nº 68.
- TURNER, V. (1957) *Schism and continuity in an African Society: a study of a Ndembu village life*. Manchester University Press, Manchester.
- TURNER, V. (1974) *Dramas, fields and methafors: symbolic action in human society*. Cornell University Press, London.
- VAN VELSEN, J. (1967) *The extended-case method and situational analysis*. In: EPSTEIN, A.A. *The craft of Social Anthropology*. Tavistock Publications, London.
- VAN VELSEN, J. (1965) *History or nostalgia?* African Studies, n. 24.
- VAN VELSEN, J. (1967) *The extended-case method and situational analysis*. In: EPSTEIN, A.A. (ED) *The craft of Social Anthropology*. Tavistock Publications, London.
- VINCENT, J. (1971) *African Elite: The Big Men of a Small Town*. Columbia University Press, New York.
- VINCENT, J. (1978) *Political Anthropology: manipulative strategies*. *Annual Review of Anthropology*, n.7.
- BENJAMIN, W. ( 2006) *Passagens (1927-1940)*, editora UFMG, Belo Horizonte.
- ZALUAR, A. (1980) *Desvendando máscaras sociais*. Francisco Alves, Rio de Janeiro.